

# Brooklyn

Colm Tóibín

Companhia Das Letras



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."***

COLM TÓIBÍN

# Brooklyn

*Tradução*
Rubens Figueiredo

COMPANHIA DAS LETRAS

BROOKLYN

# PARTE UM

Eilis Lacey, sentada junto à janela da sala no primeiro andar, na casa da rua Friary, avistou sua irmã andando ligeiro, de volta do trabalho. Observou Rose atravessar a rua e passar do sol para a sombra, levando na mão a bolsa de couro nova que havia comprado na loja Clery's, em Dublin, numa liquidação. Rose tinha um cardigã creme sobre os ombros. Os tacos de golfe dela estavam na entrada; em poucos minutos, Eilis sabia, alguém viria buscar sua irmã e ela só voltaria depois que o dia de verão tivesse escurecido.

Naquela altura, as aulas de contabilidade de Eilis iam chegando ao fim; ela tinha no colo um manual sobre sistemas de contabilidade e na mesa atrás dela havia um livro-razão no qual, a título de dever de casa, ela registrara nas colunas de débito e crédito os negócios diários de uma empresa cujos detalhes havia anotado na escola vocacional na semana anterior.

Na hora em que ouviu a porta da frente abrir, Eilis desceu a escada. Rose, na entrada, segurava seu espelho de bolso diante do rosto. Examinava-se atentamente, enquanto passava o batom e a sombra nos olhos, antes de dar uma olhada em sua aparência geral no espelho grande da entrada, ao mesmo tempo que ajeitava o cabelo. Eilis observava em silêncio enquanto a irmã umedecia os lábios e depois verificava o estado do rosto com mais cuidado, usando o espelhinho de bolso, antes de deixá-lo de lado.

A mãe delas veio da cozinha.

"Você está um encanto, Rose", disse. "Vai ser a beldade do clube de golfe."

"Estou morta de fome", disse Rose, "mas não tenho tempo para comer nada."

"Vou fazer um chá especial para você mais tarde", disse a mãe. "Eilis e eu vamos tomar o nosso agora."

Rose enfiou a mão na bolsa e tirou sua carteira. Abriu-a e colocou uma moeda de um xelim na prateleira da entrada. "Para o caso de você querer ir ao cinema", disse a Eilis.

“E quanto a mim?”, perguntou a mãe.

“Ela conta a história para você quando voltar”, respondeu Rose.

“Muito bonito falar uma coisa dessas!”, disse a mãe.

As três estavam rindo, quando ouviram o barulho de um carro parando diante da casa e uma buzina. Rose pegou os tacos de golfe e foi embora.

Mais tarde, enquanto a mãe lavava os pratos e Eilis enxugava, bateram na porta outra vez. Quando Eilis foi atender, viu uma garota que ela conhecia da mercearia da Kelly, ao lado da catedral.

“A senhorita Kelly me mandou trazer um recado”, disse a garota. “Ela quer falar com você.”

“É mesmo?”, perguntou Eilis. “E ela disse do que se trata?”

“Não. É só para você dar um pulo lá hoje à noite.”

“Mas por que ela quer falar comigo?”

“Puxa, não sei, senhorita. Não perguntei para ela. Quer que volte lá e pergunte?”

“Não. Tudo bem. Mas tem certeza de que o recado é para mim mesmo?”

“Tenho sim, senhorita. Ela diz que você precisa ir à casa dela.”

Como já havia resolvido que iria ao cinema numa outra noite e como já estava cansada do seu livro-razão, Eilis trocou de vestido, pôs um cardigã e saiu. Seguiu pela rua Friary e pela Rafter até a Market Square e depois subiu o morro até a catedral. A loja da srta. Kelly estava fechada, portanto Eilis bateu na porta lateral, que levava ao primeiro andar, onde ela sabia que a srta. Kelly morava. A porta foi aberta pela mocinha que tinha ido à sua casa mais cedo, a qual lhe disse para esperar na entrada.

Eilis ouviu vozes e movimento no andar de cima e depois a mocinha desceu e disse que a srta. Kelly viria falar com ela num instante.

Ela conhecia a srta. Kelly de vista, mas sua mãe não fazia compras na loja dela porque era muito careira. Além do mais, achava que sua mãe não gostava da srta. Kelly, embora não conseguisse imaginar nenhuma razão para isso. Diziam que a srta. Kelly vendia o melhor presunto da cidade e também a melhor manteiga, e diziam que vendia tudo mais fresco, inclusive o creme de leite, mas Eilis achava que nunca havia posto os pés na loja, tinha apenas dado uma olhada de fora, enquanto passava pela rua, e vira a srta. Kelly no balcão.

A srta. Kelly desceu a escada devagar, até o corredor, e acendeu uma luz.

"Então", disse, e repetiu como se fosse um cumprimento. Ela não sorria.

Eilis estava prestes a explicar que tinha recebido um recado para ir até lá e perguntar educadamente se tinha ido na hora certa, mas o jeito como a srta. Kelly olhava para ela, de cima a baixo, acabou levando Eilis a achar que era melhor não dizer nada. Por causa da atitude da srta. Kelly, Eilis se perguntou se ela não teria sido ofendida por alguém na cidade e, por engano, pensou que a responsável era ela.

"Então, aí está você", disse a srta. Kelly.

Eilis percebeu diversos guarda-chuvas pretos encostados na chapeleira da entrada.

"Ouvi dizer que você está sem emprego, mas tem uma tremenda cabeça para números."

"É mesmo?"

"Ah, a cidade inteira, qualquer pessoa que tenha alguma importância, vem à minha loja e eu ouço de tudo."

Eilis imaginou se aquilo não seria uma referência às compras constantes que a mãe fazia em outra mercearia, mas não teve certeza. Os óculos de lentes grossas da srta. Kelly dificultavam a interpretação de sua fisionomia.

"Todo domingo ficamos com a loja entupida de gente. Claro, não tem mais nenhuma loja aberta aos domingos. E então recebemos todo tipo de pessoas, boas, más e indiferentes. E, em regra, abro depois da missa das sete, e entre o fim da missa das nove e bem depois do fim da missa das onze a gente não tem espaço nem para se mexer dentro da loja. Tenho a Mary que me ajuda, mas ela é muito lerda, e isso quando está bem, portanto estou à procura de alguém esperto, de alguém capaz de entender o que as pessoas querem e de dar o troco certo. Mas só aos domingos, sabe? No resto da semana, a gente consegue se virar. E você me foi recomendada. Andei perguntando a seu respeito e eu pagaria sete libras e seis *pence* por semana. Isso pode ajudar um pouco sua mãe."

A srta. Kelly falava, pensou Eilis, como se estivesse contando uma desfeita que havia sofrido, fechando com força a boca entre cada frase.

"Portanto, isso é tudo o que tenho a dizer agora. Pode começar no domingo,

mas venha amanhã e aprenda todos os preços, e vamos mostrar a você como usar a balança e o fatiador de frios. Vai ter de prender o cabelo para trás e arranjar um bom jaleco na loja do Dan Bolger ou do Burke O'Leary."

Eilis já estava guardando a conversa na memória para contar à mãe e a Rose; gostaria de imaginar alguma coisa inteligente para dizer à srta. Kelly sem ser abertamente rude. Em vez disso, ficou calada.

"E então?", perguntou a srta. Kelly.

Eilis se deu conta de que não podia recusar a proposta. Era melhor do que nada e, no momento, ela não tinha nada.

"Ah, sim, senhorita Kelly", disse. "Posso começar quando a senhorita quiser."

"E no domingo você pode ir à missa às sete horas. É o que nós fazemos, e abrimos a loja quando a missa termina."

"Vai ser ótimo", disse Eilis.

"Então, passe por aqui amanhã. Se eu estiver ocupada, mando você para casa, ou então você fica enchendo os sacos de açúcar enquanto espera, mas, se eu não estiver ocupada, vou mostrar a você todo o material."

"Obrigada, senhorita Kelly", disse Eilis.

"Sua mãe vai ficar contente por você ter um trabalho. E sua irmã", disse a srta. Kelly. "Ouvi dizer que ela é ótima no golfe. Então vá para casa agora, como uma boa menina. Pode sair."

A srta. Kelly virou-se e começou a subir a escada lentamente. Enquanto percorria o caminho de volta para casa, Eilis sabia que a mãe de fato ficaria contente por ela ter encontrado um meio de ganhar dinheiro por conta própria, mas que Rose ia achar que trabalhar atrás do balcão de uma mercearia não era bom o bastante para ela. Eilis ficou pensando se a irmã chegaria a lhe dizer isso diretamente.

No caminho de volta, parou na casa de sua melhor amiga, Nancy Byrne, e viu que Annette O'Brien, amiga das duas, também estava lá. Como a casa dos Byrne tinha apenas um cômodo no térreo, que servia de cozinha, sala de jantar e sala de estar, e como estava claro que Nancy tinha novidades para compartilhar, algumas das quais Annette, pelo visto, já sabia, Nancy usou a chegada de Eilis como pretexto para que todas saíssem e fossem dar uma volta, para assim poderem conversar confidencialmente.

"Aconteceu alguma coisa?", perguntou Eilis, quando estavam na rua.

"Não fale nada até estarmos a mais de um quilômetro desta casa", disse Nancy. "Mamãe sabe que tem alguma coisa acontecendo e que não estou contando para ela."

Desceram o morro Friary, atravessaram a avenida Mill Park até o rio e depois desceram ao longo do calçadão, rumo a Ringwood.

"Ela saiu com George Sheridan", disse Annette.

"Quando?", perguntou Eilis.

"No baile do Athenaeum, no domingo à noite", respondeu Nancy.

"Pensei que você não ia."

"Eu não ia, mas acabei indo."

"Ela dançou a noite inteira com ele", disse Annette.

"Não dancei, não, só dancei as quatro últimas músicas, e depois ele me levou para casa, a pé. Mas todo mundo viu. Estou surpresa de você não saber."

"E você vai ver o George de novo?", perguntou Eilis.

"Não sei", suspirou Nancy. "Pode ser que eu só o veja na rua. Ele passou de carro por mim ontem e buzinou. Se houvesse qualquer pessoa lá, quer dizer, do tipo dele, ele teria dançado com ela, mas não havia. Ele estava com Jim Farrell, que só ficou parado, olhando para a gente."

"Se a mãe dele descobrir, nem sei o que vai dizer", falou Annette. "Ela é terrível. Detesto entrar naquela loja quando o George não está lá. Minha mãe me mandou lá uma vez para pegar duas fatias de bacon e aquela velha disse que não vendia só duas fatias."

Então Eilis contou a elas que havia recebido uma proposta para trabalhar na mercearia da srta. Kelly todos os domingos.

"Espero que você tenho dito o que ela podia fazer com esse emprego", disse Nancy.

"Eu disse que aceitava. Não vai fazer mal nenhum. E significa que vou poder ir ao Athenaeum com vocês usando meu próprio dinheiro e evitar que se aproveitem de vocês."

"Não foi assim", disse Nancy. "Ele foi gentil."

"Vai se encontrar com ele de novo?", repetiu Eilis.

"Você vai comigo no domingo à noite?", perguntou Nancy. "Pode ser que ele

nem esteja lá, mas a Annette não pode ir, e talvez eu precise de apoio, no caso de ele estar lá e não me tirar para dançar ou nem olhar para mim."

"Talvez eu fique cansada demais depois de ter trabalhado para a senhorita Kelly."

"Mas você vai lá?"

"Faz séculos que não vou lá", disse Eilis. "Detesto todos aqueles caras do interior, e os caras da cidade são piores ainda. Andam meio embriagados e só pensam em levar a gente para o beco Tan Yard."

"O George não é assim", disse Nancy.

"Ele é metido a besta demais para chegar perto do beco Tan Yard", disse Annette.

"A gente pode perguntar a ele se não gostaria de vender fatias de bacon duas a duas, no futuro", disse Eilis.

"Não conte nada a ele", pediu Nancy. "Você vai mesmo trabalhar para a senhorita Kelly? Essa daí é uma que precisava ser levada para uma rua escura pelos rapazes."

Durante os dois dias seguintes, a srta. Kelly mostrou a Eilis todas a mercadorias da loja. Quando Eilis pediu um pedaço de papel para anotar as diversas marcas de chá e os diversos tamanhos de embalagens, a srta. Kelly lhe disse que seria perda de tempo ficar anotando as coisas; em vez disso, o melhor era decorar. Cigarros, manteiga, chá, pão, garrafas de leite, pacotes de biscoito, presunto cozido e carne em conserva, de longe os artigos mais populares vendidos aos domingos, disse ela, e depois deles vinham as latas de sardinha e de salmão, latas de laranja em calda, peras e salada de frutas, vidros de patê de frango e de presunto, molho para sanduíche e salada. Ela mostrava a Eilis um exemplo de cada mercadoria antes de lhe dizer o preço. Quando achava que a garota tinha aprendido, passava para outros produtos, como caixas de creme de leite, garrafas de limonada, tomate, alface, frutas frescas e tijolos de sorvete.

"Agora, para a sua informação, há pessoas que vêm aqui no domingo à procura de coisas que deviam ter comprado durante a semana. O que se pode fazer?" A srta. Kelly franziu os lábios em sinal de desaprovação enquanto enumerava numa lista o sabonete, o xampu, o papel higiênico e a pasta de dente, e ia dizendo os diversos preços de tudo aquilo.

Algumas pessoas, acrescentou ela, também compravam sacos de açúcar no domingo, ou sal e até pimenta, mas não era muita gente. E tinha até aqueles que vinham comprar melado, bicarbonato de sódio ou farinha de trigo, porém a maior parte desses produtos era vendida aos sábados.

Havia sempre crianças, disse a srta. Kelly, atrás de barras de chocolate, bombons, saquinhos de confeitos ou balas gelatinosas em forma de bonequinhos, e também sempre apareciam homens atrás de cigarros e fósforos avulsos, mas Mary cuidava deles, pois ela não era nada boa com pedidos maiores nem para lembrar os preços dos artigos, e também, continuou a srta. Kelly, muitas vezes mais atrapalhava do que ajudava quando havia uma multidão na loja.

"Não tenho como evitar que ela fique com cara de palerma na frente das pessoas por qualquer coisa à toa. E até com alguns dos fregueses mais fiéis."

A loja, Eilis estava vendo, era muito bem abastecida, tinha diversas marcas de chá, algumas bastante caras, e todas com preços mais altos do que na mercearia Haye's, na rua Friary, na L&N, na rua Rafter, ou na Sheridan, na Market Square.

"Você vai ter que aprender como embalar o açúcar e embrulhar um pão", disse a srta. Kelly. "Isso é uma das coisas em que a Mary é boa, que Deus a abençoe."

Quando os fregueses entravam na loja nos dias em que estava sendo treinada, Eilis notava que a srta. Kelly adotava tons de voz diferentes. Às vezes ela não dizia nada, apenas tensionava a mandíbula e ficava parada atrás do balcão numa postura que sugeria uma profunda desaprovação à presença do freguês na loja e uma impaciência com a demora dele em se retirar. Para outros, sorria de um jeito seco e os observava com uma carrancuda indulgência, aceitando o dinheiro como se fosse um enorme favor. E havia os fregueses a quem ela cumprimentava cordialmente e pelo nome; muitos deles compravam fiado e assim não havia dinheiro vivo passando de uma mão a outra, mas os valores eram anotados num livro-razão, enquanto se faziam perguntas sobre o estado de saúde deles, comentários a respeito do tempo e da qualidade do presunto ou das fatias de bacon, ou da variedade de pães expostos, das broas, do pão com lascas de carne de pato e do pão com groselha.

“Estou tentando ensinar essa jovem”, disse ela para um freguês a quem parecia dar mais valor do que aos demais, uma mulher com uma permanente recente no cabelo e que Eilis nunca tinha visto. “Estou tentando ensinar a ela como se trabalha aqui e só espero que ela tenha algo mais do que boa vontade, porque a Mary, que Deus a abençoe, tem boa vontade de sobra, mas é claro que só isso não adianta, não adianta nada. Tomara que seja rápida, esperta e confiável, mas hoje em dia não se pode querer tudo, de jeito nenhum.”

Eilis olhou para Mary, que estava parada e meio sem graça perto da caixa registradora, escutando com atenção.

“Mas Deus cria todo tipo de gente”, disse a srta. Kelly.

“Ah, nisso você tem razão, senhorita Kelly”, concordou a mulher de permanente no cabelo, enquanto enchia de comestíveis sua sacola de cordinhas trançadas. “E não adianta nada ficar reclamando, não é? Claro, afinal, não precisamos de mais gente para varrer as ruas?”

No sábado, com dinheiro emprestado de sua mãe, Eilis comprou um jaleco verde-escuro na loja de Dan Bolger. Naquela noite, pediu à mãe o despertador. Ela teria que acordar às seis da manhã.

Como Jack, aquele com a idade mais próxima da dela, tinha ido morar em Birmingham com os dois irmãos mais velhos, Eilis havia mudado para o quarto dos rapazes, deixando Rose sozinha no quarto que sua mãe arrumava e limpava com esmero todas as manhãs. Como a pensão da mãe era pequena, elas dependiam de Rose, que trabalhava no escritório da Davis Mill’s; seu salário custeava a maior parte das necessidades delas. Qualquer coisa extra vinha esporadicamente dos rapazes, que estavam na Inglaterra. Duas vezes por ano, Rose ia a Dublin, para as liquidações, e todo mês de janeiro voltava com um casaco ou um terninho novos, e todo mês de agosto voltava com um vestido novo, blusas, saias e cardigãs novos, que eram escolhidos muitas vezes porque Rose achava que não iam sair de moda, e que depois eram deixados de lado até o ano seguinte. Os amigos de Rose agora eram, em sua maioria, mulheres casadas, em geral mulheres mais velhas cujos filhos haviam crescido, ou viúvas de homens que haviam trabalhado em bancos e que tinham tempo para jogar golfe nos fins de tarde de verão ou em partidas disputadas em duplas nos fins de semana.

Rose, com trinta anos, pensava Eilis, ficava mais fascinante a cada ano e, embora houvesse tido alguns namorados, continuava solteira; muitas vezes comentava que tinha uma vida muito melhor do que muitas de suas antigas colegas de escola, que eram vistas empurrando carrinhos de bebê pelas ruas. Eilis tinha orgulho de sua irmã, dos cuidados que ela tomava com a aparência e com a escolha das pessoas com quem andava na cidade e com quem ia ao clube de golfe. Sabia que Rose tinha tentado arranjar um emprego para ela num escritório e que pagava seus livros agora que Eilis estudava contabilidade elementar e escrituração mercantil, mas sabia também que, pelo menos por enquanto, não havia trabalho para ninguém em Enniscorthy, por mais qualificado que fosse o candidato.

Eilis não contou a Rose sobre a oferta de emprego que recebera na mercearia da srta. Kelly; em vez disso, enquanto fazia seu treinamento, guardava na memória todos os detalhes a fim de contá-los à mãe, que ria e pedia que Eilis contasse de novo certas partes da história.

"Essa senhorita Kelly", disse a mãe, "é tão ruim quanto a mãe dela, e uma pessoa que trabalhou com ela me contou que essa mulher é a encarnação do mal. E olha que ela não passava de uma faxineira, na loja de Roche, antes de casar. Antigamente a Kelly's era uma pensão, além de mercearia, e se a pessoa trabalhasse para ela, ou mesmo se estivesse hospedada lá ou fizesse negócios com a loja, a mulher era a encarnação do mal. A menos, é claro, que a pessoa tivesse um bocado de dinheiro ou fosse membro do clero."

"Vou ficar trabalhando lá só até aparecer alguma coisa melhor", disse Eilis.

"Foi o que eu falei para Rose quando contei a ela", retrucou a mãe. "E não dê ouvidos à Rose, se ela vier falar alguma coisa com você."

No entanto, Rose jamais comentou sobre Eilis ir trabalhar na mercearia da srta. Kelly. Em vez disso, lhe deu um cardigã amarelo-claro, que mal havia usado, insistindo que a cor não era boa para ela e que ficaria bem melhor em Eilis. Também deu um batom à irmã. Ela ficou fora de casa até tarde na noite de sábado, portanto não viu Eilis ir para a cama cedo, embora Nancy e Annette tivessem marcado um cinema, a fim de acordar disposta para enfrentar seu primeiro domingo de trabalho na mercearia da srta. Kelly.

Só uma vez, anos antes, Eilis tinha ido à missa das sete da manhã, e isso

aconteceu num Natal, quando seu pai era vivo e os rapazes ainda estavam em casa. Eilis lembrava que ela e a mãe haviam saído de casa na ponta dos pés, enquanto todos dormiam, deixando os presentes sob a árvore de Natal na sala do primeiro andar, e que voltaram logo depois que os rapazes, Rose e o pai tinham acordado e começado a abrir os pacotes. Lembrava da escuridão, do frio e do lindo vazio da cidade. Agora, saindo de casa pouco depois de o despertador tocar faltando vinte para as sete, com o jaleco de trabalho dentro de uma sacola e o cabelo preso num rabo de cavalo, ela caminhava pelas ruas até a catedral, segura de que tinha tempo de sobra.

Lembrou que naquela manhã de Natal, anos antes, os assentos da nave central da catedral estavam quase lotados. Mulheres que tinham pela frente uma longa manhã na cozinha queriam liquidar logo cedo suas obrigações com a igreja. Agora, porém, não havia quase ninguém. Olhou ao redor em busca da srta. Kelly, mas não a viu senão na hora da comunhão, e depois se deu conta de que estava sentada na frente dela o tempo todo. Observou-a caminhar pela nave central da igreja, mãos unidas e olhos voltados para o chão, seguida por Mary, que vestia um xale preto. As duas deviam estar em jejum, pensou Eilis, como ela também estava, e se perguntou quando tomariam café da manhã.

Quando a missa terminou, ela resolveu não esperar a srta. Kelly nas dependências da catedral; em vez disso ficou fazendo hora na banca de revistas, enquanto desembrulhavam maços de jornais, e depois ficou parada na porta da loja e esperou-a ali. A senhorita não a cumprimentou nem sorriu quando chegou; em vez disso seguiu de maneira brusca para a porta lateral, pedindo a Eilis e Mary que esperassem lá fora. Quando destrancou a porta principal da loja e começou a acender as luzes, Mary foi para os fundos e começou a trazer pães para o balcão. Eilis se deu conta de que eram os pães do dia anterior; não havia entrega de pão fresco no domingo. Ficou parada e observou a srta. Kelly abrir uma nova tira comprida de papel amarelo e pegajoso para capturar moscas e dizer a Mary que subisse no balcão, pregasse aquela tira de papel no teto e retirasse a velha, que tinha moscas mortas grudadas em toda a sua extensão.

"Ninguém gosta de moscas", disse a srta. Kelly, "sobretudo num domingo."

Logo duas ou três pessoas entraram na mercearia para comprar cigarros. Muito embora Eilis já tivesse vestido seu jaleco de trabalho, a srta. Kelly

ordenou que Mary atendesse os fregueses. Quando eles foram embora, a srta. Kelly disse para Mary ir ao primeiro andar e preparar um bule de chá, que logo depois ela levou ao quiosque de jornais em troca do que Eilis entendeu ser um exemplar grátis do *Sunday Press*, que a srta. Kelly dobrou e pôs de lado. Eilis percebeu que nem a srta. Kelly nem Mary tinham nada para comer ou beber. A srta. Kelly levou-as depressa a uma saleta nos fundos.

"Aquele pão ali", disse, apontando para uma mesa, "é o mais fresco. Veio ontem à tarde lá da padaria do Stafford, mas é só para clientes especiais. Portanto, não toquem nesse pão de jeito nenhum. Para a maioria dos fregueses, os outros pães dão conta do recado muito bem. E não temos nenhum tomate para vender. Aqueles lá não são para ninguém, a menos que eu dê instruções precisas."

Depois da missa das nove horas, apareceu o primeiro bando. Pessoas que queriam cigarros e doces pareciam saber como abordar Mary. A srta. Kelly ficava mais atrás, a atenção dividida entre a porta e Eilis. Conferia todos os preços que Eilis anotava, informava o preço de maneira ríspida, quando Eilis não conseguia se lembrar, e ela mesma anotava e somava os números, depois de Eilis ter feito isso, e não permitia que a garota entregasse o troco para o freguês antes de lhe mostrar o dinheiro do pagamento original. Ao mesmo tempo que fazia isso, ela cumprimentava alguns fregueses pelo nome, os recebia na porta e os conduzia para dentro, insistindo que Eilis parasse o que estivesse fazendo a fim de atendê-los.

"Ah, senhora Prendergast", disse ela, "agora a mocinha nova vai atendê-la e Mary vai levar tudo até o carro para a senhora."

"Preciso acabar isto aqui primeiro", disse Eilis, quando faltavam só uns poucos produtos para terminar um pedido.

"Ah, Mary pode cuidar disso", retrucou a srta. Kelly.

A essa altura, havia cinco pessoas amontoadas no balcão. "Eu sou o próximo", gritou um homem, enquanto a srta. Kelly voltava para o balcão trazendo mais pão.

"Agora estamos muito ocupadas e o senhor vai ter de esperar sua vez."

"Mas eu sou o próximo da fila", disse o homem, "e essa mulher foi atendida antes de mim."

"Mas o que o senhor quer?"

O homem tinha uma lista de produtos na mão.

"Eilis vai atendê-lo num instante", disse a srta. Kelly, "mas só depois da senhora Murphy."

"Mas eu também estou na frente dela", explicou o homem.

"Receio que o senhor esteja enganado", disse a srta. Kelly. "Eilis, vamos depressa com isso, este homem aqui está esperando. Ninguém tem o dia inteiro, e ele é o próximo da fila, depois da senhora Murphy. Que preço você cobrou por aquele chá?"

E foi assim até quase uma da tarde. Não houve nenhuma pausa, nada para comer ou beber, e Eilis estava morta de fome. Ninguém era atendido na ordem da fila. A srta. Kelly informava a alguns de seus fregueses, inclusive a duas mulheres, que, por serem amigas de Rose, cumprimentaram Eilis de maneira familiar, que ela tinha uns tomates frescos muito bonitos. Ela mesma os pesava, parecendo impressionada com o fato de Eilis conhecer aquelas freguesas, mas a outros clientes, no entanto, dizia com toda firmeza que não tinha tomate nenhum para vender naquele dia. Para os fregueses preferenciais, ela trazia o pão fresco, à vista de todos, quase com orgulho. O problema, Eilis se deu conta disso, era que não havia nenhuma outra loja na cidade tão bem abastecida como a da srta. Kelly que abrisse no domingo de manhã, mas ela também tinha a sensação de que as pessoas iam lá pela força do hábito e não se importavam de ficar esperando, apreciavam a agitação e a presença de uma multidão num espaço pequeno.

Embora tivesse planejado não mencionar seu emprego novo na loja da srta. Kelly durante o jantar, em casa, a menos que Rose puxasse o assunto, Eilis não conseguiu se conter e, assim que elas sentaram à mesa, começou a contar como tinha sido sua manhã.

"Já fui a essa loja uma vez", disse Rose, "no caminho de casa, ao voltar da missa, e ela atendeu Mary Delahunt antes de mim. Virei as costas e fui embora. E cheirava a alguma coisa. Não consigo imaginar o que era. Ela tem uma escravazinha, não é isso? Ela a retirou de algum convento."

"O pai dela era um homem bom", disse a mãe, "mas ela não teve nenhuma chance porque, como eu já contei, Eilis, a mãe dela era a encarnação do mal.

Eu soube disso quando uma das criadas se queimou com água fervente e ela não deixou que a moça sequer fosse ao médico. A mãe manteve Nelly trabalhando lá desde que aprendeu a andar. Ela nunca viu a luz do dia, esse é o problema dela."

"Nelly Kelly?", perguntou Rose. "É esse mesmo o nome dela?"

"Na escola deram um nome diferente para ela."

"Qual?"

"Todo mundo a chamava de Kelly Urtiga. As freiras não conseguiam nos impedir de falar assim. Me lembro muito bem dela; estava um ou dois anos atrás de mim. Havia sempre cinco ou seis garotas andando atrás dela, vindas do Convento da Misericórdia, gritando 'Urtiga, Urtiga'. Não admira que seja tão doida."

Houve silêncio por algum tempo, enquanto Rose e Eilis assimilavam aquela história.

"Não sei se é para rir ou para chorar", disse Rose.

À medida que a refeição prosseguia, Eilis conseguia fazer uma imitação da voz da srta. Kelly que fazia a irmã e a mãe rirem. Ela se perguntava se seria a única que lembrava que Jack, o mais jovem dos irmãos, fazia imitações do sermão dominical, dos comentaristas esportivos de rádio, das professoras da escola e de muitos personagens da cidade, e todos riam dele. Eilis não sabia se as outras duas também se davam conta de que era a primeira vez que elas riam naquela mesa desde o dia em que Jack tinha ido se encontrar com os outros em Birmingham. Eilis adoraria dizer alguma coisa sobre o irmão, mas sabia que isso deixaria a mãe triste demais. Até as cartas dele, quando chegavam, eram entregues em silêncio. Assim ela continuou a caçoar da srta. Kelly, e só parou quando alguém veio buscar Rose para jogar golfe, deixando Eilis e a mãe sozinhas para tirar a mesa e lavar os pratos.

Naquela noite, Eilis foi ao encontro de Nancy Byrne às nove horas, ciente de que não tinha caprichado o bastante na aparência. Lavou o cabelo e pôs um vestido de verão, mas achou que estava mal-arrumada e se conformou com a ideia de que, se Nancy dançasse mais de uma música com George Sheridan, ela voltaria para casa sozinha. Eilis estava contente por Rose não tê-la visto na hora em que saiu de casa, pois teria obrigado a irmã a fazer mais alguma coisa

com o cabelo, passar maquiagem e, de maneira geral, tentar parecer mais elegante.

"A regra é a seguinte", disse Nancy, "a gente nem está pensando em George Sheridan. Ele pode estar com a turma inteira do clube de rúgbi, ou nem estar lá no salão. Muitas vezes eles vão a Courtown nas noites de domingo, aquela turma. Então a gente tem que ficar muito entretida numa conversa, nós duas. E eu não vou dançar com ninguém, só para o caso de ele entrar e me ver. Então, se alguém vier tirar a gente para dançar, a gente só levanta e vai até o banheiro."

Era evidente que, ajudada pela irmã e pela mãe, às quais ela afinal havia contado a novidade de que tinha dançado com George Sheridan no domingo anterior, Nancy estava tendo a maior trabalheira para se arrumar. Fizera o cabelo no dia anterior. Usava um vestido azul que Eilis tinha visto só uma vez e agora se maquiava na frente do espelho do banheiro, enquanto a mãe e a irmã entravam a saíam do quarto a toda hora, dando conselhos e fazendo comentários e elogios.

Elas andaram em silêncio da rua Friary até a Church e depois deram a volta pela Castle até o Athenaeum e subiram a escada para o salão. Eilis não se surpreendeu com o nervosismo de Nancy. Fazia um ano que o namorado tinha dado o fora nela de um jeito horrível, ao aparecer de repente com outra garota naquele mesmo salão e ficar com ela a noite inteira, quase sem tomar conhecimento da existência de Nancy, enquanto ela ficava lá sentada, só olhando. Mais tarde, ele foi para a Inglaterra e voltou apenas por um breve período, somente para se casar com a garota com quem havia ficado naquela noite. A questão não era só que George Sheridan era bonito e tinha um carro, mas também que ele administrava uma loja que fazia muito dinheiro na Market Square; era um negócio que ele ia herdar quando a mãe morresse. Para Nancy, que trabalhava atrás do balcão da Buttle's Barley-Fed Bacon, sair com George Sheridan era um sonho do qual ela não queria acordar nunca mais, pensava Eilis, enquanto ela e Nancy olhavam em volta do salão, fingindo não estar de olhos bem abertos para uma pessoa em particular.

Havia alguns pares dançando e uns poucos homens parados perto da porta.

"Parece que estão numa exposição de gado", disse Nancy. "E, meu Deus, o que eu mais detesto é a brilhantina que eles põem no cabelo."

"Se um deles vier falar com a gente, vou me levantar na mesma hora", disse Eilis, "e você diz para eles que precisa ir comigo ao banheiro."

"A gente devia usar óculos de fundo de garrafa, ser dentuça e ter deixado o cabelo todo oleoso", disse Nancy.

O salão foi enchendo e não havia o menor sinal de George Sheridan. E, mesmo quando homens cruzavam o salão para tirar mulheres para dançar, ninguém se aproximava de Nancy nem de Eilis.

"A gente vai acabar caindo na boca do povo, vamos ficar faladas por tomar tanto chá de cadeira", disse Nancy.

"Tem um jeito bem pior de ficar falada", disse Eilis.

"Tem um jeito bem pior, sim. Podiam chamar a gente de ônibus circular", retrucou Nancy.

Mesmo quando as duas tinham parado de rir e olhavam de novo pelo salão, de vez em quando uma delas recomeçava a dar uma risadinha, o que logo provocava o riso na outra.

"Devemos estar parecendo duas loucas", disse Eilis.

Nancy, no entanto, ficou séria de repente a seu lado. Quando Eilis observava o bar, onde vendiam bebidas leves, viu que George Sheridan, Jim Farrel e alguns amigos do clube de rúgbi tinham chegado e que diversos rapazes estavam com eles. O pai de Jim Farrel era dono de um pub na rua Rafter.

"Pronto", sussurrou Nancy. "Agora eu vou para casa."

"Espere, não faça isso", disse Eilis. "Vamos ao banheiro no final dessa série de músicas e lá a gente discute o que fazer."

Elas esperaram e atravessaram o salão, sem nenhum dançarino; Eilis supôs que George Sheridan tinha visto as duas. No banheiro, ela disse para Nancy não fazer nada, só esperar, e elas voltariam ao salão quando a dança seguinte já estivesse bem adiantada. Quando fizeram isso, Eilis lançou um olhar para onde George e seus amigos estavam antes e captou um olhar de George. As duas procuravam um lugar para sentar, e o rosto de Nancy havia ficado todo vermelho; parecia alguém que as freiras tinham mandado ficar parada na porta, do lado de fora. As duas sentaram e ficaram caladas, enquanto a dança prosseguia. Tudo que Eilis pensava em dizer era ridículo. Então ela não dizia nada, mas tinha consciência de que as duas deviam estar transmitindo uma

imagem bem triste a quem estivesse prestando atenção nelas. Resolveu que, caso Nancy fizesse a mais leve sugestão de que o melhor era irem embora depois daquela série de músicas, ela iria concordar na hora. De fato, já estava louca para sair dali; sabia que mais tarde as duas ainda encontrariam um jeito de rir de tudo aquilo.

No final daquela série, no entanto, George veio andando através do salão, antes mesmo de a música começar, e tirou Nancy para dançar. Sorriu para Eilis quando Nancy levantou e, em resposta, ela sorriu para ele. Quando começaram a dançar e George conversava descontraidamente, Nancy parecia fazer um esforço para parecer alegre. Eilis desviou os olhos, com medo de que seu olhar deixasse Nancy encabulada, e então olhou para chão, torcendo para que ninguém viesse tirá-la para dançar. Tudo ficaria muito mais fácil agora, pensou ela, se George tirasse Nancy para a próxima dança, quando aquela série de músicas chegasse ao fim, e aí Eilis pudesse escapulir discretamente.

Em vez disso, George e Nancy vieram na sua direção e disseram que iam tomar uma limonada no bar e que George gostaria de oferecer uma limonada também a Eilis. Ela se levantou e atravessou o salão junto com eles. Jim Farrel estava no bar, guardando um lugar para George. Por perto, havia outros amigos deles. Eilis conhecia um ou dois de nome, e os demais, só de vista. Quando elas se aproximaram, Jim Farrel virou-se, mantendo um cotovelo apoiado no balcão. Olhou bem para Nancy e Eilis, de alto a baixo, sem falar nada e sequer cumprimentar com a cabeça, depois mudou de lugar e falou algo para George.

Quando a música recomeçou, alguns amigos deles foram para a pista, mas Jim Farrel não saiu do lugar. Ao servir os copos cheios de limonada para Nancy e Eilis, George tomou a iniciativa de apresentá-las formalmente a Jim Farrel, que as cumprimentou com um breve aceno de cabeça, sem apertar a mão de nenhuma das duas. George pareceu confuso, enquanto bebia aos poucos seu drinque. Falou algo para Nancy e ela respondeu. Então tomou mais um gole de sua bebida. Eilis queria saber o que ele ia fazer; estava claro que o amigo de George não havia gostado de Nancy nem de Eilis e não tinha a menor intenção de falar com elas; Eilis preferia não ter sido levada até o bar daquele jeito. Tomou um gole de sua bebida e olhou para o chão. Quando ergueu os olhos, viu Jim Farrel examinando Nancy de modo frio e depois, quando percebeu que

estava sendo observado por Eilis, mudou de posição e olhou para ela com um rosto inexpressivo. Eilis notou que ele vestia um paletó esporte caro, camisa e plastrão.

George pôs o copo no balcão e virou-se para Nancy, convidando-a a dançar; voltou-se para Jim como se fosse sugerir que fizesse o mesmo. Nancy sorriu para George, depois para Eilis e para Jim, deixou sua bebida de lado e dirigiu-se com ele para a pista de dança. Nancy parecia aliviada e feliz. Quando Eilis se virou, estava ciente de que ela e Jim Farrel tinham ficado sozinhos no balcão do bar e que não havia nenhum lugar vago no lado do salão onde ficava o banheiro feminino. A menos que fosse ao banheiro de novo ou fosse para casa, estava presa numa armadilha. Por um segundo, Jim Farrel deu a impressão de que ia se adiantar e tirá-la para dançar. Como sentia que não tinha escolha, Eilis estava disposta a aceitar; não queria ser indelicada com o amigo de George. Na hora em que ela ia aceitar, Jim Farrel pareceu mudar de ideia, recuou e olhou em volta do salão com um ar quase imperial, ignorando Eilis. Não olhou para ela outra vez, e quando a série de músicas chegou ao fim ela foi até Nancy e disse calmamente que estava indo embora e que falaria com ela depois. Apertou a mão de George e se desculpou dizendo estar cansada, depois caminhou para fora do salão com o máximo de dignidade que pôde.

No chá da tarde seguinte, Eilis contou a história para a mãe e para Rose. De início, elas se interessaram pela novidade de que Nancy havia dançado com George Sheridan duas noites seguidas, mas ficaram mais agitadas ainda quando Eilis lhes contou a respeito da rudeza de Jim Farrel.

"Não ponha os pés de novo naquele Athenaeum", aconselhou Rose.

"Seu pai conhecia o pai dele muito bem", disse a mãe. "Anos atrás, às vezes iam juntos às corridas de cavalo. E seu pai bebia no Farrel's algumas vezes. É um lugar muito bem montado. A mãe dele é uma mulher muito gentil, ela era uma Duggan de Glenbrien. Deve ser o clube de rúgbi que deixa o rapaz desse jeito; deve ser triste para os pais terem um filho criançola, porque ele é filho único."

"Ele fala como um criançola e tem cara de criançola", disse Rose.

"Bem, o que eu sei é que ele estava de mau humor na noite passada", disse Eilis. "É só o que tenho a dizer. Acho que pensa que George devia ficar com

alguém mais chique do que Nancy."

"Não há nenhuma desculpa para isso", disse a mãe. "Nancy Byrne é uma das garotas mais bonitas da cidade. George vai ter muita sorte se conseguir ficar com ela."

"Não sei é se a mãe dele vai concordar", comentou Rose.

"Alguns comerciantes desta cidade", disse a mãe, "sobretudo aqueles que compram barato e vendem caro, não possuem nada mais do que alguns metros de balcão e têm de ficar ali sentados o dia inteiro, esperando um freguês. Não sei por que se acham tão importantes."

Embora a srta. Kelly pagasse a Eilis apenas sete libras e seis *pence* por semana, para trabalhar aos domingos, muitas vezes mandava Mary ir chamá-la em outros horários — uma ocasião em que queria fazer o cabelo sem ter de fechar a loja e outra vez quando queria retirar todas as latas das prateleiras, limpar a poeira e colocá-las de novo no lugar. Toda vez que isso acontecia, dava dois xelins a Eilis, mas a mantinha ocupada durante horas, reclamando de Mary sempre que podia. Além disso, toda vez que Eilis ia embora, a srta. Kelly dava a ela um pão, que a garota sabia estar bolorento, para que levasse à sua mãe.

"Ela deve pensar que vivemos na miséria", disse a mãe. "O que ela acha que vamos fazer com um pão bolorento? Se Rose souber, vai ficar louca de raiva. Da próxima vez que ela chamar você para trabalhar fora de hora, não vá. Diga que está ocupada."

"Mas não estou ocupada."

"Vai aparecer um emprego decente para você. Rezo por isso todos os dias."

Com o pão bolorento, a mãe fazia farinha de rosca e carne de porco assada e recheada. Não contava a Rose de onde vinha a farinha.

Um dia, na hora do jantar, Rose, que vinha do escritório para casa à uma hora e voltava ao trabalho às quinze para as duas, comentou que no final do dia anterior havia jogado golfe com um padre, um certo padre Flood, que conhecera o pai delas anos antes e a mãe delas quando ainda era mocinha. Vinha dos Estados Unidos para passar as férias e era sua primeira visita desde o final da guerra.

"Flood?", perguntou a mãe. "Havia uma multidão de Flood lá perto de Monageer, mas não me lembro de nenhum que tenha virado padre. Não sei o

que foi feito deles, a gente não vê mais nenhum por aí."

"Tem um Murphy Floods", disse Eilis.

"Não é o mesmo", retrucou a mãe.

"De todo modo", prosseguiu Rose, "quando ele disse que gostaria de visitar você, eu o convidei para vir tomar chá aqui, e ele vai vir amanhã."

"Ah, meu Deus", exclamou a mãe. "O que um padre americano gosta de comer para acompanhar o chá? Preciso arranjar presunto cozido."

"A senhorita Kelly tem o melhor presunto cozido da cidade", disse Eilis, rindo.

"Ninguém vai comprar nada da senhorita Kelly", retrucou Rose. "O padre Flood vai comer o que a gente der para ele."

"Será que presunto cozido cai bem com tomate e alface? Ou quem sabe rosbife? Será que ele não prefere uma fritada?"

"Qualquer coisa serve", disse Rose. "Com muito pão preto e manteiga."

"Vamos servir o chá na sala de jantar e usar a melhor louça. E se eu, quem sabe, conseguir arranjar um pouco de salmão? Será que ele come?"

"Ele é muito gentil", disse Rose. "Vai comer qualquer coisa que pusermos na frente dele."

O padre Flood era alto; seu sotaque, uma mistura de inglês irlandês e americano. Nada que ele dizia conseguia convencer a mãe de Eilis de que o havia conhecido, ou à família dele. A mãe dele, tinha dito o padre, era uma Rochford.

"Acho que não a conheci", disse a mãe de Eilis. "O único Rochford que conhecemos era o velho Cabeça Chata."

O padre Flood olhou para ela com ar solene. "Cabeça Chata era meu tio", disse.

"Era mesmo?", exclamou a mãe. Eilis percebeu que ela estava à beira de uma gargalhada nervosa.

"Mas é claro que não o chamávamos desse jeito", disse o padre Flood. "O nome dele era Seamus."

"Bem, ele era muito gentil", disse a mãe de Eilis. "Era muita maldade nossa chamá-lo desse jeito."

Rose serviu mais chá, enquanto Eilis saía da sala em silêncio, com receio de

que, se ficasse, não conseguiria disfarçar a vontade de começar a rir.

Quando voltou, Eilis se deu conta de que o padre Flood tinha sido informado sobre seu emprego na mercearia da srta. Kelly, já sabia quanto ela ganhava e havia manifestado espanto com o baixo salário. Indagou sobre as qualificações de Eilis.

"Nos Estados Unidos", disse, "haveria trabalho de sobra para alguém como você, e com um bom salário."

"Ela pensou em ir para a Inglaterra", disse a mãe, "mas os rapazes disseram que ela esperasse, pois não era o melhor momento, e que talvez ela só conseguisse arranjar emprego numa fábrica."

"No Brooklyn, onde fica a minha paróquia, haveria serviço de escritório para alguém trabalhador, educado e honesto."

"Mas fica muito longe", observou a mãe. "É o único problema."

"Algumas partes do Brooklyn", disse padre Flood, "são iguaizinhas à Irlanda. Estão cheias de irlandeses."

Cruzou as pernas, tomou um gole do seu chá na xícara de louça fina e não disse nada por algum tempo. O silêncio que desceu deixou claro para Eilis o que os outros estavam pensando. Lançou um olhar para a mãe, que, assim lhe pareceu, não retribuiu de propósito, mantendo os olhos cravados no chão. Rose, em geral tão hábil em manter a conversa quando havia visitas em casa, também não dizia nada. Girou o anel no dedo e depois girou o bracelete no pulso.

"Seria uma oportunidade excelente, sobretudo quando se trata de uma pessoa jovem", disse o padre Flood, afinal.

"Pode ser muito perigoso", observou a mãe, com os olhos ainda cravados no chão.

"Não na minha paróquia", disse o padre Flood. "É repleta de gente adorável. Há uma porção de centros de entretenimento em torno da paróquia, mais até do que na Irlanda. E há trabalho para qualquer um que queira."

Eilis sentiu-se como criança, quando o médico ia à sua casa e sua mãe ficava escutando com um respeito temeroso. O silêncio de Rose é que era a novidade para ela; Eilis olhou para Rose, na esperança de que a irmã fizesse alguma pergunta ou algum comentário, mas ela parecia estar numa espécie de sonho. Enquanto Eilis a observava, espantou-se ao se dar conta de que nunca tinha

visto Rose com um aspecto tão bonito. Então lhe ocorreu que já estava sentindo que teria de se lembrar daquela sala, de sua irmã, daquela cena, como que à distância. No silêncio que se prolongou — ela percebeu —, ficou tacitamente acertado, não se sabia como, que Eilis iria para os Estados Unidos. O padre Flood, Eilis acreditava, tinha sido convidado para ir à sua casa porque Rose sabia que ele iria providenciar a viagem e o emprego.

Sua mãe tinha se oposto tanto à sua ida para a Inglaterra que aquela nova descoberta chocou Eilis. Ela se perguntou se, caso não tivesse aceitado o emprego na mercearia ou não tivesse contado a elas sua humilhação semanal nas mãos da srta. Kelly, sua mãe e sua irmã teriam se mostrado tão propensas a deixar aquela conversa acontecer. Eilis se arrependeu de ter contado tanta coisa a elas; tinha feito aquilo sobretudo porque daquele modo fazia Rose e a mãe rirem, animava algumas refeições que faziam juntas, tornava o momento mais alegre do que nunca, desde que o pai havia morrido e os rapazes tinham ido embora. Ocorreu a ela, então, que Rose e a mãe não achavam nem um pouco engraçado ela trabalhar para a srta. Kelly, e as duas não apresentaram nenhuma objeção quando o padre Flood parou de elogiar sua paróquia no Brooklyn e disse que achava que poderia arranjar um bom emprego para Eilis lá.

Nos dias seguintes, não houve nenhuma menção à visita do padre nem à possibilidade que ele apresentara de Eilis ir para o Brooklyn, e foi o próprio silêncio que levou Eilis a acreditar que Rose e a mãe tinham conversado sobre o assunto e apoiavam a ideia. Eilis nunca havia pensado em ir para os Estados Unidos. Conhecia muitas pessoas que tinham ido para a Inglaterra e que às vezes voltavam no Natal ou no verão. Aquilo fazia parte da vida da cidade. Embora conhecesse amigas que recebiam regularmente dólares ou roupas de presente enviados dos Estados Unidos, era sempre de tias e tios, de gente que havia emigrado muito antes da guerra. Entre aquelas pessoas, ela não conseguia se lembrar de ninguém que viesse à cidade nas férias. Era uma viagem muito longa através do Atlântico, ela sabia, pelo menos uma semana dentro de um navio, e além do mais devia custar muito caro. Eilis também tinha a impressão, e não sabia de onde ela vinha, de que enquanto os rapazes e as moças da cidade que haviam ido para a Inglaterra possuíam empregos comuns e salários comuns, os que iam para os Estados Unidos podiam ficar ricos. Ela também tentava

descobrir como tinha começado a acreditar que, enquanto as pessoas da cidade que moravam na Inglaterra sentiam saudades de Enniscorthy, ninguém que ia para os Estados Unidos sentia saudades da terra natal. Em vez disso, eram pessoas felizes e orgulhosas. Eilis queria saber se aquilo podia mesmo ser verdade.

* * *

O padre Flood não fez outra visita; em vez disso, escreveu uma carta à mãe de Eilis quando voltou para o Brooklyn, contando que, assim que chegara, havia falado sobre Eilis com um de seus paroquianos, um comerciante de origem italiana, e queria comunicar à sra. Lacey que em breve haveria uma vaga para ela. Não no escritório, como ele gostaria, mas na seção de vendas da grande loja da qual aquele cavalheiro era dono. Porém, acrescentou o padre Flood, garantiram a ele que, depois que Eilis tivesse provado que alcançara sucesso em seu primeiro emprego, haveria muitas oportunidades de promoção e ótimas perspectivas de trabalho. Ele disse que também podia providenciar a documentação devida para satisfazer a embaixada, o que muitas vezes não era coisa muito fácil naqueles dias, e que, tinha certeza, também podia conseguir acomodações adequadas para Eilis, perto da igreja e de seu local de trabalho.

A mãe entregou a carta a Eilis depois de ler. Rose já tinha saído para o trabalho. Baixou um silêncio na cozinha.

"Ele parece sincero", disse a mãe. "Isso eu tenho que admitir."

Eilis leu de novo a frase sobre o setor de vendas da loja. Imaginou que ele queria dizer que ela ia trabalhar atrás de um balcão. O padre Flood não mencionou quanto ela ia ganhar, nem como ia conseguir o dinheiro necessário para pagar o aluguel. Em vez disso, sugeria que entrasse em contato com a embaixada americana em Dublin e verificasse que documentos exatamente ela teria que providenciar antes de viajar, de modo que pudesse ter todos eles em mãos. Enquanto Eilis lia e relia, a mãe andava atarefada pela cozinha, de costas para ela, sem dizer nada. A garota estava sentada à mesa, também sem falar nada, imaginando quanto tempo a mãe ia demorar para virar-se para ela e dizer alguma coisa, e resolveu que ia ficar quieta e esperar, contando os segundos um por um, ciente de que a mãe não tinha nenhum trabalho a fazer. Na verdade, Eilis percebia, a mãe estava inventando o que fazer, só para não ter de se virar

para ela.

Enfim, a mãe virou-se e suspirou.

"Guarde essa carta bem guardada", disse. "Vamos mostrar para Rose quando ela voltar do trabalho."

Semanas depois, Rose havia organizado tudo, chegara até a fazer amizade, por telefone, com uma pessoa da embaixada americana em Dublin, que enviou os formulários necessários e uma relação de médicos autorizados a apresentar um relatório sobre o estado geral de saúde de Eilis, e uma lista de outras coisas que a embaixada ia pedir, inclusive uma oferta de emprego definida, emprego para o qual Eilis estava especialmente qualificada, uma garantia de que ela receberia assistência financeira na sua chegada e algumas pessoas que pudessem dar referências sobre ela.

O padre Flood escreveu uma carta formal responsabilizando-se por Eilis e garantindo que cuidaria de suas acomodações, bem como de seu bem-estar geral e financeiro e, numa folha de papel timbrado, veio uma carta da Bartocci & Company, rua Fulton, Brooklyn, oferecendo a Eilis uma vaga permanente em sua loja principal, no mesmo endereço, mencionando a formação de Eilis em contabilidade e sua larga experiência profissional. Estava assinada por Laura Fortini; a caligrafia, Eilis percebeu, era clara e bonita, e até o papel de carta, com sua cor azul-clara e o desenho de um prédio grande estampado acima do cabeçalho, parecia mais imponente, mais caro e mais promissor do que qualquer outra coisa do gênero que ela já tinha visto.

Ficou acertado que os irmãos de Eilis em Birmingham iriam pagar a passagem dela para Nova York. Rose daria dinheiro para Eilis viver até ela se estabelecer em seu novo emprego. Eilis contou as novidades a algumas amigas e pediu que não contassem a ninguém, mas sabia que algumas colegas de trabalho de Rose tinham conhecimento dos telefonemas para Dublin; também sabia que a mãe não conseguiria manter segredo das novidades. Assim, sentiu que precisava contar à srta. Kelly, antes que ela soubesse por outras pessoas. Era melhor, pensou, falar com ela no meio da semana, quando não estava muito ocupada com os afazeres da loja.

Encontrou a srta. Kelly parada atrás do balcão. Mary estava no alto de uma escada, empilhando embalagens de ervilha nas prateleiras mais altas.

"Ah, você chegou na pior hora", disse a srta. Kelly. "Justamente quando a gente pensava que ia ter um pouquinho de sossego. Agora, não sei o que você quer, mas não vá perturbar Mary." Inclinou a cabeça na direção da escada. "Ela vai cair na hora em que virar a cabeça para olhar você."

"Eu vim só dizer que vou para os Estados Unidos daqui a um mês", disse Eilis. "Vou trabalhar lá e queria contar à senhora."

A srta. Kelly recuou do balcão. "É verdade?", perguntou.

"Mas continuarei vindo aqui aos domingos, é claro, até ir embora."

"Você veio pedir que eu dê referências de você?"

"Não. Nada disso. Só vim contar, para que a senhora soubesse logo."

"Bem, é muita gentileza sua. Vamos ver quando você vier aqui nas férias, se é que ainda vai estar falando com pessoas comuns."

"Vou vir trabalhar no domingo", disse Eilis.

"Ah, não, nós não precisamos que você venha mais. Se vai embora, é melhor ir logo."

"Mas eu posso vir."

"Não, não pode, não. Vai haver falatório demais sobre você, e todo mundo iria ficar muito distraído. No domingo já há muita confusão por aqui sem isso, como você sabe."

"Pensei que poderia vir trabalhar até ir embora."

"Não, aqui não pode. Portanto, trate de sair logo. Temos muito trabalho, mais entregas e mais arrumação de prateleiras. Não temos tempo para conversa fiada."

"Bem, então muito obrigada por tudo."

"Obrigada a você também."

Enquanto a srta. Kelly recuava para o fundo da loja, Eilis olhou para ver se Mary se viraria para que Eilis pudesse dar adeus a ela. Como Mary não se virou, saiu da loja em silêncio e foi para casa.

A srta. Kelly foi a única a mencionar a possibilidade de ela voltar nas férias. Ninguém mais o fez. Até então, Eilis sempre havia imaginado que iria morar na cidade a vida inteira, como a mãe tinha feito, que iria conhecer todo mundo ali, ter os mesmos amigos e vizinhos, a mesma rotina nas mesmas ruas. Eilis esperava encontrar um emprego e mais tarde se casar com alguém, deixar o

emprego e ter filhos. Agora, tinha a impressão de ter sido selecionada para uma coisa para a qual não estava nem de longe preparada, e isso, apesar do medo que acarretava, lhe dava a sensação, ou melhor, um conjunto de sensações, que Eilis julgava que só iria experimentar nas vésperas de seu casamento, dias em que, no corre-corre dos preparativos, todos olhariam para ela com um brilho nos olhos, dias em que ela mesma estaria fervendo de tanta excitação, mas ao mesmo tempo tomando cuidado para não pensar de modo excessivamente preciso a respeito de como seriam as semanas seguintes, para não correr o risco de se descontrolar.

Não havia dia que se passasse sem uma novidade. Os formulários que chegaram da embaixada foram preenchidos e devolvidos pelo correio. Eilis viajou de trem até Wexford, para aquilo que lhe pareceu um exame superficial, o médico mostrando-se satisfeito quando ela lhe disse que ninguém na sua família sofria de tuberculose. O padre Flood escreveu, dando mais detalhes sobre onde ela ia ficar quando chegasse e a distância de lá até seu local de trabalho. Sua passagem para Nova York chegou, o navio partiria de Liverpool. Rose lhe deu algum dinheiro para comprar roupas e prometeu lhe comprar sapatos e um jogo completo de roupas de baixo. A casa, pensava Eilis, estava extraordinariamente, quase exageradamente, feliz, e as refeições que elas compartilhavam era repletas de conversas e risos em excesso. Aquilo fazia lembrar as semanas que precederam a partida de Jack para Birmingham, quando elas faziam qualquer coisa a fim de se distrair e evitar a ideia de que o estavam perdendo.

Certo dia, quando uma vizinha foi visitá-las e estava sentada na cozinha tomando chá com elas, Eilis se deu conta de que sua mãe e Rose faziam de tudo para esconder seus sentimentos. A vizinha, mais para não deixar a conversa morrer, disse: “Puxa, vocês vão sentir saudades quando ela for embora, não é?”.

“Ah, eu vou morrer de saudades”, disse a mãe. Seu rosto tinha uma expressão sombria e tensa, que Eilis não via desde os meses seguintes à morte do pai. Então, um momento depois, como a vizinha dera a impressão de ter ficado surpresa com o tom de voz da mãe de Eilis, a expressão da mulher se tornou ainda mais sombria e ela precisou se levantar e sair da cozinha em silêncio. Ficou evidente para a garota que ela ia chorar. Eilis ficou tão surpresa que, em

vez de seguir a mãe até o corredor ou até a sala de jantar, entabulou uma conversa ligeira com a vizinha, na esperança de que a mãe voltasse logo e elas pudessem retomar o que parecia ser uma conversa rotineira.

Mesmo quando acordava à noite e pensava no assunto, Eilis não se permitia concluir que não queria ir. Em vez disso, revisava mentalmente os preparativos, preocupando-se com as duas malas de roupas que teria que carregar sem a ajuda de ninguém, lembrando-se de que precisava verificar se não havia perdido a bolsa que Rose lhe dera, pensando onde iria guardar o passaporte, e também onde guardaria os endereços no Brooklyn onde ia morar e trabalhar, e o endereço do padre Flood, caso ele não aparecesse para recebê-la, como havia prometido fazer. E o dinheiro. E a bolsinha de maquiagem. E um sobretudo para levar dobrado no braço, embora talvez fosse melhor vesti-lo, pensava ela, a menos que estivesse muito calor. E, pelo que diziam, ainda podia estar quente no final de setembro.

Eilis já tinha arrumado e fechado uma mala e, enquanto repassava mentalmente seu conteúdo, esperava não ter de abri-la outra vez. Numa daquelas noites, enquanto estava acordada na cama, se admirou ao pensar que, na próxima vez em que abrisse aquela mala, estaria num quarto diferente, num país diferente, e então lhe veio o pensamento inesperado de que ficaria muito mais feliz se aquela mala fosse aberta por outra pessoa, que ia cuidar das roupas e sapatos e usá-los todos os dias. Eilis preferia ficar em casa, dormir naquele mesmo quarto, morar naquela casa, sem aquelas roupas e aqueles sapatos. Encerrados os preparativos, todo o alvoroço e falatório, seria bem melhor se tudo aquilo fosse para outra pessoa, pensou Eilis, alguém parecido com ela, alguém da mesma idade e do mesmo tamanho, que talvez até tivesse um jeito como o dela, enquanto ela, a pessoa que agora estava pensando aquilo, poderia acordar naquela mesma cama todas as manhãs, andar por aquelas ruas familiares no transcorrer do dia e voltar para a casa, para a cozinha, para sua mãe e para Rose.

Embora Eilis deixasse tais pensamentos correrem o mais velozes que podiam, ela ainda se detinha quando sua mente passava para o medo real, para o terror, ou, pior ainda, para o pensamento de que iria perder aquele mundo para sempre, de que nunca mais teria um dia comum naquele lugar comum, e que

o resto de sua vida seria uma luta contra o desconhecido. Ao descer do quarto para o térreo da casa, quando Rose e a mãe estavam lá, Eilis conversava sobre coisas práticas e continuava a se mostrar alegre.

Certa noite, quando Rose a chamou para ir ao seu quarto escolher algumas joias para levar, ocorreu a Eilis uma ideia nova que a surpreendeu por sua força e clareza. Rose tinha trinta anos e, como era óbvio que sua mãe nunca poderia morar sozinha, não só porque sua pensão era pequena, mas porque se sentiria solitária demais sem nenhum dos filhos, com a partida de Eilis, partida que Rose ajudara a organizar com tamanha precisão, ficava evidente que Rose não poderia se casar. Teria de ficar morando com a mãe, vivendo do jeito que vivia agora, trabalhando no escritório da Davis Mill's, jogando golfe nos fins de semana e nas noites de verão. Ela se deu conta de que, ao ajudar a irmã a partir, Rose estava abrindo mão de qualquer perspectiva real de deixar aquele lugar e ter sua própria casa, sua própria família. Enquanto experimentava alguns colares sentada diante do espelho do toucador, Eilis via que no futuro, à medida que sua mãe fosse envelhecendo e ficando mais frágil, Rose teria de cuidar dela cada vez mais, subir os degraus íngremes da escada levando bandejas com comida, teria de fazer a faxina e cozinhar, quando sua mãe não tivesse mais condições de fazê-lo.

Também ocorreu a Eilis, enquanto experimentava alguns brincos, que Rose também sabia de tudo aquilo, sabia que uma delas sairia de casa, e resolvera deixar que fosse Eilis. Quando se virou e olhou para a irmã, Eilis queria sugerir que elas trocassem de lugar, que Rose, tão apta para a vida, sempre fazendo novas amizades, seria mais feliz nos Estados Unidos, ao passo que Eilis ficaria bem satisfeita de permanecer em casa. Mas Rose tinha um emprego na cidade e Eilis não, portanto era fácil para Rose se sacrificar, pois parecia que já estava fazendo outra coisa. Naqueles momentos, quando Rose lhe oferecia alguns broches para levar, Eilis daria qualquer coisa para poder falar com toda a clareza que não queria ir, que Rose devia ir em seu lugar, que ela ficaria muito feliz de continuar ali, cuidando da mãe, que elas iam dar um jeito de se virar e que talvez ela conseguisse outro emprego.

Eilis se perguntava se a mãe também achava que era a irmã errada que partia, e se compreendia os motivos de Rose. Eilis imaginava que a mãe sabia de tudo.

Elas sabiam tanto, as duas, pensou Eilis, que podiam fazer qualquer coisa, menos dizer em voz alta o que estavam pensando. Quando voltou ao quarto, resolveu que faria tudo o que pudesse para agradar-lhes, fingindo o tempo todo estar tomada de entusiasmo pela grande aventura na qual ela estava pronta para embarcar. Se conseguisse, faria as duas acreditarem que não via a hora de chegar aos Estados Unidos e sair de casa pela primeira vez. Eilis prometeu a si mesma que nem por um momento daria a elas a menor pista de como se sentia na verdade, e esconderia aquilo inclusive de si mesma, se preciso, até a hora em que já estivesse longe das duas.

Havia muita tristeza em casa, pensava Eilis, talvez até mais do que ela percebia. Tentaria, da melhor forma possível, não aumentar ainda mais aquela tristeza. A mãe e Rose não podiam ser enganadas, Eilis tinha certeza, mas naquilo mesmo parecia, para ela, haver uma razão maior ainda para não existirem lágrimas antes de sua partida. Elas não eram necessárias. O que precisava fazer nos dias anteriores à viagem e na manhã do embarque era sorrir, para que elas se lembrassem de seu sorriso.

Rose tirou um dia de folga no trabalho e viajou com ela para Dublin. Foram almoçar juntas no Hotel Gresham antes de pegar o táxi que as levaria até a barca para Liverpool, onde Jack combinara de encontrar Eilis e de passar o dia com ela antes da longa viagem para Nova York. Naquele dia em Dublin, Eilis estava ciente de que ir trabalhar nos Estados Unidos era diferente de apenas pegar a barca para a Inglaterra; os Estados Unidos ficavam muito longe, tinham costumes e um sistema de vida completamente diferentes, mas, associado ao país, havia também um glamour que era quase um prêmio. Mesmo o fato de ir trabalhar numa loja no Brooklyn, com um lugar para morar a poucas ruas de distância, e tudo organizado por um padre, tinha um elemento romântico do qual ela e Rose estavam plenamente conscientes na hora em que fizeram seus pedidos para o almoço no Hotel Gresham, depois de deixarem a bagagem na estação ferroviária. Ir trabalhar numa loja em Birmingham, em Liverpool, em Coventry ou até em Londres era a coisa mais sem graça do mundo, comparado com aquilo.

Rose tinha se vestido esplendidamente para aquele dia e Eilis tentara ficar com o melhor aspecto possível. Apenas dirigindo um sorriso ao carregador do

hotel, Rose conseguiu que ele fosse para a beira da calçada na rua O'Connell em busca de um táxi para elas, e o rapaz ainda fez questão de que as duas ficassem esperando no saguão do hotel. Ninguém que não tivesse uma passagem na mão podia passar de determinado ponto; Rose, no entanto, conseguiu que abrissem uma exceção para ela, com a ajuda do bilheteiro, que chamou um colega para auxiliar as senhoritas a levar a bagagem. Ele disse a Rose que ela podia ficar na barca até meia hora antes da partida, quando iria encontrá-la, acompanhá-la de volta e depois arranjar alguém para tomar conta de sua irmã na travessia até Liverpool. Nem pessoas com passagens de primeira classe conseguiam tal tratamento, comentou Eilis para Rose, que sorriu com ar astuto e concordou.

"Há pessoas gentis", disse. "E se falarmos com elas do jeito certo, podem se mostrar mais gentis ainda."

As duas riram.

"Esse vai ser meu lema nos Estados Unidos", disse Eilis.

De manhã cedo, quando a barca chegou a Liverpool, um carregador irlandês ajudou-a com a bagagem. Quando ela lhe disse que só partiria para os Estados Unidos no final do dia, ele recomendou que levasse as malas imediatamente para um depósito lá embaixo, onde um amigo dele trabalhava, perto do local em que os transatlânticos atracavam; se Eilis desse seu nome para o homem no escritório, ela ficaria livre o resto do dia. Ela se pegou agradecendo ao rapaz num tom de voz que Rose usaria, um tom afetuoso e pessoal, mas também ligeiramente reservado, embora não fosse tímido, um tom usado por mulheres com pleno controle de si mesmas. Era uma coisa que não conseguiria fazer na cidade ou em nenhum lugar onde seus amigos ou familiares pudessem vê-la.

Eilis avistou Jack assim que ele desceu da barca. Não sabia se devia abraçá-lo ou não. Nunca haviam se abraçado. Quando Jack lhe estendeu a mão, ela parou e olhou para ele outra vez. Pareceu embaraçado, até que sorriu. Eilis foi na direção dele como se fosse abraçá-lo.

"Por ora já chega", disse ele, enquanto a empurrava delicadamente para o lado. "As pessoas vão pensar..."

"O quê?"

"É ótimo ver você", disse ele. Estava ficando vermelho. "Como é bom ver

você."

Tomou as malas de Eilis da mão do ajudante do navio, chamando-o de "meu chapa" e agradecendo. Por um segundo, quando o irmão se virou, Eilis tentou abraçá-lo de novo, mas ele a deteve.

"Agora, chega disso", disse ele. "Rose me mandou uma lista de instruções e entre elas há uma que diz: nada de beijos nem de abraços." Ele riu.

Caminharam juntos ao longo do cais movimentado, enquanto navios eram carregados e descarregados. Jack já verificara que o transatlântico no qual Eilis ia viajar tinha atracado e, depois de deixar as malas no depósito conforme combinado, foram examinar o navio. Estava ali sozinho, enorme e muito mais imponente, mais branco e mais limpo do que os navios cargueiros à sua volta.

"Isso vai levar você para os Estados Unidos", disse Jack. "É como a história do tempo e da paciência."

"O que tem a ver o tempo e a paciência?"

"Tempo e paciência levam uma lesma à América. Nunca ouviu essa expressão?"

"Ah, não seja bobo", disse ela, e lhe deu uma cotovelada de leve e sorriu.

"Papai vivia falando isso", lembrou Jack

"Não quando eu estava por perto", retrucou Eilis.

"Tempo e paciência levam uma lesma à América", repetiu Jack.

O dia estava bonito. Eles caminharam em silêncio do cais até o centro da cidade, mas o que Eilis gostaria era de estar em seu quarto ou mesmo no navio, enquanto ele se deslocava através do Atlântico. Como ela só iria embarcar às cinco da tarde, no mínimo, Eilis se perguntava como os dois passariam o dia. Assim que acharam um café, Jack perguntou se ela estava com fome.

"Um pãozinho doce", disse ela, "talvez uma xícara de chá."

"Aproveite sua última xícara de chá", sugeriu ele.

"Eles não tomam chá nos Estados Unidos?", perguntou Eilis.

"Está brincando? Eles comem a própria cria nos Estados Unidos. E falam de boca cheia."

Eilis notou que, quando um garçom se aproximou deles, Jack pediu uma mesa quase como quem pede desculpas. Sentaram-se junto à janela.

"Rose disse que você devia fazer um bom jantar mais tarde, para o caso de a

comida do navio não ser do seu agrado", disse o irmão.

Depois de fazerem os pedidos, Eilis olhou para o café à sua volta.

"Como é que eles são?", perguntou.

"Quem?"

"Os ingleses."

"São legais, são corretos", disse Jack. "Se a gente fizer nosso trabalho, eles gostam. Só se importam com isso, a maioria. Gritam com a gente um pouco na rua, mas só no sábado à noite. A gente nem dá bola."

"O que eles gritam?"

"Nada digno dos ouvidos de uma jovem bonita que vai para os Estados Unidos."

"Me conte!"

"De jeito nenhum."

"Palavrões?"

"Sim, mas aprendemos a não dar bola. E temos nossos próprios bares, então qualquer coisa que possa acontecer, é só no caminho de casa. A regra é não responder, fingir que não está acontecendo nada."

"E no trabalho?"

"Não, no trabalho é diferente. É um armazém de peças sobressalentes. Carros velhos e máquinas quebradas são trazidas de todo o país. Nós desmontamos tudo e vendemos os pedaços, até os parafusos e restos de metal."

"O que você faz exatamente? Pode me contar tudo." Olhou para ele e sorriu.

"Sou encarregado de fazer o inventário. Depois que um carro é desmontado, faço uma lista de todos os pedaços, um por um, e no caso de máquinas velhas há partes que podem ser muito raras. Sei onde elas são guardadas e se são vendidas. Criei um sistema que permite que tudo seja localizado com facilidade. Só há um problema."

"Qual?"

"A maioria das pessoas que trabalha na empresa se sente livre para levar embora qualquer parte ou peça que um amigo esteja precisando."

"E o que você faz a respeito disso?"

"Convenci o chefe de que a gente deve deixar que todo mundo que trabalha lá leve para casa qualquer coisa que quiser pela metade do preço, e isso significa

que temos tudo um pouco mais sob controle, mas mesmo assim continuam levando peças. Estou encarregado do inventário porque fui recomendado por um amigo do chefe. Não roubo peça nenhuma. Não que eu seja honesto nem nada. Acontece que sei que logo iam me apanhar e não quero me arriscar."

Enquanto falava, parecia inocente e sério, pensava Eilis, mas também nervoso, como se estivesse exposto e preocupado com o que ela poderia pensar dele e da vida que estava levando. Eilis não conseguia pensar em nada que tornasse o irmão mais normal, mais parecido consigo mesmo. Tudo que conseguia pensar era em mais perguntas para fazer.

"Você sempre se encontra com Pat e Martin?"

"Você está parecendo uma professora dando prova oral."

"Suas cartas são ótimas, mas nunca nos contam nada do que queremos saber."

"Não tem muita coisa para contar. Martin vive pra lá e pra cá, mas agora talvez se estabilize no emprego que arrumou. Nós nos encontramos no sábado à noite. No pub e depois no baile. A gente fica bonito e limpo no sábado à noite. É uma pena que você não vá a Birmingham, eles iam fazer a maior festa para você no sábado à noite."

"Do jeito que você fala, parece horrível."

"A coisa ia pegar fogo. Você ia gostar. Tem mais homens do que mulheres."

Deram uma volta pelo centro da cidade, foram relaxando aos poucos e até começaram a rir algumas vezes, enquanto falavam. De vez em quando, Eilis se admirava de os dois estarem conversando como adultos responsáveis — ele lhe contava histórias de seu trabalho e de seus fins de semana — e de repente voltarem a ser crianças ou adolescentes, caçoando um do outro, contando piadas. Para Eilis, parecia estranho que Rose ou a mãe não pudessem surgir a qualquer momento e dizer para eles ficarem quietos, e no mesmo instante ela se dava conta de que estavam numa cidade grande, não precisavam prestar contas a ninguém e não tinham nada para fazer até as cinco horas, quando ela pegaria suas malas e apresentaria sua passagem no portão de embarque.

"Você pensa em ir morar lá em casa algum dia?", ela perguntou ao irmão, enquanto continuavam a caminhar sem rumo pelo centro da cidade e antes de fazerem uma refeição num restaurante.

"Ah, lá não tem nada para mim", disse ele. "Nos primeiros meses aqui, eu não conseguia me achar e fiquei louco para voltar para casa. Teria feito qualquer coisa para voltar. Mas agora me acostumei, gosto do meu salário e da minha independência. Gosto do jeito como meu chefe trabalha, e até do chefe do lugar onde eu trabalhava antes, ele nunca me fazia nenhuma pergunta; os dois me aceitaram apenas pelo modo como eu trabalho. Nunca me enchem o saco e, se dou alguma sugestão para eles, sugiro um jeito melhor de fazer as coisas, eles prestam atenção."

"E como são as garotas inglesas?", perguntou Eilis.

"Há uma muito legal", respondeu Jack. "Quanto ao resto das garotas, não posso dizer nada." Começou a ficar vermelho.

"Qual é nome dela?"

"Não vou contar mais nada para você."

"Eu não vou contar para a mamãe."

"Já ouvi isso antes. Por hoje já contei até demais a você."

"Espero que não leve essa garota para um desses pulgueiros onde vocês passam as noites de sábado."

"Ela é uma boa dançarina. Nem liga. E o lugar não tem nada de pulgueiro."

"Pat e Martin também têm namoradas?"

"Martin vive levando um fora depois do outro."

"E a namorada do Pat, também é inglesa?"

"Você está só querendo cavar informações comigo. Não é à toa que elas me pediram para encontrar você."

"Ela também é inglesa?"

"Ela é de Mullingar."

"Se você não me disser o nome da sua namorada, vou contar para todo mundo."

"Contar o quê?"

"Que você leva sua namorada para um pulgueiro todo sábado à noite."

"Não vou contar mais nada. Você é pior do que Rose."

"Na certa ela tem um desses nomes ingleses chiques. Puxa, imagine a cara da mamãe quando souber. O filho predileto dela."

"Não diga uma palavra a ela."

Era difícil carregar as malas pelas escadinhas estreitas do navio, e Eilis tinha de andar de lado no corredor, enquanto seguia as indicações das placas para achar sua cabine. Sabia que o navio estava lotado para aquela viagem e que teria de dividir a cabine com alguém.

O espaço era mínimo, com um beliche, nenhuma janela, nem sequer uma abertura para ventilação, e uma porta que dava para um banheiro minúsculo, que também, como tinha sido informada, seria usado pelos passageiros da cabine vizinha, do outro lado. Um cartaz pedia que os passageiros mantivessem a outra porta destrancada quando o banheiro não estivesse sendo usado, para permitir assim o acesso dos passageiros da cabine contígua.

Eilis colocou uma de suas malas na prateleira e outra junto à parede. Pensou se deveria trocar de roupa ou o que devia fazer até a refeição da noite, que seria servida aos passageiros da terceira classe assim que o navio zarpasse. Rose tinha separado dois livros para ela, mas Eilis logo viu que a luz era fraca demais para ler. Deitou de costas na cama e colocou as mãos atrás da cabeça, feliz porque a primeira parte da viagem tinha terminado e ainda havia uma semana pela frente, sem nada para fazer, até chegar ao seu destino. Quem dera o resto fosse fácil assim!

Uma coisa que Jack tinha falado ficou gravada em sua cabeça, porque não era normal ele se mostrar tão veemente. Ele ter dito que no início teria feito qualquer coisa para voltar para casa era estranho. Nas cartas, Jack nunca havia mencionado nada. Ficou surpresa de ele não ter contado a ninguém como se sentia, nem aos irmãos, e imaginou como devia ter sido solitária aquela época. Talvez, pensou, os três irmãos tivessem passado pelas mesmas coisas e tivessem se ajudado mutuamente quando perceberam a saudade de casa que surgia no outro. Se acontecesse com ela, Eilis se deu conta, estaria sozinha, portanto torcia para que estivesse pronta para enfrentar o que quer que acontecesse, o que quer que ela fosse sentir quando chegasse ao Brooklyn.

De repente, a porta se abriu e uma mulher entrou, puxando um grande baú atrás de si. Ignorou Eilis, que se levantou na mesma hora e perguntou se ela precisava de ajuda. A mulher arrastou o baú para o minúsculo beliche e tentou fechar a porta atrás de si, mas não havia espaço.

"Que inferno", disse com sotaque inglês, enquanto tentava colocar o baú de

pé, apoiado sobre sua lateral. Depois que conseguiu ajeitar o baú, ficou parada no espaço entre os beliches e a parede ao lado de Eilis. Mal havia lugar para as duas. Eilis viu que o baú virado estava quase bloqueando a porta.

"O seu beliche é o de cima. Número um significa o beliche de baixo e esse é o número da minha passagem", disse a mulher. "Portanto, saia daí. Meu nome é Georgina."

Eilis nem conferiu o número de sua passagem; em vez disso se apresentou.

"Esta é a menor cabine do navio", disse Georgina, "não dá nem para respirar direito. Se uma de nós espirrar, a outra vai parar no mar."

Eilis precisou se esforçar para não rir e gostaria que Rose estivesse por perto para poder contar que estava quase perguntando a Georgina se ela pretendia fazer a viagem inteira até Nova York ou ia desembarcar em alguma parada da viagem.

"Eu precisava de um cigarrinho, mas não vão deixar a gente fumar aqui embaixo", disse Georgina.

Eilis começou a galgar a escadinha para o beliche de cima.

"Nunca mais", disse Georgina. "Nunca mais."

Eilis não conseguiu resistir. "Nunca mais trazer um baú tão grande ou nunca mais ir para os Estados Unidos?"

"Nunca mais viajar de terceira classe. Nunca mais o baú. Nunca mais ir para Liverpool. Nunca mais tudo. Isso responde sua pergunta?"

"Mas você gosta do beliche de baixo?", perguntou Eilis.

"Sim, gosto. Agora, escute, você é irlandesa, então vamos lá em cima fumar um cigarro."

"Desculpe. Eu não fumo."

"Sorte minha. Não tem maus hábitos."

Georgina saiu da cabine lentamente, desviando-se do baú.

Mais tarde, quando o motor do navio, que parecia ficar muito perto da cabine, começou a funcionar com mais força e um apito longo e penetrante começou a soar a intervalos regulares, Georgina voltou à cabine para pegar seu casaco e, depois de escovar o cabelo no banheiro, chamou Eilis para subir ao convés com ela e ver as luzes de Liverpool enquanto o navio partia.

"Talvez a gente encontre alguém de que goste", disse ela, "e que nos convide

para ficar no salão da primeira classe."

Eilis encontrou seu casaco e seu cachecol e foi com ela, passando com dificuldade pela barreira do baú. Ela não conseguia entender como Georgina tinha conseguido descer a escada com aquilo. Só quando estava parada no convés sob a luz bruxuleante do crepúsculo, conseguiu dar uma boa olhada na mulher com quem ia dividir a cabine. Georgina, pensou ela, tinha entre trinta e quarenta anos, embora pudesse ser até mais velha. O cabelo era louro e claro e o penteado era igual ao de uma estrela do cinema. Movia-se com confiança e, quando acendia um cigarro e tragava, a maneira como franzia os lábios, estreitava os olhos e soltava a fumaça pelo nariz lhe dava um ar imensamente glamoroso e altivo.

"Olhe só para eles", disse Georgina, apontando um grupo de pessoas paradas do outro lado de uma barreira que também estavam contemplando a cidade enquanto ela ia diminuindo. "São os passageiros da primeira classe. Têm a melhor vista. Mas conheço um jeito de chegar até lá. Venha comigo."

"Estou bem aqui", disse Eilis. "Afinal, daqui a um minuto não vai ter mais nada para ver."

Georgina virou-se, olhou para ela e deu de ombros. "Como preferir. Mas, pelo jeito e pelo que ouvi dizer, vai ser uma noite daquelas, uma das piores. O camareiro que carregou meu baú para baixo disse que vai ser uma noite daquelas."

Escureceu depressa e ventava no convés. Eilis achou a sala de jantar da terceira classe a sentou-se sozinha, enquanto um único garçom arrumava as mesas em volta. Quando notou Eilis, levou primeiro, sem sequer lhe mostrar o cardápio, uma tigela de sopa de rabo de boi, seguida pelo que ela supôs ser carne de carneiro cozida no molho com batatas e ervilhas. Enquanto comia, olhou em volta, mas não viu sinal de Georgina e ficou surpresa com o número de mesas vazias. Achou que talvez a maioria das cabines fosse de primeira e segunda classes e que a terceira classe quem sabe fosse formada apenas por aquele pequeno número de pessoas que via agora na sala de jantar ou que tinha visto antes no convés. Achou aquilo improvável e se perguntou onde estaria o restante dos passageiros e como eles iriam comer.

Na hora em que o garçom lhe serviu a geleia e o creme, não havia mais

ninguém na sala de jantar. Como aquele era o único restaurante da terceira classe, achou que Georgina devia ter se infiltrado na primeira ou na segunda classe, mas imaginou que aquilo não fosse nada fácil de fazer. Em todo caso, como não havia nenhuma sala de estar e nenhum bar da terceira classe, ela não tinha nada para fazer senão voltar à sua cabine e se preparar para dormir. Estava cansada e agora queria muito conseguir dormir.

Na cabine, quando foi escovar os dentes e lavar o rosto antes de ir para a cama, descobriu que os passageiros da cabine ao lado tinham trancado a porta do banheiro; achou que deviam estar usando e ficou ali esperando que terminassem e destrancassem a porta. Ficou escutando, mas não ouviu nenhum barulho, exceto o do motor do navio, que ela achou ser alto o bastante para abafar qualquer barulho dentro do banheiro. Depois de algum tempo, foi até o corredor e ficou esperando junto à porta da cabine contígua, sem, porém, ouvir nada. Imaginou que os passageiros lá dentro tivessem ido dormir e ficou esperando no corredor, torcendo para Georgina aparecer. Achava que ela saberia o que fazer, como Rose, sua mãe ou até a srta. Kelly, cujo rosto lhe veio à mente por um instante. Mas Eilis não tinha a menor ideia do que fazer.

Passado algum tempo, bateu de leve na porta e, como não recebeu nenhuma resposta, bateu com mais força, com os nós dos dedos, para o caso de não a terem ouvido. Mesmo assim, não houve resposta. Como o navio estava lotado e como não havia ninguém na sala de jantar, que àquela altura certamente já devia estar fechada, supôs que todos os passageiros deviam estar em suas cabines; alguns podiam até estar dormindo. Em sua agitação e ansiedade, de repente se deu conta de que não só precisava escovar os dentes e lavar o rosto como também esvaziar a bexiga e o intestino, e tinha de fazer isso bem depressa, com certa urgência. Entrou em sua cabine e tentou abrir a porta do banheiro, mas ainda estava trancada.

Voltou ao corredor e seguiu em direção à sala de jantar, com uma necessidade cada vez mais premente, mas não conseguiu achar nenhum banheiro. Subiu dois andares de escada rumo ao convés, porém descobriu que a porta tinha sido trancada. Caminhou por alguns corredores, verificando a extremidade de cada um deles, em busca de um banheiro ou de uma privada, mas não havia nada, exceto o barulho dos motores e o início do movimento,

enquanto o navio arrancava para a frente, o que a obrigou a segurar-se nos corrimãos com cuidado a fim de se equilibrar, enquanto descia a escada de volta.

Agora estava desesperada e achava que não ia conseguir aguentar muito mais, se não encontrasse um banheiro. Antes, havia notado no final do seu corredor um pequeno nicho onde ficavam guardados um balde, escovões e vassouras. Eilis deduziu que, como não tinha visto ninguém, se tivesse sorte, não seria vista agora, se entrasse no nicho do lado direito do corredor. Ficou contente quando viu que havia um pouco de água no fundo do balde. Agiu depressa, tentou se aliviar o mais rápido que pôde, mantendo-se dentro do nicho de um modo que, se alguém viesse caminhando pelo corredor, não iria notá-la ali, a menos que passasse pelo nicho. Quando terminou, enxugou-se com o escovão e depois voltou à cabine na ponta dos pés, torcendo para que Georgina aparecesse e soubesse como acordar os vizinhos e fazê-los destrancar a porta do banheiro. Ficou chocada ao se dar conta de que não seria capaz de reclamar com as autoridades do navio, porque poderiam associar Eilis com o que iriam descobrir, com toda a certeza, dentro do balde na manhã seguinte.

Foi para sua cabine, vestiu sua camisola e apagou a luz antes de ir para o beliche de cima. Adormeceu logo. Não soube por quanto tempo dormiu, mas quando acordou se viu banhada de suor. Logo ficou claro qual era o problema. Ela ia vomitar. No escuro, quase tropeçou no baú e não conseguiu deixar de vomitar alguns bocados da refeição noturna, enquanto tentava manter o equilíbrio e procurava o interruptor de luz da cabine.

Quando o encontrou, passou por cima do baú de Georgina em direção ao corredor e, assim que chegou lá, começou a vomitar copiosamente. Ajoelhou-se; era o único jeito de se aguentar, pois o navio jogava muito. Entendeu que devia tentar vomitar tudo o mais depressa possível antes de ser descoberta por um passageiro ou pelas autoridades do navio, mas toda vez que ficava de pé, achando que tinha terminado, o enjoo voltava. Quando voltava à cabine, ansiosa para se cobrir com as mantas do beliche de cima, torcendo para que ninguém notasse que tinha sido ela quem havia feito aquela sujeira no corredor, a ânsia de vômito se tornou ainda mais forte e a obrigou a ficar de quatro e a vomitar um líquido grosso, de sabor medonho, que a fez sacudir-se

de nojo quando ergueu a cabeça.

Os movimentos do navio ganharam um ritmo brusco e substituíram a sensação de uma arrancada para a frente e de um empurrão para trás que ela havia experimentado na primeira vez em que acordou. O navio parecia estar avançando com enorme dificuldade, quase aos trancos, contra algo duro e resistente, que tentava barrar sua progressão. Um barulho, como se a sólida embarcação estivesse se partindo, parecia às vezes mais alto do que o som dos motores. Porém, de volta à cabine, quando se encostou na porta do banheiro, ouviu outro barulho, leve; ao aproximar a orelha da porta, ouviu o som inequívoco de alguém vomitando. Escutou: um som forte. Bateu com força na porta, irritada quando entendeu por que ela permanecera trancada. As pessoas do outro lado deviam ter imaginado que a noite ia ser muito ruim e que teriam de usar o banheiro o tempo todo. Do outro lado, o barulho de vômito vinha a intervalos e não havia sinal de que a porta que dava para a sua cabine ia ser aberta.

Eilis sentiu-se forte o bastante para dar uma olhada no lugar onde havia vomitado na cabine. Depois de calçar os sapatos e vestir o casaco por cima da camisola, saiu para o corredor e foi até o nicho no lado esquerdo, onde achou um escovão, uma vassoura e um balde. Tomava cuidado onde pisava, e também para não perder o equilíbrio. Agora se perguntava se muitos passageiros da terceira classe já sabiam como ia ser aquela noite e por isso haviam se mantido longe da sala de jantar, do convés e dos corredores, e tinham resolvido se trancar em suas cabines, onde iriam ficar até que o pior tivesse passado. Eilis não estava interessada em saber se aquilo acontecia sempre que um navio zarpava de Liverpool com destino a Nova York, porém, lembrando-se de que Georgina tinha dito que ia ser uma noite daquelas, supôs que se tratava de algo pior que de costume. Imaginou que agora o navio devia estar perto do litoral, em algum ponto do sul da Irlanda, mas não tinha certeza.

Levou o escovão e a vassoura até a cabine, torcendo para que o cheiro saísse, se ela derramasse um pouco do perfume que Rose tinha lhe dado em partes do piso e nas mantas onde havia vomitado. Mas o escovão pareceu apenas piorar a situação e a vassoura não servia para nada. Resolveu levá-los de volta ao lugar onde os havia encontrado. De repente, no momento em que os deixava no

nicho, sentiu-se enjoada de novo, não conseguiu se conter e vomitou outra vez no corredor. Já não havia quase nada para vomitar, só uma bile amarga, que deixou um gosto ruim em sua boca e a fez chorar, enquanto esmurrava e chutava a porta da cabine vizinha à sua. Mas ninguém abriu a porta. O navio se sacudia e pareceu dar uma arrancada para a frente, para depois se sacudir de novo.

Eilis não fazia ideia da profundidade em que se encontrava, só sabia que sua cabine ficava bem fundo, nas entranhas do navio. Enquanto seu estômago começava a ser sacudido por ânsias de vômito secas, ela se deu conta de que jamais conseguiria descrever a ninguém o quanto havia se sentido enjoada. Em pensamento, viu a mãe de pé na porta, despedindo-se com acenos de mão, enquanto o carro levava Rose e ela para a estação ferroviária, a fisionomia tensa e preocupada do rosto da mãe conseguindo arrancar um sorriso no final, quando o carro fez a curva e desceu o morro Friary. O que estava acontecendo agora, pelo menos ela esperava, era algo que sua mãe nunca havia sequer imaginado. Se de algum modo tivesse sido mais fácil, apenas um balanço para trás e para a frente, ela poderia ter se convencido de que era um sonho, ou de que não ia durar muito. Só que todos os momentos eram absolutamente reais, perfeitamente sólidos e integrados à sua vida em vigília, assim como o gosto medonho na boca, a trituração dos motores e o calor que parecia crescer à medida que a noite avançava. E junto com tudo isso, a sensação de que ela devia ter feito alguma coisa errada, de que de algum modo era culpa sua Georgina ter ido para não se sabia onde, seus vizinhos terem trancado a porta do banheiro, ela ter vomitado na cabine toda e não ter conseguido limpar a sujeira.

Agora Eilis respirava pelo nariz, se concentrando, fazendo o maior esforço para impedir que seu estômago revirasse de novo, empregando toda a força de vontade que lhe restava para galgar a escadinha até o beliche de cima e ficar ali deitada, no escuro, imaginando que o navio seguia em frente, muito embora o barulho trepidante se tornasse mais feroz e o navio parecesse chocar-se contra as ondas com mais força do que antes. Por um tempo, Eilis imaginou que ela mesma era o mar lá fora, empurrando com força para resistir ao peso e à força do navio. Ela caiu num sono leve e sem sonhos.

Foi acordada por uma mão suave na testa. Sabia exatamente onde estava quando abriu os olhos.

"Ah, pobre criança", disse Georgina.

"Eles não quiseram abrir a porta do banheiro", disse Eilis. Fez a voz soar o mais débil que pôde.

"Que sacanas!", disse Georgina. "Fazem isso todas as vezes, alguns passageiros. Quem entra primeiro no banheiro tranca a porta. Olhe só o que eu vou fazer com eles."

Eilis sentou-se na cama e, lentamente, desceu pela escadinha. O cheiro de vômito era horroroso. Georgina tinha pego uma lima de unha na bolsa e já estava trabalhando na fechadura da porta do banheiro. Abriu-a sem grande dificuldade. Eilis seguiu-a para dentro do banheiro, onde os passageiros da cabine vizinha tinham deixado seus apetrechos de higiene.

"Agora vamos ter de trancar a porta deles, porque esta noite vai ser pior ainda", disse Georgina.

Eilis viu que a tranca era uma simples barrinha de metal que podia ser levantada facilmente com uma lima de unha.

"Só há uma solução", disse Georgina. "Se eu puser meu baú aqui dentro, eles não vão poder abrir a porta. Nós vamos ter que sentar de lado na privada, mas eles não terão a menor chance de entrar aqui. Pobre criança."

Olhou para Eilis de novo com compaixão. Estava com maquiagem no rosto e parecia não ter sido afetada pelos estragos da noite.

"O que você jantou?", perguntou Georgina, enquanto empurrava o baú para dentro do banheiro.

"Acho que era carne de carneiro."

"Com ervilha, um monte de ervilha. E como você se sentiu?"

"Nunca me senti tão mal na vida. Fiz a maior sujeira no corredor, não foi?"

"Foi, mas o navio inteiro está uma imundície. Vão começar a limpeza lá em cima e ainda vão demorar horas para chegarem aqui embaixo. Por que você comeu tanto no jantar?"

"Eu não sabia."

"Não ouviu as pessoas falando na hora em que a gente embarcou? É a pior tempestade em muitos anos. É sempre ruim, sobretudo aqui embaixo, mas esta

foi terrível. Beba água, só isso, mais nada, nada de sólidos. Vai fazer maravilhas para a sua silhueta."

"Me desculpe pelo mau cheiro."

"Eles vêm fazer a limpeza. Quando ouvirmos que estão vindo, tiramos o baú do banheiro e, quando forem embora, pomos lá dentro de novo. Fui pega na primeira classe e me avisaram que eu tinha de ficar aqui embaixo até atracarmos, senão seria presa do outro lado. Portanto receio que agora você vai ter companhia para a viagem. E, querida, quando eu vomitar, você vai ver o que é vomitar. Aliás, é só isso o que vai acontecer durante o próximo dia, ou pouco mais que isso, vomitar e vomitar. Mas depois eu já soube que vamos entrar em águas calmas."

"Me sinto horrível", disse Eilis.

"O nome disso é enjoo, menina, e deixa a gente verde."

"Estou com um aspecto péssimo, não é?"

"Ah, sim, como todo mundo neste navio."

Enquanto ela falava, veio uma batida forte na porta que dava para a outra cabine. Georgina entrou no banheiro.

"Cai fora!", gritou. "Está ouvindo? Ótimo. Então, cai fora!"

Eilis ficou ao seu lado, de camisola e com os pés descalços. Ela ria.

"Agora eu é que preciso ir ao banheiro", disse ela. "Espero que não se importe."

Mais tarde, vieram com baldes de água cheios de desinfetante, lavaram o chão dos corredores e das cabines. Levaram os lençóis e os cobertores que estavam sujos e trouxeram outros novos, e também toalhas. Georgina, que tinha ficado atenta à chegada deles, empurrou o baú de volta ao seu lugar, dentro da cabine. Quando os vizinhos, duas idosas americanas que Eilis via agora pela primeira vez, reclamaram com os faxineiros que o banheiro tinha ficado trancado, eles deram de ombros e continuaram seu trabalho. Assim que os faxineiros foram embora, Georgina e Eilis acomodaram o baú de novo no banheiro, antes que as vizinhas tivessem tempo de bloquear a porta do outro lado. Quando elas esmurraram a porta do banheiro e também a porta da cabine, Eilis e Georgina riram.

"Elas perderam sua oportunidade. Isso vai lhes dar uma boa lição!", disse

Georgina.

Foi à sala de jantar e voltou de lá com duas jarras de água.

"Só tem um garçom", disse ela, por isso a gente pode pegar o que quiser. Esta é a sua ração para esta noite. Não coma nada e beba muito, esse é o segredo. Não vai impedi-la de sentir enjoo, mas em compensação você não vai se sentir tão mal."

"A impressão é de que o navio está sendo empurrado para trás o tempo todo", disse Eilis.

"A gente sempre tem essa sensação aqui embaixo", respondeu Georgina. "Mas fique quieta, prenda a respiração e vomite até as entranhas, quando sentir vontade de vomitar, e desse jeito amanhã você será uma nova mulher."

"Você fala como se tivesse viajado milhares de vezes neste navio."

"E viajei mesmo", disse Georgina. "Vou para minha terra uma vez por ano para ver minha mãe. É uma semana de muito sofrimento. Quando começo a me recuperar, já está na hora de voltar. Mas adoro ver todos eles. Não estamos ficando mais jovens, nenhuma de nós, então é muito gostoso passar uma semana juntas."

Depois de mais uma noite de ânsias de vômitos constantes, Eilis ficou exausta; o navio parecia dar marteladas na água. Mas de repente o mar ficou calmo. Georgina, que andava o tempo todo de um lado para o outro no corredor, encontrou as duas senhoras idosas da cabine vizinha e fez um acordo com elas, segundo o qual nenhuma das partes impediria a outra de ter acesso ao banheiro e todas tentariam compartilhá-lo em harmonia, agora que as tempestades haviam cessado. Ela retirou o baú do banheiro e, quando Eilis admitiu estar com fome, avisou para não comer absolutamente nada, por mais faminta que estivesse, mas que em compensação devia beber muita água e tentar não pegar no sono durante o dia, apesar da avassaladora tentação de dormir. Se conseguisse dormir uma noite inteira, disse Georgine, Eilis iria sentir-se muito melhor.

Eilis não conseguia acreditar que ainda teria de passar quatro noites naquele espaço apertado cheirando a ranço e com luz fraca. Só quando entrava no banheiro para se lavar é que tinha alguns momentos de alívio da náusea instável que se misturava com uma fome terrível que não lhe dava sossego, e também da

claustrofobia, que parecia aumentar toda vez que Georgina saía e a deixava sozinha na cabine.

Como na casa da mãe só havia uma banheira, Eilis nunca tinha tomado banho de chuveiro e levou algum tempo para aprender como deixar a água na temperatura certa, sem fechá-la completamente. Enquanto se ensaboava e passava xampu no cabelo molhado, se perguntava se aquilo não seria água do mar aquecida, e, se não era, como o navio conseguia transportar tanta água doce. Em tanques, na certa, pensou ela, ou vai ver era água de chuva armazenada. Fosse o que fosse, ficar embaixo do chuveiro fez com que ela sentisse pela primeira vez, desde que o navio havia zarpado de Liverpool, um enorme bem-estar.

Na noite anterior à chegada prevista do navio, Eilis foi à sala de jantar com Georgina, que lhe disse que ela parecia um trapo e que, se não se cuidasse, poderia ser detida na ilha Ellis e deixada de quarentena ou, no mínimo, submetida a um exame médico minucioso. De volta à cabine, Eilis mostrou a Georgina seu passaporte e seus documentos, a fim de provar que não teria problemas para entrar nos Estados Unidos. Contou que ia encontrar o padre Flood. Georgina ficou surpresa por Eilis ter obtido um visto de trabalho permanente, e não temporário. Não achava que fosse fácil conseguir um documento como aquele, mesmo com a ajuda de um padre. Fez Eilis abrir a mala e mostrar que roupas havia trazido, para que Georgina pudesse escolher as mais adequadas para ela vestir no desembarque e cuidar para que nada que usasse estivesse muito amarrotado.

"Nada de coisa chique", disse. "Não queremos que você fique com jeito de dondoca."

Escolheu um vestido branco, com motivos florais, que Rose tinha dado a Eilis, um cardigã sem desenhos e um cachecol de cor neutra. Examinou os três pares de sapato que Eilis havia trazido e escolheu o mais simples, frisando que precisava estar bem engraxado.

"E leve o casaco dobrado no braço, faça cara de quem sabe para onde está indo, e trate de não lavar seu cabelo outra vez, a água do navio o deixou todo em pé, como uma bola de palha de aço. Você vai ter de passar horas escovando o cabelo para conseguir dar alguma forma a ele."

De manhã, enquanto tomava providências para que levassem seu baú ao convés, Georgina começou a se maquiar, pediu que Eilis penteasse seu cabelo mais liso ainda, agora que a escovação havia terminado, para que pudesse amarrá-lo atrás, num coque.

"Não faça uma cara inocente demais", disse. "Depois que eu passar um delineador nos seus olhos e puser um pouco de ruge e rímel, eles vão ficar até com medo de barrar você. Sua mala também está toda errada, mas quanto a isso não podemos fazer mais nada."

"Qual é o problema com a mala?"

"É irlandesa demais e eles vivem parando os irlandeses."

"É mesmo?"

"Tente não ficar com uma cara tão assustada."

"Estou com fome."

"Estamos todos com fome. Mas, querida, você não precisa ter cara de quem está com fome. Finja que está satisfeita."

"Além do mais, quase nunca uso maquiagem."

"Bem, você está prestes a entrar no território dos livres e dos bravos. E não sei como você conseguiu o carimbo no seu passaporte. O padre deve conhecer alguém. O único motivo que eles podem ter para deter você é acharem que está com tuberculose, portanto não tussa de jeito nenhum, ou então se acharem que você tem uma doença engraçada nos olhos, não consigo lembrar o nome. Portanto fique de olhos bem abertos. Às vezes, eles não detêm a gente para nada, só para examinar os documentos."

Georgina fez Eilis sentar-se no beliche de baixo, virou seu rosto para a luz e fechou seus olhos. Durante vinte minutos, trabalhou lentamente, aplicou uma fina camada de maquiagem e depois um pouco de ruge, rímel e delineador. Penteou seu cabelo para trás. Quando terminou, mandou Eilis entrar no banheiro com o batom, passar bem de leve e tomar cuidado para não borrar a cara toda. Quando Eilis se olhou no espelho, ficou surpresa. Parecia mais velha e, achou, quase bonita. Pensou que adoraria aprender a se maquiar direito, como Rose e Georgina sabiam fazer. Se pudesse ter aquela aparência, imaginou, seria muito mais fácil enfrentar pessoas que não conhecia, pessoas que talvez ela nunca mais veria de novo. Por um lado ficaria menos nervosa,

pensou, mas por outro talvez nem tanto, pois sabia que as pessoas iam ficar olhando para ela e podiam ter uma impressão errada a seu respeito, se andasse vestida daquele modo todos os dias no Brooklyn.

# PARTE DOIS

Eilis acordou no meio da noite, empurrou o cobertor para o chão e tentou dormir outra vez só com um lençol por cima do corpo, mas mesmo assim fazia calor demais. Estava coberta de suor. Pelo que diziam, aquela era a última semana da temporada de calor; em pouco tempo, a temperatura iria cair e ela precisaria de cobertores, mas por enquanto o tempo continuaria abafado e úmido, e todo mundo andaria devagar pela rua com ar de cansaço.

O quarto dela ficava nos fundos da casa, e o banheiro, do outro lado do corredor. As tábuas do piso rangiam, a porta, ela achava, era feita de material frágil, os canos faziam barulho e ela ouvia as outras pensionistas irem ao banheiro no meio da noite ou quando voltavam para casa bem tarde nos fins de semana. Eilis não se importava de ser acordada, contanto que ainda estivesse escuro lá fora e ela pudesse se encolher na cama, sabendo que teria tempo para um cochilo. Conseguia manter longe da cabeça todos os pensamentos a respeito do dia que tinha pela frente. Mas, se acordasse quando já estava claro, sabia que só teria uma ou duas horas no máximo antes de o despertador tocar e o dia começar.

A sra. Kehoe, dona da casa, era da cidade de Wexford e adorava conversar com ela sobre sua terra natal, as viagens de domingo até Curracloe e Rosslare Strand, partidas de *hurling*, as lojas ao longo da rua Principal, em Wexford, ou sobre personagens de que ela se lembrava. No início, Eilis imaginou que a sra. Kehoe fosse viúva. Perguntou sobre ela e de onde tinha vindo, obtendo em resposta um sorriso, enquanto a sra. Kehoe informava que tinha vindo de Kilmore Quay, e não disse mais nada. Tempos depois, quando Eilis mencionou aquilo para o padre Flood, ele disse que era melhor não falar a respeito do sr. Kehoe, que tinha ido para o oeste, levando todo o dinheiro do casal e deixando a esposa com dívidas, a casa na rua Clinton e nenhuma fonte de renda. Era por isso, disse o padre Flood, que a sra. Kehoe estava alugando os quartos da casa e

tinha mais quatro jovens pensionistas, além de Eilis.

A sra. Kehoe tinha sua própria sala de estar, seu quarto e seu banheiro, no térreo. Tinha seu próprio telefone, mas, como deixou bem claro para Eilis, não anotava recados, em nenhuma circunstância, para nenhuma das pensionistas. Havia duas garotas no porão e quatro nos andares de cima; todas podiam usar a cozinha grande no térreo, onde a sra. Kehoe lhes servia o jantar. Podiam fazer chá e café ali a qualquer hora, Eilis foi avisada, contanto que usassem suas próprias xícaras e pires, que deviam lavar e enxugar sozinhas, e depois guardar.

Aos domingos, a sra. Kehoe tinha por regra não aparecer, e cabia às garotas cozinhar, tomando todo o cuidado para deixar tudo limpo depois. A sra. Kehoe ia à missa bem cedo aos domingos, como explicou a Eilis, e depois recebia umas amigas ao final do dia para um jogo sério de pôquer à moda antiga. Numa carta que mandou para casa, Eilis escreveu que a sra. Kehoe dava a impressão de que o jogo de pôquer era mais uma das obrigações dominicais, que ela só cumpria porque fazia parte das regras.

Antes do jantar, toda noite, elas ficavam de pé com ar solene, uniam as mãos, e a sra. Kehoe fazia uma oração de agradecimento. Depois que se sentavam à mesa, ela não gostava que as garotas conversassem umas com as outras ou discutissem sobre assuntos dos quais ela nada sabia, e também não via com bons olhos nenhuma referência a namorados. Seu interesse se concentrava basicamente em roupas e sapatos, e em onde eles podiam ser comprados, a que preço e em qual época do ano. A mudança da moda e as novas tendências eram seu assunto mais constante, embora ela mesma, como frisava muitas vezes, fosse velha demais para certas cores e estilos. Mas, Eilis notava, ela se vestia de forma impecável e prestava atenção em todos os itens do vestuário das pensionistas. Também adorava conversar sobre os cuidados com a pele, os diferentes tipos e problemas de pele. A sra. Kehoe ia fazer o cabelo uma vez por semana, aos sábados, procurava sempre a mesma cabeleireira e passava muitas horas com ela para que o cabelo ficasse perfeito o resto da semana.

No andar de Eilis, no quarto da frente, ficava a srta. McAdam, de Belfast, que trabalhava como secretária e tinha pouco a dizer na mesa sobre moda, a menos que entrasse em pauta o assunto da alta dos preços. Era muito afetada, escreveu Eilis numa carta para casa, e pediu que a garota, como um favor especial, não

deixasse todos os seus apetrechos de higiene no banheiro, como as outras faziam. As outras garotas, no andar em cima do seu, eram mais jovens do que a srta. McAdam, escreveu Eilis em sua carta, e toda hora precisavam ser advertidas pela sra. Kehoe e pela srta. McAdam. Uma delas, Patty McGuire, tinha nascido no norte do estado de Nova York, como contou a Eilis, e agora trabalhava numa das grandes lojas de departamentos do Brooklyn, como Eilis. Era louca por homens, a garota notou. A melhor amiga de Patty morava no porão; chamava-se Diana Montini, mas a mãe dela era irlandesa e Diana tinha cabelo ruivo. Como Patty, falava com sotaque americano.

Diana reclamava constantemente da comida que a sra. Kehoe fazia, insistia em que era irlandesa demais. Ela e Patty se arrumavam muito, levavam horas para se vestir e toda noite de sexta-feira e sábado saíam para se divertir, iam ao cinema, a bailes, a qualquer lugar onde houvesse homens, como dizia a srta. McAdam em tom rabugento. Sempre havia encrenca por causa do barulho ou da luz entre Patty e Sheila Heffernan, que compartilhavam o último andar. Sheila, mais velha do que Patty e Diana, vinha de Skerries e trabalhava como secretária. Quando a sra. Kehoe explicava a Eilis o motivo da desavença entre Sheila e Patty, a srta. McAdam, que estava presente, interrompeu para dizer que não via a menor diferença entre as duas, não via a menor diferença na bagunça que ambas faziam, na maneira como usavam o sabonete e o xampu dela, e até sua pasta de dentes, quando cometia a bobagem de deixar tudo isso no banheiro.

Ela reclamava o tempo todo, para as próprias Patty e Sheila e para a sra. Kehoe, sobre o barulho que os sapatos delas faziam na escada e no chão do último andar.

Com Diana, no porão, morava a srta. Keegan, de Galway, que nunca falava muito, a menos que a conversa se voltasse para Fianna Fáil e Valera, ou para o sistema político americano, o que raramente acontecia, uma vez que a sra. Kehoe tinha uma completa aversão, dizia, por qualquer tipo de discussão política.

Nos dois primeiros fins de semana, Patty e Sheila perguntaram se Eilis não gostaria de sair com elas, mas Eilis, que ainda não tinha recebido nenhum pagamento, preferiu ficar na cozinha até a hora de dormir, mesmo nas noites de

sábado. E, no segundo domingo, à tarde, Eilis foi fazer um passeio a pé, sozinha, depois de na semana anterior ter cometido o erro de sair com a srta. McAdam, que não tinha nada de bom a dizer sobre ninguém e torcia o nariz com ar desaprovador quando passava alguma pessoa que ela achava que fosse italiana ou judia.

"Para o seu governo, eu não fiz essa longa viagem aos Estados Unidos para ficar ouvindo pessoas falando italiano na rua ou para ver gente com um chapeuzinho engraçado na cabeça", disse ela.

Em outra carta para casa, Eilis descreveu o sistema de lavagem de roupas adotado na pensão da sra. Kehoe. A sra. Kehoe não tinha muitas regras, contou Eilis à mãe e a Rose, mas as regras incluíam não receber visitas, não deixar talheres nem louça sujos espalhados pela casa, e nada de lavar roupas de nenhum tipo. Uma vez por semana, na segunda-feira, uma italiana e sua filha, de uma rua próxima, vinham pegar a roupa suja. Cada pensionista tinha um saco, e era preciso prender nele uma lista com as peças que havia dentro; seriam devolvidos na quarta-feira com a roupa devidamente lavada, com o preço que a sra. Kehoe pagaria anotado embaixo, valor que cada pensionista tinha de reembolsar quando voltasse do trabalho. Então as garotas encontravam suas roupas limpas e penduradas em seus armários ou dobradas e guardadas nos gaveteiros. Havia também lençóis limpos sobre as camas, e toalhas limpas. A italiana, escreveu Eilis, passava tudo esplendidamente e engomava seus vestidos e blusas, o que Eilis adorava.

Ela havia tirado um cochilo e agora estava acordada. Olhou para o relógio: vinte para as oito. Se levantasse imediatamente, pensou, chegaria ao banheiro antes de Patty ou de Sheila; àquela altura, ela sabia, a srta. McAdam já devia ter ido para o trabalho. Andou depressa até a porta e atravessou o patamar da escada com sua bolsa de objetos de higiene. Estava de touca de banho, porque não queria destruir o cabelo, que ficava arrepiado quando era molhado na água da casa, tal como havia acontecido no navio, e depois levava horas para ser penteado e ficar liso. Quando recebesse seu salário, pensava, iria ao cabeleireiro e cortaria bem curto, para o cabelo ficar mais fácil de manejar.

No térreo, ficou feliz de ver que estava sozinha na cozinha. Como não queria conversar, nem se sentou, para poder sair imediatamente, caso algumas das

outras chegassem. Fez chá e torradas. Ainda não havia encontrado em parte alguma um pão de que gostasse, e até o chá e o leite tinham um gosto esquisito. A manteiga tinha um cheiro de que também não gostava e um gosto quase de graxa. Certo dia, na rua, quando voltava do trabalho para casa, viu uma mulher numa barraquinha vendendo geleia. A mulher não falava inglês; Eilis achou que ela não era italiana, e não conseguia imaginar de onde poderia ter vindo, mas a mulher sorriu para ela enquanto Eilis examinava os diversos vidros de geleia. Escolheu um e pagou, achando que estava comprando geleia de groselha, mas quando provou na casa da sra. Kehoe, viu que tinha um sabor novo para ela. Não sabia o que era, mas gostou, porque disfarçava o sabor do pão com manteiga, assim como três colheres de açúcar escondiam o gosto do leite e do chá.

Eilis gastou com sapatos uma parte do dinheiro de Rose. O primeiro par que comprou pareceu confortável, mas depois de alguns dias começou a beliscar seus dedos de leve. O segundo par era simples e sem graça, porém cabia perfeitamente no pé; Eilis levava aquele sapato dentro da bolsa e o calçava depois que chegava ao trabalho.

Odiava quando Patty ou Diana prestavam atenção demais nela. Eilis era a garota nova da pensão e a mais jovem de todas, e elas não conseguiam parar de lhe dar conselhos, fazer críticas e comentários. Perguntava-se quanto tempo aquilo iria durar e, para mostrar como o interesse delas era pouco apreciado, sorria amarelo quando falavam ou, algumas vezes, sobretudo de manhã, olhava para elas de um jeito vazio, como se não entendesse uma palavra do que estavam dizendo.

Depois de tomar o café, lavar sua xícara, seu pires, seu prato, e não dar a menor atenção a Patty, que havia acabado de chegar, Eilis escapuliu sorrateiramente para fora de casa, com tempo de sobra para chegar ao trabalho. Era sua terceira semana e, embora tivesse escrito algumas vezes para a mãe e Rose e uma vez para seus irmãos em Birmingham, ainda não havia recebido nenhuma carta de sua terra natal. Enquanto percorria as ruas, ficou admirada ao pensar que, na hora em que chegasse em casa, às seis e meia da tarde, teria acontecido um mundo de coisas que, depois, poderia contar; cada momento parecia trazer uma descoberta, uma nova sensação ou uma informação nova.

Até então, os dias de trabalho não tinham sido maçantes, e as horas passavam muito facilmente.

Só mais tarde, quando Eilis chegava em casa e se deitava na cama depois do jantar, era que o dia que ela havia acabado de viver parecia um dos mais compridos de sua vida, enquanto se via revivendo todo ele, cena por cena. Até os mínimos detalhes ficavam gravados em sua mente. Quando tentava, de propósito, pensar em outra coisa ou deixar a mente vazia, os acontecimentos do dia voltavam rapidamente. Para cada dia, pensava Eilis, ela precisava de mais um dia inteiro só para refletir sobre o que havia ocorrido e guardar tudo num lugar à parte, retirar todas aquelas coisas do seu sistema, de modo que aquilo não a mantivesse acordada à noite, não enchesse seus sonhos com lampejos de visões que nada tinham a ver com qualquer coisa familiar, mas eram cheios de agitação, de cores, de multidões, tudo acelerado e num constante frenesi.

Ela gostava do ar da manhã e do sossego daquelas poucas ruas cheias de folhas, ruas que só tinham lojas nas esquinas, ruas onde pessoas moravam, onde havia prédios de três ou quatro apartamentos e onde ela cruzava com mulheres que levavam os filhos à escola, enquanto ela ia para o trabalho. Porém, à medida que caminhava, sabia que estava se aproximando do mundo real, com ruas mais largas e mais trânsito. Quando chegava à avenida Atlantic, o Brooklyn começava a dar a impressão de um lugar estranho para ela, com tantos espaços vagos entre os prédios e tantos prédios abandonados. E então, de súbito, quando chegava à rua Fulton, havia tanta gente para atravessar a rua, havia aglomerações tão densas, que na primeira manhã ela chegou a pensar que tinha estourado uma briga ou que havia alguém ferido e as pessoas estavam amontoadas para ver mais de perto. Na maioria das manhãs, ela ficava um pouco atrás e esperava um ou dois minutos até a multidão dispersar.

Na loja Bartocci's, ela precisava bater o relógio de ponto, o que era fácil, e depois ir até seu armário no vestiário feminino, no térreo, e vestir o uniforme azul que as garotas do primeiro andar tinham de usar. Quase todas as manhãs, ela já estava lá quando a maioria das garotas chegava. Muitas vezes, algumas só apareciam no último segundo. A srta. Fortini, que era a supervisora, desaprovava aquilo, Eilis sabia. Em seu primeiro dia, o padre Flood a levara ao escritório central e ela tivera uma conversa com Elisabetta Bartocci, filha do

dono, que Eilis achou que era a mulher mais perfeitamente bem vestida que tinha visto. Escreveu à mãe e a Rose contando sobre o vestido vermelho chamejante da srta. Bartocci, de sua blusa branca e lisa, de seus sapatos vermelhos de salto alto e de seu cabelo preto, lustroso, perfeito. Seu batom era vermelho brilhante, e os olhos, os mais negros que Eilis tinha visto na vida.

"O Brooklyn muda todo dia", disse a srta. Bartocci, enquanto o padre Flood fazia que sim com a cabeça. "Sempre chega gente nova, e podem ser judeus, irlandeses ou até gente de cor. Nossos clientes antigos estão se mudando para Long Island, e como não podemos ir com eles para lá precisamos de novos clientes todas as semanas. Tratamos todo mundo do mesmo jeito. Damos as boas-vindas para qualquer pessoa que entre nesta loja. Todos têm dinheiro para gastar. Mantemos nossos preços baixos e nossas maneiras elevadas. Se as pessoas gostarem de vir aqui, vão voltar. Tratamos o cliente como um novo amigo. Está combinado?"

Eilis assentiu com a cabeça.

"Ofereça a eles um grande sorriso irlandês."

Quando a srta. Bartocci foi chamar a supervisora, o padre Flood disse para Eilis dar uma boa olhada nas pessoas que trabalhavam no escritório.

"Muitas delas começaram como você, no setor de atendimento da loja. Fizeram cursos noturnos, estudaram e agora estão trabalhando no escritório. Algumas são contadoras de verdade, com a qualificação completa."

"Eu gostaria de estudar contabilidade", disse Eilis. "Já fiz um curso básico."

"Aqui vai ser diferente, os sistemas são diferentes", explicou o padre Flood. "Mas vou descobrir se existem cursos aqui por perto, com vagas abertas. Mesmo que não tenham vagas, tentaremos abrir uma para você. Mas é melhor não mencionar nada sobre isso para a senhorita Bartocci e concentrar-se no trabalho que você tem a fazer no momento, no que diz respeito a ela."

Eilis concordou com a cabeça. Dali a pouco a srta. Bartocci voltou com a srta. Fortini, que, mal abrindo a boca para falar, dizia "Sim" a tudo que a srta. Bartocci falava. De vez em quando, seus olhos davam uma rápida espiada pelo escritório e depois, como se estivesse fazendo alguma coisa errada, fixava o olhar de novo no rosto da srta. Bartocci.

"A senhorita Fortini vai lhe ensinar como usar o sistema de pagamento, que é

fácil, depois que a gente aprende. Se você tiver algum problema, primeiro fale com ela, mesmo que seja uma coisa mínima. A única maneira de os clientes ficarem felizes é termos uma equipe feliz. Você vai trabalhar das nove às seis, de segunda a sábado, com quarenta e cinco minutos para o almoço e meio dia de folga por semana. E incentivamos toda a nossa equipe a fazer cursos noturnos..."

"Estávamos falando disso neste minuto", interrompeu o padre Flood.

"Então, se você quiser fazer cursos noturnos, nós pagaremos parte das aulas. Não tudo, veja bem. E se quiser comprar alguma coisa da loja, fale com a senhorita Fortini que daremos um bom desconto no preço da maioria dos produtos."

A srta. Fortini perguntou a Eilis se estava pronta para começar. O padre Flood se retirou, enquanto a srta. Bartocci foi para sua escrivaninha e, com um movimento enérgico, começou a abrir a correspondência. Quando a srta. Fortini levou Eilis até a loja e lhe mostrou o sistema de pagamento, Eilis não quis dizer que usavam exatamente o mesmo sistema na loja Bolger's, na rua Rafter, na sua cidade natal, onde o dinheiro e a nota eram presos num grampo de metal e percorriam a loja através de um sistema de tubos, até chegar ao caixa; ali a nota levava um carimbo de pago, era colocada de novo dentro do recipiente junto com o troco e tudo era devolvido. Eilis deixou a srta. Fortini explicar tudo com cuidado, como se nunca tivesse visto nada parecido.

Em seguida, a srta. Fortini avisou ao caixa que iria mandar uma série de notas só para fazer um teste, todas com cinco dólares anexados. Mostrou a Eilis como preencher as notas, escrevendo seu nome e a data no alto, e em seguida, embaixo, o produto comprado, com a quantidade no lado esquerdo e o preço no lado direito. A srta. Fortini disse que Eilis também precisava registrar no verso da nota a quantia de dinheiro que estava enviando, para que não houvesse nenhum mal-entendido. A maioria dos clientes tinha que esperar pelo troco, disse a srta. Fortini. Quase ninguém pagava com o valor exato e, de resto, a maior parte dos produtos custava certa quantia de dólares seguida de noventa e nove centavos, ou de um número quebrado de centavos. Se um cliente estivesse comprando mais de um produto, avisou a srta. Fortini, Eilis teria de fazer a soma sozinha, mas a conta sempre seria conferida no caixa.

"Se não cometer erros, eles vão notar e gostar de você", acrescentou.

Eilis ficou observando a srta. Fortini preencher algumas notas, enviá-las e esperar sua devolução. Então ela preencheu algumas sozinha, a primeira de um único produto comprado, a segunda de certa quantidade do mesmo produto, e a terceira de uma combinação complexa de produtos. A srta. Fortini ficou a seu lado, atenta, enquanto ela fazia a soma.

"É melhor fazer devagar, para não cometer erros", disse.

Eilis não contou à srta. Fortini que nunca se enganava quando fazia somas. Em vez disso, trabalhou devagar, como tinha sido orientada a fazer, conferindo bem para ver se os números estavam corretos.

Ela ficou surpresa com algumas peças de roupa à venda. As taças de certos sutiãs pareciam muito mais pontudas do que qualquer coisa que já tinha visto na vida, e uma peça chamada cinta elástica bilateral, que parecia ter ossos de plástico no meio, era uma novidade para ela. A primeira coisa que vendeu chamava-se *brasalette*, e ela resolveu que, quando conhecesse melhor as pensionistas da sra. Kehoe, pediria a uma delas que lhe explicasse aquelas peças americanas de roupas de baixo femininas.

O trabalho era fácil. A srta. Fortini só estava interessada no cumprimento do horário, na boa apresentação e em garantir que a mais ligeira queixa ou dúvida fosse imediatamente transmitida a ela. Não era difícil localizá-la, Eilis logo descobriu, pois ela estava sempre vigiando e, se a vendedora parecesse estar com a mais ínfima dificuldade com um cliente e se parecesse não estar sorrindo, a srta. Fortini logo percebia e ia na direção da vendedora, fazendo sinais, e só parava se visse que a vendedora parecia ocupada e simpática.

Eilis não demorou a descobrir onde podia almoçar depressa, de pé num balcão, e depois ter vinte minutos livres para explorar outras lojas da rua Fulton. Diana, Patty e a sra. Kehoe disseram para ela que a melhor loja de roupas perto da Bartocci's era a Loehmann's, na avenida Bedford. No térreo da Loehmann's, na hora do almoço, o movimento era sempre maior do que na Bartocci's, e as roupas pareciam mais baratas, mas assim que ela subia ao primeiro andar, pensava em Rose, porque era a loja mais bonita que jamais tinha visto, na verdade nem parecia uma loja, parecia mais um palácio, com menos gente comprando e vendedoras em trajes elegantes. Quando via os preços, tinha de

convertê-los em libras para que fizessem algum sentido. Pareciam muito baixos. Tentava se lembrar de algumas peças de roupa e de seus preços, para que pudesse fornecer a Rose uma descrição exata, mas toda vez que ia lá só tinha uns poucos minutos livres, pois não queria se atrasar para o trabalho na Bartocci's. Até então, não tivera dificuldades com a srta. Fortini e não queria ter nenhum problema logo no início do seu trabalho para ela.

Certa manhã, quando fazia três semanas que estava trabalhando e começava a quarta, Eilis percebeu que algo estranho havia ocorrido assim que chegou à outra ponta da rua Fulton e pôde avistar as vitrines da Bartocci's. Estavam cobertas por imensas bandeiras que diziam LIQUIDAÇÃO DO FAMOSO NÁILON. Eilis não sabia que tinham planejado uma liquidação, imaginou que só fariam aquilo em janeiro. No vestiário, encontrou a srta. Fortini, a quem manifestou sua surpresa.

"O senhor Bartocci sempre guarda segredo dessas coisas. Ele passa a noite inteira trabalhando. A loja inteira é só náilon, tudo é náilon, e a maior parte pela metade do preço. Só se pode comprar quatro peças. E há uma bolsa especial para pormos o dinheiro, porque a gente só pode aceitar o dinheiro certo, sem troco. Já pusemos preços em tudo. Então hoje não vamos ter as notas para carimbar, como todos os dias. E vai haver uma segurança rigorosa. Vai ser a maior briga que você já viu na vida, porque até as meias de náilon estão pela metade do preço. E não vai haver pausa para o almoço; em vez disso vamos distribuir sanduíches e refrigerantes de graça aqui embaixo, mas não venha comer mais de duas vezes. Vou ficar de olho. Precisamos de todo mundo trabalhando."

Meia hora depois de abrir a loja, havia filas do lado de fora. A maioria das mulheres queria meias; elas pegavam três ou quatro pares antes de ir para os fundos da loja, onde havia suéteres de náilon de todas as cores possíveis e em quase todos os tamanhos, tudo, no mínimo, pela metade do preço. O trabalho das vendedoras era seguir a multidão com as sacolas de compras da Bartocci's na mão e com a bolsa de dinheiro na outra mão. Todas as freguesas pareciam saber que não haveria troco.

A srta. Bartocci e duas funcionárias do escritório controlavam as portas, que tiveram de ficar fechadas a partir das dez horas, quando a multidão aumentou

muito. As pessoas que normalmente trabalhavam no caixa usavam um uniforme especial e também estavam trabalhando na loja. Algumas ficavam do lado de fora e cuidavam para que a fila se mantivesse em ordem. A loja, pensou Eilis, era o lugar mais quente e mais movimentado que tinha visto na vida. O sr. Bartocci andava no meio da multidão pegando as bolsas de dinheiro e esvaziando seu conteúdo dentro de um imenso saco de lona, que ele mesmo carregava.

A manhã correu no maior frenesi; Eilis não teve um segundo de sossego para poder olhar em volta. Todo mundo falava em voz muito alta, e houve momentos em que, num lampejo, pensava num entardecer de outubro em que caminhara com a mãe pelo calçadão em Enniscorthy, enquanto o rio Slaney passava cheio e cristalino, e havia o aroma de folhas queimando em algum lugar lá perto, e a luz do dia suavemente ia se apagando. Aquela cena lhe vinha à mente toda hora, enquanto enchia a bolsa com cédulas e moedas, e mulheres de todo tipo se aproximavam para lhe perguntar onde certas peças de roupa podiam ser encontradas, se podiam devolver o que haviam comprado em troca de outra mercadoria, ou simplesmente querendo comprar o que tinham nas mãos.

Embora a srta. Fortini não fosse especialmente alta, parecia capaz de supervisionar tudo, respondia perguntas, recolhia coisas que haviam caído no chão, ajeitava e guardava as mercadorias nas prateleiras. A manhã tinha transcorrido depressa, mas quando a tarde começou a passar, Eilis se deu conta de que estava olhando no relógio de pulso de cinco em cinco minutos, enquanto atendia o que pareciam ser centenas de clientes e o suprimento de peças de náilon começava a minguar lentamente, mas o bastante para a srta. Fortini lhe dizer que pegasse o que precisasse, no máximo quatro peças, e levasse para baixo. Podia pagar depois, lhe disse.

Eilis selecionou um par de meias de náilon para si, um que ela achou que podia servir para a sra. Kehoe e depois um para a mãe e outro para Rose. Depois de ter levado as meias para baixo e guardado no armário, sentou-se ao lado de outras vendedoras, bebeu um refrigerante e em seguida abriu outra garrafa, da qual ficou bebendo devagar, até achar que a srta. Fortini ia notar sua ausência. Quando subiu outra vez, viu que ainda eram três da tarde e que algumas peças

de náilon que estavam acabando começavam a ser repostas e despejadas em cima dos expositores por homens supervisionados pelo sr. Bartocci. Mais tarde, quando estava jantando na pensão da sra. Kehoe, Eilis soube que Patty e Sheila tinham ouvido falar da liquidação e correram para lá em seu intervalo de almoço, entraram às pressas na loja para pegar algumas peças e saíram também às pressas, de modo que, no meio daquela confusão toda, nem tiveram tempo para ver onde ela estava e lhe dar um alô.

A sra. Kehoe pareceu contente com o par de meias e se ofereceu para pagar, mas Eilis disse que era um presente. Naquela noite, durante o jantar, todas falaram sobre a Liquidação do Famoso Náilon na loja Bartocci's, que sempre acontecia sem aviso. Mesmo assim ficaram admiradas quando Eilis contou que nem ela, que trabalhava lá, tinha a menor ideia de que ia haver uma liquidação.

"Bem, se algum dia você ouvir nem que seja um boato", disse Diana, "nos avise. As meias de náilon são da melhor qualidade. Os fios não correm tão fácil como nas outras meias. As outras lojas querem nos vender lixo."

"Agora já chega", disse a sra. Kehoe. "Tenho certeza de que todas as lojas estão fazendo o melhor que podem."

No meio de toda aquela agitação e discussão sobre a liquidação de náilon, só no final do jantar Eilis percebeu que havia três cartas para ela. Todo dia, assim que chegava do trabalho, verificava se havia cartas na mesinha de canto da cozinha, onde a sra. Kehoe colocava a correspondência. Eilis mal podia acreditar que naquela noite não tinha olhado para ver se havia alguma. Tomou uma xícara de chá junto com as outras pensionistas, enquanto segurava as cartas na mão nervosamente, sentindo o coração bater mais depressa quando pensava nelas, enquanto esperava a hora de ir para seu quarto abrir os envelopes e ler as notícias da sua terra.

As cartas, ela reconheceu pela letra, vinham da mãe, de Rose e de Jack. Resolveu ler primeiro a carta da mãe e deixar a de Rose por último. A carta da mãe era curta e não trazia nenhuma novidade, só uma lista de pessoas que tinham perguntado por ela, com alguns detalhes sobre onde e quando a mãe havia se encontrado com elas. A carta de Jack também era mais ou menos assim, mas com referências à viagem pelo mar, que ela havia contado a ele por carta para o irmão, mas sobre a qual dissera muito pouco em suas cartas para a

mãe e para Rose. A letra de Rose, ela viu, estava linda e limpa como sempre. Falava de golfe, do trabalho e de como a cidade andava tranquila e maçante e de como Eilis tinha sorte por estar sob as luzes radiantes. No pós-escrito, sugeriu que Eilis talvez gostasse de, às vezes, lhe escrever à parte sobre assuntos particulares ou sobre coisas que poderiam deixar a mãe delas muito preocupada. Sugeriu que usasse seu endereço de trabalho para mandar essas cartas.

As cartas contavam pouca coisa para Eilis; nelas, não havia quase nada de pessoal e que parecesse ter a voz de alguém. Contudo, à medida que as relia várias vezes, por um momento chegou a esquecer onde estava e conseguiu visualizar a mãe na cozinha pegando seu caderno Basildon Bond, seus envelopes e se preparando para redigir uma carta caprichada, sem nenhuma rasura. Rose, pensou Eilis, devia ter ido para a sala de jantar e escrito em folhas de papel que havia trazido do trabalho, usando um envelope branco mais comprido e mais elegante do que o da mãe. Eilis imaginou que Rose, quando terminou a carta, deixara o envelope em cima da mesa da sala e de manhã a mãe tinha levado as duas cartas para o correio, tendo de comprar selos especiais para os Estados Unidos. Não conseguiu imaginar onde Jack havia escrito sua carta, que era mais curta do que as outras, com um tom quase tímido, como se ele não quisesse se soltar muito ao escrever.

Eilis ficou deitada na cama com as cartas a seu lado. Nas poucas semanas que haviam se passado, ela se deu conta, não tinha pensado de verdade em sua terra natal. A cidade voltara à sua mente em lampejos, imagens momentâneas, como a que tinha visto na tarde da liquidação, e havia pensado muito na mãe e em Rose, claro, mas sua própria vida em Enniscorthy, a vida que ela perdera e nunca mais voltaria a ter, essa ela havia mantido longe do pensamento. Todos os dias voltava para aquele quartinho, naquela casa barulhenta, e pensava em todas as coisas novas que haviam acontecido. Agora, tudo aquilo parecia nada comparado com o retrato que tinha na mente de seu lar, de seu próprio quarto, da casa na rua Friary, da comida que havia comido lá, das roupas que vestira, e de como tudo era tranquilo.

Tudo isso lhe vinha com um peso terrível, e por um segundo Eilis achou que fosse chorar. Era como se uma pontada no peito tentasse forçar suas lágrimas a

descerem pelas faces, apesar de seu enorme esforço para conter o choro. Ela não se rendeu àquilo, fosse lá o que fosse. Continuou pensando, tentando entender o que estava causando aquela sensação nova, que parecia melancolia, que parecia o que havia sentido quando o pai morreu e ela viu o caixão ser fechado, a sensação de que ele nunca mais veria o mundo outra vez e de que ela nunca mais poderia falar com ele de novo.

Aqui ela não era ninguém. Não era só por não ter amigas e família; mais que isso, ela era um fantasma naquele quarto, nas ruas a caminho do trabalho na loja. Nada significava nada. Os cômodos na casa da rua Friary pertenciam a ela, pensou Eilis; quando andava por aqueles cômodos, ela estava lá de fato. Na cidade, se fosse à loja ou à escola profissionalizante, o ar, a luz, o chão, tudo era sólido e fazia parte dela, mesmo se não encontrasse ninguém conhecido. Nada aqui era parte dela. Era falso, vazio, pensava Eilis. Fechou os olhos e tentou pensar, como fizera tantas vezes na vida, em alguma coisa que ela desejava muito, mas não havia nada. Nem a coisa mais ínfima. Nem mesmo a chegada do domingo. Nada, a não ser talvez dormir, e ela nem tinha certeza se queria mesmo dormir. De qualquer forma, ela ainda não poderia dormir, pois não eram nove horas. Não havia nada para fazer. Era como se estivesse encarcerada.

De manhã, Eilis nem teve certeza de que havia dormido, pois tivera uma porção de sonhos muito vívidos e deixou que eles perdurassem, de modo que não precisasse abrir os olhos e ver o quarto. Um dos sonhos era sobre o tribunal situado no alto do morro Friary, em Enniscorthy. Agora se lembrava de como os vizinhos temiam os dias em que o tribunal fazia julgamentos, não tanto por causa dos casos que os jornais noticiavam, dos pequenos furtos, bebedeiras e desordens, mas porque às vezes o tribunal determinava que crianças fossem entregues à tutela de outras pessoas, fossem internadas em orfanatos, em escolas industriais ou em lares adotivos, porque elas fugiam da escola, ou causavam confusão, ou por causa de problemas com os pais. Às vezes, viam-se mães inconsoláveis, aos prantos, aos gritos, do lado de fora do tribunal, enquanto seus filhos eram levados embora. Mas no sonho de Eilis não havia mulheres aos gritos, apenas um grupo de crianças em silêncio, entre elas Eilis, postadas em fila, cientes de que em breve seriam mandadas para longe, por ordem do juiz.

Agora, deitada na cama, acordada, o estranho para ela é que parecia ter

desejado muito ser levada para longe, não havia sentido nenhum medo disso. Seu medo, ao contrário, era ver a mãe na frente do prédio do tribunal. No sonho, Eilis encontrou um meio de evitar a mãe. Ela foi retirada da fila de crianças, conduzida a uma porta lateral e depois levada em uma viagem de carro que pareceu demorar todo o tempo em que ficou dormindo.

Eilis se levantou e usou o banheiro sem fazer barulho; pensou em tomar o café da manhã numa das lanchonetes da rua Fulton, como tinha visto algumas pessoas fazerem quando ia para o trabalho. Depois que se vestiu e se aprontou, saiu de casa na ponta dos pés. Não queria encontrar nenhuma pensionista. Eram só sete e meia. Pensou em ficar sentada em algum lugar durante uma hora, tomando café e comendo um sanduíche, e depois iria para o trabalho cedo.

Enquanto caminhava, começou a temer aquele dia. Mais tarde, sentada diante do balcão de uma lanchonete, enquanto examinava o cardápio vieram ao seu pensamento pedaços de outro sonho de que ela havia se lembrado só em parte, quando acordou. Eilis estava voando, como que num balão, por cima de um mar calmo num dia calmo. Lá embaixo, podia avistar os penhascos em Cush Gap e a areia fofa de Ballyconnigar. O vento a impelia rumo a Blackwater, depois para Ballagh, depois para Monageer, depois para o monte Vinegar e Enniscorthy. Ficou tão absorta recordando aquele sonho que o garçom atrás do balcão perguntou se ela estava passando bem.

"Estou bem, sim", disse Eilis.

"Você parece triste", retrucou ele.

Eilis balançou o cabelo, tentou sorrir e pediu um café e um sanduíche.

"Anime-se", disse ele em voz mais alta. "Vamos, anime-se. Isso nunca vai acontecer. Dê um sorriso, vamos."

Outros fregueses junto ao balcão olharam para ela. Eilis sabia que não conseguiria conter as lágrimas. Não esperou seu pedido chegar e correu para fora da lanchonete antes que alguém dissesse mais alguma coisa para ela.

Durante o dia, sentiu que a srta. Fortini estava olhando para ela mais do que o normal e isso a fez ter uma intensa consciência de seu próprio aspecto nos momentos em que não estava tratando diretamente com um cliente. Tentou olhar na direção da porta, das janelas da frente, da rua, tentou se mostrar

atarefada, mas concluiu que, se ela mesma não se controlasse, poderia cair facilmente numa espécie de transe, pensando vezes seguidas nas mesmas coisas, em tudo aquilo que havia perdido, e imaginando como iria enfrentar a volta para o jantar com as outras pensionistas e a longa noite sozinha num quarto que não tinha nada a ver com ela. Então iria dar de cara com a srta. Fortini olhando fixo para ela do outro lado da loja e tentaria mais uma vez se mostrar animada e solícita com os clientes, como se fosse um dia normal de trabalho.

O jantar não foi tão difícil como ela havia imaginado, pois Patty e Diana tinham comprado sapatos novos, e a sra. Kehoe, antes de lhes dar total aprovação, precisava ver que vestido ou conjunto e que outros acessórios elas usariam com o sapato. Antes e depois do jantar, a cozinha virou uma passarela de moda, enquanto a srta. McAdam e a srta. Keegan negavam sua aprovação toda vez que Diana ou Patty entravam na cozinha com seus sapatos novos, uma roupa nova e uma bolsa diferente.

A sra. Kehoe não tinha certeza se os sapatos de Diana combinados com seu vestido eram de fato um primor de elegância.

"Não são frango nem peixe", disse. "Você não pode usá-los para trabalhar e não parecem vistosos o bastante para uma festa ou algo assim. Não entendo por que você comprou esses sapatos, a menos que tenha sido numa liquidação."

Diana ficou de crista baixa e admitiu que não tinha comprado numa liquidação.

"Ah, então, minha cara", disse a sra. Kehoe, "tomara que você tenha guardado a nota fiscal."

"Eu gostei muito deles", disse a srta. McAdam.

"Eu também", acrescentou Sheila Heffernan.

"Mas quando você os usaria?", perguntou a sra. Kehoe.

"Eu gosto deles e pronto", disse a srta. McAdam, dando de ombros.

Eilis saiu discretamente, satisfeita por ninguém ter notado que ela não havia falado nem uma palavra durante o jantar. Imaginou se poderia fazer alguma coisa agora, qualquer outra coisa, que não encarar seu túmulo em forma de quarto e todos os pensamentos que lhe viriam à cabeça quando estivesse deitada na cama, acordada, e todos os sonhos que viriam quando dormisse. Parou no corredor e virou-se em direção ao primeiro andar, entendendo que também

estava com medo da rua e que, mesmo que não estivesse, não tinha a menor ideia de aonde ir àquela hora da noite. Ela odiava aquela casa, pensou, seus cheiros, seus barulhos, suas cores. Já estava chorando quando subiu a escada. Sabia que, enquanto as outras estivessem discutindo seus guarda-roupas lá embaixo na cozinha, ela poderia chorar alto o quanto quisesse, sem que ninguém a ouvisse.

Aquela foi a pior noite que já havia passado. Só no raiar do dia se lembrou de uma coisa que Jack tinha dito para ela aquela vez em Liverpool, antes de Eilis embarcar, um momento que parecia ter ocorrido anos antes. Jack dissera que no início tinha achado muito difícil ficar longe de casa, mas ele não desenvolveu o assunto e não ocorreu a Eilis perguntar como tinha sido realmente. O jeito de Jack era tão ameno e bem-humorado, tão igual ao de seu pai, que ele não iria querer, de maneira alguma, se queixar de nada. Eilis pensou em escrever ao irmão, perguntar se também tinha se sentido daquele modo, como se estivesse trancado em algum lugar longe de casa, preso num lugar onde nada existia. Era um inferno, pensava Eilis, porque não conseguia enxergar nenhum final para aquilo, nem para o sentimento que vinha junto, mas era um estranho tormento, dentro de sua mente, como a chegada da noite quando a gente sabe que nunca mais vai ver a luz do dia outra vez. Ela não sabia o que fazer. Mas sabia que Jack estava muito longe para poder ajudar.

Nenhum deles poderia ajudar. Ela havia perdido a todos. Eles nunca iriam saber o que estava acontecendo; ela não ia contar numa carta. E por isso Eilis compreendia que nunca iriam conhecê-la agora. Talvez, pensou Eilis, nunca tenham realmente conhecido, nenhum deles, porque, se tivessem conhecido, iriam saber como seria para ela ir embora de casa.

Eilis ficou deitada enquanto o dia começava a clarear; achava que não suportaria outra noite como aquela. Por um tempo, resignou-se em silêncio à perspectiva de que nada iria mudar, mas não sabia quais as consequências disso nem que forma elas iam tomar. Mais uma vez, Eilis se levantou cedo, saiu de casa sem fazer barulho e ficou andando pelas ruas durante uma hora, antes de ir tomar uma xícara de café. Notou pela primeira vez como o ar estava frio; teve a impressão de que o tempo tinha mudado. Mas agora pouco importava que tempo estava fazendo. Descobriu um canto numa lanchonete onde podia ficar

de costas para todo mundo, e ninguém iria comentar a expressão de seu rosto.

Depois de tomar café, comer um pão doce e conseguir a atenção do garçom para pagar a conta, Eilis percebeu que havia reservado muito pouco tempo para a caminhada ao trabalho. Se não corresse, ia se atrasar pela primeira vez. Havia uma multidão nas ruas e era difícil ultrapassar as pessoas. A certa altura, se perguntou se não estariam barrando seu caminho de propósito. As luzes dos sinais de trânsito demoravam tempo demais para mudar. Quando chegou à rua Fulton, ficou ainda mais difícil; era como se uma multidão compacta tivesse saído de um estádio de futebol. Era difícil até andar num passo normal. Chegou à Bartocci's só um minuto adiantada. Não sabia como iria passar o dia, parada na loja, se esforçando para exibir um ar simpático e atencioso. No instante em que apareceu no primeiro andar em suas roupas de trabalho, captou o olhar aparentemente desaprovador da srta. Fortini, que começou a andar em sua direção, sendo, porém, logo abordada por uma cliente. Depois que a mulher foi atendida, Eilis tomou cuidado para não olhar de novo para a srta. Fortini. Deu-lhe as costas o mais que pôde.

"Você não parece muito bem", disse a srta. Fortini quando se aproximou.

Eilis sentiu seus olhos se enchendo de lágrimas.

"Por que não desce e toma um copo de água? Vou para lá num segundo", disse a mulher. Sua voz parecia gentil, mas ela não sorria.

Eilis fez que sim com a cabeça. Ficou espantada ao se dar conta de que ainda não tinha recebido seu salário; vivia do dinheiro que Rose havia lhe dado. Se a demitissem, não sabia se iriam lhe pagar alguma coisa. Se não pagassem, em pouco tempo ela não teria mais dinheiro. Seria difícil, pensou, achar outro emprego, mas mesmo se achasse teria de receber algum pagamento no fim da primeira semana, do contrário não teria como pagar a pensão da sra. Kehoe.

No térreo, entrou no banheiro e lavou o rosto. Olhou-se no espelho por um momento e depois ficou ajeitando o cabelo. Em seguida, esperou a srta. Fortini na sala dos funcionários.

"Agora você vai ter que me contar qual é o problema", disse ela quando entrou e fechou a porta. "Porque eu estou percebendo claramente que há algo com você, e logo alguns clientes também vão começar a notar e nós todos vamos ficar encrencados."

Eilis balançou a cabeça. “Não sei qual é o problema.”

“Você está na sua época do mês?”, perguntou a srta. Fortini.

Eilis balançou a cabeça de novo.

“Eilis”, ela pronunciou o nome de forma estranha, com ênfase excessiva na segunda sílaba, “por que você está preocupada?” Ficou parada na sua frente e esperou. “Gostaria que eu chamasse a senhorita Bartocci?”, perguntou.

“Não.”

“Então, o que é?”

“Eu não sei o que é.”

“Você está triste?”

“Estou.”

“O tempo todo?”

“Sim.”

“Gostaria de estar com sua família, em casa?”

“Sim.”

“Você tem família aqui?”

“Não.”

“Ninguém?”

“Ninguém.”

“Quando começou essa tristeza? Na semana passada você estava alegre.”

“Recebi umas cartas.”

“Más notícias?”

“Não, não, nada.”

“Só as cartas? Já havia saído da Irlanda antes?”

“Não.”

“Alguma vez já esteve longe do seu pai e da sua mãe?”

“Meu pai morreu.”

“E a sua mãe?”

“Nunca fiquei longe dela antes.”

A srta. Fortini olhou bem para Eilis, mas não sorriu.

“Vou ter de falar com a senhorita Bartocci e com o padre que veio com você.”

“Por favor, não faça isso.”

“Eles não vão criar nenhum problema. Mas você não pode trabalhar aqui se estiver triste. E é claro que está, se é a primeira vez na vida que fica longe de sua mãe. Mas essa tristeza não vai durar muito, portanto vamos fazer todo o possível para ajudar você.”

A srta. Fortini lhe disse para sentar, encheu outro copo de água e saiu. Enquanto esperava ali, ficou claro para Eilis que iria ser demitida. No entanto, sentiu-se quase orgulhosa pela maneira como enfrentou a srta. Fortini, deixando que fizesse todas as perguntas e respondendo com o mínimo de palavras possível, mas o bastante para não se mostrar ingrata nem rude. Sentiu-se quase forte ao recordar o que havia acabado de acontecer e resolveu que seria capaz de despertar a simpatia de quem quer que viesse falar com ela agora, mesmo que fosse a srta. Bartocci em pessoa. Não que não houvesse nada de errado; a escuridão que sentia dentro de si não havia se dissipado. Mas Eilis não podia lhes dizer que tinha horror de sua loja e de seus fregueses, que detestava a pensão da sra. Kehoe e que não havia nada que ninguém pudesse fazer para ajudá-la. No entanto, ela precisava manter seu emprego. E achava que havia conseguido dar um bom passo à frente e isso lhe deu uma sensação de contentamento que parecia se fundir com sua tristeza, ou flutuar na sua superfície, distraindo Eilis, pelo menos por ora, das piores partes do seu sentimento.

Depois de algum tempo, a srta. Fortini chegou com um sanduíche que tinha ido comprar numa lanchonete perto da loja. Disse que havia conversado com a srta. Bartocci e lhe garantiu que era um problema simples, que nunca tinha acontecido e que talvez nunca mais voltasse a acontecer. Mas a srta. Bartocci falou depois com o pai, que era um grande amigo do padre Flood, e ele telefonou para o padre e deixou um recado com a empregada.

“O senhor Bartocci quer que você fique aqui embaixo até falar com o padre Flood e me disse para eu lhe trazer este sanduíche. Você é uma menina de sorte. Às vezes ele é bom na primeira vez, como agora. Mas eu não me arriscaria a desafiá-lo duas vezes. Ninguém desafia o senhor Bartocci duas vezes.”

“Mas eu não o desafiei ”, disse Eilis em voz baixa.

“Ah, sim, querida. Aparecer para trabalhar nesse estado e com essa cara. Ah, você desafiou o senhor Bartocci, e isso é uma coisa que ele nunca vai

esquecer."

À medida que o dia foi passando, outras vendedoras desciam para ver Eilis, observavam-na com curiosidade, algumas perguntavam se ela estava bem, outras fingiam procurar alguma coisa em seus armários. Enquanto ficou ali sentada, Eilis se deu conta de que, a menos que quisesse perder o emprego, teria que tomar a decisão de se livrar do que quer que fosse aquilo que a estava afetando.

A srta. Fortini não reapareceu, mas por volta das quatro horas o padre Flood abriu a porta.

"Eu soube que houve algum problema", disse ele.

Ela tentou sorrir.

"É culpa minha", assumiu o padre. "Disseram que você estava indo muito bem aqui, e a senhora Kehoe me falou que você é a moça mais gentil que ela já hospedou, então imaginei que você preferiria que eu não aparecesse para ver como iam as coisas."

"Eu estava bem até receber cartas de casa", disse Eilis.

"Sabe qual é o problema com você?", perguntou o padre Flood.

"O que acha que é?"

"Isso tem um nome."

"Um nome para o quê?" Eilis pensou que o padre fosse dizer o nome de alguma queixa íntima feminina.

"Você está com saudades de casa, mais nada. Todo mundo sente isso. Mas passa. Em algumas pessoas, passa mais depressa do que em outras. Não existe nada mais doloroso. E a regra é ter alguém com quem conversar e manter-se sempre ocupada."

"Estou ocupada."

"Eilis, espero que não se importe se eu tentar matricular você num curso noturno. Lembra que falamos sobre contabilidade e escrituração mercantil? Seriam duas ou três noites por semana, mas manteria você ocupada, e no final você ainda obteria uma qualificação muito boa."

"Não é tarde demais para me matricular neste ano? Algumas moças disseram que era preciso requerer uma vaga na primavera."

"O Brooklyn é um lugar engraçado", disse o padre Flood. "Contanto que o encarregado não seja um norueguês, e numa faculdade isso é bastante

improvável, eu posso mexer meus pauzinhos na maioria dos cursos. Os melhores são os judeus, eles sempre adoram fazer alguma coisa pela gente. Reze para que seja um judeu que acredite muito no poder do clero. Primeiro, vamos tentar na melhor faculdade, o Brooklyn College. Adoro violar todas as regras. Então vou dar um pulo lá agora, e Franco disse para você ir para casa, mas amanhã de manhã esteja aqui na hora, com um grande sorriso no rosto. Mais tarde, dou uma passada na pensão da senhora Kehoe."

Quando entrou no vestíbulo usando sua própria chave, Eilis encontrou a sra. Kehoe à sua espera.

"Vá lá para a sala", disse a sra. Kehoe. "Vou fazer um chá para nós duas."

A sala de estar, que dava para a frente da casa, era surpreendentemente bonita, com tapetes antigos e grossos, móveis de aspecto confortável e algumas pinturas escuras em molduras douradas. Portas duplas davam para um quarto e, como uma das portas estava aberta, Eilis pôde ver que era decorado no mesmo estilo luxuoso e pesado. Observou a velha mesa de jantar redonda e supôs que era ali que jogavam pôquer nas noites de domingo. Sua mãe, pensou, adoraria aquela sala. Viu um gramofone antigo e um rádio sem fio no outro canto e notou que as borlas pendentes na toalha de mesa e as cortinas pareciam combinar. Eilis começou a memorizar os detalhes, pensando, pela primeira vez em dias, num modo de incluir uma descrição daquilo numa carta para a mãe e para Rose. Escreveria sobre tudo aquilo assim que fosse para o quarto, depois do jantar, pensou, e não contaria nada do que havia sentido nos últimos dois dias. Tentaria deixar os últimos dois dias para trás. Não importava o que ela fosse sonhar, não importava que se sentisse mal, Eilis não tinha escolha, ela sabia disso, a não ser tirar tudo aquilo rapidamente da cabeça. De dia ela precisava seguir em frente com seu trabalho e à noite precisava voltar para dormir. Era como cobrir uma mesa com uma toalha ou fechar as cortinas de uma janela; e quem sabe a carência diminuísse à medida que o tempo fosse passando, como Jack tinha insinuado que ia acontecer, e como o padre Flood havia sugerido também. De um modo ou de outro, era isso o que ela precisava fazer. Assim que a sra. Kehoe voltou com o chá numa bandeja, Eilis cerrou bem o punho, quando se achou pronta para começar.

Depois do jantar, o padre Flood apareceu, e Eilis foi chamada outra vez aos

aposentos particulares da sra. Kehoe. Ele estava sorrindo e se aproximou da lareira assim que Eilis entrou, como se quisesse aquecer as mãos, embora não houvesse fogo nenhum na lareira. Esfregou as mãos uma na outra e virou-se para ela.

"Agora vou deixar os dois a sós", disse a sra. Kehoe. "Se precisarem de mim, estarei na cozinha."

"O poder da Igreja Católica Apostólica Romana não deve ser subestimado", disse o padre Flood. "A primeira coisa que encontrei foi uma simpática e devota secretária italiana, que me disse quais os cursos que estão cheios, quais os cursos que estão realmente cheios e, mais importante, me falou daquilo que eu não deveria pedir. Contei a ela a história toda. Fiz a mulher chorar."

"Estou contente de ver que o senhor acha tudo isso engraçado", comentou Eilis.

"Ah, anime-se. Consegui uma vaga para você no curso noturno de escrituração mercantil e contabilidade elementar. Contei a eles que você era uma aluna brilhante. Você é a primeira garota irlandesa. O curso está cheio de judeus, russos e aqueles noruegueses de que lhe falei, e eles até gostariam de ter mais italianos, mas os italianos andam ocupados demais ganhando dinheiro. O judeu que dirige o negócio todo me deu a impressão de que nunca tinha visto um padre na sua frente. Ficou em posição de sentido quando me viu, como se estivesse no Exército. O Brooklyn College, simplesmente o melhor de todos. Paguei para você a taxa do primeiro semestre. As aulas são na segunda, na terça e na quarta das sete às dez, e nas quintas das sete às nove. Se você seguir o curso por dois anos e passar em todas as provas, não existe escritório em Nova York que não vá querer contratá-la."

"Eu vou ter tempo?", perguntou Eilis.

"Claro que vai. E começa na segunda-feira que vem. Vou conseguir os livros para você. Estou com a lista aqui. E você pode passar seu tempo livre estudando com eles."

Seu bom humor pareceu estranho para Eilis; parecia que ele estava representando em um espetáculo. Ela tentou sorrir.

"Tem certeza de que isso está certo?"

"Está tudo acertado."

“Foi Rose quem pediu para o senhor? É por isso que está fazendo tudo isso por mim?”

“Estou fazendo isso por Nosso Senhor”, disse ele.

“Me conte de verdade por que o senhor está fazendo isso.”

Ele olhou para Eilis com muita atenção e deixou que o silêncio se prolongasse um pouco. Eilis enfrentou seu olhar com calma, deixando claro que queria uma resposta.

“Fiquei surpreso por ver que alguém como você não tinha um bom emprego na Irlanda. Quando sua irmã comentou que você não conseguia trabalho lá, falei que ia ajudá-la a vir para cá. Só isso. E estamos precisando de moças irlandesas no Brooklyn.”

“Qualquer garota irlandesa serve?”, perguntou Eilis.

“Não seja tão amarga. Você me perguntou por que eu estava fazendo isso.”

“Sou muito grata ao senhor”, disse Eilis. Usou um tom de voz que tinha visto a mãe usar, muito seco e formal. Tinha certeza de que o padre Flood não saberia dizer se ela falava com sinceridade ou não.

“Você vai ser uma ótima contadora”, disse ele. “Mas primeiro será uma guarda-livros. E agora chega de lágrimas, está bem? Combinado?”

“Chega de lágrimas”, repetiu ela com calma.

Quando Eilis voltou do trabalho no anoitecer do dia seguinte, o padre Flood havia deixado uma pilha de livros para ela, bem como livros-razão, cadernos para exercícios e um punhado de canetas. Tinha também combinado com a sra. Kehoe que Eilis levaria uma marmita nos três primeiros dias de toda semana, sem pagar nada mais por isso.

“Pois é, vai ser só presunto ou uma fatia de língua, um pouco de salada e pão preto. Você vai ter de tomar chá em algum lugar no caminho”, disse a sra. Kehoe. “E falei para o padre Flood que, como eu já garanti minha recompensa no paraíso, pois é, isso já está bem acertado, deixei claro que ele me deve um favor e que eu gostaria que fosse pago neste mundo mesmo. E sem muita demora. Você sabe que já está mais do que na hora de alguém chamar esse homem às falas.”

“Ele é muito bondoso”, disse Eilis.

“Muito bondoso para aqueles com quem ele é bondoso”, disse a sra. Kehoe.

“Mas detesto padre que fica esfregando as mãos e sorrindo. A gente vê muito essas coisas em padres italianos, e isso não me agrada nada. Gostaria que ele fosse mais digno. É tudo o que tenho a dizer sobre ele.”

Alguns livros eram simples; um ou dois pareciam tão elementares que ela se perguntou se seriam mesmo usados numa faculdade, mas o primeiro capítulo do livro de direito comercial era pura novidade para ela, e Eilis não conseguia entender como aquilo podia se aplicar à contabilidade. Ela achou difícil, com muitas referências a jurisprudências. Torcia para que aquilo não fosse uma parte importante do curso.

Aos poucos, acostumou-se ao quadro de horários do Broklyn College, às aulas de três horas com intervalos de dez minutos, à maneira estranha como tudo era explicado, desde as noções mais elementares, inclusive a questão primária de como anotar num livro-razão comum todo o dinheiro que entra no banco e todo o dinheiro que sai, e a data e o nome da pessoa que faz o depósito, uma retirada ou preenche o cheque. Isso era fácil, bem como os tipos de conta que existem num banco e as diferentes espécies de taxas de juros. Mas, quando se tratava de fazer a contabilidade anual, o sistema era diferente do que ela havia aprendido, com muito mais fatores adicionados e dados muito mais complexos, inclusive impostos municipais, estaduais e federais.

Ela gostaria de ser capaz de poder identificar a diferença entre judeus e italianos. Alguns judeus usavam solidéu e parecia que muito mais judeus do que italianos usavam óculos. Mas a maioria dos alunos tinha pele morena, olhos castanhos, e era constituída de homens aplicados e de ar sério. Havia muito poucas mulheres na sua turma, e nenhum irlandês, nenhum inglês sequer. Todos pareciam se conhecer e andavam em grupos, mas se mostravam educados com ela, sempre tratavam de arranjar um lugar para que se sentasse e tentavam deixá-la à vontade, sem que ninguém se oferecesse para levá-la até em casa. Ninguém lhe fazia nenhuma pergunta a seu respeito, nem sentava a seu lado mais de uma vez. As aulas eram muito mais longas do que aquelas a que tinha assistido em sua terra natal, e Eilis se perguntava se não seria por isso que os professores apresentavam a matéria tão devagar.

O professor de direito, que dava aula depois do intervalo às quartas-feiras, era obviamente um judeu; Eilis achou que o nome Rosenblum era judeu, mas ele

também contava piadas sobre judeus e falava com um sotaque estrangeiro que ela achou que não era italiano. Ele era meio fanfarrão, pedia o tempo todo aos alunos que imaginassem que eram o presidente de uma grande empresa, maior do que a empresa de Henry Ford, e que sua empresa estava sendo processada por outra empresa ou pelo governo federal. Chamava a atenção dos alunos para casos reais em que as questões que ele havia apresentado eram demonstradas na prática. Sabia o nome dos advogados que tinham apresentado os argumentos de acusação e defesa, o currículo e o temperamento dos juízes que julgaram os casos, e também dos futuros juízes das cortes de apelação.

Eilis não tinha nenhuma dificuldade para entender o sotaque do sr. Rosenblum e, mesmo quando ele cometia erros de gramática ou sintaxe, ou usava uma palavra errada, ela conseguia acompanhar seu pensamento. A exemplo dos outros alunos, Eilis tomava notas enquanto o professor falava, mas no livro de direito comercial básico não conseguia encontrar nada sobre a maioria dos casos que ele mencionava. Quando escrevia para casa sobre o Brooklyn College, Eilis tentava explicar à mãe e a Rose algumas piadas que o sr. Rosenblum contava, nas quais sempre havia um polonês e um italiano; era mais fácil descrever a atmosfera que ele criava, como depois do intervalo os alunos esperavam com ansiedade a aula de quarta-feira e como ele tornava simples e interessante a questão dos litígios empresariais. Mas Eilis estava preocupada com as perguntas que o sr. Rosenblum ia formular na prova. Um dia, depois da aula, ela conversou sobre isso com um de seus colegas, um rapaz de óculos e cabelo crespo, com um ar amigável e de alguém estudioso.

"Talvez fosse melhor a gente perguntar para ele em que livro está se baseando", disse o rapaz, parecendo preocupado por um momento.

"Acho que ele não está se baseando em nenhum livro", disse Eilis.

"Você é inglesa?"

"Não, irlandesa."

"Ah, irlandesa", disse ele, acenando com a cabeça e sorrindo. "Bem, a gente se vê na semana que vem. Quem sabe conseguimos perguntar para ele."

O tempo estava mais frio e às vezes, de manhã, quando o vento soprava, o ar ficava gelado. Eilis tinha lido duas vezes seu livro de direito, havia feito anotações nele e comprou um segundo livro, que o sr. Rosenblum recomendara

e agora estava em sua mesinha de cabeceira, perto do despertador, que toda manhã tocava às sete horas e cinquenta e cinco minutos, bem na hora em que Sheila Heffernan estava começando a tomar seu banho de chuveiro, no banheiro em frente ao patamar da escada. O que ela mais adorava nos Estados Unidos, pensava Eilis naquelas manhãs, era que o aquecimento ficava ligado a noite inteira. Escreveu à sua mãe, a Rose, a Jack e aos rapazes contando aquilo. O ar dentro de casa era como uma torrada, disse ela; mesmo nas manhãs de inverno, ao sair da cama, ela não sentia medo nenhum de que os pés fossem congelar ao tocar no chão. E se a pessoa acordasse à noite, com o vento uivando lá fora, podia virar para o outro lado, na cama quentinha, feliz da vida, e pronto. A mãe respondeu perguntando como a sra. Kehoe conseguia bancar o custo de manter o aquecimento ligado a noite inteira, e Eilis respondeu que não era só a sra. Kehoe, que aliás não era nada extravagante, mas todo mundo nos Estados Unidos, todos ficavam com o aquecimento ligado a noite inteira.

Quando começou a comprar os presentes de Natal para Rose e a mãe, e também para Jack, Pat e Martin, calculando com que antecedência teria de enviá-los pelo correio para que chegassem lá a tempo, Eilis pensou em como seria a noite de Natal na mesa da cozinha da sra. Kehoe; se perguntou se todas as pensionistas trocariam presentes. No final de novembro, recebeu uma carta formal do padre Flood, perguntando se ela poderia, como um favor especial, trabalhar no salão paroquial na noite de Natal, servindo a comida para pessoas que não tinham nenhum outro lugar para ir. Ele sabia, disse o padre Flood, que seria um grande sacrifício para ela.

Eilis respondeu imediatamente para informá-lo de que, se ela não estivesse trabalhando, estaria disponível no período do Natal, inclusive no dia de Natal, a qualquer momento que precisasse dela. Avisou à sra. Kehoe que não ia passar o Natal na pensão, e sim trabalhando para o padre Flood.

"Eu bem que gostaria que você levasse algumas das outras com você", disse a sra. Kehoe. "Não vou convidá-las a fazer isso nem nada, mas é o único dia do ano em que gosto de ter um pouco de sossego. Na verdade, talvez eu acabe até me apresentando a você e ao padre Flood como uma pessoa carente. Só para ter um pouco de tranquilidade."

"Tenho certeza de que será muito bem-vinda, senhora Kehoe", disse Eilis, e

depois, percebendo que aquele comentário poderia soar um tanto ofensivo, acrescentou depressa, enquanto a mulher a fitava admirada: "Mas é claro que a senhora vai ser necessária aqui. E é muito bonito passar o Natal em casa".

"Para ser franca, isso me dá medo", disse a sra. Kehoe. "E se não fosse por minhas convicções religiosas, eu ignoraria o Natal, como fazem os judeus. Em certas partes do Brooklyn, parece um dia como qualquer outro. Sempre acho que é por isso que faz um frio de rachar no Natal, só para a gente não esquecer. E vamos sentir sua falta em nossa ceia. Eu gostaria muito de ter alguém de Wexford na ceia de Natal."

Um dia, quando estava indo para o trabalho, ao atravessar a rua State, Eilis viu um homem vendendo relógios de pulso. Estava adiantada para o trabalho, por isso podia se demorar algum tempo diante do seu tabuleiro. Não sabia nada sobre tipos de relógio, mas achou os preços muito baixos. Tinha na bolsa dinheiro suficiente para comprar um relógio para cada irmão. Mesmo que já tivessem relógios de pulso — e ela sabia que Martin usava o relógio de pulso que tinha sido do pai —, aqueles poderiam ser úteis, se os outros quebrassem ou tivessem que ir para o conserto, e além do mais eram dos Estados Unidos, o que podia ter alguma importância em Birmingham, e seria fácil e barato embalar e mandar pelo correio. Uma vez, na hora do almoço, ela achou uns cardigãs lindos, feitos de lã angorá, que custavam mais do que ela pretendia pagar; mesmo assim voltou lá no dia seguinte e comprou um para a mãe e outro para Rose, empacotou-os juntos com as meias de náilon que havia comprado na liquidação e mandou para a Irlanda.

Aos poucos, as decorações de Natal começaram a aparecer nas lojas e nas ruas do Brooklyn. Depois do jantar, numa sexta-feira, quando a sra. Kehoe saiu da cozinha, a srta. McAdam perguntou quando a sra. Kehoe ia pôr os enfeites de Natal.

"No ano passado, ela esperou até o último minuto, e isso tirou toda a graça do negócio", disse a srta. McAdam.

Patty e Diana iam ficar perto do Central Park, disseram elas, com a irmã de Patty e seus filhos, e teriam uma verdadeira noite de Natal, com presentes e a visita do Papai Noel. A srta. Keegan disse que o Natal não era Natal de verdade se a pessoa não estivesse em sua própria casa, na Irlanda, e que ia ficar triste o

dia inteiro e que não fazia nenhum sentido fingir que não estava triste.

"Sabe de uma coisa?", interveio Sheila Heffernan. "Os perus americanos não têm sabor de nada, mesmo aquele que a gente comeu no Dia de Ação de Graças não tinha gosto de nada, só de serragem. Não é culpa da senhora Kehoe, é assim no país inteiro."

"No país inteiro?", perguntou Diana. "Em toda parte?" Ela e Patty começaram a rir.

"Pelo menos, vai ser sossegado", disse Sheila, enfática, olhando na direção delas. "Não vamos ter tanto falatório inútil por aqui."

"Ah, eu não contaria com isso", disse Patty. "A gente pode descer pela chaminé para encher suas meias quando você menos esperar, Sheila."

Patty e Diana riram de novo.

Eilis não contou a nenhuma delas o que ia fazer no Natal; porém, num café da manhã da semana seguinte, ficou claro que a sra. Kehoe tinha contado a elas.

"Ah, puxa vida", disse Sheila. "Eles recebem tudo quanto é gente da rua. Nunca se sabe o que vai aparecer."

"Eu soube como é que é", falou a srta. Keegan. "Eles põem uns chapeuzinhos gozados na cabeça daquela gente arruinada e também dão umas garrafas de cerveja preta."

"Você é uma santa, Eilis", disse Patty. "Uma santa viva."

No trabalho, a srta. Fortini perguntou a Eilis se ela podia ficar até tarde nas noites da semana que antecedia o Natal, e Eilis aceitou, já que o curso ia ficar suspenso por duas semanas. Também aceitou trabalhar na véspera de Natal até o último minuto, uma vez que algumas das outras vendedoras queriam sair mais cedo para poder pegar o trem ou o ônibus e ficar com suas famílias.

Quando terminou de trabalhar na Bartocci's na véspera de Natal, Eilis foi direto para o salão paroquial, conforme combinado, a fim de receber as instruções para o dia seguinte. Estavam descarregando mesas compridas de um caminhão estacionado na frente, e depois descarregaram bancos. Antes da missa, Eilis tinha ouvido o padre Flood pedir a algumas mulheres que emprestassem toalhas de mesa, que elas poderiam vir buscar depois que o Natal tivesse terminado. Após o sermão, o padre pediu doações de copos, talheres,

xícaras, pires e pratos para completar seu estoque. Também deixou claro que o salão paroquial estaria aberto das onze da manhã até as nove da noite no dia de Natal, e todo mundo que viesse, a despeito do credo ou do país de origem, seria bem-vindo em nome de Deus; mesmo aqueles que não tivessem necessidade de comida ou de abrigo poderiam entrar lá a qualquer hora para comemorar o dia, mas, por favor, acrescentou ele, não entre meio-dia e meia e três da tarde, quando seria servida a ceia de Natal. Avisou também que, a partir de meados de janeiro, ele ia promover um baile no salão paroquial todas as sextas-feiras à noite, com um grupo de música ao vivo, mas sem bebida alcoólica, a fim de levantar fundos para a paróquia, e ele gostaria que todos divulgassem a novidade.

Assim que Eilis conseguiu abrir caminho entre os homens que arrumavam as mesas e os bancos em fileiras regulares e as mulheres que penduravam no teto as decorações natalinas, viu o padre Flood.

"Será que você não podia contar os talheres para ver se temos o suficiente?", disse ele. "Se não for suficiente, vamos ter de sair por aí pedindo talheres."

"Quantas pessoas o senhor está esperando?"

"No ano passado foram duzentas. Elas atravessam as pontes, tem gente que vem do Queens e até de Long Island."

"E são todos irlandeses?"

"São, são todos irlandeses abandonados. Eles construíram os túneis, as pontes, as estradas. Alguns eu só vejo uma vez por ano. Só Deus sabe do que é que vivem."

"Por que não voltam para casa?"

"Alguns têm cinquenta anos e perderam contato com todo mundo", disse o padre Flood. "Houve um ano em que consegui o endereço da casa de alguns deles, aqueles que achei que estavam mais necessitados de ajuda, e escrevi para a Irlanda pedindo ajuda. Praticamente não obtive resposta, mas, no caso de um pobre-diabo já velho, recebi uma carta fedorenta de sua cunhada, que dizia que a fazenda, ou a propriedade rural, ou sei lá o quê, não era dele, e era melhor ele nem pensar em pôr os pé lá. Seria escorraçado na porteira. Me lembro disso. Foi o que ela escreveu."

Eilis foi à missa da meia-noite com a sra. Kehoe e a srta. Keegan, descobrindo

no caminho para casa que a sra. Kehoe era uma das paroquianas incumbidas de assar um peru com batatas e cozinhar um presunto para o padre Flood, o qual havia combinado que tudo seria recolhido ao meio-dia.

"É como na guerra", disse a sra. Kehoe. "Alimentar as tropas. Tem de ser feito no horário exato. Vou tirar do peru algumas fatias para a nossa necessidade, bem pequenas; vai ser o maior peru que eu achar, e vai ficar seis horas no forno antes de eu tirar. Nós quatro vamos comer, eu, a senhorita McAdam, a senhorita Heffernan e a senhorita Keegan, aqui, assim que o peru tiver sido levado para o salão paroquial. E se sobrar alguma coisa, guardamos para você, Eilis."

Às nove horas, Eilis estava no salão paroquial descascando legumes na cozinha grande que ficava nos fundos. A seu lado, estavam trabalhando mulheres que ela nunca tinha visto, todas mais velhas do que ela, algumas com ligeiros sotaques americanos, mas todas de origem irlandesa. A maioria estava ali só para trabalhar na parte da manhã, disseram a Eilis, antes de irem para casa alimentar suas próprias famílias. Logo ficou claro que duas mulheres dirigiam os trabalhos. Quando o padre Flood chegou, apresentou Eilis a elas.

"São as senhoritas Murphy, de Arklow", disse ele. "Mas não vamos ficar aborrecidos com elas por causa disso", disse o padre.

As duas srtas. Murphy riram. Eram altas, de ar alegre, de cinquenta e poucos anos.

"Vamos ser só nós três", disse uma delas, "aqui, o dia todo. As outras ajudantes vão ficar entrando e saindo."

"Nós somos aquelas que não têm uma casa para ir", disse a outra srta. Murphy, e sorriu.

"É o seguinte, vamos servir a comida para eles em grupos de vinte", sugeriu a irmã.

"Cada uma de nós prepara sessenta e cinco refeições, mas podia ser até mais, em três sessões. Eu fico na cozinha do padre Flood e vocês duas ficam aqui no salão. Quando chegar um peru, ou quando os que a gente está assando no primeiro andar ficarem prontos, o padre Flood vai atacar os perus e os presuntos, e fatiá-los. O forno daqui só serve para manter a comida quente. Durante uma hora, as pessoas vão trazer perus, presuntos e batatas assadas para

nós, e a questão é manter os legumes quentes e prontos para servir."

"Em outras palavras, não podemos perder tempo com enrolação", interrompeu a outra srta. Murphy.

"Mas a gente tem muita sopa e cerveja preta para eles passarem o tempo, enquanto estiverem esperando. São muito gentis, todos eles."

"Não se importam de esperar e, se ficam chateados, pelo menos não falam nada."

"São todos homens?", perguntou Eilis.

"Aparecem uns poucos casais, ou porque a mulher é velha demais para cozinhar, ou porque são muito sozinhos, ou por qualquer outro motivo, mas o resto são homens mesmo", disse a srta. Murphy. "Adoram companhia e, além do mais, é comida irlandesa, sabe, o recheio, as batatas assadas, as couves-de-bruxelas cozidas até morrer."

Sorriu para Eilis, balançou a cabeça e deu um suspiro.

Assim que a missa das dez horas terminou, as pessoas começaram a chegar. O padre Flood encheu uma das mesas com copos, garrafas de limonada e doces para as crianças. Mandava todo mundo que entrava pôr um chapeuzinho de papel na cabeça, até as mulheres que tinham acabado de fazer o cabelo. Assim, quando os homens começaram a chegar, para passar todo o dia de Natal no salão, eles mal eram notados no meio da multidão. Só mais tarde, após o meio-dia, quando os visitantes começaram a se dispersar, eles puderam ser vistos com clareza, alguns sentados sozinhos com uma garrafa de cerveja preta na frente, outros amontoados em grupos, muitos teimosamente com seus chapéus de pano, que usavam na rua, em vez dos chapeuzinhos de papel.

As srtas. Murphy estavam ansiosas para que os homens que chegaram primeiro se reunissem em uma ou duas mesas compridas, formando um grupo com um número suficiente de pessoas para ser logo servido com tigelas de sopa, assim as tigelas poderiam ser lavadas rapidamente e usadas outra vez pelo grupo seguinte. Quando Eilis, seguindo as instruções que recebera, foi incentivar os homens a sentar-se na mesa de cima, mais próxima da cozinha, viu um homem alto e com as costas ligeiramente curvadas entrando no salão; usava um chapéu baixo sobre a testa e um sobretudo marrom e velho, com um cachecol no pescoço. Ela deteve-se um instante e olhou bem para ele.

O homem permaneceu parado assim que fechou a porta principal, e foi a maneira como ele contemplou o salão, observando o ambiente com timidez e uma espécie de prazer suave, que fez Eilis ter certeza, por um momento, que seu pai estava diante dela. Eilis teve a sensação de que deveria caminhar na direção dele, enquanto o via desabotoar o sobretudo com hesitação e soltar o cachecol. Era o jeito como ele ficava parado, enquanto, bem devagar, percorria com o olhar o salão inteiro, timidamente à procura de um lugar onde pudesse ficar confortável, ou olhava em redor com cuidado, para ver se conhecia alguém. Quando Eilis se deu conta de que não podia ser ele, que estava sonhando, o homem tirou o chapéu e ela viu que não se parecia em nada com seu pai. Olhou em volta, embaraçada, torcendo para que ninguém tivesse percebido. Era uma coisa que não podia contar a ninguém, pensou, não podia contar que por um instante imaginara ter visto o próprio pai, o qual, ela se lembrou rapidamente, tinha morrido quatro anos antes.

Embora as cadeiras da primeira mesa ainda não estivessem todas ocupadas, Eilis virou-se, voltou para a cozinha e verificou o número de pratos da primeira leva, sabendo que havia ali o número certo de pratos, depois levantou a tampa da enorme caçarola para conferir se as couves-de-bruxelas estavam fervendo, sabendo que a água ainda não estava quente o bastante. Quando uma das srtas. Murphy perguntou se a mesa mais próxima já estava cheia e se todos os homens tinham um copo de cerveja preta, Eilis virou-se e disse que fizera o possível para conduzir os homens até as mesas, mas talvez a srta. Murphy tivesse mais sucesso do que ela. Tentou sorrir, torcendo para que a srta. Murphy não notasse nada de estranho.

Durante as duas horas seguintes, ela ficou ocupada, pondo comida nos pratos, levando dois de cada vez para as mesas. O padre Flood fatiava os perus e os presuntos na hora em que chegavam, amontoava batatas recheadas e assadas dentro de tigelas. Por algum tempo, uma das srtas. Murphy se dedicou inteiramente a lavar, enxugar, limpar e abrir espaço, enquanto a irmã e Eilis serviam os homens, tomando cuidado para não deixar de pôr nada nos pratos — peru, presunto, batatas assadas e recheadas e couve-de-bruxelas — e, naquela afobação, para também não darem comida demais nem de menos a ninguém.

"Agora estamos com comida de sobra, portanto não precisam se preocupar",

gritou o padre Flood, "mas não ponham mais de três batatas assadas por cabeça, e vamos devagar com as batatas recheadas."

Quando já tinham bastante carne fatiada, o padre foi para fora e tratou de abrir mais garrafas de cerveja preta.

De início, os homens pareciam uns maltrapilhos para Eilis e ela sentia os cheiros do corpo de boa parte deles. Quando sentaram e ficaram bebendo sua cerveja preta, à espera da sopa ou da comida, ela nem conseguia acreditar que houvesse tantos, alguns de aspecto muito pobre e velho, e mesmo os mais jovens tinham dentes estragados e pareciam alquebrados. Muitos ainda fumavam, mesmo na hora em que chegou a sopa. Eilis fez o melhor que pôde para se mostrar gentil com eles.

No entanto, em pouco tempo, notava uma mudança neles, à medida que passavam a falar entre si, a gritar saudações para a outra ponta da mesa ou a entabular conversas sérias em voz baixa. De início, eles trouxeram à lembrança de Eilis os homens que ficavam sentados na ponte em Enniscorthy, ou reunidos nos bancos em Arnold's Cross ou na Louse Bank, à margem do rio Slaney, ou os homens do abrigo de indigentes da prefeitura, ou os homens da cidade que bebiam demais. Mas na hora em que servia aqueles homens e eles viravam a cabeça para lhe agradecer, pareciam mais semelhantes a seu pai e seus irmãos; na maneira como falavam ou sorriam, a dureza de seus rostos se abrandava com a timidez, e o que antes parecia teimosia ou rispidez, agora, estranhamente, se assemelhava a afeição. Quando serviu o homem que achou que era seu pai, Eilis observou-o com atenção, admirada de ver como ele, na verdade, pouco se parecia com o pai, como se a confusão tivesse sido um efeito ilusório da luz ou então alguma coisa que ela havia simplesmente imaginado. Eilis também ficou surpresa ao descobrir que ele estava falando em irlandês com o homem a seu lado.

"Este foi o milagre do peru e do presunto", disse a srta. Murphy ao padre Flood, quando grandes travessas de uma segunda porção foram colocadas em todas as mesas.

"É o estilo Brooklyn", disse sua irmã.

"Ainda bem que agora vem uma torta", acrescentou ela, "e não um pudim de ameixa, assim não precisamos nos preocupar em manter a sobremesa quente."

"Você não acha que eles deviam tirar o chapéu enquanto comem?", perguntou a irmã. "Será que não sabem que estão nos Estados Unidos?"

"Aqui não temos regras", disse o padre Flood. "E eles podem fumar e beber o quanto quiserem. Conseguir que todos cheguem em casa sãos e salvos é o que importa. Sempre há alguns que se sentem indispostos demais para ir embora."

"O senhor quer dizer bêbados demais", disse uma das srtas. Murphy.

"Ah, no Natal, chamamos isso de indisposição, e tenho uma fileira de camas já prontas para eles em casa", disse o padre Flood.

"O que a gente vai fazer agora é tratar de comer também", disse a srta. Murphy. "Vou pôr a mesa e já preparei uma refeiçãozinha boa para cada um de nós, está quentinha e tudo."

"Puxa, eu estava mesmo pensando se a gente não ia comer nada", disse Eilis.

"Pobre Eilis. Está morta de fome. Olhem só a carinha dela."

"Será que a gente não devia servir a torta primeiro?", perguntou Eilis.

"Não, vamos esperar", disse o padre Flood. "Isso vai atrasar tudo."

Na hora em que estavam retirando os pratos da torta, o salão era um mar de fumaça e de conversas animadas. Homens sentados em grupos, com um ou dois de pé atrás deles; outros que passavam de um grupo para outro, alguns com garrafas de uísque metidas em sacos de papel pardo que iam de mão em mão. Quando se completou toda a limpeza da cozinha e as latas de lixo estavam cheias, o padre Flood sugeriu que fossem ao salão e se unissem aos homens para tomar uma bebida. Tinham chegado alguns visitantes, inclusive algumas poucas mulheres, e Eilis, ao sentar-se com um copo de xerez na mão, pensou que aquele podia ser o salão paroquial de qualquer lugar da Irlanda na noite de um concerto ou de um casamento, enquanto os jovens estavam todos em outro lugar, dançando ou no bar.

Depois de algum tempo, Eilis notou que dois homens pegaram violinos e um outro, um acordeão pequeno; tinham achado um cantinho livre e estavam tocando, enquanto outros ficavam parados em volta, escutando. O padre Flood andava pelo salão, agora com um caderninho, anotando nomes e endereços e fazendo que sim com a cabeça enquanto os velhos falavam com ele. Passado algum tempo, bateu as mãos uma na outra e pediu silêncio, mas levou alguns minutos até conseguir que todo mundo prestasse atenção.

"Não quero interromper a festa", disse, "mas queríamos agradecer a uma jovem de Enniscorthy e a duas mulheres gentis de Arklow pelo dia de trabalho duro que dedicaram a nós."

Houve uma salva de palmas.

"E, como forma de agradecer a elas, há um grande cantor neste salão que gostaríamos de ouvir este ano outra vez."

Apontou para o homem que Eilis, por engano, achou que fosse seu pai. Estava sentado longe de Eilis e do padre Flood, mas se levantou quando seu nome foi chamado e veio andando tranquilamente na direção deles. Ficou de costas para a parede, para que todos pudessem vê-lo.

"Esse homem", disse a srta. Murphy para Eilis, "gravou LPs."

Quando Eilis ergueu os olhos, o homem estava acenando para ela. Parecia querer que ela se aproximasse e ficasse a seu lado. Por um instante, admirada, achou que ele queria que ela cantasse, por isso balançou a cabeça, mas ele continuou acenando, e as pessoas começaram a virar a cabeça e a olhar para ela; Eilis sentiu que não tinha opção a não ser levantar-se e ir para perto dele. Não conseguia imaginar por que ele queria que ela fosse até lá. Quando se aproximou, viu como os dentes do homem estavam estragados.

Ele não a cumprimentou, nem saudou sua chegada; em vez disso fechou os olhos, estendeu a mão para a mão dela e segurou-a. A pele da palma era macia. Ele segurou a mão de Eilis com firmeza e começou a mexer o braço num ligeiro movimento circular, enquanto começava a cantar. Sua voz era alta, forte e anasalada; o irlandês em que cantava, pensou Eilis, podia ser de Connemara, porque ela se lembrava de uma professora de Galway, no Convento da Misericórdia, que tinha aquele mesmo sotaque. Ele pronunciava cada palavra com cuidado e devagar, exibindo aos poucos uma fúria, uma ferocidade, pela maneira como interpretava a melodia. Porém, só quando o cantor chegou ao refrão ela entendeu as palavras — "*Má bhíonn tú liom, a stóirín mo chroí*" —, e o homem olhou para ela com orgulho, quase de modo possessivo, enquanto cantava aqueles versos. Todos no salão olhavam em silêncio para ele. Havia cinco ou seis versos; ele cantava as palavras com uma inocência pura e com encanto, de modo que às vezes, quando fechava os olhos, inclinando seu vulto volumoso para a parede, nem de longe parecia um velho; a força de sua voz e a

confiança de sua interpretação tinham dominado tudo. E aí, toda vez que chegava ao refrão, olhava para ela, deixava a melodia mais doce, tornando o andamento mais lento, baixava a cabeça e conseguia passar a impressão de que ele havia não apenas memorizado a canção, mas que a letra dizia o que ele sentia de fato. Eilis sabia como aquele homem ia ficar triste, e como ela também ia ficar triste, quando a canção terminasse, quando o último refrão fosse cantado e o cantor se curvasse para agradecer os aplausos da multidão, voltasse ao seu lugar e desse a vez a outro cantor, enquanto Eilis também voltava para o seu canto e sentava em sua cadeira.

À medida que a noite ia passando, alguns homens pegavam no sono ou precisavam de ajuda para ir ao banheiro. As duas srtas. Murphy prepararam bules de chá e houve um bolo de Natal. Quanto a cantoria terminou, alguns homens pegaram seus casacos e foram agradecer ao padre Flood, às srtas. Murphy e a Eilis, e lhes desejaram Feliz Natal antes de saírem para a noite.

Depois que a maior parte dos homens tinha ido embora e alguns dos que haviam ficado pareciam embriagados demais, o padre Flood disse que Eilis podia ir se quisesse e que pediria às srtas. Murphy para acompanhá-la até a casa da sra. Kehoe. Eilis respondeu que não, que estava acostumada a ir sozinha para casa, e além do mais, disse, aquela era uma noite sossegada. Apertou a mão das srtas. Murphy e do padre Flood e desejou-lhes feliz Natal antes de iniciar sua caminhada pelas ruas escuras e vazias do Brooklyn. Iria direto para o seu quarto, pensou Eilis, e evitaria passar pela cozinha da sra. Kehoe. Queria se deitar na cama e pensar em tudo o que havia acontecido antes de pegar no sono.

# PARTE TRÊS

Em janeiro, a caminho do trabalho, Eilis sentia o frio cortante e feroz das manhãs. Por mais depressa que andasse, e mesmo depois de comprar meias grossas, seus pés pareciam congelados na hora em que chegava à Bartocci's. Todo mundo na rua andava coberto dos pés à cabeça e, como se temessem se mostrar, usavam casacos grossos, cachecóis, chapéus, luvas e botas. Eilis notou que chegavam a cobrir a boca e o nariz com cachecóis grossos ou echarpes enquanto andavam. Ela só conseguia ver os olhos, e a expressão deles parecia a de gente alarmada pelo frio, aflita com o vento e com as temperaturas enregelantes. No final das aulas, à noite, os estudantes se aglomeravam no saguão da faculdade, enquanto se cobriam com várias camadas de roupa, a fim de se proteger da noite fria. Era como a preparação para uma peça estranha, pensava Eilis, com todos experimentando diversas indumentárias, com gestos vagarosos e estudados, e uma expressão de absoluta determinação no rosto. Parecia impossível imaginar uma hora em que não fizesse frio e em que ela pudesse caminhar pelas ruas pensando em outra coisa que não na sala aquecida da casa da sra. Kehoe, na sua cozinha quente ou no seu próprio quarto aquecido.

Certa noite, quando estava quase na hora de subir para o quarto e ir para a cama, Eilis viu a sra. Kehoe parada na porta de sua sala de estar, rondando meio sorrateira, na sombra, como se temesse ser vista. Fez um sinal com a mão para Eilis sem falar nada, chamou-a para entrar e depois fechou a porta sem fazer barulho. Mesmo quando atravessou a sala, sentou-se na poltrona perto da lareira e indicou que Eilis devia se sentar na poltrona em frente, a sra. Kehoe não disse nada. A expressão em seu rosto estava séria quando estendeu a mão direita para a frente e baixou-a, sugerindo a Eilis que, se ela fosse falar, sua voz não deveria ser alta.

"Pois bem", disse e olhou para a lareira, que ardia radiante por trás da grade,

antes de acrescentar ao fogo um pedaço de lenha e depois mais outro. “Não conte a ninguém que você veio aqui, está certo? Promete?”

Eilis fez que sim com a cabeça.

“A verdade é que a senhorita Keegan está indo embora, e quanto antes melhor, no que me diz respeito. Eu a fiz jurar que não ia contar nada a ninguém. Ela é bem do tipo da Irlanda Ocidental, e eles são melhores do que nós, quando se trata de guardar um segredo. Então isso ajusta muito bem a ela, porque não precisa se despedir de ninguém. Ela vai embora na segunda-feira e quero que você se mude para o quarto dela no porão. Nada disso, me escute, não é nenhum lugar úmido, e não fique me olhando desse jeito.”

“Não estou olhando para a senhora”, disse Eilis.

“Pois é, não fique.”

A sra. Kehoe observou o fogo por um momento e depois o chão.

“É o melhor quarto da casa, o maior, o mais quente, o mais silencioso e o mais bem mobiliado. E eu não quero saber de nenhuma discussão sobre isso. Você vai ficar com o quarto e pronto. Portanto, se fizer suas malas no domingo, na segunda-feira, enquanto você estiver no trabalho, trago tudo para baixo e assunto encerrado. Você vai precisar de uma chave, porque há uma entrada própria, que vai dividir com a senhorita Montini, mas, por favor, se perder a chave ainda existe uma escada entre o porão e este andar aqui, portanto não fique tão preocupada.”

“As outras não vão ficar aborrecidas por eu pegar o quarto?”, perguntou Eilis.

“Vão ficar, sim”, disse a sra. Kehoe e sorriu para ela. Em seguida, olhou para a lareira e assentiu, satisfeita. Ergueu a cabeça e olhou Eilis com um ar atrevido. A garota demorou um instante para entender que aquilo era um sinal para que ela fosse embora. Eilis levantou-se em silêncio, enquanto a sra. Kehoe estendia a mão direita outra vez a fim de deixar claro que Eilis não devia fazer nenhum barulho.

Enquanto subia a escada para seu quarto, ocorreu a Eilis que o quarto no porão podia, de fato, ser úmido e pequeno. Nunca tinha ouvido ninguém dizer que era o melhor quarto da pensão. Imaginou se todo aquele ar de segredo não seria apenas um jeito de mandá-la para baixo, sem lhe dar a oportunidade de ver para onde estava indo ou de fazer qualquer protesto. Eilis se deu conta de

que teria de esperar até voltar da aula na noite de segunda-feira.

Ao longo dos dias que se seguiram, a garota começou a temer a mudança e a sentir-se incomodada com a ideia de a sra. Kehoe carregar suas coisas para o novo quarto enquanto ela estava fora de casa e colocá-las num lugar de onde a srta. Keegan saía todos os dias num estado que não parecia sugerir a Eilis que morava no melhor quarto da casa. Também se deu conta de que não poderia apelar ao padre Flood e perguntar se o quarto não era escuro, úmido, encardido. Ela já havia usado e abusado da solidariedade dele e sabia que a sra. Kehoe tinha plena consciência daquilo.

No domingo, enquanto arrumava suas coisas em caixas, as deixava junto à cama e se dava conta de que havia comprado muito mais pertences do que cabia nas caixas, o que a obrigou a descer e discretamente pedir emprestadas à sra. Kehoe algumas bolsas de viagem, teve a sensação de que a mulher tinha se aproveitado dela, e se viu padecendo com o início da mesma pungente saudade de sua terra que havia sentido tempos antes. Naquela noite, não dormiu.

De manhã, havia um vento cortante que era uma novidade para ela. Parecia soprar com fúria, de todas as direções; o vento carregava gelo no ar, e as pessoas na rua andavam de cabeça baixa, algumas dando passinhos curtos de lá para cá na beira da calçada por causa do frio, enquanto esperavam o sinal fechar para os carros. Eilis sorriu ao pensar que ninguém na Irlanda tinha ideia de que os Estados Unidos fossem o lugar mais frio do mundo e, nas manhãs frias como aquela, seu povo fosse o mais sofrido que existe. Não iam acreditar se contasse aquilo numa carta. Na Bartocci's, todo dia as pessoas berravam com qualquer um que deixasse a porta aberta por um segundo a mais do que o necessário, e as roupas de baixo feitas de lã grossa vendiam loucamente, mais ainda do que o normal.

Naquela noite, enquanto tomava notas durante as aulas, Eilis fazia um esforço tão grande para ficar acordada que nem pensava no que ia encontrar quando voltasse para a pensão da sra. Kehoe e, enquanto caminhava de volta para casa depois de descer do bonde, resolveu que não ia nem querer saber como era o novo quarto, contanto que fosse bem aquecido e tivesse uma cama onde pudesse dormir. A noite estava silenciosa, o vento tinha cessado e havia uma secura e uma força pungente na forma como o ar gelado roía os dedos dos

pés e das mãos, fazia doer a pele do rosto e obrigava Eilis a rezar para que aquela viagem a pé chegasse logo ao fim, embora soubesse que ainda estava na metade.

Na hora em que abriu a porta da frente, a sra. Kehoe apareceu no corredor de entrada e colocou o dedo nos lábios. Fez um gesto para que Eilis esperasse, voltou um instante depois e, após verificar se ninguém estava vindo da cozinha para o corredor, entregou uma chave à garota; em seguida levou Eilis de volta para o lado de fora, fechando a porta bem de leve às suas costas. A garota desceu a escada até o porão. Na hora em que abriu a porta, a sra. Kehoe já estava à espera.

"Não faça o menor barulho", sussurrou ela.

Abriu a porta que dava para o quarto da frente do porão, aquele que a srta. Keegan acabara de deixar vago. Um lustre comum no canto e um abajur na mesinha de cabeceira já estavam acesos, e aquelas luzes, junto com o teto baixo, as cortinas de veludo escuro, a colcha estampada e bem colorida sobre a cama e os tapetes no chão davam ao quarto um aspecto suntuoso, como saído de uma pintura ou de uma fotografia antiga. Eilis notou uma cadeira de balanço num canto e viu que havia pedaços de lenha na lareira e folhas de papel enfiadas por baixo, à espera do fogo. O quarto era duas vezes maior que o antigo; tinha também uma escrivaninha onde ela podia estudar e uma espreguiçadeira junto à lareira, ao lado da cadeira de balanço. Nada tinha da aura funcional, quase espartana, do quarto onde havia dormido até então. Eilis sabia que todas as suas colegas de pensão gostariam de ficar com ele.

"Se uma delas perguntar, diga só que seu quarto está sendo reformado", disse a sra. Kehoe, enquanto abria um grande armário embutido, cuja madeira estava manchada de vermelho-escuro, para mostrar a Eilis onde tinha posto as malas e as bolsas. Por causa da maneira como a sra. Kehoe ficou parada, olhando para ela com um olhar orgulhoso, mas quase meigo e triste também, ocorreu a Eilis que aquele quarto podia ter sido montado no tempo em que o sr. Kehoe ainda não tinha ido embora de casa. Enquanto olhava para a cama de casal, Eilis imaginou se não teria sido o quarto dos dois. Imaginou se eles não alugavam os quartos da parte de cima da casa.

"O banheiro fica no fim do corredor", disse a sra. Kehoe. Ela estava parada

num canto mais às escuras, um pouco sem jeito, como se estivesse tentando recuperar o domínio de si mesma.

"E não conte nada a ninguém", acrescentou. "Nada vai dar errado para você, se seguir à risca essa regra."

"O quarto é adorável", disse Eilis.

"E você pode acender a lareira", disse a sra. Kehoe. "Mas a senhorita Keegan só fazia isso aos domingos, porque a lareira consome muita lenha. Não sei por quê."

"Será que as outras não vão ficar com raiva?", perguntou Eilis.

"Esta casa é minha, portanto elas podem ficar com raiva o quanto quiserem. Quanto mais ficarem com raiva, mais divertido vai ser."

"Mas..."

"Você é a única que tem bons modos."

O tom de voz da sra. Kehoe, enquanto tentava sorrir, fez uma tristeza invadir o quarto, Eilis sentiu. Achou que a sra. Kehoe estava lhe oferecendo demais sem a conhecer muito bem, e havia acabado de falar demais também. Eilis não queria que a sra. Kehoe se tornasse muito íntima dela ou a tomasse como uma pessoa de sua confiança pessoal. Deixou que o silêncio durasse alguns momentos, embora soubesse que aquilo podia dar a impressão de ingratidão. De modo quase formal, assentiu com a cabeça para a sra. Kehoe.

"Quando as outras vão ficar sabendo que estou morando aqui em definitivo?", perguntou afinal.

"Na hora certa. De qualquer forma, não é da conta delas."

Enquanto refletia sobre as consequências do que a sra. Kehoe tinha feito e dos problemas que na certa isso ia lhe trazer com suas colegas pensionistas, Eilis sentiu vontade de estar sozinha em seu antigo quarto.

"Espero que elas não fiquem aborrecidas comigo."

"Não dê atenção nenhuma a elas. Acho que nem eu nem você precisamos perder uma noite de sono por causa delas."

Eilis ficou parada, ereta, tentando se fazer mais alta, e fitou a sra. Kehoe com frieza. Estava claro para ela que o último comentário de sua senhoria continha a ideia firme de que ela e Eilis se encontravam numa posição à parte em relação às outras pensionistas e que ambas estavam dispostas a revelar para elas

que as duas juntas haviam conspirado para aquilo. Eilis achou que era uma tremenda arrogância da sra. Kehoe, mas também que a decisão de dar a ela, a pensionista mais nova na casa, o melhor quarto não só causaria rancor e outros problemas entre ela, Patty, Diana, a srta. McAdam e Sheila Heffernan, como também significava que, na devida hora, a sra. Kehoe se julgaria no direito de cobrar o favor que tinha feito a Eilis.

A garota entendeu que ela poderia agir assim se precisasse de algo com urgência ou poderia permitir que aquilo provocasse maior familiaridade no relacionamento entre as duas, uma espécie de amizade ou de ligação estreita. Enquanto ficavam paradas no quarto, Eilis ia se sentindo quase zangada com a sra. Kehoe, e essa sensação, misturada com o cansaço, pareceu lhe dar coragem.

"É sempre melhor ser franca", disse, imitando Rose quando achava que sua dignidade ou seu sentido de decoro tinha sido afetado de algum modo. "Quero dizer, com todo mundo", acrescentou.

"Depois que você tiver vivido neste mundo como eu vivi", retrucou a sra. Kehoe, "vai descobrir que isso só funciona uma parte do tempo."

Eilis fitou a senhoria, sem recuar diante da agressividade ferida que respondeu ao seu olhar. Estava resolvida a não falar mais nada, a despeito do que a sra. Kehoe dissesse. Sentiu a irritação da mulher mais velha dirigida contra ela, como se a tivesse traído de um modo incalculável, até se dar conta de que o ato de lhe oferecer aquele quarto, o gesto de generosidade, havia liberado algo na sra. Kehoe, algum profundo rancor contra o mundo, que agora a mulher estava, cuidadosamente, recolocando em seu lugar.

"O banheiro, como eu falei, fica no fim do corredor", disse, afinal. "Vou deixar a chave aqui."

Colocou a chave numa mesinha lateral e saiu do quarto, batendo a porta com força, para que a casa inteira ouvisse.

Eilis se perguntou se as outras acreditariam nela se contasse que não havia pedido o quarto. Evitou a cozinha na hora do café e, ao encontrar Diana na porta do banheiro na segunda manhã, passou direto por ela, sem dizer nenhuma palavra. Porém sabia que quando chegasse o fim de semana seria impossível evitar uma discussão com as outras. Assim, na sexta-feira à noite, quando a sra. Kehoe saiu da cozinha e a srta. McAdam disse que gostaria de

conversar com ela a sós, Eilis não ficou surpresa. Sob olhar vigilante da srta. McAdam, como se Eilis fosse uma condenada à prisão em livramento condicional que poderia tentar fugir, ela se demorou na cozinha, até todas as outras saírem.

"Imagino que você já soube o que aconteceu", disse a srta. McAdam para Eilis.

Eilis tentou fazer uma cara de desentendida.

"É melhor você sentar."

A srta. McAdam aproximou-se da chaleira quando ela começou a ferver e encheu-a antes de falar outra vez.

"Sabe por que a senhorita Keegan foi embora?", perguntou.

"Por que eu saberia?"

"Então não sabe? É o que eu pensava. Bem, essa dona Kehoe aí sabe e todas as outras também."

"Para onde a senhorita Keegan foi? Houve alguma coisa com ela?"

"Foi para Long Island. E por bons motivos."

"O que aconteceu?"

"Ela foi seguida até em casa." Os olhos da srta. McAdam pareciam brilhar de excitação enquanto ela falava. Serviu o chá lentamente.

"Seguida?"

"Não só uma noite, mas duas, ou talvez mais, pelo que sei."

"Você quer dizer seguida até esta casa?"

"É, exatamente isso."

A srta. McAdam tomou um gole de seu chá, fitando Eilis o tempo todo com um olhar penetrante.

"Quem foi que a seguiu?"

"Um homem."

Quando Eilis pôs açúcar e leite em seu chá, lembrou-se de uma coisa que sua mãe sempre dizia.

"Mas é claro que, se um homem fosse atrás da senhorita Keegan, ele a deixaria em paz no instante em que chegasse ao primeiro poste de iluminação e pudesse vê-la com clareza."

"Só que não era um homem comum."

"O que você quer dizer?"

"Na última vez em que a seguiu, ele se exibiu para ela. Era esse tipo de homem."

"Quem foi que contou isso a você?"

"A senhorita Keegan contou à senhorita Heffernan e a mim mesma, em particular, antes de ir embora. Ela foi seguida até a porta desta casa. E quando descia a escada, o homem se exibiu."

"Ela contou isso à polícia?"

"Sim, mas não podem fazer nada, a menos que ela estivesse disposta a identificar o homem, e ela não está. Então ela arrumou as malas. E mudou-se para a casa do irmão e da mulher dele em Long Island. E depois, para piorar a situação, essa dona Kehoe quis que eu me mudasse para o quarto da senhorita Keegan. Começou com aquele papo de que é o melhor quarto da casa. Eu acabei logo com a conversa-fiada dela. A senhorita Heffernan está num estado horrível. E Diana se recusou a ficar no porão sozinha. Assim ela transferiu você lá para baixo, porque nenhuma de nós aceitou ir."

Eilis percebeu como a srta. McAdam parecia contente consigo mesma. Enquanto observava a mulher mais velha tomando seu chá aos golezinhos, ocorreu a Eilis que aquilo poderia muito bem ser uma vingança dela contra Eilis e contra a sra. Kehoe, por causa do quarto. Por outro lado, era obrigada a admitir, também podia ser verdade. A sra. Kehoe podia tê-la usado, a única pensionista que parecia não saber por que a srta. Keegan tinha ido embora. Mas então pensou que, nos dias que antecederam sua mudança para o porão, a sra. Kehoe não poderia ter certeza de que Eilis não descobriria tudo. Quanto mais observava a srta. McAdam, mais se convencia de que, se ela não estava inventando a história do homem exibicionista, então estava exagerando o caso. Eilis não sabia se a srta. McAdam tinha sido incentivada pelas outras pensionistas a fazer aquilo ou se agia por conta própria.

"É um quarto adorável", disse Eilis.

"Adorável pode ser", retrucou a srta. McAdam. "E você sabe que todas nós queríamos o quarto quando a senhorita Keegan se mudou para lá, e o melhor é que, naquele quarto, essa dona Kehoe não pode ficar espionando toda vez que a gente chega em casa à noite. Mas eu não gostaria de estar lá embaixo agora,

com a luz acesa, para todo mundo ver. Talvez seja melhor eu não falar mais nada."

"Fale o que quiser."

"Bem, para alguém que volta para casa a pé e sozinha todas as noites, você parece muito tranquila."

"Se alguém se exibir para mim, você vai ser a primeira a saber."

"Se eu ainda estiver aqui", disse a srta. McAdam. "Talvez todas nós acabemos indo para Long Island."

Nos dias seguintes, Eilis não conseguiu chegar a uma conclusão a respeito do que a srta. McAdam havia falado. Nas refeições na cozinha com o restante das pensionistas, recusava-se a acreditar que todas houvessem conspirado para assustá-la como vingança por ter sido instalada no quarto da srta. Keegan; recusava-se a acreditar que a sra. Kehoe a tivesse instalado ali não porque tivesse uma preferência por ela, e sim por achar que era ela quem tinha menos capacidade de protestar. Eilis examinava o rosto das outras quando lhes dirigia a palavra, mas nada ficava claro. Queria deixar aberta a possibilidade de que os motivos de todas fossem bons, mas era pouco provável, pensou, que a sra. Kehoe tivesse verdadeiramente lhe cedido o quarto por pura generosidade e era pouco provável também que a srta. McAdam e as outras garotas não dessem, de fato, importância para aquilo e tivessem apenas desejado preveni-la sobre o homem que havia seguido a srta. Keegan e avisá-la de que devia tomar cuidado. Eilis gostaria de ter uma amiga de verdade entre as pensionistas a quem pudesse pedir uma opinião. E se perguntou então se o problema não seria ela mesma, que via maldade nos motivos, quando não havia nenhuma intenção oculta. Se acordava no meio da noite ou tinha tempo para andar bem devagar rumo ao trabalho, repensava tudo mais uma vez; uma hora culpava a sra. Kehoe, outra hora a srta. McAdam e suas colegas pensionistas, depois punha a culpa de tudo em si mesma, e no fim não chegava a conclusão nenhuma, a não ser que seria melhor parar de pensar naquele assunto de uma vez por todas.

No domingo seguinte, o padre Flood anunciou que o salão paroquial estava pronto para receber os bailes destinados a levantar fundos para as obras de caridade da paróquia, que ele havia conseguido o conjunto Pat Sullivan's Harp e a Shamrock Orchestra e que ia pedir aos paroquianos para divulgar a notícia

de que o primeiro baile seria realizado na última sexta-feira de janeiro, e daí em diante e até segunda ordem toda sexta-feira à noite.

Quando a sra. Kehoe deu uma rápida passada pela cozinha naquele anoitecer, deixando um instante sua partida de pôquer e sentando-se à mesa, as pensionistas conversavam sobre o baile.

"Espero que o padre Flood saiba o que está fazendo", disse a sra. Kehoe. "Promoveram uns bailes naquele mesmo salão paroquiano quando a guerra terminou e depois precisaram fechar as portas por causa da imoralidade. Alguns italianos começaram a ir atrás de garotas irlandesas."

"Bem, não vejo nada de errado nisso", disse Diana. "Meu pai é italiano e acho que conheceu minha mãe num baile."

"Tenho certeza de que ele é um homem direito", disse a sra. Kehoe, "mas depois da guerra alguns italianos eram muito atirados."

"Eles são muito bonitos", disse Patty.

"Seja como for", disse a sra. Kehoe, "tenho certeza de que alguns deles são adoráveis, é claro, mas por tudo o que ouço dizer por aí, todo cuidado é pouco, quando se trata da maioria dos homens italianos. Mas agora chega de falar de italianos. Vai ser melhor para todas nós se mudarmos de assunto."

"Tomara que não tenha danças irlandesas", disse Patty.

"O conjunto de Pat Sullivan é adorável", disse Sheila Heffernan. "Eles tocam qualquer coisa, desde músicas irlandesas até valsas, foxtrotes e músicas americanas."

"Parabéns para eles, então", disse Patty, "contanto que eu fique sentada na hora da dança irlandesa *céilí*. Puxa, isso devia ser abolido. Numa época como a nossa!"

"Se você não tiver sorte", disse a srta. McAdam, "vai ficar sentada a noite inteira, a menos, é claro, que forme par com outra mulher."

"Chega de conversar sobre o baile", disse a sra. Kehoe. "Eu nem devia ter entrado nesta cozinha, afinal. Tratem de tomar cuidado. É tudo o que tenho a dizer. Vocês têm a vida inteira pela frente."

Durante algum tempo, à medida que a noite do baile ia se aproximando, a pensão rachou em duas facções: a primeira, formada por Patty e Diana, queria que Eilis fosse com elas a um restaurante onde poderiam encontrar outras

pessoas que também iam ao baile, mas as outras — a srta. McAdam e Sheila Heffernan — insistiam em dizer que o tal restaurante era na verdade uma taverna e que muitas vezes as pessoas que se reuniam lá não estavam sóbrias nem se comportavam com decência. Queriam que Eilis fosse com elas direto da pensão da sra. Kehoe para o salão paroquial apenas para apoiarem uma boa causa e deixariam o baile o mais cedo possível, sem parecer mal-educadas.

"Uma das coisas da Irlanda de que não sinto nenhuma saudade é a exposição de gado das noites de sexta e sábado, e prefiro mil vezes ficar sozinha a ter a companhia daqueles homens meio embriagados, com aquela loção capilar horrorosa, me empurrando para lá e para cá."

"No lugar de onde eu vim", disse a srta. McAdam, "a gente simplesmente não saía nunca, e nem por isso nenhuma de nós ficou pior."

"Mas como é que vocês conheciam os rapazes?", perguntou Diana.

"Você já olhou bem para ela?", interveio Patty. "Ela nunca esteve com um rapaz na vida."

"Bem, quando eu conheço um rapaz", disse a srta. McAdam, "não é numa taverna."

No final, Eilis esperou em casa, com a srta. McAdam e Sheila Heffernan, e elas não saíram para o salão paroquial antes das dez horas. Eilis notou que as duas levavam sapatos de salto alto na bolsa, que iriam calçar assim que chegassem ao baile. Viu que as duas tinham penteado o cabelo para trás e usavam maquiagem e batom. Quando as viu, teve medo de parecer mal-arrumada ao lado delas; sentiu-se incomodada com a ideia de passar a noite na companhia das duas, por menos que ficassem no salão paroquial. Elas pareciam ter feito um esforço muito grande, ao passo que Eilis tinha apenas se arrumado e posto o único bom vestido que possuía e meias de náilon novinhas em folha. Enquanto caminhavam para o salão paroquial no meio da noite gelada, resolveu que iria observar com atenção o que as outras mulheres estavam vestindo no baile e cuidar para que, da próxima vez, não ficasse com uma aparência tão sem graça.

Quando se aproximaram, Eilis não sentiu nada a não ser pavor, e desejou ter encontrado uma desculpa para ficar em casa. Patty e Diana riram muito antes de sair, subiram e desceram a escada correndo, obrigando as outras a admirá-las

enquanto iam de um andar a outro da casa, chegando até a bater na porta da sra. Kehoe antes de finalmente sair, para que ela também visse como estavam. Eilis ficou contente por não ter ido com elas, mas agora, no silêncio estranho e tenso que se formou entre a srta. McAdam e Sheila Heffernan quando entraram no salão, Eilis sentiu o nervosismo das duas e teve pena delas, e também lamentou ter de ficar com as duas a noite inteira e ir embora com elas quando quisessem.

O salão estava quase vazio; depois de comprarem o ingresso, seguiram para o vestiário das mulheres, onde a srta. McAdam e Sheila Heffernan se ajeitaram melhor diante dos espelhos, passaram mais maquiagem, mais batom e ofereceram também o batom e o rímel para Eilis. Quando as três se olharam no espelho, Eilis se deu conta de que seu cabelo estava horroroso. Ainda que nunca mais na vida fosse voltar a um baile, precisava fazer alguma coisa para melhorar, pensou. O vestido, que Rose tinha ajudado a comprar, também parecia horroroso. Como possuía algum dinheiro guardado, achou que devia comprar algumas roupas novas, mas sabia que seria difícil demais para ela fazer aquilo sozinha e que suas duas colegas de baile seriam tão pouco úteis quanto Diana e Patty. A primeira dupla se vestia de um jeito formal e austero demais e a segunda de um modo moderno e escandaloso demais. Eilis resolveu que, depois que as provas tivessem terminado, em maio, ela ia dedicar algum tempo visitando as lojas e verificando os preços, até resolver que tipo de roupas americanas ficariam bem nela.

Quando foram ao salão e percorreram o piso de tábuas para se sentarem nos bancos do lado oposto, passando por alguns casais de meia-idade que valsavam ao som da música, as três viram o padre Flood, que se aproximou e cumprimentou-as.

"Estávamos à espera de uma verdadeira multidão", disse ele. "Mas, quando a gente mais quer, eles nunca aparecem."

"Ah, nós sabemos onde eles estão", disse a srta. McAdam. "Tomando coragem no gargalo de uma garrafa."

"Ah, bem, afinal é noite de sexta-feira."

"Só espero que não fiquem bêbados", disse a srta. McAdam.

"Ah, nós temos homens bons na porta. E esperamos que seja uma noite

agradável."

"Se o senhor abrisse um bar, ganharia uma fortuna", disse Sheila Heffernan.

"Puxa, como foi que eu não pensei nisso", retrucou o padre Flood, e esfregou as mãos uma na outra, rindo, enquanto se afastava e cruzava o salão de dança na direção da entrada principal.

Eilis olhou para os músicos. Havia um homem com um acordeão que parecia muito triste e saudoso enquanto tocava a valsa lenta, havia um homem mais jovem na bateria e um mais velho, ao fundo, com um contrabaixo. Eilis percebeu alguns instrumentos de sopro no palco e um microfone preparado para um cantor, e por isso deduziu que, quando o salão ficasse cheio, haveria mais músicos tocando.

Sheila Heffernan pegou uma limonada para cada uma delas, e as três ficaram bebericando em silêncio, sentadas no banco, enquanto o salão ia enchendo. No entanto ainda não havia o menor sinal de Patty e Diana e de seu grupo.

"Na certa acharam um baile melhor em algum lugar por aí", disse Sheila.

"Seria esperar demais elas virem dar apoio à sua própria paróquia", acrescentou a srta. McAdam.

"Ouvi dizer que alguns salões de baile no lado de Manhattan da ponte costumam ser muito perigosos", disse Sheila Heffernan.

"Sabe, quanto antes isto aqui acabar e eu estiver em casa, na minha caminha quente, mais feliz vou me sentir", disse a srta. McAdam.

De início, Eilis não viu nem Patty nem Diana, mas em compensação viu uma multidão de jovens entrar no salão fazendo muito barulho. Alguns homens vestiam ternos de cor brilhante, com os cabelos alisados para trás e cobertos de óleo. Um ou dois eram incrivelmente bonitos, como astros de cinema. Eilis imaginava bem o que iam pensar dela e de suas duas colegas, enquanto os recém-chegados iam tomando conta do salão, com seus olhos brilhantes, entusiasmados, cheios de expectativas. E aí Eilis viu Diana e Patty no meio deles, ambas com um aspecto radiante, tudo nelas era perfeito, inclusive seu sorriso simpático.

Agora Eilis daria qualquer coisa para ter ficado com elas, para ter se vestido como elas, para ser deslumbrante também, para estar entretida demais com as piadas e com os sorrisos dos que estavam em volta a ponto de nem perceber a

presença de alguém que as olhasse com a respiração ofegante, como ela fazia agora. Eilis teve até medo de se virar e olhar para a srta. McAdam e Sheila Heffernan; sabia que as duas deviam estar sentindo o mesmo que ela, mas também tinha consciência de que tentariam com todas as forças sugerir que desaprovavam profundamente os recém-chegados. Eilis não conseguia olhar para suas duas colegas pensionistas, tinha medo de ver algo de sua própria admiração idiota e de seu desconforto no rosto delas, medo de ver sua própria sensação de ser incapaz de dar a impressão de que estava se divertindo.

Quando a música mudou, não tocaram mais músicas irlandesas. O acordeonista passou a tocar melodias lentas no saxofone, músicas que a maioria dos dançarinos parecia conhecer. Naquela altura, o salão estava lotado. As pessoas na pista se movimentavam devagar e, na maneira como reagiam à música, pareceram a Eilis mais elegantes do que os dançarinos de sua terra. À medida que o ritmo ficava mais lento, ela se admirava de ver como alguns pares dançavam colados; algumas mulheres pareciam quase completamente envolvidas por seus parceiros. Ela viu Diana e Patty moverem-se com segurança e agilidade e percebeu que Diana fechou os olhos quando chegou mais perto de suas colegas de pensão, como se quisesse se concentrar melhor na música e no homem alto com quem dançava e também no prazer que estava tendo naquela noite. Depois que Diana passou, a srta. McAdam disse que achava que era hora de ir embora.

Enquanto atravessavam o salão para ir pegar seus casacos, Eilis gostaria que tivessem esperado até aquela série de músicas terminar, para que não fossem vistas indo embora tão cedo. Enquanto caminhavam para casa em silêncio, nem sabia dizer como estava se sentindo. As músicas que o conjunto havia tocado eram lindas e suaves. A maneira como os pares estavam vestidos era, a seus olhos, muito elegante e correta. Eilis sabia que aquilo era algo que ela jamais conseguiria alcançar.

"Essa Diana devia ter vergonha na cara", disse a srta. McAdam. "Só Deus sabe a que horas vai chegar em casa."

"Aquele é o namorado dela?", perguntou Eilis.

"Quem sabe?", disse Sheila Heffernan. "Cada dia da semana ela está com um namorado diferente, e no domingo tem dois."

"Ele parece encantador", disse Eilis. "E é um ótimo dançarino."

Nenhuma das duas colegas respondeu. A srta. McAdam acelerou o passo e obrigou as duas a acompanharem. Eilis ficou satisfeita com o que disse, embora estivesse claro que aquilo havia incomodado as outras. Ela se perguntava se não conseguia pensar em algo mais forte para dizer, de modo que as duas não voltassem a convidá-la para ir ao baile com elas na semana seguinte. Em vez disso, resolveu que iria comprar alguma coisa, nem que fossem apenas sapatos novos, algo que fizesse Eilis se sentir mais parecida com as garotas que tinha visto dançando no salão. Por um momento, pensou em pedir conselhos a Patty e Diana sobre roupas e maquiagem, mas refletiu melhor e achou que aquilo seria ir longe demais. Quando a srta. McAdam e Sheila Heffernan lhe deram um boa-noite bem seco ao chegarem em casa, Eilis decidiu que podia acontecer qualquer coisa que ela nunca mais iria a um baile com as duas.

Na segunda-feira, no trabalho, a srta. Fortini estava à espera dela. Eilis, de início, achou que tivesse feito algo errado, pois a srta. Fortini chamou a srta. Delano, outra vendedora, e ela para a acompanharem até o escritório da srta. Bartocci. Quando entraram no escritório, a srta. Bartocci parecia séria ao acenar para que sentassem diante dela.

"Vai haver uma grande mudança na loja", disse, "porque há mudanças ocorrendo fora dela. Gente de cor está vindo morar no Brooklyn em número cada vez maior."

Enquanto olhava para elas, Eilis não sabia dizer se encaravam aquilo como algo bom para os negócios ou, ao contrário, como uma notícia aterradora.

"Vamos receber de braços abertos em nossa loja as clientes de cor. E vamos começar com as meias de náilon. Vai ser a primeira loja nesta rua a vender meias de cor vermelho raposa a preços baixos, e em breve vamos acrescentar as meias de cor sépia e café."

"Essas são outras cores", explicou a srta. Fortini.

"Mulheres de cor querem meias vermelho raposa, nós vamos vender para elas, e vocês duas vão ser gentis com qualquer pessoa que entrar nesta loja, branca ou de cor."

"As duas são sempre muito educadas", disse a srta. Fortini, "mas vou ficar de olho assim que pusermos o primeiro cartaz na vitrine."

“Podemos perder alguns clientes por causa disso”, interveio a srta. Bartocci, “mas vamos vender para qualquer um disposto a pagar, e pelos melhores preços.”

“As meias vermelho raposa vão ficar à parte, separadas das normais”, disse a srta. Fortini. “Pelo menos no início. Vocês duas vão ficar no balcão, senhorita Lacey e senhorita Delano, e seu trabalho é fingir que não está acontecendo nada de mais.”

“O cartaz vai ser colocado na vitrine nesta manhã”, acrescentou a srta. Bartocci. “Vocês vão ficar lá, de pé, sorrindo. Combinado?”

Eilis e sua colega olharam uma para a outra e assentiram com a cabeça.

“Hoje, provavelmente, vocês não vão ter muito trabalho”, disse a srta. Bartocci, “mas vamos distribuir folhetos nos lugares certos e, no fim da semana, se tivermos sorte, não vão ter um momento de sossego.”

A srta. Fortini, então, levou-as de volta à loja, onde, à esquerda, numa mesa comprida, homens empilhavam novas embalagens de meias de náilon de uma cor quase vermelha.

“Por que escolheram a gente?”, perguntou a srta. Delano.

“Devem achar que somos simpáticas”, respondeu Eilis.

“Você é irlandesa, isso a torna diferente.”

“E quanto a você?”

“Eu sou do Brooklyn.”

“Bem, talvez você seja simpática.”

“Talvez eu seja só fácil de ser mandada de lá para cá. Espere só até meu pai saber disso.”

Eilis viu que a srta. Delano tinha sobrancelhas desenhadas com perfeição. Teve a imagem momentânea da garota diante de um espelho, por horas, com a pinça na mão.

Durante o dia todo, elas ficaram no balcão conversando tranquilamente, mas ninguém se aproximou para olhar as meias de náilon vermelhas. Só no dia seguinte Eilis viu duas mulheres de cor e de meia-idade entrando na loja e sendo conduzidas pela srta. Fortini na direção dela e da srta. Delano. Eilis viu-se fitando as duas e depois que conseguiu se controlar olhou para a loja à sua volta e percebeu que todo mundo olhava para elas. As duas mulheres estavam

excepcionalmente bem vestidas, como Eilis notou quando as observou de novo, ambas de casacos de lã de cor creme, conversando descontraidamente, como se não houvesse nada de extraordinário em sua chegada à loja.

A srta. Delano, Eilis observou, recuou quando elas se aproximaram, mas Eilis ficou onde estava, enquanto as duas mulheres começaram a examinar as meias de náilon, observando os diferentes tamanhos. Eilis notou as unhas pintadas delas e depois seus rostos; estava pronta para sorrir caso olhassem para ela. Mas nem por um momento elas ergueram os olhos das meias e, mesmo quando selecionaram alguns pares e entregaram a ela, não fitaram seus olhos. Eilis viu que a srta. Fortini a observava do outro lado da loja, enquanto ela fazia a conta dos produtos que as duas tinham escolhido e mostrava o valor às clientes. Quando recebeu o dinheiro, percebeu como a parte interna da mão da mulher era branca, em contraste com a pele preta das costas da mão. Eilis pegou o dinheiro com toda a presteza, colocou-o no recipiente e despachou-o para o caixa.

Enquanto esperavam que o recibo e o troco voltassem, suas duas clientes continuaram a conversar uma com a outra, como se ninguém mais existisse. Apesar de serem de meia-idade, Eilis achou que eram deslumbrantes e que tinham tomado muito cuidado com a aparência; seu cabelo era perfeito, suas roupas eram lindas. Eilis não sabia dizer se alguma delas estava usando maquiagem; podia sentir o aroma de um perfume, mas não sabia que cheiro era aquele. Quando lhes entregou o troco e as meias de náilon embrulhadas com todo o cuidado em papel marrom, agradeceu-lhes, mas elas não responderam, apenas pegaram o troco, o recibo e o embrulho e seguiram com elegância rumo à porta.

À medida que a semana prosseguia, elas vinham cada vez mais, e sempre que uma entrava, Eilis percebia uma alteração na atmosfera da loja, um silêncio, uma atenção; parecia que ninguém mais se mexia na hora em que aquelas mulheres andavam, para evitar que ficassem no seu caminho; as outras vendedoras olhavam para baixo, pareciam ocupadas e depois erguiam os olhos por um momento na direção do balcão onde estavam amontoadas as meias de cor vermelho raposa, antes de baixarem os olhos outra vez. No entanto a srta. Fortini jamais desviava o olhar do balcão. Toda vez que novas clientes se

aproximavam, a srta. Delano recuava e deixava Eilis atendê-las, mas, se um segundo grupo chegasse, ela se adiantava, como se aquilo fosse uma combinação entre elas. Nunca uma mulher de cor entrava sozinha na loja, e a maioria não olhava para Eilis nem lhe dirigia a palavra diretamente.

As poucas que falavam com ela usavam um tom de voz de uma educação tão requintada que deixavam Eilis tímida e sem graça. Quando chegaram as novas cores café e sépia, seu trabalho era mostrar às clientes que aquelas eram cores mais leves, porém a maioria das clientes a ignorava. No final de cada dia, Eilis se sentia exausta e achava as aulas à noite quase relaxantes, aliviada por haver algo que afastasse sua mente da tensão violenta na loja e que se mostrava ainda mais carregada em torno do balcão onde ela trabalhava. Eilis gostaria de não ter sido escolhida para ficar naquele balcão e se perguntava se, com o tempo, não seria transferida para outro setor da loja.

Eilis adorava seu quarto, adorava colocar seus livros na mesa diante da janela quando chegava à noite, depois vestia seu pijama, vestia o robe que havia comprado numa liquidação, calçava seus chinelos quentes e, antes de ir dormir, adorava passar uma hora ou mais revendo suas anotações de aula e depois relendo os manuais de escrituração mercantil e de contabilidade que havia comprado. Seu único problema continuava a ser as aulas de direito. Ela gostava de ver os gestos que o sr. Rosenblum fazia e da maneira como ele falava, às vezes reconstituindo um julgamento inteiro para a turma, e os litigantes ficavam definidos de forma muito realista, mesmo quando eram empresas, porém nem ela nem nenhum dos alunos com quem conversava sabia o que o professor esperava deles, como aquilo poderia aparecer em forma de uma questão numa prova ou teste. Como o sr. Rosenblum tinha tanto conhecimento, Eilis achava que talvez ele esperasse que todos os alunos tivessem o mesmo conhecimento minucioso das causas judiciais e do que significavam, os antecedentes, as sentenças, os preconceitos e as peculiaridades dos juízes, tomados individualmente.

Eilis estava muito preocupada em como explicar ao professor qual era exatamente o seu problema. Da mesma forma que falava rápido nas aulas, passando de uma causa judicial para outra, passando do significado teórico de determinada lei para a maneira como até então tinha sido aplicada na prática,

da mesma forma o professor sumia depressa assim que a aula terminava, como se tivesse outro compromisso urgente. A garota resolveu sentar-se na fileira da frente e aproximar-se dele no instante em que parasse de falar, mas, quando chegou a hora, ela ficou nervosa. Torcia para que ele não tivesse a impressão de que ela o estava criticando; também ficou preocupada com a possibilidade de ele começar a falar de um modo que ela não compreendesse. Eilis nunca tinha encontrado alguém assim. O professor fazia com que se lembrasse de alguns garçons em lanchonetes perto da rua Fulton, que não tinham a menor paciência com os fregueses, queriam que ela escolhesse depressa e sempre tinham mais uma pergunta a lhe fazer, não importava o que ela pedisse, ou seja, se queria tamanho grande ou pequeno, se queria quente ou com mostarda. Na Bartocci's, ela aprendeu a ser corajosa e decidida com os fregueses, mas, quando estava no papel de cliente, sabia que ficava muito hesitante e vagarosa.

Precisava se aproximar do sr. Rosenblum. Ele parecia tão inteligente e conhecia tanta coisa que, mesmo na hora em que se dirigiu ao tablado, ela ainda se perguntava como ele iria reagir a uma simples pergunta. Quando obteve a atenção dele, no entanto, viu que, sem nenhum grande esforço, ela havia se tornado quase segura de si.

"Há algum livro que eu possa comprar e que me ajude nessa parte do curso?", perguntou.

O sr. Rosenblum pareceu espantado e não respondeu.

"Suas aulas são interessantes", disse ela, "mas estou preocupada com a prova."

"Você gosta das aulas?" Agora ele parecia mais jovem do que quando se dirigia a todos os alunos da turma e falava sobre direito.

"Gosto", disse ela, e sorriu. Ficou surpresa consigo mesma, por não ter gaguejado. Achava até que nem tinha ficado ruborizada.

"Você é inglesa?", perguntou o professor.

"Não, irlandesa."

"Você veio lá da Irlanda." Falou como que para si mesmo.

"Eu queria saber se o senhor recomenda algum livro ou manual em que eu possa estudar para as provas."

"Você parece preocupada."

"Não sei se as anotações que faço e os livros que tenho são suficientes."

"Quer ler mais?"

"Eu gostaria de ter um livro para poder estudar."

Ele olhou para a sala à sua volta, que se esvaziava rapidamente. Deu a impressão de que estava meditando, como se a pergunta o tivesse deixado perplexo."

"Existem alguns bons livros sobre direito empresarial básico."

Ela supôs que ele fosse lhe dar os títulos dos livros, mas o professor parou um instante.

"Você acha que estou indo depressa demais?"

"Não. Só não tenho certeza de que minhas anotações sejam o bastante para fazer a prova."

Ele abriu sua pasta e tirou um bloco de notas.

"Você é a única aluna irlandesa aqui?"

"Acho que sou."

Ela ficou olhando o professor escrever uma série de títulos numa folha de papel em branco.

"Há uma livraria especializada em direito na rua 23 Oeste", disse ele. "Em Manhattan. Você vai ter de ir lá para comprar estes livros."

"E são os livros certos para a prova?"

"Claro. Se souber os rudimentos do direito empresarial, você vai passar."

"Essa livraria fica aberta todos os dias?"

"Acho que sim. Você vai precisar ir lá e ver, mas acho que fica."

Quando Eilis assentiu com a cabeça e tentou sorrir, ele pareceu ficar ainda mais preocupado.

"Mas você está conseguindo acompanhar as aulas?"

"Claro", disse ela. "Consigo, sim."

Ele colocou o bloco de anotações dentro da pasta e lhe deu as costas bruscamente.

"Obrigada", disse ela, mas ele não respondeu. Em vez disso, saiu depressa da sala de aula. O porteiro estava esperando para trancar a porta, quando ela saiu. Eilis era a última.

Eilis perguntou a Diana e a Patty sobre a rua 23 Oeste e lhes mostrou o

endereço. Elas explicaram que Oeste queria dizer a oeste da Quinta Avenida e que o número queria dizer que a loja ficava entre a Sexta e a Sétima. Mostraram-lhe um mapa que abriram sobre a mesa da cozinha, espantadas por Eilis nunca ter ido a Manhattan.

"Lá é tudo maravilhoso", disse Diana.

"A Quinta Avenida é o lugar mais incrível que existe", disse Patty. "Eu daria qualquer coisa para morar lá. Adoraria casar com um homem rico que tivesse uma mansão na Quinta Avenida."

"Ou até com um homem pobre", disse Diana, "contanto que tivesse a mansão."

Explicaram a Eilis como pegar o metrô para a rua 23 Oeste e ela resolveu que iria lá no próximo meio dia de folga que tivesse na Bartocci's.

Quando a expectativa da noite de sexta-feira ficou mais forte, Eilis não conseguiu ter coragem de perguntar à srta. McAdam ou a Sheila Heffernan se iriam ao baile, mas também sabia que seria muito desleal ir com Patty e Diana, e talvez também fosse muito caro, pois elas iam primeiro a um restaurante, e além disso precisava comprar roupas novas para poder acompanhar o estilo das duas colegas.

Na noite de sexta-feira, depois do trabalho, foi jantar com um lenço na mão, advertindo as demais para não chegarem perto, a fim de não pegarem um resfriado. Assoou o nariz com muito barulho e fungou o mais que pôde várias vezes ao longo do jantar. Não se importava se as outras estavam acreditando ou não, mas estar resfriada, pensou, era a melhor desculpa para não ir ao baile. Sabia também que aquilo ia estimular a sra. Kehoe a falar sobre as doenças do inverno, um de seus assuntos favoritos.

"Olho vivo com as frieiras", disse ela. "Você precisa tomar todo cuidado com elas. Quando eu tinha a sua idade, as frieiras me matavam."

"Também, trabalhando naquela loja", disse a srta. McAdam. "Lá você pode pegar todo tipo de germes."

"Também se pode pegar germes em escritórios", disse a sra. Kehoe, olhando para Eilis de relance enquanto falava, deixando claro que tinha entendido a intenção da srta. McAdam de diminuí-la por trabalhar numa loja.

"Mas a gente nunca sabe quem vai..."

“Agora já chega, senhorita McAdam”, disse a sra. Kehoe. “E talvez, neste frio que está fazendo, o melhor para todas nós seja ir cedo para a cama.”

“Eu ia só dizer que me contaram que mulheres de cor andam fazendo compras na Bartocci’s”, disse a srta. McAdam.

Por um momento ninguém falou nada.

“Também ouvi isso”, disse Sheila Heffernan em voz baixa, depois de uma pausa.

Eilis olhou para seu prato.

“Bem, podemos não gostar deles, mas homens negros lutaram além-mar, não foi?”, comentou a sra. Kehoe. “E morreram da mesma forma que os nossos homens. Eu sempre disse isso. Ninguém falou nada contra eles quando precisaram de sua ajuda.”

“Mas eu não gostaria...”, começou a srta. McAdam.

“Sabemos do que você não gostaria”, interrompeu a sra. Kehoe.

“Eu não gostaria de ter de atender essa gente numa loja”, insistiu a srta. McAdam.

“Puxa, eu também não”, disse Patty.

“É do dinheiro deles que vocês não iam gostar?”, perguntou a sra. Kehoe.

“Elas são muito simpáticas”, disse Eilis. “Algumas usam roupas lindas.”

“Então é mesmo verdade?”, perguntou Sheila Heffernan. “Achei que fosse brincadeira. Bem, é isso, então. Vou passar pela Bartocci’s, sim, mas só do outro lado da rua.”

De repente, Eilis sentiu-se cheia de coragem.

“Vou dizer isso ao senhor Bartocci. Ele vai ficar muito preocupado, Sheila. Você e sua amiga aqui são famosas por seu estilo, sobretudo pelas meias furadas e pelos cardigãs velhos e cafonas que usam.”

“Agora já chega, todas vocês”, disse a sra. Kehoe. “Quero terminar o meu jantar em paz.”

Na hora em que o silêncio baixou e Patty tinha parado de soltar suas risadas estridentes, Sheila Heffernan havia saído da cozinha, mas a srta. McAdam, de cara branca, fitava Eilis de frente.

Eilis não conseguiu ver a menor diferença entre Manhattan e o Brooklyn, quando foi lá na tarde da quinta-feira seguinte, a não ser pelo frio, que achou

mais rigoroso e mais seco, e pelo vento mais violento na hora em que saiu do metrô. Não sabia bem o que esperava encontrar, mas sem dúvida algum charme, lojas mais elegantes e gente mais bem vestida, a impressão de um ambiente menos degradado e lúgubre do que às vezes o Brooklyn lhe parecia.

Não via a hora de escrever à mãe e a Rose sobre sua primeira viagem a Manhattan, mas então se deu conta de que teria de falar também da chegada de clientes de cor à Bartocci's ou da briga com as outras pensionistas por causa do assunto; era uma coisa que não podia comentar numa carta para casa, pois não queria deixar ninguém preocupado, nem mandar notícias que pudessem dar a impressão de que Eilis era incapaz de cuidar de si mesma. Também não queria lhes escrever cartas que pudessem deixá-las deprimidas. Assim, enquanto andava por uma rua que parecia interminável, com lojas sujas e gente de aspecto pobre, sabia que aquilo não ia lhe servir de nada quando precisasse de assunto para sua próxima carta, a menos que fosse para fazer alguma brincadeira, pensou Eilis, deixando as duas acreditarem que, como Manhattan não tinha nada de melhor em relação ao Brooklyn, apesar de tudo o que se dizia por aí, para ela não fazia a menor diferença não estar morando lá, e também não planejava voltar tão cedo.

Foi fácil achar a livraria e, depois que entrou, ficou admirada com a quantidade de livros de direito à venda e com o tamanho e o peso de alguns deles. Imaginou se na Irlanda também haveria tantas obras de direito assim e se os advogados em Enniscorthy tinham se afundado em livros daquele jeito, quando estavam estudando. Sabia que aquele seria um bom assunto numa carta para Rose, pois ela jogava golfe com esposas de advogados.

Primeiro, Eilis deu uma volta pela loja, observando os títulos nas prateleiras, ciente agora de que alguns eram velhos e talvez de segunda mão. Foi fácil imaginar o sr. Rosenblum ali, folheando os livros, com um ou dois bem grossos abertos à sua frente, ou usando a escada a fim de pegar um volume nas prateleiras mais altas. Depois de ter falado dele várias vezes em suas cartas para casa, Rose escreveu perguntando se era casado. Na resposta, foi difícil para Eilis explicar que ele parecia tão cheio de conhecimentos, tão imerso nas minúcias da sua matéria de aula e tão sério que era impossível imaginá-lo com mulher e filhos. Em sua carta, Rose também sugerira mais uma vez que, se Eilis tivesse

algum assunto mais íntimo para tratar, algo que não queria que a mãe soubesse, poderia mandar uma carta para o escritório dela, e garantiria, disse, que ninguém jamais a veria.

Eilis sorriu consigo mesma ao pensar que tudo o que tinha para contar era seu primeiro baile, e que se sentia à vontade para escrever sobre aquilo à mãe e ainda mencionar o assunto só de passagem, como uma piada. Não tinha nada de íntimo para contar a Rose.

Enquanto folheava os livros, sabia que não tinha a menor chance de encontrar os três de sua lista no meio de tantos volumes, portanto, quando um velho saiu de trás da mesa e se aproximou, ela se limitou a lhe entregar a lista e disse que eram aqueles os livros que estava procurando. O homem, que usava óculos de lentes grossas, precisou levantá-los até a testa a fim de conseguir ler. Estreitou os olhos.

"Esta letra é sua?"

"Não, é do meu professor. Ele recomendou esses livros."

"Você é estudante de direito?"

"Na verdade, não. Mas faz parte do curso."

"Qual é o nome do seu professor?"

"Senhor Rosenblum."

"Joshua Rosenblum."

"Não sei o primeiro nome dele."

"O que você está estudando?"

"Estou fazendo um curso noturno no Brooklyn College."

"É Joshua Rosenblum. Conheço a letra dele."

Olhou de novo com atenção para a folha de papel e os títulos.

"Ele é inteligente", disse o homem.

"É, sim, ele é muito bom", retrucou ela.

"Você consegue imaginar...", começou o homem, mas virou-se para a caixa registradora antes de terminar. Estava agitado. Ela o seguiu lentamente.

"Então você quer estes livros, não é?" Ele falou quase com agressividade.

"Quero, sim."

"Joshua Rosenblum?", perguntou o homem. "Você consegue imaginar um país que gostaria de matá-lo?"

Eilis recuou um passo, mas não respondeu.

"E então, consegue?"

"O que o senhor quer dizer?", perguntou ela.

"Os alemães mataram todo mundo da espécie dele, assassinaram todos, mas nós o tiramos de lá, pelo menos isso fizemos, tiramos Joshua Rosenblum de lá."

"O senhor está falando da guerra?"

O homem não respondeu. Atravessou a loja e encontrou um banquinho, no qual subiu para pegar um livro. Quando desceu, virou-se, zangado.

"Você consegue imaginar um país capaz de fazer uma coisa dessa? Tinha de ser varrido da face da terra."

Olhou para ela com amargura.

"Na guerra?", perguntou Eilis de novo.

"No holocausto, no *churben*."

"Mas foi na guerra?"

"Foi, sim, foi na guerra", respondeu o homem, com uma fisionomia repentinamente gentil.

Enquanto estava ocupado procurando os outros dois livros, tinha no rosto um olhar resignado, quase teimoso; quando voltou ao balcão e preparou a conta dela, tinha um ar distante e hostil. Ela não fez mais nenhuma pergunta quando lhe entregou o dinheiro. O homem embrulhou os livros e lhe deu o troco. Eilis teve a sensação de que ele queria que ela fosse embora da livraria e também de que não havia mais nada que ela pudesse fazer para que lhe revelasse qualquer outra coisa.

Ela adorou desembrulhar os livros de direito e colocá-los na mesa, ao lado dos cadernos, dos seus livros de contabilidade e de escrituração mercantil. Quando abriu o primeiro livro e leu, imediatamente achou difícil e se preocupou, achando que deveria ter comprado também um dicionário para buscar as palavras mais difíceis. Ficou sentada ali até a hora do jantar, lendo a introdução, e no final continuava sem saber o que podia significar a "jurisprudência" mencionada no início.

Naquela noite, no jantar, quando notou que nem a srta. McAdam nem Sheila Heffernan falavam com ela ainda, pensou em perguntar a Patty e Diana se não podia ir com elas ao baile na noite seguinte, ou então encontrá-las em

algum lugar. Eilis se deu conta de que não queria ir ao baile em absoluto, mas sabia que o padre Flood iria notar sua ausência e, como seria a segunda semana seguida em que não apareceria, ele ia acabar perguntando por ela. Havia outra garota no jantar daquela noite, Dolores Grace, que estava ocupando o antigo quarto de Eilis. Tinha cabelos vermelhos, sardas e vinha de Cavan, como se soube depois, mas permanecia calada a maior parte do tempo e parecia embaraçada por estar à mesa com elas. Eilis soube que era sua terceira noite na pensão, mas não havia encontrado com Dolores nos jantares anteriores por estar no curso.

Depois do jantar, quando estava se acomodando em seu quarto para ver se conseguia compreender um pouco melhor um dos outros dois livros de direito, bateram na porta. Era Diana, acompanhada pela srta. McAdam, e Eilis achou estranho ver as duas juntas. Ficou parada diante da porta e não as convidou para entrar.

"Precisamos falar com você", sussurrou Diana.

"O que foi agora?", perguntou Eilis quase com impaciência.

"É essa Dolores", disse a srta. McAdam, querendo entrar no quarto. "Ela é uma esfregadora de chão."

Diana começou a rir e precisou pôr a mão sobre a boca.

"Ela faz faxina em casas de família", disse a srta. McAdam. "Está fazendo limpeza para a dona Kehoe aqui mesmo, como parte do pagamento de sua pensão. Nós não queremos que ela fique na mesa com a gente."

Diana soltou algo próximo de um grito de riso. "Ela é horrível. Ela é o fim."

"O que vocês querem de mim?", perguntou Eilis.

"Que se recuse a fazer as refeições com ela, quando todas nós nos recusarmos. A dona Kehoe dá ouvidos a você", disse a srta. McAdam.

"E onde ela vai comer?"

"Lá fora, no meio da rua, para mim tanto faz", disse a srta. McAdam.

"Não queremos essa mulher, nenhuma de nós", disse Diana. "Se a notícia se espalhar..."

"Se souberem que esta é uma casa onde mulheres do tipo dela se hospedam...", continuou a srta. McAdam.

Eilis sentiu uma grande vontade de bater com a porta na cara das duas e

voltar para seus livros.

"A gente veio só avisar", disse Diana.

"Ela é uma esfregadora de chão que veio de Cavan", disse a srta. McAdam, enquanto Diana começava a rir outra vez. "Não sei do que você está rindo", continuou a srta. McAdam, voltando-se para ela.

"Ah, puxa vida, desculpe. É que é uma coisa horrível. Nenhum sujeito decente vai querer saber de nenhuma de nós."

Eilis olhou bem para as duas, como se fossem clientes irritantes da Bartocci's e ela fosse a srta. Fortini. Como ambas trabalhavam em escritórios, se perguntou se não teriam falado dela da mesma forma quando chegou à pensão, porque trabalhava numa loja. Fechou a porta com firmeza na cara delas.

De manhã, a sra. Kehoe bateu na janela quando Eilis saiu à rua, vindo do porão. A senhoria fez sinal para que a garota esperasse e depois apareceu na porta da frente.

"Gostaria de saber se você não podia me fazer um favor especial", disse.

"Claro que sim, senhora Kehoe", disse Eilis. Era algo que a mãe lhe ensinara a dizer sempre que alguém lhe pedia um favor.

"Você poderia levar Dolores ao baile no salão paroquial esta noite? Ela está morrendo de vontade de ir."

Eilis hesitou. Gostaria de ter adivinhado que ela ia lhe pedir aquilo, para já ter uma resposta pronta.

"Está certo." De repente, se viu fazendo sim com a cabeça.

"Ótimo, que notícia excelente. Vou dizer a ela para estar pronta na hora", disse a sra. Kehoe.

Eilis gostaria de ter conseguido pensar rapidamente numa desculpa, num motivo para não ir, mas na semana anterior tinha inventado um resfriado e sabia que em algum momento teria de aparecer no baile, ainda que fosse para ficar pouco.

"Não sei quanto tempo vou ficar lá", disse.

"Isso não tem importância", respondeu a sra. Kehoe. "Nenhuma importância. Ela também não vai querer ficar muito tempo."

Mais tarde, na pensão, depois do trabalho, quando Eilis subiu, encontrou Dolores Grace sozinha, trabalhando na cozinha, e combinou de se encontrar

com ela às dez da noite.

No jantar, ninguém falou sobre o baile do salão paroquial; pela atmosfera, pela maneira como a srta. McAdam torcia os lábios e parecia francamente irritada toda vez que a sra. Kehoe falava, e também pelo fato de Dolores permanecer calada durante o jantar, Eilis imaginou que algo havia sido comentado. Pelo modo como a srta. McAdam e Diana evitavam seu olhar, Eilis também entendeu que as duas sabiam que ela ia levar Dolores ao baile. Não queria que pensassem que tinha sido ideia dela e se perguntou se poderia deixar claro para as colegas de pensão que a sra. Kehoe é que a recrutara à força para aquela missão.

Eilis ficou chocada com a aparência de Dolores, quando deixou o porão às dez horas e a encontrou. Vestia um casaco de couro barato, igual ao de um homem, e uma blusa branca de babados, saia branca e meias quase pretas. O batom vermelho parecia berrante em contraste com o rosto sardento e o cabelo fulgurante. Ocorreu a Eilis que ela parecia a mulher de um vendedor de cavalos em Enniscorthy num dia de feira agropecuária. Eilis teve vontade de correr para o porão quando a viu. Em vez disso, foi obrigada a sorrir quando Dolores disse que precisava subir para pegar o casaco de inverno e um chapéu. Eilis não sabia como ia ficar sentada ao lado dela no salão paroquial, enquanto de um lado a srta. McAdam e Sheila Heffernan a evitavam e, de outro, Diana e Patty chegavam ao baile com seus amigos.

"Vão muitos caras legais lá?", perguntou Dolores, quando chegaram à rua.

"Não tenho a menor ideia", respondeu Eilis com frieza. "Só vou porque é o padre Flood quem organiza."

"Ah, é? Puxa, ele fica rodando por lá a noite inteira? Vai ser igualzinho na minha terra."

Eilis não respondeu e tentou caminhar de um jeito sério, como se estivesse indo com Rose à missa das onze horas na catedral de Enniscorthy. Toda vez que Dolores lhe fazia uma pergunta, respondia em voz baixa e não lhe dizia grande coisa. Pensou que seria melhor se caminhassem em silêncio até o salão paroquial, mas não podia ignorar a garota completamente, embora percebesse que, quando elas paravam na beira da calçada esperando o sinal fechar para os carros, ela cerrava os punhos, cheia de irritação, cada vez que sua companheira

falava.

Eilis tinha imaginado que, quando estivessem no salão, a srta. McAdam e Sheila Heffernan iriam ficar sentadas longe delas, depois que tivessem deixado seus casacos no vestiário e encontrado um lugar de onde podiam ver os dançarinos. Mas em vez disso as duas colegas de pensão vieram para perto, a fim de enfatizar mais ainda que não tinham a menor intenção de lhes dirigir a palavra nem de ter qualquer tipo de contato com elas. Eilis observou como Dolores deixava seus olhos percorrerem todo o salão, com as sobrancelhas contraídas de tanta atenção.

"Puxa, mas aqui não tem ninguém", disse ela.

Eilis olhou fixamente para a frente, fingindo não ter ouvido.

"Eu ia adorar conhecer um cara, sabe?", disse Dolores, e cutucou Eilis com o cotovelo. "Queria saber como são os americanos."

Eilis fitou-a como se não tivesse entendido.

"Ouvi dizer que eles são diferentes", disse Dolores.

Eilis reagiu afastando-se um pouco dela.

"São todas umas vadias, aquelas outras", prosseguiu Dolores. "Foi o que a patroa falou. Umas vadias. A única que não é uma vadia é você."

Eilis olhou para o conjunto e depois por um momento para a srta. McAdam e Sheila Heffernan. A srta. McAdam enfrentou seu olhar e em seguida sorriu com malícia e desdém.

Quando Patty e Diana chegaram, vieram com um grupo maior do que da vez anterior. Todos no salão pareceram notar a chegada deles. Patty tinha o cabelo preso atrás, num coque, e usava um delineador preto pesado. Aquilo lhe dava um aspecto muito severo e dramático. Eilis notou que Diana fingia que não a estava vendo. Pareceu que a simples chegada do grupo foi um sinal para que os músicos, que estavam tocando valsas antigas só ao piano e no contrabaixo, passassem a tocar músicas que Eilis conhecia por causa das garotas do trabalho, que chamavam aquilo de suingue, no auge da moda.

Quando a música mudou, algumas pessoas do grupo de Patty e Diana bateram palmas e saudaram, e quando os olhos de Eilis e Patty se encontraram, Patty fez sinal para que Eilis fosse para junto dela. Foi um gesto ínfimo mas inequívoco, e em seguida Patty continuou olhando para Eilis quase com

impaciência. De repente, Eilis resolveu levantar-se e caminhar na direção do grupo, sorrindo com ar confiante para todos, como se fossem velhos amigos. Manteve as costas eretas enquanto andava e tentava dar a impressão de que estava com pleno domínio de si.

"Que ótimo ver você", disse em voz baixa para Patty.

"Acho que sei o que você quer dizer", respondeu Patty.

Quando Patty sugeriu que fossem ao banheiro, Eilis assentiu com a cabeça e acompanhou-a.

"Não sei como definir a sua cara quando estava lá sentada", disse Patty. "Mas garanto que não parecia nem um pouco feliz."

Ofereceu-se para mostrar a Eilis como usar o delineador preto e um pouco de rímel, e ficaram certo tempo juntas diante do espelho, ignorando todas as mulheres que entravam e saíam do banheiro. Com grampos extras que trazia na bolsa, Patty prendeu o cabelo de Eilis no alto da cabeça.

"Agora você está parecendo uma bailarina", disse.

"Não, não estou, não", respondeu Eilis.

"Bom, pelo menos não está mais parecendo que acabou de vir da ordenha das vacas no estábulo."

"Era assim que eu parecia?"

"Só um pouco. Uma vaquinhas bonitas e limpas", disse Patty.

Por fim, quando voltaram ao salão, o lugar estava lotado, a música era rápida e havia muitos pares dançando. Eilis tomava cuidado com o lugar para onde olhava ou para onde ia. Não sabia se Dolores continuava sentada no mesmo lugar. Não tinha a menor intenção de voltar lá nem de cruzar seu olhar com o de Dolores no salão. Ficou com Patty e um grupo de amigos dela, entre os quais havia um jovem de cabelo muito untado com óleo e com um sotaque americano que tentou explicar a Eilis os passos da dança por cima do barulho da música. Ele não a convidou para dançar, parecia preferir ficar com o grupo; de vez em quando olhava de relance para os amigos, enquanto lhe mostrava como dançar, como se mover no balanço das músicas de suingue, que agora iam ficando mais rápidas, enquanto os dançarinos reagiam à mudança de ritmo.

Aos poucos, Eilis foi se dando conta de um jovem que estava olhando para ela. Sorria com afeição, achando graça no seu esforço para aprender os passos

de dança. Não era muito mais alto do que ela, mas parecia forte, tinha cabelo louro e olhos azul-claros. Dava a impressão de achar engraçado o que estava acontecendo, enquanto balançava de leve o corpo ao ritmo da música. Estava sozinho e, quando ela cruzou seu olhar com o dele, depois de ter desviado os olhos por um momento, Eilis ficou admirada com a expressão no rosto do rapaz, que não se mostrava nem um pouco embaraçado por continuar olhando para ela. Eilis tinha certeza de que o jovem não fazia parte do grupo de Patty e Diana; suas roupas eram comuns demais e não estava nem de longe muito arrumado. Quando o conjunto acelerou o ritmo mais uma vez, todo mundo começou a aplaudir, e o rapaz que procurava lhe ensinar os passos da dança tentou lhe dizer alguma coisa, mas ela não entendeu suas palavras. Quando se virou para ele, percebeu que estava dizendo que talvez os dois pudessem dançar mais tarde, quando o ritmo ficasse menos acelerado. Ela fez que sim com a cabeça, sorriu e foi para perto de Patty, que ainda estava rodeada por alguns amigos.

Quando a música parou, alguns pares se separaram, outros foram para o bar, em busca de soda limonada, ou então ficaram na pista de dança. Eilis viu que o rapaz que tentava lhe ensinar os passos da dança ia dançar com Patty agora, e lhe ocorreu que Patty devia ter pedido a ele que lhe desse atenção e que o rapaz havia feito aquilo só para ser gentil. Quando Diana passou bem pertinho dela, deixando claro que não ia lhe dirigir a palavra, o rapaz que estava olhando para Eilis se aproximou.

"Você está com aquele cara que estava lhe ensinando os passos da dança?", perguntou. Ela notou o sotaque americano e seus dentes brancos.

"Não", disse ela.

"Então, posso dançar com você?"

"Não tenho certeza se sei os passos."

"Ninguém tem certeza mesmo. O segredo é fingir que sabe."

A música começou, e os dois se moveram entre os dançarinos. Os olhos de seu par, pensou Eilis, eram bastante grandes para o seu rosto, mas depois, quando ele sorriu para ela, o rapaz pareceu feliz demais para que aquilo tivesse alguma importância. Era um bom dançarino, mas não chamava a atenção de forma nenhuma e não tentou impressionar a garota nem fazer nada melhor do

que ela, e Eilis gostou disso. Eilis o observava com toda atenção possível, porque tinha certeza de que, se deixasse os olhos virarem, veria Dolores ainda sentada no mesmo lugar onde a havia deixado, esperando sua volta.

Depois que dançou com ele a primeira série de músicas e o conjunto parou de tocar, o rapaz se apresentou como Tony e perguntou se podia lhe pagar uma soda limonada. Eilis sabia que aquilo significava que teria de ficar com ele para dançar a próxima série de músicas e, como a essa altura Dolores poderia ter ido para casa ou encontrado alguém para dançar, concordou. Quando passou por Diana e Patty, viu as duas observando Tony, avaliando-o de alto a baixo. Patty fez um sinal que deu a entender que ele não se enquadrava nos padrões dela. Diana simplesmente desviou os olhos.

A dança seguinte era lenta, e Eilis se preocupou com a possibilidade de ficar perto demais de Tony, embora fosse difícil evitar, pois havia muitos pares no salão. Pela primeira vez, ela percebeu a preocupação dele, sentiu que também tentava não ficar bem próximo dela e se perguntou se estava sendo atencioso ou se aquilo significava que ele não gostava muito dela. No fim daquela série de músicas, pensou Eilis, iria agradecer, voltar ao vestiário, pegar seu casaco e ir para casa. Se Dolores se queixasse com a sra. Kehoe, Eilis poderia dizer que não se sentiu bem e que precisou ir embora mais cedo.

Tony sabia se movimentar com facilidade ao ritmo da música, sem precisar exibir seu dotes de dançarino. Enquanto percorriam a pista de dança ao som de uma melodia melancólica tocada no saxofone, Eilis sabia que ninguém estava prestando a menor atenção aos dois. Sentia o calor que vinha dele e, quando Tony tentou dizer alguma coisa, ela sentiu um cheiro doce em seu hálito. Por um segundo, olhou bem para ele outra vez. Tinha feito a barba com cuidado e o cabelo havia sido cortado com precisão. A pele parecia macia. Quando viu Eilis olhando para ele, Tony torceu a boca de um jeito divertido, e aquilo fez seus olhos parecerem ainda maiores do que antes. Na última música da série, que Eilis achou de longe a mais romântica, Tony se aproximou mais do corpo dela. Fez isso com tato e aos poucos; Eilis podia sentir a pressão e a força do rapaz contra ela, enquanto ela, em troca, também chegava mais perto, até que os dois ficaram bem juntos, envolvidos um no outro nos últimos minutos da música.

Quando se viraram para aplaudir o conjunto, ele não procurou os olhos dela, mas ficou a seu lado, como se fosse inevitável e já estivesse decidido que ficariam juntos para dançar também a próxima série de músicas. Havia barulho demais em volta dos dois para que Eilis pudesse ouvir o que ele estava dizendo, quando tentou falar, mas pareceu ser só um comentário amigável sobre algo, de modo que em resposta ela fez que sim com a cabeça e sorriu. Ele pareceu feliz e Eilis gostou daquilo. A música que começou era ainda mais lenta e tinha uma linda melodia. Ela fechou os olhos e deixou que ele encostasse o rosto no seu. Quase não estavam mais dançando, apenas oscilavam ao som da música, assim como a maioria dos outros pares na pista de dança.

Eilis imaginou quem seria ele, o jovem com quem estava dançando, e de onde teria vindo. Não lhe pareceu irlandês, era elegante e amigável demais, e muito aberto ao seu olhar. Mas ela não tinha certeza. Não havia nem sombra da pose de quem veste roupas feitas sob medida, que Eilis via nos amigos de Patty e Diana. Também era difícil imaginar o que ele fazia para ganhar a vida. Enquanto os dois se apertavam na pista de dança, ela não sabia nem se teria uma chance de lhe fazer aquelas perguntas.

No final da série, o homem que tocava o saxofone pegou o microfone e, com sotaque irlandês, explicou que a melhor parte da noite ainda estava por vir, na verdade ia começar naquele instante, pois o conjunto ia tocar algumas músicas para dançar *céilí*, como eles tinham feito nas semanas anteriores. Primeiro iam pedir àqueles que conheciam os passos da dança que fossem para o centro do salão e, acrescentou ele, para os aplausos e os gritos de alegria da plateia, esperava que nem todos fossem do condado de Clare. Quando fizesse o sinal com a mão, disse, todos os outros poderiam vir dançar também; aí seria a mesma dança livre que tinham desfrutado nas semanas anteriores.

"Você veio do condado de Clare?", perguntou seu par.

"Não", respondeu Eilis.

"Vi você na primeira semana, mas você não ficou até o fim e perdeu a dança livre, e também não veio na semana passada."

"Como é que você sabe?"

"Procurei você e não encontrei."

De repente, começou uma música; quando Eilis olhou para o palco, viu que

o conjunto havia se modificado. Os dois saxofonistas tinham se transformado num tocador de banjo e num acordeonista, e havia também dois violinistas, bem como uma mulher, que tocava um piano de parede. O baterista ainda era o mesmo. Alguns dançarinos foram para o meio do salão e se tornaram o centro da atenção geral, quando começaram a executar uma série de movimentos complicados, com enorme segurança e velocidade. Dali a pouco, a eles se uniram outros dançarinos igualmente ágeis, ao som dos gritos e dos aplausos da multidão. O ritmo da música se acelerou, todos os instrumentos juntos eram guiados pelo acordeonista; os dançarinos faziam muito barulho, batendo com os sapatos no chão de madeira.

Quando o acordeonista anunciou que iam tocar o "Sítio de Ennis", mais dançarinos foram até a pista de dança e começaram a passar da dança ensaiada para a dança livre, que o homem havia mencionado no início. Quando Tony sugeriu que os dois também fossem para o salão, Eilis rapidamente concordou, embora não soubesse os passos. Acharam um grupo que estava parado em duas filas, uma de frente para a outra, enquanto o homem dava instruções, pelo microfone, sobre o que deviam fazer em seguida. Os dançarinos que estavam nas pontas das filas — um homem e uma mulher — foram para o centro e deram meia-volta bruscamente, antes de retornar para sua posição original. Em seguida foi a vez dos dançarinos seguintes, e assim foi um por um, até que todos tivessem ficado um instante no centro. Então as duas filas de dançarinos se adiantaram a fim de ficarem cara a cara uns com os outros e, feito isso, uma fila ergueu os braços no ar e deixou que os outros passassem por baixo, e assim eles se viram diante de uma nova fila de dançarinos. À medida que a música prosseguia, os gritos, os risos e as instruções esbravejadas soavam mais alto e mais forte. Havia muita energia nos rodopios e nos giros no centro do salão e também nas batidas dos sapatos contra o chão de madeira. Na hora em que tocaram as últimas músicas e todo mundo parecia compreender os passos e os movimentos básicos, Eilis viu que Tony estava adorando aquilo e se esforçava ao máximo para acertar os passos, ao mesmo tempo que tomava cuidado para não fazer mais do que ela. Eilis teve a impressão de que ele estava se contendo por sua causa.

Assim que a música parou, ele lhe perguntou onde ela morava; quando Eilis

respondeu, Tony disse que ficava no caminho da casa dele. Havia alguma coisa nele, algo tão inocente, ansioso e radiante, que Eilis quase riu alto ao dizer que sim, ele podia ir com ela até sua casa. Eilis disse que iria encontrá-lo do lado de fora do salão paroquial, depois de pegar seu casaco. Quando entrou no vestiário, procurou algum sinal de Dolores na fila.

Lá fora estava gelado; os dois andavam devagar pelas ruas, bem junto um do outro, e mal se falavam. Quando se aproximaram da rua Clinton, porém, ele parou e virou-se para encará-la.

"Tem uma coisa que você precisa saber", disse ele. "Não sou irlandês."

"Você não parece irlandês", disse ela.

"Quero dizer, não tenho nada de irlandês."

"Nadinha mesmo?" Ela riu.

"Nem uma gota."

"Então de onde você é?"

"Sou do Brooklyn", disse ele, "mas meu pai e minha mãe são da Itália."

"E o que você estava fazendo..."

"Eu sei", interrompeu ele. "Ouvi falar do baile irlandês, pensei em ir dar uma olhada e acabei gostando."

"Os italianos não têm bailes?"

"Sabia que ia me fazer essa pergunta."

"Tenho certeza de que são bailes ótimos."

"Eu podia levar você uma noite dessas, mas você deve estar prevenida. Eles se comportam como italianos a noite toda."

"E isso é bom ou ruim?"

"Não sei, mas acho que é ruim, porque se eu tivesse ido a um baile italiano eu não estaria acompanhando você até sua casa agora."

Continuaram em silêncio até chegarem na frente da casa da sra. Kehoe.

"Posso vir pegar você na semana que vem para irmos ao baile? Quem sabe podemos comer alguma coisa antes?"

Eilis se deu conta de que aquele convite significava que poderia ir ao baile sem ter de levar em consideração os sentimentos de nenhuma de suas colegas de pensão. Mesmo no caso da sra. Kehoe, pensou, aquilo serviria como desculpa para não ter de acompanhar Dolores.

Mais tarde, ao longo da semana, quando estava indo da Bartocci's para o curso no Brooklyn College, ela até se esqueceu daquilo que estava esperando com ansiedade; às vezes chegava a acreditar de fato que o objeto de sua ansiedade era pensar em sua terra natal, em sua casa na Irlanda, deixar que imagens de sua cidade desfilassem livremente em seu pensamento, mas aí, com um choque, lhe ocorria que não, o sentimento que tinha só dizia respeito à noite de sexta-feira, à expectativa de ser apanhada na porta de casa por um homem que havia conhecido e ir a um baile com ele, no salão paroquial, ciente de que depois ele iria trazê-la de volta até a casa da sra. Kehoe. Eilis havia mantido longe da cabeça os pensamentos sobre sua terra natal, só se permitia pensar naquilo quando escrevia ou recebia cartas, ou quando acordava de um sonho em que apareciam a mãe, o pai, Rose, os quartos da casa na rua Friary ou as ruas da cidade. Achou estranho que a mera sensação de desfrutar com prazer a expectativa de algo pudesse levá-la a pensar, por um tempo, que aquilo só podia ser saudade de casa e da família.

Em torno da mesa da sra. Kehoe, o fato de Eilis ter deixado Dolores sozinha no baile, que Patty presenciou e comunicou às outras antes do café da manhã de sábado com todos os detalhes, resultou em que, agora, todas estavam falando com Eilis outra vez, inclusive a própria Dolores, que achou perfeitamente razoável ter sido deixada sozinha, se aquilo tinha levado Eilis a conhecer um homem. Em troca, Dolores queria apenas saber alguma coisa sobre o namorado, seu nome, por exemplo, e seu trabalho, e quando Eilis planejava vê-lo de novo. As outras pensionistas também o haviam examinado com atenção, acharam-no bonito, disseram, embora para a srta. McAdam ele pudesse ser um pouco mais alto e Patty não tivesse gostado do seu sapato. Todas imaginavam que era irlandês, ou de origem irlandesa, e imploraram a Eilis que falasse sobre ele, queriam saber o que tinha dito que a levara a dançar também a segunda série de músicas, e se ela ia ao baile na sexta-feira seguinte, e se esperava vê-lo lá.

Na quinta-feira seguinte, à noite, quando subiu para fazer um chá, encontrou a sra. Kehoe na cozinha.

"Há euforia demais nesta casa no momento", disse a sra. Kehoe. "Essa tal de Diana tem uma voz horrível, Deus nos acuda. Se ela guinchar suas gargalhadas

mais uma vez, vou ter de chamar o médico ou o veterinário para lhe dar um calmante."

"É o baile que está deixando todas assim", disse Eilis em tom seco.

"Bem, vou pedir que o padre Flood faça um sermão sobre os males da euforia", disse a sra. Kehoe. "E talvez, de quebra, ele possa mencionar mais algumas coisas no sermão."

A sra. Kehoe saiu da cozinha.

Na sexta-feira à noite, às oito e meia, Tony tocou a campainha da porta da frente e, antes que Eilis pudesse chegar à porta do porão para alertá-lo do perigo iminente, a porta da frente foi aberta pela sra. Kehoe. Quando Eilis chegou à porta da frente, como Tony lhe contou depois, a mulher já havia feito várias perguntas a ele, inclusive seu nome completo, seu endereço e sua profissão.

"Foi assim que ela falou", disse Tony. "Minha profissão."

Sorriu, como se nunca tivesse acontecido nada tão divertido em toda a sua vida.

"Ela é sua mãe?", perguntou.

"Eu lhe disse que minha mãe está na Irlanda."

"Você me disse, mas essa mulher parece sua dona."

"É minha senhoria."

"É uma senhora senhoria mesmo. Uma senhoria com uma porção de perguntas para fazer."

"E, por falar nisso, qual é o seu nome completo?"

"Quer saber o nome que eu disse à sua mãe?"

"Ela não é minha mãe."

"Quer saber meu nome de verdade?"

"Sim, quero saber seu nome de verdade."

"Meu nome verdadeiro e completo é Antonio Giuseppe Fiorello."

"Que nome você deu à minha senhoria quando ela perguntou?"

"Disse que meu nome era Tony McGrath. Porque tem um cara no meu trabalho chamado McGrath."

"Ah, pelo amor de Deus. E você disse que sua profissão era qual?"

"Minha profissão verdadeira?"

"Se não me responder direito..."

"Eu disse a ela que sou bombeiro hidráulico, isso porque é o que sou mesmo."

"Tony?"

"O quê?"

"No futuro, se eu deixar você vir à minha casa de novo, venha à porta do porão sem fazer barulho."

"E não falo nada com ninguém?"

"Isso mesmo."

"Por mim está bem."

Ele a levou a um restaurantezinho onde jantaram e depois foram caminhando até o salão de baile. Ela lhe contou sobre suas colegas de pensão e sobre seu emprego na Bartocci's. Em troca, ele lhe contou que era o mais velho de quatro irmãos e que ainda estava morando na casa dos pais, em Bensonhurst.

"E minha mãe me fez prometer não rir muito também nem fazer piadas", disse ele. "Ela disse que garotas irlandesas não são como as italianas. São sérias."

"Você contou para a sua mãe que ia se encontrar comigo?"

"Não, mas meu irmão adivinhou que eu ia sair com uma garota e contou a ela. Acho que todos adivinharam. Acho que eu estava sorrindo demais. E tive de contar a eles que era uma garota irlandesa, porque senão podiam achar que era alguém de uma família conhecida deles."

Eilis não entendeu. No final da noite, enquanto Tony a levava a pé para casa, Eilis só sabia que gostava de dançar pertinho dele e que ele era divertido. Mas não se admiraria se tudo o que ele havia contado fosse mentira, só mais uma das brincadeiras que fazia com a maioria das coisas ou, melhor dizendo, com tudo, como ela concluiu nos dias que seguiram, depois que pensou bem em tudo que Tony tinha dito.

Na pensão, havia muita discussão sobre seu namorado, o bombeiro hidráulico. Depois que a sra. Kehoe havia saído da cozinha e quando Patty e Diana começaram a especular por que nenhum de seus amigos tinha visto aquele rapaz antes, Eilis contou a suas colegas de pensão que Tony era italiano, e não irlandês. Ela tinha feito questão de não apresentá-lo a nenhuma delas no baile, e agora, quando a conversa começou, se arrependeu de ter revelado algo sobre ele.

"Agora só espero que o nosso baile não acabe sendo inundado por italianos", disse a srta. McAdam.

"O que você quer dizer?", perguntou Eilis.

"Agora eles já sabem o que vão encontrar."

As outras ficaram em silêncio por um momento. Já haviam jantado, era noite de sexta-feira, e Eilis gostaria que a sra. Kehoe, que saíra da cozinha um pouco antes, voltasse.

"E o que eles vão encontrar?", perguntou ela.

"Pelo visto, basta fazerem isto aqui", e a srta. McAdam estalou os dedos no ar. "Não preciso dizer o resto."

"Acho que temos de tomar todo cuidado com homens que não conhecemos e que aparecem no salão paroquial", disse Sheila Heffernan.

"Quem sabe a gente não devia começar se livrando de algumas pessoas que ficam tomando chá de cadeira, Sheila", disse Eilis, "com suas caras mal-humoradas."

Diana começou a rir de forma estridente, enquanto Sheila Heffernan saía da cozinha rapidamente.

De súbito, a sra. Kehoe voltou.

"Diana, se eu ouvir você soltar mais um guincho desses", disse, "vou chamar o Corpo de Bombeiros para encharcar você de água. Alguém falou alguma coisa rude para a senhorita Heffernan?"

"Estávamos dando um conselho a Eilis, só isso", disse a srta. McAdam. "Para tomar cuidado com desconhecidos."

"Bem, eu achei o rapaz muito simpático, o visitante dela", disse a sra. Kehoe. "Tem belos modos irlandeses à antiga. E não quero mais saber de nenhum comentário sobre ele nesta casa. Ouviu, senhorita McAdam?"

"Eu só estava dizendo..."

"Você só estava se recusando a cuidar de sua própria vida, senhorita McAdam. É um traço que noto nas pessoas da Irlanda do Norte."

Quando Diana deu outra risada estridente, pôs a mão sobre a boca, fingindo estar envergonhada.

"Não quero mais saber de nenhuma conversa sobre homens nesta mesa", disse a sra. Kehoe, "a não ser para lhe dizer, Diana, que o homem que ficar

com você vai comer o pão que o diabo amassou. E as pancadas que a vida vai dar em você vão pôr um triste fim a esse sorriso bobo na sua cara."

Uma a uma, elas se esgueiraram para fora da cozinha, deixando a sra. Kehoe sozinha com Dolores.

Tony perguntou se Eilis não queria ir ao cinema com ele numa noite no meio da semana. Eilis havia contado tudo para Tony, a não ser o fato de que estudava no Brooklyn College. Ele não tinha perguntado o que ela fazia à noite e, de forma quase premeditada, Eilis mantivera aquilo em segredo como um modo de guardar certa distância dele. Ela gostava de que Tony fosse buscá-la na pensão da sra. Kehoe na sexta-feira à noite e esperava com ansiedade o momento em que os dois ficariam juntos, sobretudo na hora do jantar, antes do baile. Ele era animado e divertido quando falava sobre beisebol, seus irmãos, seu trabalho e sua vida no Brooklyn. Havia aprendido rapidamente o nome das colegas de pensão de Eilis, de suas chefes na loja, e se referia a todas com frequência, de um jeito que a fazia rir.

"Por que não me contou sobre a faculdade?", perguntou, quando estavam sentados no restaurante, antes do baile.

"Você não me perguntou."

"Eu não tenho mais nada para contar a você." Ele deu de ombros, fingindo-se de triste.

"Nenhum segredo?"

"Podia inventar alguma coisa, mas não ia parecer verdade."

"A senhora Kehoe acha que você é irlandês. E, por mim, você bem que podia ser um nativo de Tipperary e estar fingindo todo o resto. Como é que fui conhecer você num baile de irlandeses?"

"Está certo. Eu tenho um segredo, sim."

"Eu sabia. Você veio de Bray."

"De onde? Onde fica isso?"

"Qual é o seu segredo?"

"Quer saber por que fui a um baile de irlandeses?"

"Está certo. Vou perguntar: por que você foi a um baile irlandês?"

"Porque gosto de garotas irlandesas."

"Qualquer uma serve?"

"Não. Eu gosto de você."

"Sim, mas e se eu não estivesse lá? Você escolheria outra e pronto?"

"Não, se você não estivesse lá, eu iria voltar para casa muito triste, olhando para o chão."

Então ela lhe explicou que tinha sofrido muito, com saudades de casa, e o padre Flood a havia matriculado no curso como uma forma de mantê-la ocupada, e contou como estudar à noite a deixava feliz, ou pelo menos mais feliz do que em qualquer outro momento desde que deixara sua terra natal.

"Eu não faço você se sentir feliz?" Olhou sério para ela.

"Sim, faz, sim", respondeu Eilis.

Antes que Tony pudesse lhe fazer mais perguntas que poderiam, pensou ela, levá-la a dizer que não o conhecia o suficiente para fazer outras declarações a seu respeito, Eilis lhe falou de suas aulas, dos outros alunos, de escrituração mercantil, de contabilidade e do professor de direito, o sr. Rosenblum. Ele contraiu as sobrancelhas e pareceu preocupado quando Eilis lhe contou como as aulas eram complicadas e difíceis. Em seguida, quando lhe repetiu o que o vendedor de livros dissera no dia em que tinha ido a Manhattan para comprar livros de direito, Tony ficou em silêncio absoluto. Quando veio o café, ele continuou sem falar e ficou mexendo o açúcar na xícara, enquanto assentia com a cabeça com ar triste. Eilis nunca tinha visto Tony daquele jeito, e se viu olhando com atenção para seu rosto sob aquela luz, enquanto se perguntava quanto tempo ia demorar para ele voltar ao seu estado habitual e recomeçar a sorrir e dar risadas. Mas, quando ele pediu a conta ao garçom, continuou sério e não falou nada enquanto saíam do restaurante.

Mais tarde, quando a música do baile ficou mais lenta e os dois estavam dançando bem perto um do outro, Eilis ergueu os olhos e capturou o olhar de Tony. Ele tinha a mesma fisionomia séria no rosto, que o fazia parecer menos engraçado e infantil. Mesmo quando sorria para ela, não dava a impressão de ser uma brincadeira ou um modo de divertir. Era um sorriso afetuoso, sincero, e sugeria a Eilis que ele era equilibrado, quase maduro e que, seja lá o que estivesse acontecendo, levava o assunto a sério. Eilis sorriu para Tony, mas depois baixou o rosto e fechou os olhos. Estava assustada.

Naquela noite, ele combinou de pegá-la na faculdade na quinta-feira

seguinte e levá-la para casa. Nada mais, ele prometeu. Não queria perturbar seus estudos, disse. Na semana seguinte, quando a convidou para ir ao cinema no sábado, Eilis concordou, porque todas as suas colegas de pensão, com exceção de Dolores, e também algumas garotas do trabalho iam ver *Cantando na chuva*, que estava estreando. Até a sra. Kehoe disse que pretendia ver o filme com duas amigas e assim virou assunto de muita discussão na mesa da cozinha.

Em pouco tempo, criou-se uma rotina. Toda quinta-feira, Tony esperava por ela na porta da faculdade, do lado de fora, ou discretamente no saguão quando estava chovendo, depois tomava o bonde com Eilis e os dois caminhavam juntos até a pensão. Estava sempre alegre, contava histórias das pessoas para quem havia trabalhado desde a última vez que tinha estado com Eilis, seus diferentes modos de falar, conforme a idade e o país de origem, na hora em que explicavam seus problemas com os encanamentos. Alguns, disse Tony, ficavam tão agradecidos pelo serviço que havia prestado que lhe davam boas gorjetas, muitas vezes até lhe davam demais; outros, mesmo aqueles que tinham entupido com lixo os próprios canos de escoamento, queriam discutir por causa do preço do trabalho. Todos os síndicos dos prédios no Brooklyn, disse ele, eram sovinas, e quando um síndico italiano descobria que ele também era italiano, ficava mais pão-duro ainda. Os irlandeses, e ele lamentava dizer aquilo, eram sempre sovinas e miseráveis, em qualquer circunstância.

"São sovinas mesmo. Uns miseráveis dos diabos, esses irlandeses", disse ele, e sorriu para ela.

Todos os sábados, Tony levava Eilis ao cinema; muitas vezes iam de metrô até Manhattan para ver um filme que tinha acabado de estrear. Num dos primeiros encontros desse tipo, quando entraram na fila de *Cantando na chuva*, ela se deu conta de que estava aterrorizada com o momento em que o cinema ficasse escuro e o filme começasse. Ela gostava de dançar com Tony, gostava da forma gradual como os dois iam se aproximando um do outro nas danças mais lentas, gostava de ir andando com ele para casa, gostava da maneira como ele esperava até estarem perto da pensão da sra. Kehoe, mas não perto demais, para só então lhe dar um beijo. E gostava porque ele nunca, nem uma vez, dava a sensação de que Eilis teria de empurrar sua mão para trás ou se afastar um passo. No entanto, agora, na primeira sessão de cinema em que os dois iam ficar

juntos, Eilis achou que algo teria de mudar entre eles. Ficou quase tentada a falar do assunto quando estavam na fila, a fim de evitar alguma situação desagradável lá dentro, no escuro. Da maneira mais natural possível, Eilis pretendia dizer que preferia ver o filme de verdade a passar duas horas se beijando e se agarrando no cinema.

Lá dentro, depois de comprar os ingressos, Tony também comprou a pipoca e, para a surpresa de Eilis, não a conduziu para as últimas fileiras do cinema; em vez disso perguntou onde ela queria sentar e pareceu ficar contente de sentar no meio, onde teriam uma visão melhor. Embora tenha colocado o braço em volta dela durante o filme e cochichado algumas vezes, não fez mais nada. Depois, enquanto esperavam o metrô, ele mostrava tamanho bom humor e tinha gostado tanto do filme, que ela sentiu uma enorme ternura por Tony e se perguntou se algum dia veria nele alguma coisa desagradável. Em pouco tempo, quando os dois estavam indo ao cinema com mais regularidade, Eilis notou que um filme triste ou com cenas perturbadoras podiam deixar Tony em silêncio ou concentrado em seus pensamentos, aprisionado em algum sonho pessoal deprimente, do qual demorava um tempo para sair. Assim também, se ela lhe contasse algo triste, o rosto dele se transformava, ele parava de fazer brincadeiras e ficava querendo voltar ao assunto que ela havia comentado. Tony era diferente de qualquer pessoa que Eilis tinha conhecido.

Escreveu a Rose contando sobre ele, mandou a carta para o escritório onde trabalhava, mas não o mencionava nas cartas para a mãe ou para os irmãos. Tentou descrever Tony para a irmã, tentou dizer como ele era atencioso. Acrescentou que, como estava estudando, não tinha tempo de vê-lo com os amigos dele nem de visitar sua família, embora ele a tivesse convidado para almoçar com os pais e os irmãos.

Quando Rose respondeu sua carta, perguntou como ele ganhava a vida. De propósito, Eilis deixara o assunto de fora da carta, porque sabia que a irmã preferia que ela saísse com alguém empregado num escritório, num banco ou numa companhia de seguros. Quando lhe respondeu, Eilis escondeu no meio de um parágrafo a informação de que Tony era bombeiro hidráulico, mas sabia que Rose ia reparar e ficar muito interessada.

Numa noite de sexta-feira, pouco depois de terem chegado ao salão de baile,

os dois de bom humor, uma vez que o frio cortante tinha dado uma trégua e Tony havia falado sobre o verão e comentado que podiam ir a Coney Island, os dois foram recebidos pelo padre Flood, que também se mostrou alegre. Mas havia algo estranho, pensou Eilis, no longo tempo em que ficou conversando com os dois e no fato de insistir que fossem tomar uma soda limonada com ele, o que levou Eilis a acreditar que Rose tivesse escrito ao padre e que ele estava mantendo a conversa a fim de verificar como era Tony e depois informar Rose.

Eilis sentiu-se quase orgulhosa das boas maneiras de Tony, bastante naturais, e da forma espontânea como conversava com o padre, tudo isso sublinhado por um comportamento bem respeitoso, deixando o padre falar e sem dizer nenhuma palavra fora do lugar. Rose, ela sabia, tinha na cabeça uma ideia de como devia ser um bombeiro hidráulico e de como ele se expressava. Ela o imaginava um tanto rude, sem jeito, e cometendo erros gramaticais. Eilis decidiu escrever a Rose para contar que ele não era assim e que, no Brooklyn, nem sempre era fácil adivinhar o caráter de uma pessoa com base no seu tipo de trabalho, como acontecia em Enniscorthy.

Nisso, Eilis notou que Tony e o padre Flood conversavam sobre beisebol e que Tony, esquecido de que falava com um padre, foi se entusiasmando com o que estava dizendo e interrompia o outro num misto de simpatia divertida e discordância fervorosa sobre uma partida que os dois tinham visto e de um jogador que Tony disse jamais poder perdoar. Por algum tempo, os dois pareceram nem se dar conta de que ela estava ali e quando, afinal, perceberam isso, combinaram de levar Eilis para ver uma partida de beisebol assim que a temporada começasse, contanto que ela garantisse de antemão que ia torcer para os Dodgers.

Rose escreveu a Eilis, mencionando na carta que o padre Flood lhe escrevera para dizer que havia gostado de Tony, que ele parecia muito respeitável, decente e educado, mas ela continuava preocupada com o fato de Eilis estar saindo só com ele e mais ninguém em seu primeiro ano no Brooklyn. Eilis nem contou a Rose que estava saindo com Tony três noites por semana e que, por causa de suas aulas, não tinha tempo para mais nada. Nunca saía com suas colegas de pensão, por exemplo, o que era um grande alívio para ela. À mesa, porém, como via todos os filmes novos, Eilis sempre tinha assunto para

conversar. As outras haviam se habituado à ideia de que Eilis estava saindo com Tony e pararam de dar conselhos ou de fazer advertências sobre ele. Depois de reler a carta de Rose algumas vezes, Eilis bem que gostaria que a irmã fizesse o mesmo. Agora quase se arrependia de ter contado a ela que estava saindo com Tony. Nas cartas para a mãe, continuava não mencionando o assunto.

No trabalho, percebeu que algumas garotas estavam sendo dispensadas e discretamente substituídas até que ela e algumas poucas se tornaram as mais experientes e as mais dignas de confiança na loja. De repente, viu que estava almoçando duas ou três vezes por semana com a srta. Fortini, que ela achava inteligente e interessante. Quando Eilis lhe contou sobre Tony, a mulher deu um suspiro e disse que ela também tinha um namorado italiano, que ele só arrumava confusão e que dali a pouco ia ficar ainda pior, pois ia começar a temporada das partidas de beisebol, época em que ele não queria saber de mais nada a não ser beber com os amigos e conversar sobre os jogos, sem nenhuma mulher por perto. Quando Eilis lhe contou que Tony a havia convidado para assistir a um jogo com ele, a srta. Fortini suspirou e depois riu.

"Pois é, Giovanni também fez isso, mas durante o jogo a única vez em que falou comigo foi para pedir que eu fosse comprar cachorros-quentes para ele e os amigos. Ele quase mordeu meu nariz quando perguntei se eles também iam querer mostarda. Eu estava atrapalhando sua concentração."

Quando Eilis descreveu Tony para a srta. Fortini, ela se mostrou muito interessada nele.

"Espere aí. Ele não leva você para beber com os amigos nem deixa você de lado junto com as outras garotas?"

"Não."

"Ele não fica falando de si mesmo o tempo todo, quando não está dizendo como a mãe é formidável?"

"Não."

"Então, não deixe esse homem escapar, meu anjo. Não existem dois iguais a ele. Talvez na Irlanda, mas não aqui."

As duas riram.

"Mas, então, qual é a pior coisa nele?", perguntou a srta. Fortini.

Eilis refletiu um momento.

"Eu queria que ele fosse cinco centímetros mais alto."

"Mais alguma coisa?"

Eilis parou para pensar outra vez.

"Não."

Quando as datas das provas foram marcadas, Eilis combinou de tirar aquela semana inteira de folga no trabalho e começou a se preocupar com os estudos. Assim, nas seis semanas anteriores ao início dos exames, ela não encontrou Tony nas noites de sábado para irem ao cinema; em vez disso, ficava em seu quarto, revisava suas anotações e se enterrava em seus livros de direito, tentava memorizar os nomes dos casos mais importantes no direito comercial e o interesse daqueles julgamentos. Em troca, prometeu que, quando as provas tivessem terminado, iria com Tony conhecer seus pais e seus irmãos, almoçaria com a família dele no apartamento onde moravam, na rua 72, em Bensonhurst. Tony também lhe disse que pretendia conseguir ingressos para uma partida dos Dodgers e planejava levar Eilis e seus irmãos.

"Sabe o que é que eu quero de verdade?", perguntou ele. "Que nossos filhos sejam torcedores dos Dodgers."

Tony ficou tão satisfeito e entusiasmado com a ideia, pensou Eilis, que nem percebeu como o rosto dela gelou. Eilis queria poder ficar logo sozinha, longe dele, a fim de refletir no que Tony tinha acabado de dizer. Mais tarde, deitada na cama, ao pensar naquilo, se deu conta de que combinava perfeitamente com tudo mais: ele andava fazendo planos para o verão e vivia falando que os dois iam poder ficar juntos muito tempo. Ultimamente, depois que a beijava, passara a dizer que a amava, e Eilis sabia que estava esperando uma resposta, uma resposta que, até então, ela não dera.

Na cabeça dele, Eilis se deu conta, Tony ia se casar com ela, ia ter filhos com ela e eles seriam torcedores dos Dodgers. Eilis achou tudo ridículo demais, algo que não poderia contar para ninguém, com toda a certeza não para Rose e provavelmente nem para a srta. Fortini. Mas não era uma coisa que Tony começara a imaginar de uma hora para outra; os dois saíam juntos havia quase cinco meses e nunca haviam tido nenhuma discussão e nenhum desentendimento, a não ser aquilo, a intenção de Tony de se casar com ela, que era um grande mal-entendido.

Ele era atencioso, interessante e bonito. Eilis sabia que Tony gostava dela, não só porque dizia que gostava, mas pelo modo como a tratava, como a escutava quando ela falava. Tudo estava certo, e os dois tinham o longo verão pela frente depois que as provas terminassem. Às vezes, no salão de baile ou até na rua, Eilis tinha visto homens que de algum modo despertaram seu interesse, mas sempre era só um pensamento fugaz, que não durava mais do que alguns segundos. A ideia de ficar de novo sentada perto da parede com suas colegas de pensão a enchia de horror. E no entanto ela sabia que Tony, em sua cabeça, estava andando mais depressa do que ela, e Eilis sabia que teria que diminuir o ritmo dele, mas não fazia a menor ideia de como fazer isso de um modo que não fosse desagradável para ele.

Na noite da sexta-feira seguinte, quando os dois voltavam abraçados para casa, depois do baile no salão paroquial, Tony sussurrou mais uma vez em seu ouvido que a amava. Quando ela não respondeu, ele começou a beijá-la e sussurrou a mesma coisa outra vez. Sem mais nem menos, Eilis se viu afastando-se dele. Quando Tony perguntou qual era o problema, ela não respondeu. O fato de dizer que a amava e esperar uma resposta a deixava com medo, dava a ela a sensação de que teria de aceitar que aquela era a única vida que podia ter, uma vida longe de sua casa, de sua terra. Quando chegaram à pensão da sra. Kehoe, depois de caminhar em silêncio, ela lhe agradeceu pela companhia de maneira quase formal e, evitando cruzar os olhos com ele, deu boa-noite e entrou.

Eilis sabia que o que tinha feito era errado, que agora ele ia sofrer até encontrar-se com ela na quinta-feira. Imaginou que iria procurá-la no sábado, mas Tony não fez isso. Ela não conseguia imaginar nenhum bom motivo para dizer a ele que queria encontrá-lo menos vezes. Talvez, pensou, devesse lhe dizer que não queria falar sobre filhos, pois os dois se conheciam havia muito pouco tempo. Mas nesse caso achou que Tony poderia lhe perguntar se ela não o estava levando a sério, e Eilis seria forçada a responder, a responder alguma coisa. E, se não fosse algo plenamente positivo, ela sabia que poderia perdê-lo. Tony não era alguém que gostaria de ter uma namorada que não soubesse com segurança que gostava bastante dele. Eilis o conhecia o suficiente para saber disso.

Na quinta-feira, quando saiu da aula e estava descendo a escada, avistou Tony, mas ele não a viu; havia uma aglomeração de estudantes. Eilis parou um instante e se deu conta de que ainda não sabia o que ia lhe dizer. Cuidadosamente, subiu de volta a escada e concluiu que, se ficasse no primeiro patamar, poderia vê-lo de cima. De algum modo, pensou, se pudesse olhar para Tony, observá-lo com clareza numa hora em que ele não estava tentando diverti-la ou impressioná-la, alguma ideia poderia lhe ocorrer, ela poderia ter uma compreensão melhor das coisas ou se sentir mais apta a tomar uma decisão.

Achou um ponto de observação privilegiado, de onde ele não a veria, a menos que olhasse diretamente para cima e para a esquerda. Eilis achou improvável que ele virasse naquela direção, pois tinha a atenção voltada para os estudantes que entravam e saíam do saguão. Quando voltou o olhar para baixo, viu que ele não estava sorrindo; no entanto, parecia inteiramente à vontade e curioso. Havia nele um quê de desamparo, ali, esperando; sua disposição para ser feliz, sua ânsia, Eilis notou, o tornavam estranhamente vulnerável. A palavra que veio ao pensamento de Eilis enquanto olhava para baixo foi "encantado". Ele estava encantado com as coisas, assim como estava encantado com ela, e Tony nunca tinha feito outra coisa senão deixar aquilo bem claro. Porém, de algum modo, aquele encanto parecia vir acompanhado de uma sombra e, enquanto o observava, Eilis se perguntava se ela mesma, com toda a sua incerteza e distanciamento de Tony, não seria aquela sombra, e mais nada. Ocorreu a Eilis que Tony era tal como se mostrava a ela; não existia nenhum outro lado dele. De repente, teve um estremecimento de medo e virou-se, descendo a escada na direção dele e do saguão o mais depressa que pôde.

Tony lhe contou sobre seu trabalho, contou a história de duas irmãs judias que queriam lhe dar comida, que tinham um jantar enorme já prontinho para ele, embora fossem só três da tarde, depois que ele restabeleceu a água quente da casa delas. Ele imitou o sotaque das duas. Embora falasse como se nada tivesse acontecido entre os dois na sexta-feira anterior, Eilis sabia que aquela conversa rápida e alegre dele, desenrolando uma história atrás da outra a caminho do bonde, era algo incomum para uma noite de quinta-feira e, em parte, era uma forma de fingir que não houvera nenhum problema na semana

anterior e que agora também não havia.

Quando estavam perto da rua da pensão, ela se virou para ele.

"Eu preciso lhe dizer uma coisa."

"Eu sei."

"Lembra quando você disse que me amava?"

Ele fez que sim com a cabeça. A expressão em seu rosto era triste.

"Bem, na verdade eu não sabia o que dizer. Então talvez eu deva dizer que pensei sobre você e que gosto de você. Gosto de sair com você, me importo com você e talvez também ame você. E na próxima vez que me disser que me ama, eu vou..."

Ela parou.

"Você vai o quê?"

"Também vou dizer que amo você."

"Tem certeza?"

"Tenho."

"Cacete! Me desculpe o palavrão, mas achei que ia me dizer que não queria mais se encontrar comigo."

Eilis ficou parada a seu lado, olhando para ele. Ela tremia.

"Você não parece estar falando sério", disse ele.

"Estou, sim."

"Bem, então por que não está sorrindo?"

Ela hesitou e depois sorriu de leve.

"Posso ir para casa agora?"

"Não. Quero dar um pulo no ar. Posso?"

"Discretamente", disse ela, rindo.

Ele deu um pulo e brandiu as mãos no ar.

"Vamos esclarecer essa história", disse ele, quando se aproximou dela outra vez. "Você me ama?"

"Sim. Mas não me pergunte mais nada e não fale que quer filhos que torçam para os Dodgers."

"O quê? Você quer ter filhos que torçam pelos Yankees? Ou pelos Giants?"

Ele estava rindo.

"Tony?"

"O quê?"

"Não me apresse."

Tony a beijou, cochichou algo e, quando chegaram à pensão da sra. Kehoe, ele a beijou de novo, até Eilis precisar pedir que ele parasse, senão iam acabar tendo uma plateia. Embora na noite seguinte ela estivesse estudando e fosse sentir falta do baile, aceitou ver Tony e dar uma volta com ele, mesmo que só uma volta no quarteirão.

As provas foram mais fáceis do que ela esperava; mesmo a de direito teve questões fáceis, requerendo apenas conhecimentos básicos. Quando terminaram, Eilis se sentiu aliviada, mas também sabia que agora não teria mais desculpa quando Tony quisesse fazer planos para os dois. Ele começou marcando uma data para ela visitar a casa de seus pais para um jantar. Isso preocupou Eilis, pois ela já estava certa de que Tony tinha contado coisas demais sobre ela para sua família; agora sabia que ia ser apresentada a eles como mais do que uma namorada.

Quando Tony foi buscá-la na noite marcada, ele chegou descontraído. Ainda estava claro, quente, e havia crianças brincando nas ruas, enquanto os mais velhos sentavam-se nas varandas. Uma coisa inimaginável no inverno, e isso fez Eilis sentir-se leve e feliz enquanto caminhavam.

"Preciso avisar uma coisa", disse Tony. "Tenho um irmão menor chamado Frank. Ele tem oito anos, quase nove. Ele é legal, mas anda falando para todo mundo que vai contar uma porção de coisas para a minha namorada quando ela aparecer em casa. Frank é muito fofoqueiro. Tentei dar dinheiro para ele ir jogar bola com os amigos e sumir de casa, meu pai chegou a ameaçá-lo, porém ele diz que ninguém vai conseguir detê-lo. Mas, depois que Frank desabafar, você vai gostar dele."

"O que ele vai dizer?"

"Esse é o problema: ninguém sabe. Pode ser qualquer coisa."

"Ele parece um garoto bastante interessante", disse ela.

"Ah, é sim, e tem mais uma coisa."

"Não precisa me dizer. Você tem uma avó idosa que fica sentada num canto e ela também quer falar."

"Não, ela está na Itália. A questão é que todos lá em casa são italianos e

parecem italianos. São morenos mesmo, menos eu."

"E como foi que você nasceu assim?"

"O pai da minha mãe era como eu, pelo menos é o que dizem, mas eu nunca o vi, meu pai nunca o viu e minha mãe não se lembra dele, porque morreu na Primeira Guerra Mundial."

"E o seu pai acha..." Ela começou a rir.

"Isso deixa a minha mãe doidinha, na verdade ele não pensa nisso, mas às vezes, quando faço alguma coisa engraçada, ela fala que eu devo vir de alguma outra família. É só uma piada."

A família de Tony morava no segundo andar de um prédio de três andares. Eilis ficou surpresa ao ver como os pais dele pareciam jovens. Quando seus três irmãos surgiram, ela viu que, como Tony havia contado, todos tinham cabelo preto e olhos castanhos bem escuros. Os dois mais velhos eram muito mais altos do que ele. Frank se apresentou como o irmão mais novo. Seu cabelo, pensou Eilis, era espantosamente escuro, assim como os olhos. Os outros dois se apresentaram como Laurence e Maurice.

Ela logo percebeu que não devia comentar a diferença entre Tony e o restante da família, pois imaginou que todo mundo que entrava naquele apartamento e via todos juntos pela primeira vez tinha muito a dizer sobre o assunto. Eilis fingiu que nem havia notado. No início, supôs que a cozinha era apenas o primeiro cômodo e que depois dela haveria uma sala de estar e uma sala de jantar, mas aos poucos foi percebendo que uma porta dava para o quarto onde os rapazes dormiam e a outra conduzia ao banheiro. Não havia outro quarto. A pequena mesa da cozinha, ela viu, estava posta para sete pessoas. Eilis imaginou que havia outro quarto depois do quarto dos rapazes, onde os pais deviam dormir, mas logo que Frank começou a falar explicou que todas as noites os pais dormiam num canto da cozinha, numa cama que lhe mostrou e que estava de lado, encostada à parede, discretamente coberta.

"Frank, se você não parar de falar, vai ficar sem comer", disse Tony.

Havia um cheiro de comida e temperos. Os dois irmãos do meio examinavam Eilis com cuidado, em silêncio, meio sem jeito. Eles pareciam astros de cinema, pensou Eilis.

"A gente não gosta de irlandeses", disse Frank de repente.

"Frank!" A mãe se afastou do forno e foi na direção dele.

"Puxa, mãe, a gente não gosta mesmo. A gente precisa deixar isso claro. Uma gangue deles espancou o Maurizio, e ele até precisou levar pontos. Além do mais, todos os guardas eram irlandeses, por isso não fizeram nada."

"Francesco, cale essa boca", disse a mãe.

"Pergunte para ele", Frank sugeriu a Eilis, apontando Maurice.

"Nem todos eram irlandeses", disse Maurice.

"Tinham cabelo vermelho e pernas compridas", lembrou Frank.

"Não ligue para ele", disse Maurice. "Só alguns tinham."

O pai de Frank pediu que ele o acompanhasse até o corredor; quando voltaram, depois de algum tempo, Frank, para o divertimento dos irmãos, estava devidamente castigado.

Quando se sentou calado na frente de Eilis enquanto traziam a comida para a mesa e serviam o vinho, ela sentiu pena dele e só então percebeu como era parecido com Tony. Ficar triste dava a impressão de alterar todo o seu ser. No fim de semana anterior, Eilis recebera instruções de Diana sobre como comer espaguete usando apenas um garfo, mas o que foi servido não era fino e escorregadio como o que Diana havia preparado para ela. O molho também era vermelho, mas cheio de temperos que ela nunca tinha provado. Achou-o quase doce. Toda vez que o experimentava, retinha a comida um pouco mais de tempo na boca, tentando adivinhar os ingredientes. Eilis se perguntava se os outros, já muito acostumados ao molho, iriam tomar cuidado para não ficar olhando demais para ela ou de não fazer nenhum comentário enquanto ela tentava comer usando só um garfo, como eles faziam.

A mãe de Tony, que às vezes falava com um forte sotaque italiano, lhe perguntou sobre as provas e se ela pretendia fazer mais um ano de faculdade. Eilis explicou que era um curso de dois anos e, quando terminasse, seria contadora e poderia trabalhar num escritório, em vez de numa loja. Enquanto Eilis e a mãe de Tony conversavam sobre o assunto, nenhum dos rapazes falava ou erguia os olhos do prato. Quando Eilis tentou captar o olhar de Frank para lhe dar um sorriso, ele não correspondeu. Ela olhou para Tony, mas ele também estava de cabeça baixa. Eilis se deu conta de que adoraria sair daquela cozinha, descer a escada, percorrer as ruas até o metrô, entrar em seu quarto e

fechar a porta para o mundo.

O prato principal era um pedaço de carne chato e frito, com uma fina cobertura de massa mole. Quando Eilis provou, viu que dentro da massa havia queijo e presunto. Não conseguiu identificar a carne. E a massa propriamente dita era tão crocante e bem temperada que, de novo, toda vez que ela provava, não conseguia identificar o que tinha sido usado na mistura. Não havia legumes nem batatas para acompanhar, mas, como Diana tinha explicado que aquilo era normal entre italianos, Eilis não ficou surpresa. Estava dizendo à mãe de Tony como a comida estava deliciosa tentando não sugerir que também era estranha, quando bateram na porta. O pai de Tony foi atender e voltou balançando a cabeça e rindo.

"Antonio, estão chamando você. Tem um cano entupido no apartamento dezoito."

"Puxa, pai, está na hora do jantar", disse Tony.

"É a senhora Bruno. A gente gosta dela", disse o pai.

"Eu não gosto dela", disse Frank.

"Francesco, cale a boca", disse o pai.

Tony se levantou e empurrou a cadeira para trás.

"Pegue seu macacão e suas ferramentas", disse a mãe. Ela pronunciou as palavras com certa dificuldade.

"Não vou demorar", Tony disse a Eilis, "e, se ele falar alguma coisa, depois você me conta."

Apontou para Frank, que começou a rir.

"Tony é o bombeiro hidráulico da rua", disse Maurice, e explicou que, como ele era mecânico, sempre o chamavam quando carros, caminhões e motocicletas precisavam ser consertados, ao passo que Laurence em breve se qualificaria como carpinteiro, e aí, se as cadeiras ou as mesas das pessoas quebrassem, elas poderiam chamá-lo.

"Mas o Frankie aqui é o crânio da família. Ele vai fazer faculdade."

"Só se aprender a ficar de bico fechado", disse Laurence.

"Aqueles caras irlandeses que deram uma surra no Maurizio", disse Frank, como se não estivesse nem ouvindo a conversa entre os outros, "se mudaram para Long Island."

“Fico feliz em saber disso”, observou Eilis.

“E lá eles têm aquelas casas grandes onde cada um tem seu próprio quarto e não fica dormindo no mesmo quarto dos irmãos.”

“Você não gostaria de viver assim?”, perguntou Eilis.

“Não”, disse ele, “ou talvez só às vezes.”

Enquanto Frank falava, todos olhavam para ele, Eilis percebeu, e teve a impressão de que pensavam o mesmo que ela, que Frank era o menino mais bonito que jamais tinha visto na vida. Precisou se controlar para não ficar olhando demais para ele enquanto esperava Tony voltar.

Resolveram servir a sobremesa mesmo na ausência de Tony. Era uma espécie de bolo, pensou Eilis, recheado de creme e embebido em algum tipo de álcool. Quando viu o pai de Tony desatarraxar uma máquina, verter água em seu interior e acrescentar colheradas de café, se deu conta de que teria muita coisa para contar a suas colegas de pensão. As xícaras de café eram pequenas, e o café, quando veio, era espesso e amargo, apesar da colher de açúcar que ela adicionou. Embora não tenha gostado, tentou beber, pois os outros pareciam achar que não havia nada de especial nele.

Aos poucos, a conversa foi ficando mais descontraída, no entanto ela achou que ainda estava na berlinda e que cada palavra que dizia era avaliada com toda a atenção. Quando lhe perguntaram sobre sua terra natal, Eilis tentou falar o mínimo possível e se preocupou com a possibilidade de pensarem que ela tinha alguma coisa a esconder. Agora, toda vez que falava, observava Frank olhando fixo para ela, assimilando tudo, como se quisesse memorizar suas palavras. Quando o jantar terminou e Tony ainda não havia voltado, Laurence e Maurice disseram que iam arrancá-lo das garras da sra. Bruno e de sua filha. Os pais de Tony recusaram a oferta de Eilis, que se ofereceu para ajudá-los a tirar a mesa, e agora pareciam embaraçados com a ausência de Tony.

“Pensei que só fosse demorar um minuto”, disse a mãe. “Deve ter sido coisa séria. É difícil dizer não para as pessoas.”

Quando os pais de Tony se afastaram da mesa, Frank fez um sinal para ela se aproximar.

“Ele já levou você para Coney Island?”, sussurrou Frank.

“Não”, respondeu Eilis num sussurro.

"Ele levou a última namorada para lá, os dois foram na roda-gigante, ela ficou toda lambuzada de cachorro-quente, pôs a culpa nele e não saiu mais com ele. Tony ficou sem falar nada durante um mês."

"É mesmo?"

"Francesco, levante daí e saia", ordenou o pai. "Ou então vá fazer sua lição de casa. O que foi que ele disse?"

"Ele estava me dizendo que Coney Island é um lugar bonito no verão", explicou Eilis.

"Ele tem razão. É mesmo", concordou o pai. "Tony não levou você lá?"

"Não."

"Tomara que leve. Você vai gostar."

Eilis percebeu um sorriso no rosto dele.

Frank olhava admirado, porque, pensou Eilis, ela não havia contado ao pai o que ele na verdade tinha dito. Quando o pai deu as costas, ela fez uma careta para Frank e ele olhou espantado para ela, antes de fazer também uma careta e sair da cozinha na hora em que Tony, de macacão, voltava com os dois irmãos. Largou as ferramentas e estendeu as mãos para o alto: estavam imundas.

"Sou um santo", disse, sorrindo.

Quando Eilis contou à srta. Fortini que Tony ia levá-la para a praia em Coney Island num domingo, já que o tempo estava ficando mais ameno, ela ficou alarmada.

"Não acho que você ande cuidando bem da sua aparência", disse.

"Sim, eu sei", respondeu Eilis. "E também não tenho traje de banho."

"Homens italianos!", disse a srta. Fortini. "Eles nem ligam para isso no inverno, mas no verão, na praia, a gente tem de estar em plena forma. O meu namorado só vai à praia quando já está bronzeado."

A srta. Fortini contou que tinha uma amiga que trabalhava numa loja que vendia trajes de banho de boa qualidade, muito melhores que os da Bartocci's, e que ela ia receber alguns para teste, portanto, Eilis poderia experimentá-los. Nesse meio-tempo, ela advertiu que a garota precisava cuidar bem da aparência. Eilis tentou falar que achava que Tony não se importava tanto assim com o bronzeado nem com o aspecto que ela poderia ter na praia, mas a srta. Fortini a interrompeu para dizer que todo italiano dava muita importância à aparência

de sua namorada na praia, por mais perfeita que ela fosse em outros aspectos.

"Na Irlanda ninguém olha", disse Eilis. "É considerado falta de educação."

"Na Itália, falta de educação é não olhar."

Mais tarde, naquela semana, a srta. Fortini se aproximou de Eilis uma manhã para dizer que os trajes de banho iam ser entregues à tarde e que ela poderia experimentá-los no provador, depois do trabalho, quando a loja estivesse fechada. Como a Bartocci's esteve muito movimentada no final do expediente, Eilis quase esqueceu aquele assunto, até ver a srta. Fortini rondando por ali com um embrulho na mão. Esperaram todos sair e depois a mulher comunicou à segurança que elas iam ficar um pouco mais, que ela mesma apagaria as luzes e depois sairiam por uma porta lateral.

O primeiro traje de banho era preto e parecia do tamanho dela. Eilis puxou a cortina e saiu do provador para que a srta. Fortini pudesse ver. A mulher pareceu em dúvida e o examinava com atenção, pondo a mão na boca, como se isso ajudasse sua concentração e também para enfatizar que o acerto na escolha era da máxima importância. Andou em redor de Eilis a fim de examinar se o traje de banho ficava bem na parte de trás e, chegando mais perto, pôs a mão por baixo do elástico forte que segurava o traje no alto das coxas de Eilis. Puxou o elástico um pouquinho para baixo e depois deu dois tapinhas no traseiro dela, deixando a mão demorar-se ali na segunda vez.

"Puxa, você vai ter de melhorar muito sua aparência", disse, enquanto ia para o setor de pacotes pegar outro traje de banho, que era verde.

"Acho que o preto pode ficar muito austero, disse. "Se sua pele não fosse tão branca, poderia servir. Agora experimente este aqui."

Eilis puxou a cortina e vestiu o traje de banho verde. Podia ouvir o chiado das lâmpadas fortes acima da cabeça, mas, a não ser por isso, tinha consciência apenas do silêncio e do vazio da loja e da intensidade e da agudeza do olhar da srta. Fortini quando ela se colocou na sua frente outra vez. Sem falar, a mulher se ajoelhou na frente de Eilis e, mais uma vez, pôs os dedos por baixo do elástico.

"Você vai ter de raspar os pelos aqui embaixo", disse. "Senão vai ter de ficar o tempo todo na praia puxando o elástico para baixo. Você tem uma gilete boa?"

"Só para as pernas", disse Eilis.

"Bem, vou arranjar uma que vai quebrar o galho aqui embaixo também."

Ainda de joelhos, fez Eilis dar meia-volta, até que pôde se ver no espelho, com a srta. Fortini por trás, correndo os dedos em torno do elástico, com os olhos fixos naquilo que tinha diante de si. Ela estava, pensou Eilis, plenamente consciente de que podia ser vista no espelho; Eilis notou seu próprio rubor quando a srta. Fortini se pôs de pé e a encarou.

"Acho que estas tiras não estão direito", disse e se aproximou de Eilis para enfiar os braços nas tiras e soltá-las. Ao fazer isso, toda a parte frontal do traje de banho se dobrou e caiu e, por um momento, até que ela segurasse e levantasse o traje com as duas mãos, seu seios ficaram expostos.

"Este não ficou bom?", perguntou Eilis.

"Não, experimente os outros", disse a srta. Fortini. "Venha aqui experimentar este."

Ela parecia estar sugerindo que Eilis não fosse para trás da cortina outra vez e trocasse de traje de banho ao lado da cadeira, enquanto ela observava. Eilis hesitou.

"Vamos logo", disse a srta. Fortini.

Ao descer o traje de banho, Eilis pôs um braço sobre os seios e curvou-se ao tirá-lo diante da srta. Fortini, para não se sentir tão exposta. Estendeu o braço para pegar o traje, mas a mulher o havia erguido junto com o outro, que Eilis ainda não tinha experimentado, a fim de examiná-los.

"Talvez seja melhor eu ir para trás da cortina", disse Eilis. "Um dos homens da segurança pode aparecer."

Pegou os dois trajes de banho, levou-os ao cubículo e fechou a cortina. Estava ciente de que a srta. Fortini a observara atentamente enquanto ela andava. Eilis queria que aquilo terminasse logo, que escolhessem um dos trajes e que a srta. Fortini não falasse mais nada sobre raspar pelos.

Depois de vestir o outro traje de banho, que era rosa, Eilis abriu a cortina e surgiu outra vez. A srta. Fortini pareceu ficar imensamente séria e, no modo como ficou parada, observando-a, havia algo bem claro que Eilis jamais seria capaz de contar a ninguém.

Eilis parou ali com os braços caídos ao lado do corpo, enquanto a srta. Fortini falava sobre a cor, perguntando-se se não seria clara demais, e também

sobre o corte do traje de banho, que achou muito antiquado. Mais uma vez, enquanto dava uma volta, ela tocou no elástico no alto das coxas de Eilis, deixou a mão subir até seu traseiro, deu uma palmadinha e deixou a mão pousar ali por um tempo.

"Agora, o outro", disse ela e ficou parada perto da cortina, evitando que Eilis a fechasse. A garota tirou o traje de banho o mais depressa que pôde e, na pressa de vestir o último, se atrapalhou, enfiando a perna no lugar errado. Precisou se curvar para levantar o traje de banho e usar as duas mãos para descobrir a maneira certa de vesti-lo. Ninguém jamais a tinha visto nua daquele modo; ela não sabia qual a aparência de seus seios, se o tamanho dos mamilos ou a coloração escura em torno deles eram estranhos ou não. Sentiu-se arder de constrangimento e logo depois ficar quase gelada. Depois de vestir o traje de banho, sentiu-se aliviada e ficou parada, mais uma vez sendo observada atentamente pela srta. Fortini.

Eilis achava que não havia a menor diferença entre os trajes de banho; simplesmente não queria o preto nem o cor-de-rosa, mas como os outros cabiam nela e suas cores não eram fortes nem chamativas, ficaria feliz de levar qualquer um deles. Então, quando a srta. Fortini sugeriu que ela experimentasse todos de novo antes de tomar uma decisão, Eilis se recusou, disse que levaria qualquer um, que não fazia a menor diferença. A srta. Fortini disse que de manhã enviaria todos de volta para sua amiga numa loja ali perto, com um bilhete, e que Eilis poderia ir lá na hora do almoço pegar o que havia escolhido. A amiga iria providenciar um bom desconto para ela. Depois que a garota já havia se vestido, a srta. Fortini se virou para apagar as luzes da loja e as duas saíram pela porta lateral.

Eilis tentou comer menos, mas era difícil, pois não conseguia dormir com fome. No banheiro, quando se olhava no espelho, não achava que estava muito gorda e, quando experimentava o traje de banho que havia escolhido, ficava muito mais preocupada com a cor pálida de sua pele.

Num fim de tarde, ao chegar do trabalho, encontrou um envelope para ela na mesa da cozinha. Era uma carta oficial do Brooklyn College informando que ela havia passado em todas as matérias do primeiro ano e que se precisasse saber as notas exatas poderia entrar em contato com eles. Esperavam, dizia a carta,

que voltasse no ano letivo seguinte, que começaria em setembro, e forneciam as datas em que devia se matricular.

Era um entardecer lindo. Eilis resolveu não jantar e ir a pé até a casa paroquial, mostrar a carta ao padre Flood. Deixou um bilhete para a sra. Kehoe, saiu e começou a observar como tudo era lindo: as árvores cheias de folhas, as pessoas nas ruas, as crianças brincando, as luzes nos prédios. Nunca havia sentido aquilo no Brooklyn. A carta tinha levantado seu ânimo, lhe dera uma nova liberdade, Eilis percebeu, e aquilo era uma coisa que ela não esperava. Não via a hora de mostrar a carta ao padre Flood, se ele estivesse em casa, e depois a Tony, quando o encontrasse na noite seguinte, como haviam combinado, e também não via a hora de escrever para casa dando a notícia. Dali a um ano, ela seria uma contadora habilitada e poderia começar a procurar um emprego melhor. Durante um ano, o tempo ia ficar cada vez mais quente, até se tornar insuportável, e depois o calor ia diminuir, as árvores perderiam as folhas e então o inverno voltaria ao Brooklyn. E isso também ia se desfazer na primavera e no início do verão, com longos entardeceres ensolarados depois do trabalho, até que, assim ela esperava, chegasse outra carta do Brooklyn College.

E, em todos os seus sonhos de como seria aquele próximo ano, enquanto ela caminhava, imaginava a presença sorridente de Tony, sua atenção, suas histórias engraçadas, seu abraço apertado num canto da esquina, o cheiro doce do seu hálito quando a beijava, a sensação de sua concentração preciosa sobre ela, seus braços em torno dela, a língua dele dentro de sua boca. Eilis tinha tudo aquilo, pensava, e agora, com aquela carta, muito mais do que ela havia imaginado que teria quando chegou ao Brooklyn. Obrigou-se a parar de sorrir enquanto caminhava, para que as pessoas não pensassem que ela estava maluca.

O padre Flood atendeu a porta com um maço de papéis na mão. Mandou-a entrar depressa no vestíbulo de sua casa. Quando leu a carta, pareceu preocupado e, mesmo quando a devolveu, continuou com um ar sério.

"Você é maravilhosa", disse em tom grave. "É tudo o que tenho a dizer."

Ela sorriu.

"A maioria das pessoas que vêm a esta casa sem avisar está precisando de alguma coisa ou tem algum problema", disse ele. "Quase nunca recebo boas notícias puras."

"Economizei algum dinheiro", disse Eilis, "e vou poder pagar minhas aulas no segundo ano. Depois, quando conseguir um emprego, vou reembolsar o senhor por este ano que passou."

"Foi um dos meus paroquianos que pagou", disse o padre Flood. "Ele precisava fazer algo pela humanidade e então eu o fiz pagar seu curso durante este ano. Daqui a pouco vou lembrá-lo que ele precisa dar o dinheiro para o próximo ano letivo. Eu disse a ele que era por uma boa causa, e isso o fez se sentir nobre."

"O senhor contou que era para mim?", perguntou Eilis.

"Não. Eu não dei nenhum detalhe."

"Pode agradecer a ele por mim?"

"Claro. Como vai o Tony?"

Eilis ficou surpresa com a pergunta, por seu jeito informal e despreocupado, pela forma como sugeria que Tony já era uma presença estabelecida, e não um problema ou um intruso.

"Ele está ótimo", disse ela.

"Já levou você para ver um jogo?", perguntou o padre.

"Não, mas vive ameaçando fazer isso. Perguntei-lhe se o Wexford estava jogando, mas ele não entendeu a piada."

"Eilis, vou lhe dar um pequeno conselho", disse o padre Flood, quando abriu a porta para o corredor. "Nunca faça piadas sobre beisebol."

"Foi o que Tony disse."

"Ele é um homem sério", concluiu o padre Flood.

Assim que mostrou a carta a Tony, quando se encontraram no entardecer do dia seguinte, ele disse que precisavam ir a Coney Island no domingo seguinte para comemorar.

"Champanhe?", perguntou ela.

"Água do mar", replicou ele. "E depois um jantar de arromba no Nathan's."

Ela comprou uma toalha de praia na Bartocci's e um chapéu de sol de Diana, que não o queria mais. No jantar, Diana e Patty mostraram os óculos escuros que haviam comprado para o verão no calçadão em Atlantic City.

"Li em algum lugar", lembrou a sra. Kehoe, "que esses óculos podem estragar a vista da gente."

"Ah, não estou nem aí", disse Diana. "Acho que são incríveis."

"E eu li", comentou Patty, "que se a gente não estiver com óculos assim na praia, neste verão, as pessoas vão ficar falando da gente."

A srta. McAdam e Sheila Heffernan experimentaram os óculos e, ignorando descaradamente Dolores, os entregaram para Eilis experimentar.

"Bem, são mesmo muito chiques, tenho de admitir", disse a sra. Kehoe.

"Vou vender esses para você", disse Diana a Eilis, "no domingo posso comprar outro para mim."

"É mesmo?", perguntou Eilis.

Quando souberam que ela tinha comprado um traje de banho, fizeram questão de ver. Quando Eilis subiu com ele, entregou-o de propósito a Dolores para que ela o segurasse na frente do corpo.

"Você tem mesmo sorte, Eilis, de ter um corpo que lhe permite vestir esse traje de banho", disse a sra. Kehoe.

"Não posso pegar sol de jeito nenhum", disse Dolores. "Fico toda vermelha."

Patty e Diana começaram a rir.

Na manhã de domingo, quando Tony foi pegar Eilis em casa, pareceu surpreso com os óculos escuros.

"Vou ter de prender você com uma corda", disse ele. "Todos os homens da praia vão querer fugir com você."

A estação de metrô estava lotada de gente que ia para a praia, e houve gritos de horror quando os dois primeiros trens passaram direto, sem parar na estação. O ar estava sufocante, com todo mundo espremido. Quando um trem afinal parou, parecia não haver lugar para ninguém, mesmo assim todo mundo começou a se espremer nos vagões, rindo, gritando, pedindo que as pessoas chegassem para o lado e dessem espaço. Na hora em que ela e Tony, que levavam um guarda-sol fechado e uma sacola, acharam uma porta, não havia mais espaço no trem. Ela ficou admirada quando Tony, segurando sua mão, começou a empurrar a multidão no vagão a fim de abrir espaço para os dois antes que as portas fechassem.

"Quanto tempo vai demorar?", perguntou ela.

"Uma hora, talvez mais, depende do número de paradas do trem. Mas anime-se. Pense nas ondas grandes."

Quando afinal chegaram, a praia estava quase tão entupida de gente quanto o trem. Eilis notou que Tony não tinha perdido seu sorriso uma única vez durante toda a viagem, apesar de ter sido espremido de propósito contra uma porta por um homem, que fez isso incentivado pela esposa. Agora, ao observar a multidão na praia, onde não havia mais lugar para os recém-chegados, Tony dava a impressão de que todos tinham sido colocados ali só para diverti-lo ainda mais. Os dois andaram pelo calçadão, mas a única solução, Eilis percebeu, era ocupar um pequeno ponto que estivesse vazio e ver se, com sua presença ali, conseguiam aumentar um pouco a área livre, o bastante para que pudessem estender suas toalhas e deitar-se ao sol.

Diana e Patty tinham avisado que na Itália ninguém trocava de roupa na praia. Os italianos haviam trazido para os Estados Unidos o hábito de ir à praia com os trajes de banho já por baixo da roupa, evitando assim o costume irlandês de trocar de roupa na praia, o que era, disse Diana, deselegante e grosseiro, para dizer o mínimo. Eilis não sabia se suas colegas de pensão estavam brincando, por isso foi confirmar com a srta. Fortini, que lhe garantiu que era mesmo verdade. A mulher insistiu também que ela devia perder mais peso, lhe trouxe um pequeno raspador de pelos cor-de-rosa e lhe disse que não precisava devolver. Apesar de todos os preparativos, Eilis estava nervosa com a perspectiva de tirar a roupa e se mostrar na frente de Tony em traje de banho; seus esforços para fingir que aquilo não era nada deixavam-na ainda mais embaraçada. Ela se perguntava se ele iria notar que havia raspado os pelos, tinha a sensação de que estava branca demais e de que suas coxas e nádegas estavam gordas demais.

Tony na mesma hora despiu-se e ficou só de calção, e Eilis, satisfeita, viu que ele olhava com indiferença para a multidão em volta, enquanto ela torcia o corpo para tirar suas roupas. Quando ficou pronta, Tony quis logo entrar no mar. Pediu que a família ao lado tomasse conta das coisas deles e os dois avançaram para a água, abrindo caminho pela multidão. Eilis riu quando viu Tony fugindo da água fria; comparada à água do mar na Irlanda, esta lhe pareceu bem quentinha. Eilis foi andando para dentro do mar, enquanto Tony só a duras penas conseguia acompanhá-la.

Enquanto ela nadava, ele ficou parado de pé, sem reação, com a água na cintura, e quando ela fez sinal para que Tony a seguisse e disse que não devia

bancar a criancinha, ele gritou que não sabia nadar. Ela foi nadando de peito na direção dele e então, aos poucos, vendo o que os casais à sua volta estavam fazendo, compreendeu qual era o plano de Tony. Pelo visto, o que ele queria era que os dois ficassem de pé com a água no pescoço, segurando-se um ao outro, enquanto as ondas batiam sobre eles. Quando ela o abraçou, Tony a segurou de modo que ela não pudesse nadar para longe dele com facilidade. Podia sentir seu pênis endurecido contra seu corpo, o que o fazia sorrir ainda mais que de costume, e quando, ao segurá-la, quis colocar as mãos em suas nádegas, ela se afastou nadando. Passou pela cabeça de Eilis contar-lhe quem tinha sido a última pessoa que havia tocado suas nádegas. Só de imaginar a reação dele ao saber daquilo, Eilis riu tanto que deu algumas vigorosas braçadas de costas, deixando Tony supor, assim ela esperava, que ele estava tomando liberdade demais com as mãos debaixo d'água.

O dia inteiro, os dois ficaram indo e vindo da areia para o mar. Eilis colocou seu chapéu de sol, ele abriu o guarda-sol para não se queimarem demais e também pegou um farnel de piquenique que sua mãe havia preparado, que incluía uma garrafa térmica com limonada gelada. Na água, nas poucas vezes em que ela nadou sozinha, sentiu que as ondas eram mais fortes do que na Irlanda, não tanto na forma como quebravam, mas na maneira como puxavam para o fundo. Eilis percebeu que precisava tomar cuidado para não nadar para muito longe nem para o fundo, naquele mar desconhecido. Viu que Tony tinha medo da água do mar e detestava quando ela nadava para longe dele. Toda vez que ela voltava, ele a obrigava a pôr os braços em torno do seu pescoço e ele a erguia por baixo, de forma que suas pernas ficavam enganchadas em volta dele. Quando a beijava e afastava o rosto dela um pouco para olhá-la, Tony não parecia nada embaraçado com sua ereção, e sim orgulhoso. Mostrava-se totalmente infantil quando sorria para ela; em troca, Eilis sentia uma enorme ternura por ele e o beijava com ardor quando ele a segurava. O dia chegava ao fim, e os dois eram quase os últimos dentro da água.

Quando Eilis se queixou do calor, no trabalho, lhe disseram que aquilo era só o começo, mas um dia a srta. Fortini lhe disse que em breve o sr. Bartocci iria mandar ligar o ar-refrigerado, e a loja ficaria lotada de clientes em busca de alívio para o calor. O trabalho dela, disse a srta. Fortini, era fazê-los comprar

alguma coisa.

Pouco tempo depois, Eilis estava sempre ansiosa para ir trabalhar e, quando acordava suada à noite, não via a hora de ficar no ar refrigerado da Bartocci's. Ao entardecer, a sra. Kehoe colocava cadeiras do lado de fora, na frente da casa, e elas ficavam ali sentadas, se abanando com leques, mesmo na sombra e, algumas noites, depois de escurecer completamente. No meio dia de folga de Eilis, Tony também tirava meio dia de folga, e os dois iam a Coney Island e voltavam tarde. Quando ela perguntava se não podiam ir à enorme roda-gigante ou a algum outro brinquedo do parque de diversões, ele dizia que não e toda vez arranjava uma desculpa. Tony não dava o menor sinal de que havia perdido sua namorada anterior por tê-la levado à roda-gigante. Eilis ficava fascinada com aquilo, com a maneira fácil, natural, como ele evitava que fossem lá, sua doce duplicidade ao não sugerir o que havia acontecido. Eilis sentia-se quase contente de saber que ele tinha segredos e que sabia guardá-los com serenidade.

Quando o verão avançou mais um pouco, ele já não conseguia falar de outro assunto que não fosse beisebol. Os nomes que dizia para Eilis — como Jackie Robinson, Pee Wee Reese e Preacher Roe — eram os mesmos que ela ouvia no trabalho e via citados nos jornais. Até a sra. Kehoe falava daqueles jogadores como se os conhecesse. No ano anterior tinha ido à casa de sua amiga, a srta. Scanlan, para ver um jogo na televisão e, como era torcedora dos Dodgers, o que contava para todo mundo, planejava fazer aquilo outra vez, se a srta. Scanlan, que também torcia para os Dodgers, a convidasse.

Por algum tempo, Eilis teve a impressão de que ninguém falava de mais nada a não ser da necessidade de derrotar o time dos Giants. Tony lhe disse com uma empolgação genuína que havia reservado ingressos para o estádio Ebbets Field, não só para ele e Eilis como também para seus três irmãos, e que ia ser o melhor dia da vida deles, pois iriam se vingar do que Bobby Thomson tinha feito com eles na temporada anterior. Enquanto andava com Eilis pelas ruas, Tony não era o único a imitar seus jogadores prediletos e a gritar as esperanças que tinha neles.

Eilis tentava lhe contar sobre o time de *hurling* de Wexford, como foram derrotados pelo time de Tipperary e como seu pai e seus irmãos ficavam colados ao velho aparelho de rádio da sala, nos domingos de verão, mesmo quando

Wexford não estava jogando. Quando Tony começava a imitar os comentaristas esportivos e descrevia partidas imaginárias que ele mesmo inventava, ela contava que Jack, seu irmão, fazia a mesma coisa.

"Espere aí", disse ele. "Vocês jogam beisebol na Irlanda?"

"Não, é o *hurling*."

Ele pareceu espantado.

"Mas então não era beisebol?"

Seu rosto demonstrou frustração, depois uma espécie de irritação.

Certa noite, no salão paroquial, quando o conjunto de suingue começou a tocar uma música que Tony pareceu reconhecer, ele ficou enlouquecido, a exemplo de muitos outros à sua volta.

"É a música do Jackie Robinson", gritou. Começou a brandir no ar um bastão de beisebol imaginário. "Estão tocando 'Você viu Jackie Robinson rebater aquela bola?'."

Assim que Eilis voltou às aulas no Brooklyn College, o frenesi com o beisebol piorou. O que a surpreendeu foi não ter percebido nada daquilo no ano anterior, embora devesse ter acontecido a mesma coisa à sua volta, com a mesma intensidade. Agora Eilis tinha voltado à rotina de encontrar Tony às quintas-feiras à noite depois da aula, às sextas-feiras à noite no salão paroquial e aos sábados para irem ao cinema, e Tony não falava de mais nada a não ser de que aquele seria um ano perfeito para ele se os dois, Tony e Eilis, ficassem juntos, se Laurence, Maurice e Frankie pudessem estar com eles também e se os Dodgers ganhassem o campeonato nacional. Para grande alívio de Eilis, ele não fez mais nenhuma menção a ter filhos com ela, filhos que também seriam torcedores dos Dodgers.

Eilis caminhava ao lado dos quatro irmãos rumo ao estádio Ebbets Field. Haviam saído com tempo de sobra para parar e conversar com qualquer um que tivesse alguma notícia sobre os jogadores ou opiniões sobre como seria a partida, para comprar cachorros-quentes e refrigerantes e para ficar um tempo lá fora, espremidos na multidão. Aos poucos, as diferenças entre os irmãos ficaram mais visíveis para Eilis. Se Maurice sorria e parecia descontraído, por outro lado não falava com desconhecidos e se mantinha um pouco atrás quando os outros conversavam com alguém. Tony e Frank ficavam perto um do outro o tempo

todo, Frank sempre ansioso para saber a opinião de Tony. Laurence parecia ter mais conhecimentos sobre a partida e podia contradizer com facilidade algumas afirmações de Tony. Eilis ria de Frank enquanto ele olhava ora para Tony, ora para Laurence, vendo-os discutir sobre os méritos do estádio Ebbets Field. Laurence insistia em que era pequeno e antiquado demais e que teria de ser demolido, ao passo que Tony retrucava que nunca seria demolido. Os olhos de Frank disparavam de um irmão para o outro; parecia genuinamente perplexo. Maurice nunca se envolvia na discussão, mas tratava de apressar os irmãos na direção do estádio e os advertia de que estavam andando muito devagar.

Quando encontraram seus assentos, puseram Eilis no meio, entre Tony e Maurice, Laurence à esquerda de Tony e Frank à direita de Maurice.

"Mamãe nos avisou para não deixar você na ponta", disse Frank a Eilis.

Embora Tony e as colegas de pensão de Eilis lhe tivessem explicado as regras do jogo e tivessem passado a impressão de que era parecido com o *rounders*, que ela havia jogado com seus irmãos e os amigos deles na Irlanda, mesmo assim ela não sabia o que esperar, porque o *rounders*, a seu modo, era bonito, mas nunca havia provocado a mesma empolgação que o *hurling* ou o futebol. Na pensão da sra. Kehoe, na noite anterior, a srta. McAdam havia insistido que o beisebol era o melhor esporte do mundo, mas todas as outras achavam que era um jogo muito arrastado, com interrupções demais. Diana e Patty concordavam que a melhor parte era sair para comprar cachorros-quentes, refrigerante e cerveja, e descobrir que, enquanto elas tinham ficado longe, não havia acontecido nada de importante, apesar de toda a gritaria e animação.

"Na última vez, nós fomos roubados, é tudo o que tenho a dizer", falou a sra. Kehoe. "Foi um momento muito triste."

Agora, faltando meia hora, todos em volta deles se comportavam como se o jogo fosse começar naquele instante. Eilis percebeu que Tony deixara de mostrar interesse por ela, o menor que fosse. Normalmente, ele era atencioso, sorridente, lhe fazia perguntas, escutava o que ela dizia, lhe contava histórias. Agora, no calor da empolgação geral, ele não conseguia mais desempenhar o papel do namorado solícito e prestativo. Demorava-se conversando com pessoas sentadas atrás dele e depois transmitia a Frank aquilo que lhe haviam dito, ignorando Eilis completamente, quando se inclinava sobre ela para se

aproximar mais do irmão e ser ouvido. Tony não conseguia ficar sossegado, se levantava, sentava outra vez, esticava o pescoço para ver o que estava acontecendo atrás dele. Durante todo o tempo, Maurice, que havia trazido um programa, examinava o folheto e, a intervalos regulares, oferecia a Eilis e a seus três irmãos pitadas de informação que havia selecionado. Parecia preocupado.

"Se perdermos esta partida, Tony vai ficar maluco", disse a Eilis. "E se vencermos, vai ficar mais maluco ainda, e o Frankie vai junto com ele."

"Então o que vai ser melhor", perguntou Eilis, "ganhar ou perder?"

"Ganhar", respondeu.

Tony e Frank foram buscar mais cachorros-quentes, cervejas e refrigerantes.

"Guardem os nosso lugares", disse Tony sorrindo.

"É, guardem os lugares da gente", repetiu Frank.

Quando os jogadores afinal apareceram, os quatro irmãos ergueram-se de um pulo e competiram uns com os outros para identificá-los, mas pouco depois, quando aconteceu algo que pareceu desagradar Tony, ele se sentou, desalentado. Por um momento, segurou a mão de Eilis.

"Estão todos contra nós", disse.

Mas, quando a partida começou, Tony desatou a fazer um comentário ininterrupto, que alcançava um clímax toda vez que havia qualquer movimentação. Às vezes, quando ele sossegava, Frank assumia os comentários e chamava a atenção deles para algo, mas logo tinha de parar, advertido por Maurice, que observava cada segundo com uma atenção ponderada e cuidadosa, sem falar quase nada. No entanto, ela sentiu que Maurice estava ainda mais envolvido e empolgado do que Tony, apesar de toda gritaria, animação, algazarra e apupos dele.

Eilis simplesmente não conseguia acompanhar a partida, não entendia como os times marcavam pontos ou o que vinha a ser um lance bom e um lance ruim. Também não identificava que jogador era qual. E o jogo era de fato tão vagaroso quanto Diana e Patty tinham dito. Eilis, porém, sabia que não devia ir ao banheiro, porque era bem possível que justamente o momento em que ela avisasse que ia se levantar fosse aquele que ninguém ia querer perder.

Enquanto assistia ao jogo calada, tentando entender seus intrincados rituais, lhe ocorreu que Tony, apesar de seus constantes movimentos, de seus gritos

para que Frank prestasse atenção, e de seus berros entusiasmados, seguidos por exclamações de puro desespero, não conseguiu deixá-la irritada nem uma vez. Ela achava aquilo estranho e, com o canto dos olhos e às vezes até de frente mesmo, começou a observá-lo, percebendo como Tony era engraçado, como estava vivo, gracioso, atento a tudo. Eilis também passou a apreciar o modo como ele se divertia, ainda mais que seus irmãos, mais francamente, com mais humor e uma desenvoltura mais contagiante. Ela não se importava — na verdade, quase gostava disso — com o fato de ele não estar dando atenção a ela, deixando que Maurice lhe explicasse, quando podia, o que estava acontecendo na partida.

Tony estava tão absorvido no jogo que isso dava a Eilis a oportunidade de deixar seus pensamentos se demorarem nele, flutuarem em redor dele, e de observar como Tony era diferente dela em todos os sentidos. A ideia de que ele jamais a veria da maneira como ela sentia que o estava vendo agora veio à mente de Eilis como um alívio infinito, como uma solução satisfatória para as coisas. A empolgação de Tony e a empolgação da multidão de torcedores tornou-se contagiosa, até que ela começou a fingir que conseguia acompanhar o que estava acontecendo. Gritava em favor do time dos Dodgers tanto quanto qualquer pessoa à sua volta; e depois acompanhava os olhos de Tony, olhando na direção do olhar dele, e se recostava no banco em silêncio, junto com ele, quando o time parecia estar perdendo.

Por fim, depois de quase duas horas, todo mundo se levantou. Ela, Tony e Frank combinaram de se encontrar na fila da barraquinha de cachorro-quente mais próxima deles, depois que Eilis fosse ao banheiro. Como ela também estava com sede e, quando os encontrou na frente da fila, sentia que queria tomar parte de tudo o que estava acontecendo, pediu uma cerveja, sua primeira cerveja na vida, e tentou despejar a mostarda e o ketchup sobre a salsicha do cachorro-quente com o mesmo floreio que Tony e Frank fizeram. Na hora em que voltaram a seus lugares, o jogo tinha recomeçado. Ela perguntou a Maurice se era de fato só a metade do jogo, e ele explicou que no beisebol o intervalo não vinha na metade da partida, mas depois do sétimo turno, já perto do fim, e era mais uma pausa, uma interrupção, como chamavam. Ocorreu a Eilis que Maurice era o único dos quatro irmãos que tinha alguma noção de como era

profundo o desconhecimento dela sobre o jogo. Eilis ficava sentada, quieta, sorria para si mesma quando pensava naquilo, na estranheza daquela situação, em como tudo parecia pouco importar para ela, mesmo nos momentos em que achava totalmente desnorteante o que acontecia no campo de jogo. Tudo o que sabia era que a sorte e o sucesso, mais uma vez, por algum motivo, estavam lentamente escapando das mãos do time dos Dodgers do Brooklyn.

Como passou o Dia de Ação de Graças com a família de Tony, a mãe dele achou que Eilis também poderia vir no Natal e, quando ela recusou, perguntou, quase ofendida, se a comida não era do seu agrado. A garota explicou que não podia deixar o padre Flood sem sua ajuda e que ia trabalhar no salão paroquial pelo segundo ano. Tony e sua mãe lhe disseram várias vezes que outra pessoa poderia ir em seu lugar e fazer o trabalho, mas ela se mostrou inflexível. Sentiu-se levemente culpada por imaginarem que estava praticando um ato de caridade egoísta, quando ela também estaria, e sabia disso, mais feliz trabalhando no salão paroquial do que passando um dia comprido, sem contar o jantar da véspera, dentro daquele pequeno apartamento, com Tony e a família. Ela adorava todos eles e achava intrigantes as diferenças entre os quatro irmãos, mas às vezes, ao ficar sozinha depois de um almoço ou de um jantar com eles, descobria um prazer maior do que o da refeição propriamente dita.

Nos dias seguintes ao Natal, ela viu Tony todo fim de tarde. Numa daquelas ocasiões, esboçou para ela seus planos, contou que ele, Maurice e Laurence tinham comprado por uma pechincha um terreno em Long Island, onde iriam construir. Ia levar tempo, disse, talvez um ano ou dois, porque ficava a uma boa distância dos serviços públicos e do comércio e parecia não haver nada ali senão um terreno vazio. Mas em breve, eles sabiam, os serviços públicos chegariam. O que agora era nada, disse ele, em poucos anos seriam ruas pavimentadas, com água e eletricidade. No terreno deles, havia espaço bastante para cinco casas, cada uma com seu próprio jardim. Maurice estava frequentando aulas noturnas num curso de planejamento de custos, e Tony e Laurence cuidariam dos encanamentos e da carpintaria.

A primeira casa, explicou Tony, seria para a família; sua mãe queria muito ter um jardim e uma casa própria só para ela. Depois, disse Tony, eles iriam construir três casas e vendê-las. Mas Maurice e Laurence perguntaram se ele

não queria a quinta casa, Tony tinha dito que sim, e agora ele estava perguntando à namorada se não gostaria de morar em Long Island. Ficava perto do mar, disse, e não muito longe de onde o trem parava. Mas ele ainda não queria levar Eilis lá, porque era inverno e estava tudo deserto, triste, sem nada, a não ser uma terra erma e uma vegetação seca. Quanto à casa, seria deles, disse Tony, e os dois poderiam planejá-la sozinhos.

Eilis ficou olhando para ele com cuidado, porque sabia que aquele era seu modo não só de pedi-la em casamento mas também de sugerir que a união já estava tacitamente acertada entre os dois. O que ele estava apresentando agora eram apenas os detalhes de como iam viver, da vida que ele podia lhe oferecer. Um dia, disse Tony, ele e seus dois irmãos iam abrir uma empresa e construir casas. Agora estavam economizando dinheiro e fazendo planos, mas, com suas habilidades e com o primeiro terreno em mãos, aquilo não ia demorar muito tempo, o que significava que em breve eles poderiam, todos eles, ter uma vida muito melhor. Ela não respondeu nada. Estava à beira das lágrimas com o que propunha, e por ver como se mostrava prático ao falar, e também sério e sincero. Eilis não queria dizer que ia pensar naquilo, porque sabia como uma resposta assim poderia ser entendida. Em vez disso, assentiu com a cabeça, sorriu, estendeu o braço, segurou as mãos de Tony e puxou-o para junto de si.

Eilis escreveu mais uma vez a Rose, usando o endereço do escritório da irmã, e lhe contou a que ponto as coisas tinham chegado; tentou descrever Tony, mas era difícil, sem lhe dar um aspecto excessivamente infantil, tolo ou leviano. Falou que ele nunca dizia palavrões nem praguejava, porque achava que era importante Rose saber que ele não era como os rapazes de sua cidade natal, que aquele era um mundo diferente e que, nele, Tony brilhava, embora sua família morasse em dois cômodos e ele fizesse um trabalho braçal. Eilis rasgou a carta algumas vezes; dera ao texto um tom que parecia um apelo em defesa de Tony, em vez de apenas tentar explicar que ele era especial e que ela não ia ficar com ele simplesmente porque fora o primeiro homem que conheceu.

Nas cartas para a mãe, porém, Eilis não mencionava Tony nem uma vez; embora tivesse descrito Coney Island e a partida de beisebol, dissera apenas que tinha ido com amigos. Agora, bem que gostaria de ter feito uma ou duas referências de passagem a Tony seis meses antes, assim a notícia não seria uma

grande surpresa. Mas toda vez que fazia uma tentativa de incluí-lo nas cartas para a mãe, se dava conta de que não era possível fazer isso sem escrever um parágrafo inteiro sobre ele, contando onde tinham se conhecido, como ele era. E descobriu que adiava fazer isso sempre que tentava.

Quando Rose respondeu, sua carta foi breve. Ficou claro para Eilis que, mais uma vez, tinha entrado em contato com o padre Flood. A irmã disse que Tony parecia um rapaz muito bom, mas, como os dois eram jovens, não precisavam tomar nenhuma decisão ainda, e que a melhor notícia era que Eilis, no verão, seria uma contadora habilitada e poderia começar a procurar trabalho. Rose imaginava, escreveu ela, que Eilis devia estar de fato ansiosa para sair do emprego na loja e entrar para um escritório, onde não só ganharia mais como suas pernas sofreriam menos.

Na Bartocci's, todos estavam mais relaxados acerca dos clientes de cor, e Eilis fora transferida várias vezes para diversos balcões. Como a srta. Fortini tinha contado aos Bartocci sobre a aprovação de Eilis nas provas da faculdade e sobre seu ingresso no último ano do curso, a srta. Bartocci disse que, se aparecesse alguma vaga de auxiliar de contabilidade, mesmo antes de ela estar plenamente habilitada, iriam se lembrar do seu nome.

O segundo ano do curso foi mais simples, porque Eilis não estava com tanto medo do que poderia aparecer nas provas. E, como tinha lido os livros de direito e feito anotações nas páginas dos volumes, conseguia acompanhar a maior parte daquilo que o sr. Rosenblum falava. Mas Eilis ainda cuidava de não faltar às aulas e de encontrar-se com Tony só nas quintas-feiras, quando ele a acompanhava até em casa, nas sextas-feiras, quando os dois iam juntos ao baile no salão paroquial, e aos sábados, quando ele a levava ao cinema e a um restaurante para jantar. Mesmo quando o inverno começou a cair sobre o Brooklyn, Eilis gostava do seu quarto e da sua rotina e, quando a primavera chegou, ela passou a estudar todas as noites depois das aulas, e também aos domingos, para ter certeza de que ia conseguir passar nas provas.

Eilis achava o trabalho na loja maçante e cansativo, e muitas vezes, sobretudo nos primeiros dias da semana, quando elas não ficavam muito ocupadas, o tempo passava devagar. Mas a srta. Fortini estava sempre atenta e notava se alguém fazia uma pausa fora de hora para descansar, chegava atrasado ou

parecia não estar rapidamente à disposição do cliente seguinte. Eilis tomava cuidado com sua atitude e ficava alerta para o caso de algum cliente precisar de sua ajuda. Ela havia aprendido que o tempo passava mais devagar se ficasse muito atenta ao relógio ou se pensasse no assunto; assim aprendeu a ter paciência e depois, quando terminava o trabalho e saía da loja, conseguia tirar tudo aquilo completamente da cabeça e desfrutar sua liberdade.

Numa tarde, quando viu o padre Flood entrar na loja, nem pensou no assunto. Embora não o tivesse visto ali nem uma vez desde o dia em que foi chamada para trabalhar na Bartocci's, sabia que o padre era amigo do dono e que podia ter negócios a tratar com ele. Eilis viu o padre Flood conversando primeiro com a srta. Fortini e viu que ele lhe lançou um olhar, dando a entender que iria até ela, no entanto, em vez disso, depois de discutir um pouco com a mulher, os dois seguiram juntos na direção do escritório. Eilis atendeu um freguês e depois, ao ver que alguém tinha deixado algumas blusas desdobradas, foi até lá e colocou-as cuidadosamente no lugar. Quando se virou, a srta. Fortini vinha em sua direção, e havia em seu rosto alguma coisa que fez Eilis querer esquivar-se dela, afastar-se rapidamente, fingindo não tê-la visto.

"Você pode vir ao escritório por um momento?", pediu.

Eilis se perguntou se tinha feito alguma coisa, se alguém a teria acusado de algo.

"Do que se trata?", questionou Eilis.

"Não posso dizer", respondeu a srta. Fortini. "É melhor apenas você me acompanhar."

Pela maneira como a mulher virou-se e caminhou energicamente à sua frente, Eilis teve mais ainda a impressão de que fizera algo errado, algo que só agora tinha sido descoberto. Quando deixaram a área de vendas da loja e seguia a srta. Fortini por um corredor, Eilis parou.

"Me desculpe", disse, "mas você precisa me dizer do que se trata."

"Não posso", respondeu a srta. Fortini.

"Não pode nem me dar uma ideia?"

"É alguma coisa na sua família."

"Alguma coisa ou alguém?"

"Alguém."

Imediatamente, Eilis pensou que sua mãe podia ter tido um ataque do coração, caído da escada, ou que um de seus irmãos sofrera um acidente em Birmingham.

"Qual deles?", perguntou.

A srta. Fortini não respondeu, mas foi em frente outra vez, até chegar a uma porta no final do corredor, que ela abriu. A srta. Fortini recuou para o lado e deixou Eilis entrar. Era um cômodo pequeno, e o padre Flood estava sozinho, sentado numa cadeira. Levantou-se de modo hesitante e fez sinal para que a srta. Fortini os deixasse a sós.

"Eilis", disse ele. "Eilis."

"O que aconteceu?"

"É a Rose."

"O que houve com ela?"

"Sua mãe encontrou-a morta hoje de manhã."

Eilis não disse nada.

"Deve ter morrido enquanto dormia", disse o padre Flood.

"Morreu dormindo?", perguntou Eilis, enquanto tentava se lembrar da última vez que tivera notícias de Rose ou de sua mãe e se havia algum indício de que algo não ia bem.

"Sim", disse ele. "Foi uma morte súbita. Ontem ela foi jogar golfe e estava em ótima forma. Morreu dormindo, Eilis."

"E minha mãe a encontrou?"

"Sim."

"Os outros já sabem?"

"Sim, e estão indo para casa no barco do correio. Vai ser velada esta noite."

Eilis agora se perguntava se haveria algum modo de voltar à loja e deter aquele acontecimento, ou cancelar o fato de o padre ter lhe contado aquilo. No silêncio, quase pediu que o padre Flood fosse embora e nunca mais entrasse na loja daquele jeito, mas no mesmo instante se deu conta de que era bobagem. Ele estava ali. Eilis tinha ouvido o que ele disse. Não podia empurrar o tempo para trás.

"Tomei providências para que sua mãe vá esta noite para a casa do padre em Enniscorthy, e vamos telefonar a ela aqui do presbitério."

"Foi um dos padres que entrou em contato com o senhor?"

"O padre Quaid", disse ele.

"Eles têm certeza?", perguntou Eilis e rapidamente estendeu a mão para a frente a fim de pedir que não respondesse. "Quero dizer, aconteceu hoje?"

"Nesta manhã... Manhã na Irlanda."

"Não consigo acreditar", disse ela. "Tão de repente."

"Falei com Franco Bartocci por telefone mais cedo e ele me disse que a levasse para casa, e falei com a senhora Kehoe. Se me der o endereço de Tony, mando-lhe um recado também, para informá-lo."

"O que vai acontecer?", perguntou ela.

"O enterro será depois de amanhã", disse o padre.

Foi a suavidade de sua voz, a forma reservada como evitava o olhar de Eilis, que a levou a começar a chorar. E quando ele pegou um lenço branco, grande e limpo, que obviamente já trazia preparado no bolso para aquela ocasião, Eilis ficou quase histérica, enquanto o empurrava para trás.

"Por que foi que eu vim para cá?", perguntava, mas sabia que ele não a estava entendendo, porque ela soluçava demais. Eilis tirou o lenço da mão dele e assoou o nariz.

"Por que foi que eu vim para cá?", perguntou de novo.

"Rose queria que você tivesse uma vida melhor", respondeu o padre. "Ela apenas fez o que era bom."

"Agora nunca mais vou vê-la."

"Ela estava muito feliz por saber que você está indo muito bem aqui."

"Nunca mais vou vê-la. Não é mesmo?"

"É muito triste, Eilis. Mas ela agora está no céu. É o que devemos pensar. E ela vai zelar por você. E todos nós vamos ter de rezar por sua mãe e pela alma de Rose e, você sabe, Eilis, temos de lembrar que os caminhos de Deus não são os nossos."

"Eu gostaria de nunca ter vindo para cá."

Quando começou a chorar de novo, não parava de repetir: "Eu gostaria de nunca ter vindo para cá".

"Tenho um carro estacionado lá fora, e podemos ir ao presbitério. Você sabe que lhe fará bem conversar com sua mãe."

“Não ouvi a voz dela desde que parti de casa”, disse Eilis. “Temos nos falado só por cartas. É terrível que esta seja a primeira vez que vou telefonar para ela.”

“Sei disso, Eilis, e sua mãe vai sentir a mesma coisa. O padre Quaid disse que ia buscá-la em casa e levá-la de carro até a residência do pároco. Imagino que ela esteja em estado de choque.”

“O que vou dizer para ela?”

A voz de sua mãe estava vacilante no início; parecia estar falando sozinha e Eilis teve de interrompê-la para dizer que não conseguia ouvir.

“Agora está conseguindo me ouvir?”, perguntou a mãe.

“Sim, mamãe, estou. Agora está muito melhor.”

“Parece que ela está dormindo, e de manhã foi a mesma coisa”, disse a mãe. “Entrei para chamá-la e ela estava dormindo profundamente, aí falei que ia deixá-la dormir mais um pouco. Mas quando desci a escada eu já sabia. Ela não tinha o hábito de dormir daquele jeito. Olhei para o relógio na cozinha e disse que ia esperar mais dez minutos e depois, quando subi de novo e toquei nela, estava gelada.”

“Ah, meu Deus, isso é horrível.”

“Sussurrei um ato de contrição no ouvido dela. Depois, corri para a vizinha.”

O silêncio na linha foi rompido apenas por estalidos distantes.

“Ela morreu à noite, enquanto dormia”, continuou a mãe, afinal. “Foi o que o doutor Cudigan falou. Ela estava indo ao médico, sem contar nada a ninguém, e tinha feito exames, sem também contar nada a ninguém. Rose sabia, Eily, ela sabia que podia acontecer a qualquer momento, por causa do seu coração. Ela tinha o coração doente, o doutor Cudigan disse, não havia nada que se pudesse fazer. Rose não contou a ninguém e continuou a viver normalmente.”

“Ela sabia que o coração dela não estava bem?”

“Foi o que o médico me falou, e ela resolveu continuar jogando golfe e fazendo tudo normalmente. O médico me contou que disse para ela tomar cuidado, mas, mesmo que Rose tivesse feito isso, poderia acontecer a mesma coisa. Não sei o que pensar, Eily. Talvez ela tenha sido muito corajosa.”

“Ela não contou a ninguém?”

“Ninguém, Eily, ninguém mesmo. E agora ela parece muito tranquila. Olhei

para ela antes de vir aqui e por um segundo achei até que ainda estava entre nós, porque estava igualzinha a antes. Mas ela se foi, Eily. Ela se foi, e isso era a última coisa no mundo que eu imaginava que fosse acontecer."

"Quem está na casa agora?"

"Os vizinhos estão todos lá, e seu tio Michael, e todos os Doyle vieram de Clonegal, eles também estão lá. Quando seu pai morreu, eu falei que não ia chorar muito porque eu tinha você, Rose e os meninos, e quando os meninos foram embora eu disse a mesma coisa, e quando você foi embora eu tinha Rose, mas agora não tenho mais ninguém, Eily, não tenho ninguém."

Quando tentou responder, Eilis sabia que não podia ser compreendida, porque estava chorando muito. A mãe ficou em silêncio por um tempo, na outra ponta da linha.

"Amanhã, vou dizer adeus a ela por você", disse a mãe, quando recomeçou a falar. "Foi o que pensei em fazer. Vou me despedir dela por mim e depois vou me despedir dela por você. E agora ela está no céu junto com seu pai. Vamos enterrá-la ao lado dele. Muitas vezes, à noite, eu pensava como ele devia se sentir solitário no cemitério, mas agora vai ter Rose junto com ele. Os dois estão lá no céu, juntos."

"Estão, sim, mamãe."

"Não sei por que ela foi levada tão jovem, é a única coisa que tenho a dizer."

"É um choque terrível", respondeu Eilis.

"Ela estava fria de manhã, quando toquei nela. Nunca vi nada tão frio."

"Ela deve ter morrido em paz", disse Eilis.

"Gostaria que tivesse me contado, ou pelo menos tivesse me dado alguma pista de que havia algo errado. Ela não quis me preocupar. Foi o que o padre Quaid e os outros disseram. Talvez eu não pudesse mesmo ter feito grande coisa, mas teria cuidado dela. Nem sei o que pensar."

Eilis podia ouvir a mãe soluçando.

"Agora vou voltar, vou rezar o terço e vou contar a ela que conversei com você."

"Gostaria muito que a senhora fizesse isso."

"Até logo, Eily."

"Até logo, mamãe, e conte aos meninos que falou comigo pelo telefone."

"Vou contar. Eles vão chegar de manhã."

"Até logo, mamãe."

"Até logo, Eily."

Quando pôs o fone no gancho, começou a chorar. Achou uma cadeira no canto do escritório e sentou-se, tentando se controlar. O padre Flood e sua empregada se aproximaram, trouxeram chá e tentaram acalmá-la, mas ela não conseguia interromper seus soluços histéricos.

"Desculpe", disse.

"Não se preocupe com nada", garantiu a empregada.

Quando ficou mais calma, o padre Flood levou-a de carro à pensão da sra. Kehoe; Tony já estava na sala. Eilis não sabia quanto tempo ele tinha ficado ali e olhou para Tony e para a sra. Kehoe, imaginando o que os dois teriam conversado enquanto esperavam por ela, e se perguntava se a sra. Kehoe teria afinal descoberto que Tony era italiano e não irlandês. A sra. Kehoe mostrou-se cheia de bondade e compaixão, mas Eilis teve também a sensação de que a notícia e as visitas causaram certa excitação e haviam prazerosamente afastado a mulher do tédio do dia a dia. Ela ficou entrando e saindo da sala às pressas, tratava Tony pelo primeiro nome e trouxe uma bandeja de chá e sanduíches para ele e para o padre Flood.

"Coitada da sua mãe, é o que tenho a dizer, coitada da sua mãe", disse ela.

Daquela vez, Eilis não achou necessário mostrar-se educada com a sra. Kehoe. Desviava os olhos toda vez que ela falava e não respondia. Isso pareceu tornar a sra. Kehoe ainda mais solícita, oferecia chá a todo instante, e também aspirinas e um copo de água, ou insistia em que ela devia comer alguma coisa. Eilis queria que Tony parasse de aceitar mais sanduíches e bolinhos da sra. Kehoe e de lhe agradecer por ser tão gentil. Queria que ele fosse embora, que ela parasse de falar e que o padre Flood também saísse, mas Eilis não podia encarar seu próprio quarto e a noite que a aguardava, por isso não dizia nada, e em pouco tempo a sra. Kehoe, Tony e o padre Flood estavam falando como se Eilis nem estivesse ali, conversavam sobre as mudanças ocorridas no Brooklyn nos últimos anos, dando suas opiniões sobre outras mudanças que podiam ocorrer. De vez em quando, ficavam em silêncio e perguntavam se Eilis precisava de alguma coisa.

"Pobrezinha, está em estado de choque", disse a sra. Kehoe.

Eilis respondeu que não precisava de nada e fechou os olhos, enquanto eles continuaram a conversar entre si e a sra. Kehoe perguntou aos outros dois se devia comprar um televisor para lhe fazer companhia à noite. Mostrou-se preocupada com a possibilidade de o televisor não pegar e ela não poder usar o aparelho. Tony e o padre Flood lhe recomendaram que comprasse um, e isso pareceu apenas causar mais comentários sobre a falta de garantias de que programas continuassem a ser produzidos e que ela achava que não valia a pena correr o risco.

"Quando todo mundo tiver um aparelho, eu compro um também", disse.

Por fim, quando os assuntos se esgotaram, ficou acertado que o padre rezaria uma missa para Rose às dez horas da manhã seguinte e que a sra. Kehoe iria comparecer, assim como Tony e sua mãe. Também estaria presente a congregação de costume, disse o padre Flood, e antes do início da missa ele avisaria a todos que ia rezar pelo repouso da alma de uma pessoa muito especial e, antes da comunhão, diria algumas palavras sobre Rose e pediria às pessoas que rezassem por ela. Combinou de levar Tony de carro para casa, mas, com muito tato, esperou na sala, junto com a sra. Kehoe, enquanto Tony abraçava Eilis na porta.

"Me desculpe, mas não consigo falar", disse ela.

"Tenho pensado no que aconteceu", disse ele. "Se um dos meus irmãos tivesse morrido... Talvez isso soe egoísta, mas eu estava tentando imaginar o que você está sentindo."

"Eu fico pensando no que aconteceu", disse Eilis, "e não consigo suportar, depois esqueço tudo por um minuto, e mais tarde, quando volto a me lembrar, é como se eu tivesse acabado de receber a notícia."

"Eu gostaria de ficar com você", disse ele.

"Vamos nos ver de manhã, e diga à sua mãe que não precisa ir, se for atrapalhar."

Eilis olhou para a pilha de cartas que Rose lhe havia mandado, pensando se, entre uma e outra daquelas cartas, Rose teria descoberto que estava doente. Ou se havia sabido antes mesmo de Eilis viajar. Aquilo modificava tudo o que pensava sobre o tempo em que vivia no Brooklyn; fazia tudo o que havia

ocorrido com ela parecer pequeno. Olhava para a letra de Rose, sua clareza e constância, a sensação de um extremo autocontrole e de uma extrema segurança que transmitia e imaginava se, enquanto escrevia alguma daquelas palavras, Rose havia erguido os olhos, suspirado e depois, por meio da pura força de vontade, esfriado as emoções e continuado a escrever, sem fraquejar nem por um momento em sua decisão de não compartilhar com ninguém o que sabia, a não ser com o médico que lhe dera a notícia.

De manhã, Eilis achou estranho como dormira um sono profundo e como, ao acordar, lembrara-se instantaneamente de que não iria ao trabalho, e sim à missa de Rose. Sua irmã, ela sabia, ainda estaria na casa da rua Friary, iriam levá-la à catedral mais tarde, ao anoitecer, e ela seria enterrada depois da missa, de manhã. Tudo aquilo parecia simples, claro, quase inevitável, até Eilis e a sra. Kehoe saírem juntas rumo à igreja paroquial. Ao caminhar pela rua familiar, passando por pessoas que não conhecia, Eilis se deu conta de que uma delas poderia ter morrido, e não Rose, assim aquela seria uma manhã de primavera como as outras, com um toque de calor no ar, e ela iria para o trabalho como sempre fazia.

A ideia de Rose morrer dormindo parecia inimaginável. Será que tinha aberto os olhos por um instante? Será que estava deitada, respirando no ritmo normal do sono, e então, como se não fosse nada, seu coração parou e ela deixou de respirar? Como aquilo podia acontecer? Teria gritado durante a noite e não foi ouvida, ou teria ao menos sussurrado, murmurado? Teria sabido de alguma coisa no anoitecer anterior? Alguma coisa, qualquer coisa capaz de lhe dar uma pista de que aquele seria seu último dia de vida neste mundo?

Imaginou Rose agora deitada nas roupas pretas dos mortos, com velas acesas sobre a mesa. Depois, o caixão sendo fechado e o rosto solene de todos no salão e na rua, seus irmãos de terno e gravata preta, como estavam no enterro do pai. Durante toda a manhã, na missa e depois de novo na casa do padre Flood, Eilis repensava cada instante da morte de Rose e de seu enterro.

Os outros ficaram surpresos, quase assustados, quando ela disse que queria ir trabalhar à tarde. Viu a sra. Kehoe sussurrar algo a respeito do assunto para o padre Flood. Tony lhe perguntou se estava mesmo segura daquilo e, quando ela insistiu, disse que iria acompanhá-la até a Bartocci's e depois a encontraria mais

tarde na pensão da sra. Kehoe. A mulher tinha convidado Tony e o padre Flood para jantar com as outras pensionistas e depois rezariam um terço pela alma de Rose.

Eilis voltou para trabalhar também no dia seguinte e estava resolvida a ir à aula naquela noite. Como não podiam ir ao cinema nem ao baile, ela e Tony foram a uma lanchonete próxima e ele disse que não se importava se Eilis preferisse não falar nada ou se quisesse chorar.

"Gostaria que isso não tivesse acontecido", disse ele. "Na verdade, não paro de desejar que isso não tivesse acontecido."

"Também penso assim", disse Eilis. "Se pelo menos ela tivesse contado a um de nós. Ou se não tivesse acontecido nada e ela estivesse bem, em casa. Eu gostaria de ter uma foto dela, assim mostraria a você como era linda."

"Você é linda", disse ele.

"Ela era a mais linda, todos diziam isso. E não consigo me habituar à ideia do lugar onde ela está agora. Vou ter de parar de pensar na morte dela, no seu caixão e em tudo isso, e talvez precise começar a rezar, mas é difícil."

"Se quiser, eu ajudo você", disse ele.

Apesar de o tempo estar melhorando, Eilis sentiu que todo o colorido do mundo se apagara. Tomava cuidado com seu trabalho na loja e tinha orgulho de nenhuma vez ter perdido o controle de suas emoções nem de ter precisado ir correndo ao banheiro para chorar. A srta. Fortini lhe disse que não se preocupasse se um dia precisasse ir para casa mais cedo ou se quisesse se encontrar com ela fora do horário de trabalho para conversar sobre o que havia ocorrido. Tony ia encontrá-la todas as noites depois das aulas e Eilis gostava, porque ele a deixava ficar em silêncio, se ela quisesse. Tony se limitava a segurar sua mão ou a passar o braço em volta de seu corpo e conduzi-la até a pensão da sra. Kehoe, onde cada uma de suas colegas deixava bem claro que, se ela precisasse de alguma coisa, de qualquer coisa mesmo, era só bater na porta do quarto delas ou procurá-las na cozinha, que fariam de tudo para ajudá-la.

Uma noite, quando subiu para preparar um chá, viu que havia uma carta para ela na mesa da cozinha, uma carta que não tinha visto antes. Vinha da Irlanda, e ela reconheceu a letra de Jack. Não abriu o envelope imediatamente; em vez disso levou a carta para baixo quando o chá ficou pronto, assim poderia

ler sem ser incomodada.

*Cara Eilis,*

*Mamãe me pediu para escrever a você porque ela não está em condições. Estou escrevendo na sala de visitas, na mesa ao lado da janela. A casa estava cheia de gente, mas agora não se ouve nenhum som. Todos foram para suas casas. Hoje enterramos Rose, e mamãe me pediu para lhe dizer que fazia um dia bonito e que não choveu. O padre Quaid rezou a missa para ela. Viemos no trem de Dublin e chegamos ontem de manhã, depois de uma noite ruim no barco do correio. Ela ainda estava sendo velada em casa quando chegamos. Parecia linda, seu cabelo e tudo. Todo mundo disse que ela parecia tranquila, como se estivesse dormindo, e talvez fosse verdade antes de nós chegarmos, mas quando a vi ela parecia diferente, nem de longe como era antes, não que estivesse feia nem nada, mas quando me ajoelhei e toquei nela, não achei que fosse ela de verdade, nem por um momento. Talvez eu não devesse dizer isso, mas achei melhor contar a você como foi. Mamãe me pediu para contar a você tudo o que aconteceu, as pessoas que vieram, todo mundo do clube de golfe, e o escritório da Davis Mill's fechou as portas de manhã. Não foi como na morte do papai, quando ele morreu e a gente pensava que a qualquer minuto ele ia viver de novo. Rose parecia uma pedra quando a vi, toda pálida, como algo saído de um retrato. Mas estava linda e serena. Não sei o que havia de errado comigo, mas achei que não era ela até que a gente teve de carregar o caixão, os rapazes e eu também, e mais Jem, Bill e Fonsey Doyle, de Conegal. Foi a pior parte de tudo e eu não conseguia acreditar que estávamos fazendo aquilo com ela, fechando Rose dentro daquilo e enterrando. Vou ter de rezar por ela quando eu voltar, mas não consegui de jeito nenhum acompanhar as orações. Mamãe me pediu para contar que deu a ela um adeus especial por você, mas não consegui ficar na sala quando começou a falar com ela e mal consegui carregar o caixão de tanto que eu chorava. E também não consegui olhar para o cemitério. Cobri os olhos com a mão a maior parte do tempo. Talvez eu não devesse estar contando nada disso a você. A questão é que a gente precisa voltar para o trabalho e acho que a mamãe ainda não sabe disso. Ela acha que um de nós vai poder ficar aqui, mas a gente não pode, você sabe. Trabalhar longe não é assim. Não sei como é por aí, mas nós temos de voltar e a mamãe vai*

*ficar aqui sozinha. Os vizinhos e os outros vão todos ficar vindo, mas acho que ela ainda não entendeu isso. Sei que ela adoraria ver você, não para de dizer que é a única coisa que deseja na vida, mas a gente não sabe o que responder. Ela não me pediu para falar nada disso, mas acho que quando estiver em condições de escrever, ela mesma vai lhe dizer. Mas nós temos de voltar. Ela me perguntou se eu sabia de algum emprego na cidade e eu respondi que eu tinha perguntado, mas a verdade é que preciso voltar, assim como Pat e Martin. Lamento ficar divagando deste jeito. A notícia deve ter sido um choque terrível para você. Com a gente foi a mesma coisa. Tivemos dificuldade para encontrar Martin, porque ele ficou fora o dia inteiro, a trabalho. É difícil pensar em Rose no cemitério, é tudo o que tenho a dizer. Mamãe vai querer que eu diga que todo mundo foi bondoso, e todos foram bondosos mesmo, e não vai querer que eu diga que ela chorou o tempo todo, mas chorou, ou pelo menos chorou a maior parte do tempo. Agora vou parar de escrever e colocar a carta num envelope. Não vou ler o que escrevi, porque tentei começar algumas vezes e quando li acabei rasgando e tive de começar de novo. Vou selar o envelope de manhã. Acho que Martin está dizendo a ela que precisamos ir embora amanhã. Espero que esta carta não esteja horrível, mas, como eu disse, não sei o que escrever. Mamãe vai ficar contente por eu ter mandado, e agora vou dizer a ela que terminei de escrever. Você precisa rezar por ela. Agora eu vou indo.*

*Seu irmão que a ama, Jack*

Eilis leu a carta algumas vezes e depois se deu conta de que não conseguia ficar sozinha agora; podia ouvir a voz de Jack nas palavras que ele escrevia, podia sentir sua presença no quarto, com ela; era como se ele tivesse chegado de uma partida de *hurling* com a respiração ofegante, depois de uma derrota de seu time. Se Eilis estivesse em casa, poderia ter passado um tempo conversando com Jack, ouvindo suas palavras, sentada junto com a mãe, Martin e Pat, pensando em tudo o que havia acontecido. Não conseguia imaginar Rose morta; tinha pensado nela como se estivesse dormindo, como alguém que tivessem posto na cama para dormir, mas agora era preciso pensar nela como se fosse de pedra, como se a vida a tivesse abandonado, fechada dentro do caixão, e tudo transformado, se transformando e a deixando. Eilis quase chegou a preferir que Jack não tivesse escrito, mas sabia que alguém tinha de escrever e que era

ele quem o fazia melhor.

Caminhou em volta do quarto, pensando no que fazer. Por um segundo, lhe ocorreu que podia pegar o metrô para o porto, informar-se sobre o próximo navio que cruzaria o oceano, simplesmente pagar a passagem e esperar a hora do embarque. Mas depressa se deu conta de que não podia fazer isso, talvez não houvesse vaga, e seu dinheiro estava numa poupança, no banco. Pensou em subir para o térreo e, em sua cabeça, viu todas as suas colegas de pensão, uma por uma, e percebeu que nenhuma delas podia ajudá-la agora. A única pessoa que podia ajudá-la de algum modo era Tony. Eilis olhou para o relógio: dez e meia. Se conseguisse ir para lá bem depressa, de metrô, chegaria à casa de Tony em menos de uma hora, talvez um pouco mais, se os trens noturnos passassem em intervalos maiores do que os diurnos. Pegou o casaco e foi depressa para o corredor. Abriu e fechou a porta do porão e subiu a escada, tentando não fazer barulho.

A mãe de Tony atendeu a porta de penhoar e a levou pela escada até o apartamento. Estava claro que a família tinha se recolhido para dormir, e Eilis agora não parecia se encontrar num estado de abatimento tão grande que justificasse sua intromissão àquela hora da noite. Através da porta, viu que a cama dos pais de Tony já estava estendida no chão da cozinha, e Eilis por pouco não disse à mulher que estava tudo bem, que pedia desculpas por incomodá-los e que iria embora para casa. Mas se deu conta de que aquilo não faria sentido. A mãe de Tony disse que ele estava se vestindo e que ia sair com ela; do quarto, Tony gritou que podiam ir à lanchonete que ficava na esquina.

De repente, Frank apareceu de pijama. Tinha se movimentado com tanto silêncio que Eilis só percebeu sua presença quando já estava quase na sua frente. Parecia extremamente curioso e furtivo, de um modo quase cômico, como o personagem de um filme que tivesse testemunhado um assalto ou um assassinato numa rua escura. E então ele a fitou de frente, sorriu, e Eilis não teve opção a não ser sorrir de volta. Tony saiu do quarto e Frank teve de voltar para lá, depois de ser advertido de que devia cuidar da sua vida e deixar Eilis em paz.

Pelo aspecto de Tony, ela logo percebeu que ele estava dormindo. Verificou os bolsos em busca das chaves e depois esgueirou-se de volta à cozinha, onde

não pôde vê-lo, sussurrou algo para a mãe ou para o pai e depois saiu de novo, com uma fisionomia séria, responsável e preocupada.

Enquanto andavam pela rua rumo à lanchonete, Tony a segurava bem junto de si. Andavam devagar e não falavam nada. Por um segundo, na hora em que desceram a escada do seu prédio, Eilis teve a impressão de que ele estava zangado com ela por ter vindo tão tarde, mas agora percebia que ele não estava zangado. Tony tinha um jeito de andar bem agarrado a ela que dava a Eilis a certeza de que a amava. Era o que ele fazia naquele momento, e de um jeito ainda mais forte que o de sempre. Eilis também tinha consciência de que era importante para ele saber que, se ela precisava daquele tipo de ajuda, sentia-se mais segura vindo falar com ele do que se procurasse o padre Flood ou a sra. Kehoe, e saber que, para Eilis, Tony vinha em primeiro lugar.

Na lanchonete, depois que fizeram o pedido, ele leu a carta de Jack bem devagar, devagar demais, Eilis achou, deixando que os lábios se mexessem em algumas palavras. Ocorreu a Eilis que não devia ter mostrado a carta a ele e que não devia ter ido à sua casa daquele jeito. Seria impossível para Tony ler as passagens que diziam que sua mãe queria vê-la, que era incapaz de ficar sozinha, sem ter a sensação de que Eilis precisaria ir embora e de que aquela era sua maneira de lhe dar a notícia. Enquanto olhava para Tony lendo a carta, para seu rosto pálido, para sua fisionomia mortalmente séria, e via como ele parecia ferozmente concentrado, Eilis adivinhou que estava lendo as partes da carta que indicavam que a mãe precisava de Eilis em Enniscorthy. Agora ela se arrependia de não ter conseguido se controlar mais cedo, de não ter previsto aquilo. E sentiu-se uma burra, porque sabia que não importa o que dissesse agora, não conseguiria mais convencer Tony de que não ia voltar para a Irlanda.

Quando lhe devolveu a carta, havia lágrimas nos olhos de Tony.

"Seu irmão deve ser um homem muito bom", disse ele. "Eu gostaria de..."

"Eu sei", disse ela.

"E em breve sua mãe vai escrever", continuou ele, "e você deve ir para a minha casa antes de abrir o envelope."

Eilis não conseguiu saber se o que Tony queria dizer era que ela não devia estar sozinha quando abrisse a carta da mãe, para que ele estivesse perto e pudesse consolá-la, ou se, na verdade, como ele não podia ler o pensamento

dela nem adivinhar com exatidão suas intenções, gostaria de ver o que a mãe dela tinha a dizer sobre a ida de Eilis ou a sua permanência no Brooklyn.

Tudo aquilo era um equívoco, pensou Eilis outra vez, quando começou a pedir desculpas por ter incomodado Tony. Ao se dar conta de como aquilo soava frio e de como parecia colocá-la um pouco distante dele, Eilis lhe disse que estava muito agradecida por ter saído com ela naquela hora, em que precisava tanto dele. Tony assentiu com a cabeça, mas Eilis sabia que aquilo o abalara, ou talvez estivesse tão confuso com a carta quanto Eilis mesma havia ficado, ou ainda fosse uma desconcertante mistura das duas coisas.

Tony fez questão de levá-la para casa, apesar de Eilis objetar que assim poderia perder o último trem do metrô de volta. Mais uma vez, os dois ficaram calados, mas enquanto ele a conduzia pelas ruas escuras e vazias, da estação do metrô à pensão da sra. Kehoe, Eilis teve a sensação de que estava sendo amparada por alguém ferido, de que a carta havia, de algum modo, por seu tom, deixado claro para ele o que de fato acontecera, e também deixara evidente para ele que Eilis pertencia a outro lugar, a um lugar que ele jamais poderia conhecer. Ela achou que Tony ia chorar e sentiu-se quase culpada por ter passado para ele parte de sua dor, mas depois sentiu-se próxima a ele por sua disposição de receber aquela dor e abraçá-la, em toda sua crueza, em toda sua confusão abalada pelo sofrimento. Agora estava ainda mais confusa do que na hora em que saiu em busca de Tony.

Ao chegarem à casa da sra. Kehoe, ele a abraçou, mas não beijou. Eilis se aproximou dele o mais que pôde, até sentir seu calor, e os dois começaram a soluçar. Ela gostaria de ser capaz de dizer, de um jeito que o levasse a acreditar nela, que não ia partir, mas então lhe ocorreu que talvez Tony achasse que ela devia partir, que a carta o havia feito perceber qual era o dever dela e que ele agora chorava por tudo, por Rose, que estava morta, por sua mãe, que estava sozinha, por Eilis, que precisava partir, e por si mesmo, que seria abandonado. Eilis gostaria de poder dizer alguma coisa que fosse clara, ou até de poder saber o que ele estava pensando ou por que chorava agora com mais força do que ela.

Eilis sabia que não podia descer sozinha a escada do porão, acender a luz do quarto e ficar lá, sozinha. Sabia também que ele não podia lhe dar as costas e ir embora. Quando tirou do bolso do casaco a chave, apontou para a janela da sra.

Kehoe e pôs os dedos nos lábios. Os dois desceram na ponta dos pés até o porão, Eilis abriu a porta, acendeu a luz do corredor, fechou a porta sem fazer barulho e abriu a porta do quarto para ele, antes de apagar a luz do corredor.

O quarto estava quente, e os dois tiraram os casacos. O rosto de Tony estava inchado e vermelho de chorar. Quando tentou sorrir, ela se moveu para junto dele e o abraçou.

"É aqui que você mora?", cochichou ele.

"É, e se você fizer o menor ruído, vou ser despejada", disse ela.

Ele a beijou delicadamente e só reagiu com a língua quando ela abriu a boca para ele. Seu corpo estava quente e parecia estranhamente vulnerável para ela agora, enquanto o puxava contra si. Eilis correu as mãos pelas costas de Tony e por baixo de sua camisa, até tocar a pele dele. Os dois se moveram na direção da cama, sem falar. Quando se deitaram, lado a lado, ele levantou a camisa e abriu suas calças o bastante para ela sentir seu pênis junto ao corpo. Eilis sabia que Tony aguardava um sinal dela, que ele não faria mais nada enquanto continuassem a se beijar. Ela abriu os olhos e viu que os dele estavam fechados. Em silêncio, afastou-se de Tony, tirou a calcinha e, quando se deitou a seu lado de novo, ele havia baixado as calças mais ainda, e também sua cueca, de modo que ela pudesse tocá-lo. Tony tentou pôr as mãos em seus seios, mas teve dificuldade para soltar o sutiã; ele pôs as mãos nas costas de Eilis e concentrou-se em beijá-la com ardor.

Quando foi para cima dela e a penetrou, ela tentou não ofegar ao começar a sentir um pânico. Não foi só a dor e o choque, mas a ideia de que não podia controlá-lo, de que seu pênis estava pressionando dentro dela mais fundo do que Eilis esperava. A cada impulso, o pênis parecia avançar mais um pouco, até ela ter certeza de que ia causar algum dano em seu interior. Sentia um alívio quando ele recuava, mas aquilo só servia para piorar mais um pouco a situação, pois toda vez ele voltava a pressionar mais ainda dentro dela. Eilis se contraiu o mais que pôde, a fim de detê-lo, e gostaria de poder falar alto ou indicar que ele não devia pressionar com tanta força, que assim ia acabar arrebentando alguma coisa.

O fato de não poder gritar deixou-a ainda mais em pânico. Ela empregou toda a sua energia em contrair o corpo inteiro com toda a força que pôde

reunir. E, quando fez isso, ele ofegou, fez barulhos que ela não imaginava que alguém pudesse fazer, uma espécie de ganido abafado que não parava. Quando Tony deixou de se mexer, ela se contraiu mais ainda, torcendo para que ele retirasse o pênis, mas em vez disso ele permaneceu deitado sobre ela, ofegando. Pareceu a Eilis que ele não tinha consciência de mais nada, senão da própria respiração, que naqueles minutos em que estava deitada com ele sossegado sobre seu corpo Tony nem sabia que ela existia e não se importava com mais nada no mundo. Eilis não tinha ideia de como os dois iriam se encarar agora. Não se mexeu, enquanto esperava que ele fizesse alguma coisa.

O que Tony fez quando se afastou dela a surpreendeu. Levantou-se sem dizer nada, olhou-a, sorriu, tirou os sapatos e as meias, depois tirou a calça e a cueca. Ajoelhou-se na cama e lentamente despiu Eilis, e quando ela estava nua, com os braços cobrindo os seios, ele tirou a camisa, de modo que também ficou nu. Aproximou-se gentilmente, quase com timidez, levantou as cobertas da cama e os dois se enfiaram debaixo dos lençóis e ficaram deitados bem juntos e sossegados durante algum tempo. Quando Tony a tocou depois de um intervalo, Eilis se deu conta de que seu pênis estava ereto de novo, se deu conta de como Tony era liso e bonito, e de como parecia mais forte nu do que quando estava com ela na rua ou no salão de baile, onde, em comparação com homens mais altos e maiores do que ele, muitas vezes parecia quase frágil. Quando compreendeu que ele queria penetrá-la outra vez, Eilis sussurrou que havia pressionado com força demais na primeira vez.

"Achei que você fosse chegar no meu pescoço." Ela riu com a voz abafada.

"Quem dera eu pudesse", disse ele.

Ela lhe deu um beliscão forte.

"Não, você não gostaria não."

"Ai, isso dói", cochichou Tony e beijou-a, movendo-se lentamente para cima de Eilis.

Dessa vez, a dor foi ainda pior do que antes, como se ele estivesse batendo em algo dentro dela, algo que foi ferido ou cortado.

"Está melhor assim?", perguntou ele.

Ela se contraiu o mais que pôde.

"Puxa, isso é maravilhoso", disse ele. "Pode fazer mais isso?"

De novo, quando pressionou mais fundo, Tony pareceu perder a consciência de que estava com ela. Pareceu longe do mundo. E aquela sensação de que ele estava além dela fez Eilis desejá-lo mais ainda, mais do que nunca, fez sentir que aquilo e a lembrança daquilo mais tarde seriam o bastante para ela e teriam mais importância do que qualquer outra coisa que havia imaginado.

No dia seguinte Tony estava esperando por ela depois do trabalho, e os dois caminharam da rua Fulton até a estação do metrô sem falar nada. Uma vez lá, combinaram de se encontrar de novo na saída da faculdade quando as aulas terminassem. Ele parecia sério, quase zangado com ela, quando se despediram. Mais tarde, quando a acompanhou a pé até em casa, Eilis se virou antes de descer a escada para o porão e viu que ele continuava parado. Tony lhe deu um sorriso que a fez lembrar o sorriso de seu irmão Frank, um sorriso tão cheio de travessura e de inocência que Eilis riu e apontou o dedo para ele, num gesto jocoso de acusação.

Quando foi à cozinha e ficou esperando a chaleira ferver, ficou claro para Eilis que a sra. Kehoe, sozinha à mesa, não estava falando com ela. Eilis sentia uma leveza que quase a levou a perguntar à mulher qual era o problema, mas em vez disso andou pela cozinha fingindo não ter notado nada de estranho.

Ocorreu a Eilis que a sra. Kehoe, que em geral, ela acreditava, ouvia qualquer ruído em sua casa e não deixava passar nada em branco, notara Tony entrar ou sair do porão, ou talvez, pior ainda, ouvira Tony durante a noite. Entre todas as baixezas que podiam ser cometidas pelas pensionistas, algo assim jamais tinha sido mencionado sequer como uma possibilidade pelas garotas ou pela sra. Kehoe. Era algo que pertencia ao reino do inimaginável. Quando Diana e Patty muitas vezes conversavam livremente sobre namorados, a ideia de que uma delas pudesse passar a noite na companhia de um ou permitir que ele tivesse acesso ao seu quarto era algo fora de questão. Enquanto se viu no silêncio frio criado pela sra. Kehoe, Eilis decidiu negar enfática e descaradamente que Tony tivesse se aproximado de seu quarto e afirmar que tal ideia a deixava tão chocada quanto à sua senhoria.

Eilis preparou ovos cozidos, torradas e ficou aliviada quando Diana e Patty chegaram, trazendo notícias sobre um casaco que Patty tinha visto e que iria comprar, se ainda estivesse lá na sexta-feira, quando seu pagamento saía. A sra.

Kehoe levantou-se sem dizer nada e saiu da cozinha, batendo a porta com força.

"O que foi que deu nela?", perguntou Patty.

"Acho que eu sei o que é", disse Diana, olhando para Eilis. "Mas Deus é testemunha de que não ouvi nada."

"Ouviu o quê?", perguntou Patty.

"Nada", disse Diana. "Mas parecia lindo."

Eilis dormiu profundamente, acordou exausta e dolorida pela manhã. Era como se a morte de Rose tivesse ocorrido muito tempo antes e sua noite junto com Tony permanecia com ela como algo poderoso, ainda presente. Eilis se perguntava como ia saber se estava grávida, em quanto tempo os primeiros sinais iriam aparecer. Tocava na barriga, se perguntando se naquele exato momento algo podia estar acontecendo lá dentro, alguma ínfima conexão, como um pequeno nó, ou algo menor ainda, menor do que uma gota d'água, mas com tudo já pronto dentro de si, tudo o que era necessário para crescer. Eilis se perguntou se havia algo que pudesse fazer para deter aquilo, se era algo de que ela podia se lavar, mas na mesma hora em que pensou isso soube que até aquela simples ideia estava errada, que ela teria de se confessar na igreja e levar Tony para se confessar também.

Eilis esperava que Tony não sorrisse para ela de novo como tinha feito no anoitecer anterior e que ele compreendesse o tamanho da encrenca em que ela estava, caso estivesse mesmo grávida. Mas se ela não estivesse, desejava que ele entendesse, como ela agora entendia, que aquilo que os dois tinham feito era algo errado, e ainda mais errado porque havia sido feito quando Rose mal tinha sido levada para a sepultura. Na hora em que foi se confessar na igreja e contar ao padre o que os dois tinham feito, Eilis se deu conta de que jamais poderia revelar a ninguém que, apenas meia hora antes, os dois estavam chorando. Pareceria algo estranho demais.

Assim que viu Tony naquela noite, ela lhe disse que os dois precisavam ir se confessar no entardecer do dia seguinte, sexta-feira, e que ela imaginava que ele compreendia aquilo.

"Eu não posso me confessar com o padre Flood", disse ela, "nem com nenhum padre que possa me reconhecer. Sei que não faz diferença, mas mesmo assim não posso."

Tony sugeriu que ela fosse à igreja local do seu bairro, onde os padres em sua maioria eram italianos.

"Alguns nem entendem o que a gente está falando, quando é em inglês", disse Tony.

"Mas aí não é uma confissão de verdade."

"Mas acho que eles entendem as palavras-chave."

"Não faça piada. Você também vai se confessar."

"Eu sei", disse ele. "E você pode me prometer uma coisa?" Chegou perto dela. "Vai prometer ser gentil comigo depois da confissão? Quero dizer, vai segurar minha mão, conversar comigo e sorrir?"

"E você me promete que vai fazer uma confissão direito?"

"Prometo", disse ele, "e minha mãe quer que você vá almoçar lá em casa no domingo. Está preocupada com você."

No final do dia seguinte, os dois se encontraram na porta da igreja do bairro dele. Tony fez questão de que fossem a padres separados; o dela, disse Tony, chamado Anthony, com um sobrenome italiano comprido, era jovem, gentil e falava inglês. Ele ia se confessar com um dos padres italianos mais velhos.

"Verifique bem se ele entende o que você está falando", cochichou Eilis.

Quando Eilis contou ao padre que tinha tido relações sexuais duas vezes com seu namorado, três noites antes, ele ficou em silêncio por um longo tempo.

"Foi a primeira vez?", perguntou o padre, quando afinal falou.

"Foi, padre."

"Vocês dois se amam?"

"Sim, padre."

"O que vai fazer se ficar grávida?"

"Ele vai querer casar comigo, padre."

"E você quer casar com ele?"

Ela não conseguiu responder. Depois de um tempo, o padre perguntou de novo, com um tom de compaixão.

"Eu gostaria de casar com ele", disse Eilis em tom hesitante, "mas não estou pronta para casar agora."

"Mas você não diz que o ama?"

"Ele é um homem bom."

"E isso basta?"

"Eu o amo."

"Mas não tem certeza?"

Ela suspirou e não disse nada.

"Está arrependida pelo que fez com ele?"

"Estou, padre."

"Para sua penitência, quero que reze só uma ave-maria, mas reze bem devagar, pense bem nas palavras, e vai me prometer que voltará daqui a um mês. Se estiver grávida, vamos ter de conversar de novo e vamos ajudá-la de toda forma que pudermos."

Quando voltou à pensão da sra. Kehoe, descobriu que tinham colocado um cadeado no portão do porão e que era preciso entrar pela porta da frente. A sra. Kehoe estava na cozinha com a srta. McAdam, que tinha resolvido não ir ao baile.

"Daqui para a frente vou manter o porão trancado", disse a sra. Kehoe, como se estivesse falando só com a srta. McAdam. "Nunca se sabe quem é que vai entrar lá por baixo."

"A senhora é muito sensata", disse a srta. McAdam.

Quando Eilis preparava seu jantar, a sra. Kehoe e a srta. McAdam a tratavam como se fosse um fantasma.

A mãe de Eilis escreveu, falou como estava se sentindo sozinha, como os dias custavam a passar e como as noites eram difíceis. Disse que os vizinhos cuidavam dela o tempo todo, as pessoas a visitavam depois do chá, mas ela não tinha mais nada o que dizer às visitas. Eilis escreveu à mãe várias vezes; contou sobre os estilos do verão na Bartocci's e em outras lojas da rua Fulton e sobre seus preparativos para as provas, que aconteceriam em maio. Disse que estava estudando muito porque, se passasse, seria uma contadora habilitada.

Nunca falava de Tony em nenhuma das cartas, e Eilis se perguntava se a mãe agora, depois de arrumar o quarto de Rose ou de receber o que estava em sua mesa no trabalho, não teria descoberto e lido suas cartas para a irmã. Eilis via Tony todos os dias, às vezes apenas o encontrava na saída da faculdade, ia com ele de bonde e deixava que a acompanhasse a pé até a pensão da sra. Kehoe. Desde a noite em que ele ficara em seu quarto, tudo estava diferente entre os

dois. Eilis o sentia mais relaxado, porém à vontade para ficar em silêncio, e não tentava impressioná-la tanto nem fazer piadas. Toda vez que via Tony à sua espera, sentia que os dois tinham ficado mais próximos. E toda vez que se beijavam, ou mesmo quando roçavam um no outro enquanto caminhavam pela rua, Eilis recordava aquela noite em que haviam ficado juntos.

Quando descobriu que não estava grávida, pensou na noite com prazer, sobretudo depois de ter retornado ao padre, que de algum modo conseguiu sugerir que aquilo que havia acontecido entre ela e Tony não era algo difícil de compreender, apesar de ser errado, e talvez fosse um sinal de Deus de que os dois deviam pensar seriamente em se casar e constituir uma família. O padre se mostrou tão à vontade na segunda vez que conversaram, que Eilis sentiu-se tentada a lhe contar toda a história e lhe perguntar o que ela devia fazer a respeito da mãe, cujas cartas estavam cada vez mais tristes, as letras às vezes escapavam estranhamente das margens da página, eram quase ilegíveis, porém Eilis saiu do confessionário sem falar mais nada.

Um domingo, depois da missa, quando estava saindo da igreja com Sheila Heffernan, Eilis percebeu que o padre Flood, que em geral ficava na porta depois da missa, cumprimentando seus paroquianos, tinha desviado os olhos, se esquivara para a sombra quando as duas se aproximaram e logo começou a falar com algumas mulheres com imensa concentração. Ela esperou atrás, até se dar conta de que o padre, tendo avistado Eilis, lhe deu as costas e andou depressa para longe. Imediatamente ocorreu a ela que a sra. Kehoe tinha falado com o padre e que precisava conversar com ele o mais breve possível, antes que o padre fizesse algo inimaginável, como escrever à sua mãe sobre ela, embora Eilis não tivesse a menor ideia do que a mãe poderia responder a ele.

Assim, depois do almoço com Tony e sua família, Eilis combinou de se encontrar com ele mais tarde, mas disse que naquele momento precisava ir embora para estudar. Recusou-se a deixar que ele a acompanhasse no metrô. Foi direto da estação para a casa do padre Flood.

Só quando estava sentada na sala de visitas à espera dele lhe ocorreu que não poderia mencionar com facilidade a sra. Kehoe; teria de esperar o padre Flood fazer isso. Se ele não tocasse no assunto, pensou Eilis, ela podia falar algo sobre sua mãe e talvez até discutir a possibilidade de se transferir para o escritório da

Bartocci's, quando surgisse uma vaga, depois que tivesse passado nas provas do curso de contabilidade. Quando ouviu passos se aproximando no corredor, ela soube que precisava fazer uma opção. Podia parecer humilde diante do padre e insinuar um abjeto pedido de desculpas, ainda que não admitisse tudo, ou se espelhar em Rose, pôr-se de pé como ela faria e falar com o padre Flood como se fosse absolutamente incapaz de cometer alguma má ação.

O padre parecia sem jeito quando entrou na sala, e não a olhou nos olhos de pronto.

"Espero não estar incomodando o senhor, padre", disse Eilis.

"Ah, não, nem um pouco. Eu só estava lendo o jornal."

Ela sabia que era importante falar agora, antes que ele o fizesse.

"Não sei se o senhor teve notícias de minha mãe, mas tenho recebido cartas dela e não parece nada bem."

"Lamento saber disso", respondeu o padre Flood. "Você sabe que eu sempre achei que fosse ser bem difícil para ela."

O padre Flood olhou Eilis de tal modo que conseguiu lhe transmitir a ideia de que queria dizer mais do que aquilo, de que ele estava sugerindo que devia ser difícil para sua mãe não só perder Rose, mas também ter uma filha que levava um homem para passar a noite em seu quarto.

Eilis sustentou seu olhar e deixou o silêncio se prolongar o bastante para que ele soubesse que ela havia compreendido as alusões contidas em suas palavras, mas que não tinha a menor intenção de fazer qualquer comentário sobre elas.

"Como o senhor sabe, espero fazer minhas provas no mês que vem, e isso quer dizer que me tornarei uma contadora habilitada. Tenho algum dinheiro guardado e pensei em voltar à Irlanda para ver minha mãe durante o tempo em que a Bartocci's me conceder uma licença não remunerada. E também, como muitas colegas de pensão, ando tendo algumas dificuldades com a senhora Kehoe, e quando voltar da Irlanda vou pensar na possibilidade de mudar."

"Ela é muito gentil, a senhora Kehoe", disse o padre Flood. "Não existem muitas pensões irlandesas como aquela hoje em dia. Antigamente existiam mais."

Eilis não respondeu.

"Então, você quer que eu fale com o Bartocci?", perguntou o padre Flood.

“Por quanto tempo gostaria de ficar lá?”

“Um mês”, disse Eilis.

“E vai voltar para trabalhar na loja até aparecer algum emprego no escritório?”

“Sim.”

Ele assentiu com a cabeça e pareceu estar pensando em outra coisa.

“Quer que eu fale também com a senhora Kehoe?”, perguntou.

“Pensei que o senhor já tivesse falado com ela.”

“Não falei mais com ela desde que Rose morreu”, disse o padre Flood. “Acho que não a encontrei mais desde então.”

Eilis examinou seu rosto, mas não conseguiu saber se era verdade ou não.

“Você não poderia fazer as pazes com ela?”, perguntou o padre Flood.

“Como vou fazer isso?”

“Ela tem muito orgulho de você.”

Eilis não disse nada.

“Vou lhe dizer uma coisa”, falou o padre. “Vou acertar tudo com o senhor Bartocci, se você voltar às boas com a senhora Kehoe.”

“Como vou fazer isso?”, repetiu Eilis.

“Seja boa com ela.”

Antes de se encontrar com o padre Flood, não havia ocorrido a Eilis que podia passar uma breve temporada na Irlanda. Mas depois de falar aquilo e ver que não parecia nada ridículo, e de receber a aprovação do padre, transformou-se num plano, em algo que ela resolveu fazer. Na hora do almoço do dia seguinte, Eilis foi a uma agência de viagens e viu os preços de passagens em navios que atravessavam o Atlântico. Ia esperar os resultados das provas saírem, mas assim que tivesse conhecimento deles, passaria um mês na sua terra; perderia cinco ou seis dias na viagem de ida e outros tantos na viagem de volta, assim teria duas semanas e meia para ficar com a mãe.

Apesar de ter escrito para a mãe no fim daquela semana, não mencionou seus planos de ir à Irlanda. Um dia, quando encontrou o padre Flood na loja de departamentos, entendeu logo que ele estava lá para tratar dos assuntos dela, porque o padre lhe deu uma piscada quando passou, e Eilis torceu para que em breve ele tivesse notícias para ela.

Na sexta-feira, quando Tony, depois do baile, a acompanhou a pé até a pensão, Eilis encontrou uma carta do padre Flood que tinha sido entregue em mãos. Logo a sra. Kehoe chegou à cozinha anunciando que ia fazer chá e que gostaria que Eilis tomasse com ela. A garota sorriu com afeição para a sra. Kehoe, disse que adoraria tomar chá, em seguida foi para seu quarto e abriu a carta. Os Bartocci, escrevia o padre Flood, podiam lhe conceder um mês de licença não remunerada, a data devia ser combinada com a srta. Fortini e, se ela passasse nas provas, esperavam poder lhe oferecer um emprego no escritório no prazo de seis meses. Eilis deixou a carta sobre a cama e subiu para o térreo, onde já encontrou o chá quase servido.

"Você se sentiria segura se eu retirasse o cadeado do portão do porão?", perguntou-lhe a sra. Kehoe. "Como eu não sabia o que fazer, pedi ao gentil sargento Mulhall, cuja esposa joga pôquer comigo, e ele disse que ia mandar seus guardas vigiarem com rigor o portão do porão e relatar qualquer atividade inconveniente que percebessem lá embaixo."

"Ah, é uma ótima ideia, senhora Kehoe", disse Eilis. "A senhora podia agradecer a ele em nome de todas nós na próxima vez que o encontrar."

Eilis torcia para que a prova de direito fosse tão fácil quanto tinha sido na última vez. E ela estava contente com o resultado que alcançara em todas as outras matérias. No entanto, como parte da prova, os alunos receberiam todos os detalhes da vida anual de uma empresa — aluguel, aquecimento, luz, salários, o fato de que as máquinas e outros equipamentos podiam se desvalorizar todos os anos, a dívida, o investimento de capital e os impostos. Do outro lado, havia as vendas, a entrada de receita de diversas fontes, no atacado ou no varejo. E tudo aquilo precisava ser lançado em livros-razão, nas colunas corretas, tudo tinha de ser feito de modo limpo, caprichado, de forma que, numa reunião geral anual, quando a diretoria e os acionistas da empresa quisessem ver claramente como se formaram os lucros e os prejuízos, pudessem fazê-lo por meio daqueles registros. Qualquer aluno que não tivesse êxito naquela prova — todos foram avisados —, não conseguiria nota para passar, mesmo que se saísse bem em outras provas. Seria necessário repetir a prova inteira.

Certo fim de tarde, numa época em que faltava pouco para as provas, quando Tony a acompanhava a pé até a pensão, Eilis lhe contou seu plano de passar um

mês na Irlanda depois que saíssem os resultados das provas. Ela havia escrito para a mãe, afinal, e contara seu plano. Tony não disse nada, mas, quando chegaram à pensão da sra. Kehoe, pediu a Eilis que desse uma volta no quarteirão com ele. Tinha o rosto pálido, parecia sério e não olhou diretamente para ela enquanto falava.

Quando estavam longe da pensão, ele se sentou na escadinha de uma varanda, onde não havia ninguém, e deixou-a ficar de pé, encostada na balaustrada. Eilis sabia que Tony ia ficar abalado por ela viajar daquele jeito, mas estava pronta para lhe explicar que ele tinha uma família no Brooklyn e não sabia como era viver longe de casa. Estava pronta para lhe dizer que, em circunstâncias semelhantes, ele também viajaria para uma visita.

"Case comigo antes de viajar", disse quase sem fôlego.

"O que foi que você falou?" Eilis foi até o degrau da escadinha e sentou-se ao lado dele.

"Se você for, não vai voltar."

"Vou ficar só um mês, já lhe disse."

"Case comigo antes de viajar."

"Você não acredita que eu vá voltar."

"Li a carta do seu irmão. Sei como seria difícil para você ir para casa e depois sair de lá outra vez. Para mim isso seria muito difícil. Sei que você é uma pessoa boa. Eu ia viver o tempo todo com medo de receber uma carta sua dizendo que sua mãe não podia ficar sozinha."

"Prometo a você que vou voltar."

Toda vez que ele dizia "case comigo", não olhava para ela, murmurava as palavras como se estivesse falando sozinho. Agora ele se virou e fitou-a nos olhos com clareza.

"Não estou falando em casar numa igreja nem em viver juntos na mesma casa como marido e mulher, nem precisamos contar a ninguém. Pode ser só entre nós dois, podemos nos casar numa igreja depois que você voltar, quando nós resolvermos."

"A gente pode se casar só assim, desse jeito?", perguntou Eilis.

"Claro que pode. É só registrarmos tudo, vou lhe dar uma lista das coisas que a gente precisa fazer."

“Por que você quer que eu faça isso?”, perguntou ela.

“Vai ser uma coisa só entre nós.”

“Mas por que você quer isso?”

Agora, quando falou, Tony tinha lágrimas nos olhos. “Porque, se não fizermos assim, vou ficar louco.”

“E não vamos contar a ninguém?”

“A ninguém. Vamos tirar meio dia de folga e pronto.”

“E vamos usar um anel?”

“Você pode usar, se quiser, mas se não quiser, tudo bem. Se quiser, tudo isso pode ser uma coisa particular, só nossa.”

“Uma promessa não seria a mesma coisa?”

“Se você pode prometer, então também pode fazer isso sem nenhum problema”, disse ele.

Tony marcou uma data pouco depois das provas de Eilis e os dois trataram de fazer todos os preparativos e preencher os formulários exigidos. No domingo anterior à data marcada, ela foi almoçar com a família de Tony, como de costume. Ao sentar-se, sentiu que ele havia contado para a mãe ou que ela tinha adivinhado alguma coisa. Havia uma toalha de mesa nova, e a maneira como a mãe estava vestida sugeria uma ocasião importante. E então, quando o pai de Tony entrou com seus três irmãos, ela viu que todos estavam de paletó e gravata, o que não faziam normalmente. Quando sentaram para comer, notou que no início Frank estava quieto de um modo fora do normal e depois, toda vez que tentava dizer alguma coisa, os outros o interrompiam antes que pudesse começar a falar.

Diversas outras vezes, durante o almoço, quando ele abria a boca para dizer algo, era logo interrompido.

Por fim, Eilis fez questão de dizer que precisava saber o que Frank queria dizer.

“Quando todos nós estivermos em Long Island”, disse ele, “e quando vocês tiverem sua casa lá, pode pedir que façam um quarto para mim, para eu poder ir lá e ficar com você, quando eles estiverem me chateando muito e me deixando infeliz?”

Tony, Eilis notou, estava de cabeça baixa.

"Claro, Frank. Você pode ir sempre que quiser."

"É só isso o que eu queria dizer."

"Cresça, Frank", disse Tony.

"Cresça, Frank", repetiu Laurence.

"É isso aí, Frank", acrescentou Maurice.

"Está vendo só?" Frank inclinou-se para Eilis e apontou os três irmãos. "Está vendo só o que eu tenho de aguentar?"

"Não se preocupe", disse Eilis. "Eu cuido deles."

No final da refeição, quando a sobremesa foi servida, o pai de Tony trouxe taças especiais e abriu uma garrafa de prosecco. Propôs que bebessem e brindassem por uma boa viagem e por um regresso em segurança para Eilis. Ela se perguntou se seria possível que Tony não tivesse contado nada a eles sobre o casamento, mas apenas sobre seus planos de passar um mês na Irlanda; pareceu-lhe improvável que tivesse contado para Frank, mas ele podia ter ouvido escondido. Talvez estivessem apenas servindo um almoço especial porque Eilis ia viajar para sua terra, pensou ela.

No brinde festivo que seguiu a sobremesa, ela quase começou a desejar que Tony tivesse contado que os dois iriam se casar.

Tony marcou a cerimônia para as duas da tarde, uma semana antes de Eilis partir. As provas haviam corrido bem e ela estava quase segura de que conseguiria a aprovação. Como outros casais tinham ido com suas famílias e seus amigos, a cerimônia deles pareceu muito seca, acabou depressa e despertou muita curiosidade entre os que aguardavam, já que os dois estavam sozinhos.

Em sua viagem de trem para Coney Island naquela tarde, Tony levantou pela primeira vez a questão de quando iriam se casar na igreja e de quando iriam morar juntos.

"Tenho um dinheiro guardado", disse ele, "então a gente podia arranjar um apartamento e mais tarde se mudar para a casa, quando ficasse pronta."

"Tudo bem", disse ela. "Eu gostaria que estivéssemos indo juntos para casa agora."

Ele tocou sua mão.

"Eu também", disse ele. "E o anel parece lindo na sua mão."

Eilis olhou para o anel.

"É melhor eu me lembrar de tirar do dedo, antes que a senhora Kehoe o veja."

O mar estava agitado e cinzento e o vento soprava nuvens brancas e encapeladas velozmente pelo céu. Os dois caminharam devagar pelo calçadão de tábuas e pelo píer, onde ficaram parados olhando os pescadores. Quando caminharam de volta e sentaram para comer cachorros-quentes no Nathan's, Eilis viu que alguém numa mesa próxima observava seu anel de casamento. Ela sorriu para si mesma.

"Um dia vamos contar aos nossos filhos que fizemos isto?", perguntou.

"Talvez quando ficarmos velhos e não tivermos mais nenhuma história para contar", disse Tony. "Ou então a gente guarda essa história para algum aniversário."

"Queria saber o que eles vão achar."

"O filme que vou levar você para ver se chama *A bela de Nova York*. Nisso eles vão acreditar. Mas a história de que, depois que o filme terminou, a gente pegou o metrô e eu deixei você na pensão da senhora Kehoe, eles não vão engolir."

Quando terminaram de comer, andaram juntos para o metrô e esperaram o trem que os levaria à cidade.

# PARTE QUATRO

A mãe mostrou a Eilis o quarto de Rose, que estava repleto da luz do sol da manhã. Tinha deixado tudo exatamente como era, disse, inclusive todas as roupas de Rose dentro do guarda-roupa e no gaveteiro.

"Mando limpar os vidros e lavar as cortinas e eu mesma tiro a poeira do quarto e varro o chão, mas a não ser por isso está exatamente igual ao que era", disse.

A casa propriamente dita não pareceu estranha; Eilis apenas notou sua aura densa, familiar, o cheiro constante de comida no fogo, as sombras, a sensação da presença palpável da mãe. Mas nada tinha preparado a garota para a quietude do quarto de Rose e ela não sentiu quase nada enquanto ficou parada olhando para ele. Eilis se perguntou se a mãe queria vê-la chorando naquele momento, ou se tinha deixado o quarto como estava para que ela pudesse sentir a morte de Rose de uma forma ainda mais profunda. Não sabia o que dizer.

"E agora, um dia desses", disse a mãe, "podemos resolver a questão das roupas. Rose tinha acabado de comprar um casaco novo de inverno, vamos ver se serve em você. Ela tinha coisas lindas."

De repente, Eilis sentiu-se imensamente cansada e pensou que o melhor era ir para a cama logo depois do café da manhã, mas sabia que a mãe vinha planejando o momento em que as duas ficariam paradas, juntas diante da porta, contemplando o interior do quarto.

"Sabe, às vezes eu ainda acho que ela está viva", disse a mãe. "Se ouço o mais leve ruído no primeiro andar, muitas vezes penso que deve ser Rose."

Enquanto tomavam o café da manhã, Eilis gostaria de poder pensar em outra coisa para dizer, mas era difícil falar, pois a mãe parecia ter preparado de antemão todas as palavras que dizia.

"Encomendei uma coroa de flores especialmente para você depositar no túmulo de Rose. Poderemos ir lá daqui a alguns dias, se o tempo continuar

firme, e então vamos avisá-los de que está na hora de colocar o nome dela, as datas embaixo do nome e das datas do seu pai."

Por um momento, Eilis se perguntou o que poderia acontecer se ela interrompesse a mãe e dissesse: "Eu me casei". Achava que a mãe encontraria um jeito de não ouvir ou de fingir que ela nem tinha dito nada. Ou então, imaginou, o vidro da janela se quebraria.

Na hora em que conseguiu dizer que estava cansada e que precisava se deitar por algum tempo, a mãe não lhe perguntou nada sobre sua vida nos Estados Unidos nem mesmo sobre sua viagem. Da mesma forma como a mãe parecia ter preparado o que ia dizer e mostrar a ela, Eilis também havia planejado como deveria transcorrer aquele primeiro dia. Planejara fazer um relato de como sua vinda de Nova York para Cobh tinha sido muito mais tranquila do que a viagem de Liverpool, e como tinha gostado de ficar sentada no convés tomando sol. Também havia planejado mostrar à mãe a carta do Brooklyn College informando que ela havia passado nas provas e que em breve receberia o diploma de contadora. Também tinha comprado para a mãe um cardigã, uma echarpe e alguns pares de meias, mas ela deixara tudo de lado, quase sem notar, dizendo que abriria mais tarde.

Eilis adorou fechar a porta do seu antigo quarto e puxar as cortinas. Tudo o que ela queria era dormir, embora tivesse dormido bem no hotel do porto Rosslare na noite anterior. Mandara para Tony um cartão-postal de Cobh, dizendo que havia chegado bem e tinha escrito para ele uma carta em Rosslare, contando como fora a viagem. Agora estava contente por não ter deixado para escrever em seu quarto, que lhe parecia vazio e sem vida, e Eilis ficou quase assustada ao ver como o quarto significava pouco para ela. Não havia parado para pensar em como seria voltar para casa, porque achava que fosse algo fácil; desejava tanto reencontrar a familiaridade daqueles cômodos que havia imaginado que ficaria feliz e aliviada ao voltar para eles; porém, em vez disso, naquela primeira manhã, tudo o que conseguiu fazer foi contar os dias que faltavam para seu regresso. Isso lhe deu uma sensação estranha e um sentimento de culpa; Eilis se encolheu toda na cama e fechou os olhos na esperança de conseguir dormir.

A mãe a despertou dizendo que já estava quase na hora do chá. Ela havia

dormido por quase seis horas, calculou, e tudo o que desejava era continuar a dormir. A mãe lhe disse que tinha água quente, caso quisesse tomar banho. Abriu suas gavetas e começou a pendurar roupas dentro do armário e a guardar outras coisas no gaveteiro. Achou um vestido de verão que pareceu não estar amarrotado demais, um cardigã, roupas de baixo limpas e um sapato baixo.

Quando voltou à cozinha, depois de tomar banho e vestir roupas limpas, a mãe olhou bem para ela, de alto a baixo, com um vago ar de desaprovação. Ocorreu a Eilis que talvez as cores que estava vestindo fossem muito chamativas, mas o fato é que não tinha roupas de cores mais escuras.

"A cidade inteira está perguntando por você", disse a mãe. "Meu Deus, até Nelly Kelly perguntou por você. Eu a vi parada na porta da loja e ela deu o maior berro para mim. Todas suas amigas querem que você as encontre, mas falei para elas que era melhor esperar até você se instalar."

Eilis se perguntou se a mãe sempre tivera aquele jeito de falar, que parecia hostil a qualquer tipo de réplica, e de repente se deu conta de que raramente estivera a sós com ela antes, sempre havia Rose entre ambas, Rose, que tinha tanta coisa a dizer para as duas, muitas perguntas a formular, comentários a fazer e opiniões a oferecer. Devia ser difícil também para a mãe, pensou Eilis, e o melhor seria esperar alguns dias e ver se ela se mostraria interessada por sua vida nos Estados Unidos, o bastante para que, delicadamente, entrasse no assunto de Tony, o bastante para contar à mãe que ia se casar com ele quando voltasse.

Ficaram sentadas à mesa da sala de jantar revendo todas as cartas de pêsames e os cartões de missas em memória de Rose que ela havia recebido nas semanas seguintes à morte da filha. A mãe de Eilis mandara imprimir um cartão fúnebre, com uma foto de Rose com sua aparência mais feliz e charmosa, com nome, idade, data de morte e breves orações embaixo e no verso do cartão. Aqueles ainda tinham de ser mandados pelo correio. Mas além disso, para as pessoas que haviam escrito cartas ou para as que tinham visitado a casa, era necessário incluir também bilhetes especiais ou cartas mais extensas. A mãe de Eilis havia dividido os cartões fúnebres em três pilhas: a primeira precisava apenas de um nome e um endereço no envelope e de um cartão dentro; a segunda precisava ter um bilhete ou uma carta escritos por ela; a última tinha

que ter um bilhete ou uma carta escritos por Eilis. De modo vago, Eilis lembrou que aquilo também havia acontecido depois que o pai morreu, mas Rose, ela se recordava, cuidara de tudo, e Eilis não precisou se envolver em nada de forma direta.

A mãe sabia quase de cor algumas cartas de pêsames que havia recebido e também tinha feito uma lista de todos os que foram à sua casa, lista que repassou lentamente para Eilis, detendo-se mais em alguns que tinham vindo muitas vezes ou ficado em sua casa por muito tempo, ou em outros que haviam feito fofocas demais e falado alguma coisa ofensiva. Havia primos da mãe que viviam para lá de Bree e que tinham trazido para a casa seus vizinhos, gente rude do campo, e ela esperava nunca mais ter de pôr os olhos em nenhum daqueles primos nem em seus vizinhos.

Além do mais, disse ela, Dora Devereux, de Cush Gap, e sua irmã Statia tinham vindo certa noite e não pararam de falar, as duas, o tempo todo dando notícias de gente de que ninguém que estava na sala tinha ouvido falar em toda a vida. Cada uma delas deixou um cartão anunciando uma missa encomendada em memória de Rose, disse a mãe, e ela ia escrever a ambas um bilhete curto agradecendo a visita, mas tentando não incentivá-las a voltar tão cedo. Porém Nora Webster tinha vindo, disse ela, com Michael, que dera aula para os garotos na escola, e os dois foram as pessoas mais gentis na cidade inteira. Ela não se importaria se eles voltassem, disse a mãe, mas como tinham filhos pequenos, achava que não o fariam.

Enquanto a mãe lia outros nomes da lista, Eilis sentia quase um impulso de rir de nomes de que nunca tinha ouvido falar ou de pessoas em quem nunca havia pensado durante o tempo em que viveu nos Estados Unidos. Quando a mãe mencionou uma velha que morava perto de Folly, Eilis não resistiu e falou:

"Puxa, ela ainda está respirando?"

A mãe pareceu sentida e colocou os óculos de novo, enquanto começava a procurar uma carta que havia perdido, do capitão do clube de golfe, dizendo que Rose tinha sido um membro extraordinário do clube e que todos sentiriam muito sua falta. Quando achou a carta, olhou para Eilis com ar severo.

Toda carta ou bilhete que Eilis escrevia tinha de ser examinado pela mãe,

que muitas vezes queria que ela escrevesse de novo ou queria que acrescentasse um parágrafo no final. E, tanto em suas cartas como nas de Eilis, fazia questão de enfatizar que, como a filha estava em casa, não precisava de mais visitas, pois tinha bastante companhia.

Eilis ficou maravilhada com a variedade de maneiras como cada pessoa havia expressado seus pêsames depois de vencida a primeira ou a segunda frase. Em suas respostas, a mãe também tentava variar o tom e o conteúdo, esforçando-se para escrever algo adequado a cada pessoa. Mas era demorado, e no final do primeiro dia Eilis ainda não tinha posto os pés na rua nem tivera tempo de ficar sozinha. E nem metade do trabalho havia sido feito.

No dia seguinte ela trabalhou com afinco, disse à mãe diversas vezes que, se elas continuassem a comentar ou a reler todas as cartas recebidas, nunca mais iriam terminar a tarefa que tinham pela frente. Apesar disso, não só sua mãe trabalhava devagar, insistindo em que ela e não Eilis precisava escrever a maioria das cartas, mas também querendo que a garota examinasse cada uma que terminava. Além disso, não conseguia se conter e fazia comentários constantes sobre as pessoas que tinham escrito, inclusive pessoas que Eilis nunca vira na vida.

Eilis tentou mudar de assunto algumas vezes, perguntou à mãe se não podiam ir juntas a Dublin um dia, ou até a Wexford de trem, uma tarde. Mas a mãe disse que iam resolver isso depois, a questão agora era escrever aquelas cartas, depois iriam arrumar o quarto de Rose e fazer uma seleção de suas roupas.

No segundo dia, quando tomaram o chá, Eilis disse à mãe que se ela não entrasse logo em contato com algumas de suas amigas, elas iam ficar ofendidas. Agora que tinha começado, Eilis estava decidida a ter um dia livre, e não ser obrigada a passar direto da redação de cartas e do endereçamento de envelopes, sob a supervisão rigorosa e cada vez mais irritada da mãe, para a seleção das roupas de Rose.

"Combinei de entregarem a coroa de flores amanhã", disse a mãe, "portanto é seu dia de ir ao cemitério."

"Sim, está certo, então vou visitar Annette e Nancy amanhã de tarde", respondeu.

"Sabe, elas passaram por aqui perguntando quando você ia voltar. Mandei que fossem embora, mas se você quiser falar com elas, deve convidá-las para vir aqui."

"Talvez eu faça isso agora", disse Eilis. "Se eu deixar um bilhete para Nancy, ela vai poder entrar em contato com Annette. Nancy continua saindo com George? Ela me contou que iam ficar noivos."

"Vou deixar que ela mesma dê todas as notícias para você", disse a mãe e sorriu.

"George seria um ótimo partido", observou Eilis. "Além do mais, é bonito."

"Ah, eu não sei", disse a mãe. "Ela poderia acabar virando uma escrava daquela loja. E a velha senhora Sheridan é muito nobre. Eu não teria tempo nenhum para ela."

Caminhar pela rua trouxe um alívio imediato a Eilis, e como estava um fim de tarde muito bonito e quente, poderia ficar andando por quilômetros sem nenhum problema. Percebeu que uma mulher ficou observando seu vestido, suas meias, seus sapatos e sua pele bronzeada e, quando seguia rumo à casa de Nancy, se deu conta com bom humor de que devia parecer uma mulher muito chique naquelas ruas. Tocou o dedo no local onde tinha usado o anel de casamento e prometeu a si mesma escrever a Tony naquela noite, depois que a mãe fosse para a cama, e arranjar um jeito de pôr a carta no correio de manhã, sem ela saber. Ou talvez, pensou, aquele seria um bom jeito de deixar a mãe conhecer o segredo de maneira suave, caso ela tivesse visto as cartas que Eilis escrevera a Rose contando que havia uma pessoa especial para ela nos Estados Unidos.

No dia seguinte, na hora em que estavam saindo para o cemitério com a coroa de flores, todos os que elas encontravam e conheciam paravam para conversar. Cumprimentavam Eilis por seu ótimo aspecto, mas não o faziam de modo efusivo demais nem num tom excessivamente frívolo, porque logo viam que ela e a mãe estavam a caminho do túmulo da irmã.

Foi só quando subiram pela alameda principal do cemitério rumo ao jazigo da família que Eilis se deu conta de a que ponto ela vinha temendo aquilo. Lamentava o modo como se irritara com a mãe nos dias anteriores e agora andava lentamente, de braços dados com ela, levando a coroa. Algumas pessoas

no cemitério pararam e observaram as duas se aproximarem do túmulo.

Havia outra coroa, quase murcha, que sua mãe removeu, e depois ficou parada atrás de Eilis, olhando para a laje da sepultura.

"Pronto, Rose", disse a mãe em voz baixa. "Aqui está Eilis, ela agora está em casa e trouxemos flores novas para você."

Eilis não sabia se a mãe esperava que ela também dissesse alguma coisa, mas, como agora estava chorando, não estava certa se conseguiria falar com clareza. Segurou a mão da mãe.

"Estou rezando por você, Rose, e pensando em você", sussurrou Eilis, "e espero que você esteja rezando por mim."

"Ela está rezando por todos nós", disse a mãe. "Rose está no céu, rezando por todos nós."

Enquanto ficaram paradas diante da sepultura, Eilis quase não conseguiu suportar a ideia de Rose estar debaixo da terra, cercada pela escuridão. Tentou pensar na irmã quando ela era viva, na luz em seus olhos, na sua voz, no seu modo de pôr um cardigã sobre os ombros quando sentia uma corrente de ar, na forma como lidava com a mãe, levando-a a se interessar pelos menores detalhes da vida de Eilis e de Rose, como se ela também tivesse as mesmas amigas, os mesmos interesses, as mesmas experiências. Eilis concentrou-se no espírito de Rose e tentou evitar que a mente se detivesse naquilo que estava acontecendo com o corpo de Rose bem embaixo delas, no barro úmido.

Foram andando para casa por Summerhill e depois passaram por Fair Green até a Back Road, porque a mãe disse que não queria encontrar mais ninguém naquele dia, porém ocorreu a Eilis que ela não queria que ninguém visse Eilis e assim a convidasse para ir a algum lugar, fazendo-a sair do lado da mãe.

Naquela noite, quando Nancy e Annette foram fazer uma visita, Eilis percebeu na mesma hora o anel de noivado de Nancy. Ela explicou que tinha ficado noiva de George dois meses antes, porém não quis escrever sobre aquilo por causa do que tinha acontecido com Rose.

"Mas é ótimo que você esteja aqui no dia do casamento. Sua mãe está contentíssima."

"Quando é o casamento?"

"No sábado, 27 de junho."

"Mas nesse dia eu já terei voltado", explicou Eilis.

"Sua mãe disse que você ainda estaria aqui. Ela escreveu e aceitou o convite pelas duas."

A mãe entrou com uma bandeja, xícaras, pires, uma chaleira e alguns biscoitos.

"Aí estão vocês, afinal", disse. "É ótimo ver vocês duas, ter um pouco de vida nesta casa outra vez. A coitada da Eilis já estava cansada desta velha mãe. E estamos ansiosas para assistir ao casamento, Nancy. Vamos ter de ficar no primor da elegância no dia. Era o que Rose gostaria."

Saiu antes que qualquer uma delas pudesse falar. Nancy olhou para Eilis e deu de ombros. "Agora você vai ter que ir."

Eilis calculou mentalmente que o dia do casamento era quatro dias depois da data de sua partida; lembrou também que o agente de viagens no Brooklyn tinha dito que ela podia mudar a data, contanto que avisasse à empresa de navegação com antecedência. Resolveu naquele instante que ia ficar mais algumas semanas e torceu para que ninguém na Bartocci's fizesse uma objeção muito forte. Seria fácil explicar a Tony que a mãe havia entendido mal a data de sua viagem, embora Eilis não acreditasse que ela tivesse entendido mal coisa nenhuma.

"Ou quem sabe não tem alguém esperando você ansiosamente em Nova York?", sugeriu Annette.

"Só alguém como a senhora Kehoe, a minha senhoria", respondeu Eilis.

Ela sabia que, se começasse a fazer confidências a qualquer das duas amigas, ainda mais quando estavam juntas assim, Eilis não conseguiria se conter e acabaria contando coisas demais. E, se contasse a elas, logo descobriria que uma das mães delas havia comentado com sua mãe que tinha um namorado em Nova York. Era melhor não dizer nada, pensou, e em vez disso falar sobre roupas, sobre seus estudos, contar a respeito das outras pensionistas e da sra. Kehoe.

Em troca, elas lhe contaram as notícias da cidade — quem estava saindo com quem ou quem estava planejando ficar noivo, e acrescentaram que a última notícia era que a irmã de Nancy, que desde o Natal andava saindo de vez em quando com Jim Farrel, tinha finalmente rompido com ele e estava com um

namorado novo que era de Ferns.

"Ela só desmanchou com o Jim Farrel para chamar a atenção", disse Nancy. "Ele estava sendo tão grosso com ela como foi com você naquela noite. Lembra como ele foi grosso? E todas nós apostamos dinheiro que ela não ia dar o fora nele. Mas acabou fazendo isso mesmo. Ela já não estava mais conseguindo suportar o Jim Farrel, dizia que ele era o maior chato, embora o George diga que ele é um cara legal, quando a gente o conhece melhor, e o George estudou com ele na escola."

"George é muito caridoso", disse Annette.

Jim Farrel, contou Nancy, ia ao casamento na condição de amigo de George, mas a irmã dela estava pedindo que seu namorado novo, de Ferns, também fosse convidado. Em toda aquela conversa de namorados e planos de casamento, Eilis se deu conta de que se contasse a Nancy ou a Annette sobre seu próprio casamento, agora secreto, presenciado só por ela e Tony e mais ninguém, as duas iriam reagir com silêncio e perplexidade. Pareceria algo estranho demais.

Durante os dias seguintes, enquanto andava pela cidade, e no domingo, quando foi à missa das onze com a mãe, as pessoas comentavam as roupas lindas de Eilis, seu penteado sofisticado e seu bronzeado. Eilis tentou fazer planos para encontrar Annette ou Nancy juntas ou separadas todos os dias, dizendo à mãe com antecedência o que pretendia fazer. Na quarta-feira seguinte, quando disse à mãe que, se não tivesse problema, iria no dia seguinte no início da tarde para Curracloe com George Sheridan, Nancy e Annette, a mãe pediu que ela cancelasse seu passeio daquela noite e começasse a selecionar os pertences de Rose, resolvendo o que deviam guardar e o que deviam dar a alguém.

Tiraram as roupas que estavam penduradas no armário e colocaram sobre a cama. Eilis queria deixar bem claro que não precisava de nenhuma roupa da irmã e que seria melhor doar tudo para instituições de caridade. Mas a mãe já estava separando o casaco de inverno de Rose, comprado havia pouco, e diversos camisolões que ela disse que podiam ser facilmente modificados para caberem em Eilis.

"Não vou ter muito espaço na minha mala", disse Eilis, "e o casaco é lindo,

mas a cor é escura demais para mim."

A mãe, ainda atarefada na seleção das roupas, fingiu que não tinha ouvido a filha.

"O que vamos fazer é levar os camisolões e o casaco para a costureira de manhã, e eles vão parecer bem diferentes quando ficarem do tamanho certo, e essas roupas combinarem com sua nova silhueta americana."

Eilis, em compensação, passou a ignorar a mãe, abriu a gaveta de baixo do gaveteiro e despejou seu conteúdo no chão. Queria ter certeza de que ia achar as cartas que escrevera a Rose, se estivessem ali, antes que a mãe o fizesse. Havia antigas medalhas, folhetos e até redes e grampos de cabelo, que não eram usados havia muitos anos, e também lenços dobrados e umas fotos, que Eilis separou, bem como um grande número de cartelas usadas para marcar os pontos nas partidas de golfe. Mas naquela gaveta, assim como nas outras, não havia o menor sinal das cartas.

"A maior parte disto aqui é lixo, mamãe", disse ela. "O melhor é guardar só as fotografias e jogar o resto fora."

"Ah, vou ter de examinar tudo isso, mas agora venha aqui e me ajude a dobrar esses cachecóis."

Eilis recusou-se a ir à costureira na manhã seguinte e afinal disse à mãe, de modo enfático, que não queria vestir nenhum dos camisolões nem os casacos de Rose, por mais elegantes que fossem e por mais que tivessem custado caro.

"Então quer que eu jogue no lixo?"

"Há muita gente que adoraria essas roupas."

"Mas elas não são boas o bastante para você?"

"Tenho minhas próprias roupas."

"Bem, vou deixar tudo no armário, caso você mude de ideia. Já imaginou dar para alguém e depois encontrar uma pessoa que você não conhece vestindo uma dessas roupas na missa de domingo? Seria muito bonito."

No correio, Eilis tinha comprado alguns selos e envelopes especiais para cartas endereçadas aos Estados Unidos. Escreveu a Tony explicando que ficaria mais algumas semanas e escreveu ao escritório da companhia de navegação em Cobh cancelando a passagem de volta e pedindo que lhe informassem como poderia marcar uma nova data para seu regresso. Pensou em esperar um dia

mais perto da data para avisar a srta. Fortini e a sra. Kehoe do adiamento de sua chegada. Considerou se seria sensato dar a desculpa de que estava doente. Contou a Tony sobre a visita ao túmulo de Rose e o noivado de Nancy, garantiu que mantinha sempre o anel de casamento perto de si, para pensar nele quando estava sozinha.

Na hora do almoço, pôs uma toalha, seu traje de banho e uma sandália dentro de uma bolsa e foi para a casa de Nancy, onde George Sheridan ia buscá-las de carro. Fazia uma linda manhã, o ar estava doce e parado, fazia calor, e dentro da casa estava quase sufocante, enquanto esperavam a chegada de George. Quando ouviram a buzina da caminhonete que ele usava para fazer entregas, saíram da casa. Eilis ficou surpresa ao ver Jim Farrell abrir a porta para ela e depois entrar ao seu lado, deixando que Nancy sentasse ao lado de George nos bancos da frente.

Eilis cumprimentou Jim friamente com um aceno de cabeça e sentou-se o mais longe que pôde. Tinha visto o rapaz numa missa no domingo anterior, mas tomara cuidado para evitá-lo. Quando estavam saindo da cidade, Eilis se deu conta de que ele, e não Annette, é que ia à praia com eles; ficou zangada com Nancy por ela não lhe ter contado aquilo. Teria cancelado o passeio, se soubesse. Ficou ainda mais furiosa porque George e Jim começaram uma discussão sobre uma partida de rúgbi enquanto o carro avançava pela Osbourne Road, rumo a Vinegar Hill, e depois dobrou à direita em direção a Curracloe. Por um momento, chegou a pensar em interromper os dois homens para dizer que no Brooklyn também havia um local chamado Vinegar Hill, mas que não se parecia nem um pouco com o Vinegar Hill que se elevava perto de Enniscorthy, embora seu nome fosse uma referência ao monte irlandês. Pensou que faria qualquer coisa para calar a boca dos dois. Mas em vez disso resolveu que não ia falar nenhuma vez com Jim Farrel, não ia nem notar sua presença, e que assim que houvesse uma brecha na conversa ela introduziria um assunto que o deixaria de fora.

Depois que George estacionou o carro e Nancy e ele foram caminhando em direção ao calçadão que passava sobre as dunas de areia e ia dar na praia, Jim Farrel falou com ela com uma voz bem suave, perguntou como estava sua mãe e disse que ele, seu pai e sua mãe tinham ido à missa em memória de Rose. Sua

mãe, contou ele, adorava Rose no clube de golfe. “Na verdade”, acrescentou, “fazia tempo que não acontecia uma coisa tão triste na cidade.”

Ela assentiu com a cabeça. Se Jim queria que Eilis tivesse uma imagem positiva dele, ela pensou, assim que possível deixaria bem claro que isso não iria acontecer, mas era óbvio que ainda não era o momento.

“Deve ser difícil voltar para casa”, disse Jim. “Embora para sua mãe deva estar sendo bem agradável.”

Ela se virou e sorriu para ele com ar triste. Não voltaram a falar até chegarem à margem e alcançarem George e Nancy.

Jim não havia trazido toalha nem roupa de banho e disse que, de toda forma, a água devia estar fria demais. Eilis olhou para Nancy e depois disparou um olhar intimidador para Jim, de modo que Nancy pudesse testemunhar. Enquanto ele tirava os sapatos e as meias, arregaçava as calças e ia para a água, os outros três começaram a trocar de roupa. Se aquilo tivesse acontecido anos antes, pensou Eilis, ela teria ficado aflita a viagem inteira, desde Enniscorthy, preocupada com sua roupa de banho e seu corte, com sua falta de elegância ou de boa aparência na praia, e com o que George e Jim iriam pensar dela. Mas agora, que ainda estava bronzeada do sol do navio e de seus passeios a Coney Island com Tony, sentiu-se estranhamente confiante ao andar pela beira do mar e passar por Jim Farrell, que chapinhava no raso, sem dirigir nenhuma palavra a ele, ao andar mais para o fundo e então, quando a primeira onda mais alta se aproximou, nadar para dentro dela enquanto se quebrava, e depois seguir em frente.

Eilis sabia que ele estava olhando para ela, e a ideia de que talvez tivesse espirrado água nele quando passou a fez sorrir. Por um segundo, lhe veio à cabeça que aquilo era algo que poderia contar a Rose e que a irmã iria adorar ouvir, mas então, com uma sensação de remorso próxima à de uma dor real, se deu conta de que ela estava morta e que havia coisas como aquela, coisas comuns, que Rose nunca iria saber e que agora já não tinham nenhuma importância para ela.

Depois, Nancy e George caminharam juntos na direção de Ballyconnigar, deixando que Eilis e Jim seguissem atrás. Jim começou a perguntar sobre os Estados Unidos. Disse que ele tinha dois tios em Nova York e imaginava os dois

no meio dos arranha-céus de Manhattan, até saber que eles moravam a trezentos quilômetros da cidade de Nova York. Era no estado de Nova York, disse ele, mas o povoado de um deles era menor do que Bunclody. Quando Eilis contou que um padre, que tinha sido amigo de sua irmã, a havia incentivado a ir e a ajudara a se instalar, Jim lhe perguntou qual o nome do padre. Quando disse que era o padre Flood, por um momento ficou surpresa ao ouvir Jim Farrel dizer que seus pais o conheciam muito bem; seu pai, ele achava, tinha estudado com o padre Flood no St. Peter's College.

Mais tarde, foram de carro a Wexford e tomaram chá no Hotel Talbot, onde a festa de casamento ia se realizar. Quando voltaram a Enniscorthy, Jim convidou-os para tomar uma bebida no pub de seu pai antes de irem para casa. Sua mãe, que estava servindo no balcão, sabia que tinham feito um passeio e cumprimentou Eilis com uma simpatia efusiva, que a garota achou quase inconveniente. Antes de irem embora, concordaram em repetir o passeio no domingo seguinte. George mencionou a possibilidade de irem a Curracloe para o baile em Courtown.

Eilis não tinha a chave da porta da frente da casa na rua Friary e por isso teve de bater na porta; torcia para que a mãe não estivesse dormindo. Ouviu-a se aproximando devagar e achou que ela devia estar vindo da cozinha. A mãe levou algum tempo para abrir a fechadura e puxar o ferrolho.

"Puxa, até que enfim você chegou", disse a mãe e sorriu. "Vou ter de mandar fazer uma chave para você."

"Espero não ter acordado a senhora."

"Não, quando vi você saindo, pensei comigo mesma que ia voltar tarde, mas nem é tão tarde assim, porque ainda tem um pouquinho de luz no céu."

A mãe fechou a porta e levou-a na direção da cozinha.

"Agora me diga uma coisa", falou a mãe, "foi um passeio bom?"

"Foi bom, mamãe, e depois fomos a Wexford tomar um chá."

"Espero que Jim Farrel não tenha se mostrado muito ignorante com você."

"Ele foi simpático. Está cuidando das suas maneiras."

"Pois é, e a grande notícia é que o escritório da Davis Mill's está atrás de você. Eles estão no meio de uma crise, pois todos os motoristas de caminhão têm de ser pagos amanhã, e também todos os operários da fábrica, e uma garota

está de férias, Alice Roche está doente, e eles já não sabiam mais o que fazer, quando alguém se lembrou de você. Querem que você esteja lá às nove e meia da manhã e eu disse que você iria. Era melhor dizer sim do que não."

"Como eles souberam que eu estava aqui?"

"É claro que a cidade inteira sabe que você está aqui. Portanto vou preparar seu café da manhã e pôr na mesa às oito e meia e é melhor você se vestir de forma razoável. Nada que seja muito americano."

A mãe tinha no rosto um sorriso de satisfação, e isso foi um alívio para Eilis, que durante os dias anteriores havia começado a temer os silêncios entre as duas e a ficar magoada com a falta de interesse da mãe em conversar qualquer coisa, mesmo o mais ínfimo detalhe, sobre sua vida nos Estados Unidos. Conversaram na cozinha sobre Nancy e George, sobre o casamento, e combinaram ir a Dublin na terça-feira seguinte a fim de comprar roupas para o casamento. Também conversaram sobre o que deveriam comprar para dar de presente de casamento a Nancy.

Quando Eilis subiu para o primeiro andar, pela primeira vez sentiu-se menos desconfortável por estar em casa e achou que estava esperando quase com ansiedade que o dia nascesse e ela fosse tratar da questão do pagamento dos salários no escritório da Davis Mill's, e também que chegasse logo o fim de semana. No entanto, ao se despir, viu uma carta sobre a cama e logo percebeu que era de Tony, que havia escrito seu nome e endereço no envelope. Sua mãe devia ter deixado a carta ali e tinha resolvido não avisar. Eilis abriu a carta com um sentimento quase alarmado, por um segundo se perguntou se não haveria algo de errado com ele, mas ficou aliviada ao ler as primeiras frases, que declaravam seu amor e enfatizavam como sentia sua falta.

Enquanto lia a carta, gostaria de poder levá-la para o térreo e ler para a mãe. O tom era reservado, formal, antiquado; era de uma pessoa que obviamente não tinha o costume de escrever cartas. Mesmo assim Tony conseguiu transmitir algo de si através dela, sua afeição, sua bondade e seu entusiasmo pelas coisas. Havia algo presente nele o tempo todo, pensou Eilis, que também estava naquela carta. A sensação de que, se ele virasse o rosto por um momento, poderia perdê-la. Naquela tarde, enquanto ela se divertia no mar e no calor na companhia de Nancy, de George e, no final, até de Jim, ela ficara longe de

Tony, muito longe, se aquecendo no conforto de uma familiaridade que surgira de repente.

Agora Eilis gostaria de não ter se casado com ele, não porque não o amasse e não pretendesse voltar para ele, mas porque o fato de não poder contar nada à mãe e às amigas transformava todos os dias que havia passado nos Estados Unidos em uma espécie de fantasia, em algo que ela não conseguia relacionar com o tempo que estava passando em casa. Dava a sensação estranha de que ela era duas pessoas, uma que havia enfrentado dois invernos gélidos e muitos dias penosos no Brooklyn e que tinha se apaixonado lá e outra que era a filha de sua mãe, a Eilis que todos conheciam, ou achavam que conheciam.

Ela gostaria de descer para o térreo da casa agora mesmo e contar à mãe o que tinha feito, mas sabia que não faria isso. Seria mais simples alegar que o trabalho a chamava de volta para o Brooklyn e, depois que regressasse, escrever uma carta e contar que estava saindo com um homem a quem amava e com quem pretendia noivar e se casar. Só iria ficar em casa por mais algumas semanas. Deitada na cama, pensava que o mais sensato seria aproveitar ao máximo, não tomar nenhuma decisão importante naquilo que havia de ser apenas um interlúdio. Uma oportunidade de vir para casa daquele jeito era muito improvável de acontecer outra vez em sua vida. De manhã, pensou Eilis, ela ia acordar cedo, escrever uma carta a Tony e colocá-la no correio, a caminho do trabalho.

De manhã, foi difícil não pensar que ela era o fantasma de Rose, vendo a mãe lhe servir a comida e lhe falar da mesma forma e no mesmo horário em que falava com Rose, elogiar suas roupas com as mesmas palavras que usava com ela, e depois, ao ver a maneira como saiu afobada para o trabalho. Enquanto seguia o mesmo trajeto que Rose seguia, Eilis precisou deter seus passos a fim de não continuar andando da maneira elegante e decidida da irmã, e caminhar mais lentamente.

No escritório, Maria Gethings, sobre quem Rose falava muito, estava à sua espera e levou-a ao setor privativo onde guardavam o dinheiro. O problema, disse Maria, era que estava na época de maior movimento, e todos os motoristas de caminhão e operários da fábrica tinham feito horas extras uma semana antes. Ela contou que eles haviam cumprido seus horários, mas que nenhum recebera

o dinheiro a que tinha direito, disse que as horas extras haviam sido registradas em fichas especiais e que era preciso somá-las ao salário normal, que estava num outro registro, o contracheque de costume. Os papéis não estavam sequer em ordem alfabética, explicou.

Eilis disse que se Maria a deixasse sozinha por duas horas com todas as informações sobre os percentuais para calcular o pagamento das horas extras, ela iria criar um método, contanto que pudesse fazer perguntas a Maria toda vez que precisasse. Garantiu que renderia mais se trabalhasse sozinha e que recorreria a Maria se tivesse a menor dúvida. A mulher disse que ia fechar a porta e deixar Eilis no escritório sem ser incomodada e mencionou que os trabalhadores em geral vinham às cinco horas pegar seus salários e que o dinheiro para pagá-los estava no cofre.

Eilis encontrou um grampeador e começou a grampear as fichas com as horas extras de cada funcionário ao seu contracheque normal. Pôs os papéis em ordem alfabética. Quando tudo estava arrumado, examinou cada uma das fichas em que as horas extras estavam anotadas, calculou o valor segundo o percentual de acréscimo, que variava bastante conforme os anos de trabalho e o grau de responsabilidade, para saber quanto cada trabalhador devia receber, e depois acrescentou aquele ao valor ao salário normal do contracheque, de modo que no final só havia uma quantia para cada trabalhador. Ela anotava aquele valor numa lista à parte, que depois precisou somar com o objetivo de determinar quanto dinheiro era necessário para pagar a todos os trabalhadores o que lhes era devido. O trabalho seguiu sem interrupções, porque os dados estavam bem definidos e, contanto que ela se concentrasse para não cometer erros na soma, achava que ia conseguir dar conta da tarefa, se houvesse cédulas e moedas suficientes no cofre.

Eilis fez uma breve pausa para o almoço, insistiu com Maria que não precisava de nenhuma ajuda, só de uma pilha de envelopes e de alguém para abrir o cofre e ir ao banco buscar dinheiro trocado, se não houvesse o bastante ali. Às quatro da tarde, ela já havia preparado tudo, e a soma do dinheiro utilizado era igual ao valor de sua soma original. Eilis deu a cada trabalhador uma papeleta em seu envelope com detalhes do dinheiro que lhe era devido e além disso guardou uma cópia de cada um nos arquivos do escritório.

Esse era o trabalho com que sonhava quando ficava longas horas de pé na Bartocci's e via os empregados do escritório caminhando de lá para cá, enquanto ela dizia aos fregueses que as meias de cor sépia e café eram mais indicadas para peles mais claras e as meias vermelho raposa para peles mais escuras, ou quando estava assistindo às aulas e estudando para as provas do Brooklyn College. Eilis sabia que, quando ela e Tony casassem, ia ficar em casa, limpando, fazendo comida, indo às compras, depois tendo filhos e cuidando das crianças. Nunca tinha falado com Tony que gostaria de continuar trabalhando, ainda que só meio expediente, talvez em casa mesmo, cuidando da contabilidade de alguém que precisasse de um contador. Na Bartocci's, ela achava que nenhuma das mulheres que trabalhavam no escritório era casada. Quando chegou ao fim do seu dia de trabalho no escritório da Davis Mill's, Eilis se perguntou se ela não poderia cuidar da contabilidade da empresa que Tony ia criar com seus irmãos. Enquanto pensava naquilo, se deu conta de que tinha esquecido de escrever a ele de manhã e resolveu que ia tirar uma hora à noite para fazê-lo.

No domingo, pouco depois do almoço, com o tempo ainda quente, George, Nancy e Jim pararam o carro na frente de sua casa na rua Friary. Jim abriu a porta para ela entrar. Ele estava de camisa branca com as mangas arregaçadas; Eilis percebeu os pelos pretos em seus braços e a brancura de sua pele. Usava brilhantina no cabelo; ela achou que ele tinha feito um grande esforço para se arrumar. Quando saíram da cidade, Jim lhe falou com voz suave, contou como estava o pub na noite anterior e disse que ele tinha muita sorte, porque, embora os pais tivessem transferido o lugar para ele, ainda se dispunham a trabalhar lá quando ele queria sair.

George disse que Curracloe podia estar muito cheia de gente e achou que, em vez de dirigir para lá, podiam ir a Cush Gap e descer pelo penhasco até o mar. Era para lá que Eilis ia com Rose, seus irmãos e seus pais, quando eram pequenos, mas fazia anos que não ia e nem pensava no lugar. Quando passaram pelo povoado de Blackwater, ela quase apontou para os lugares que conhecia, como o pub da sra. Davis, onde o pai dela ia à noite, ou a loja de Jim O'Neill. Mas se conteve. Não queria parecer alguém que tinha voltado para casa depois de uma longa temporada no exterior. E, pensou, ali estavam coisas que ela

talvez nunca mais voltasse a ver num domingo de verão como aquele e que para os outros não eram nada de mais, apenas uma decisão que George havia tomado para poderem ir a um local mais tranquilo.

Eilis tinha certeza de que, se começasse a falar de suas recordações daquele lugar, eles notariam a diferença. Em vez disso, concentrou-se em cada casa enquanto subiam o morro, antes de fazer a curva para Bally Connigar, recordando coisas que haviam acontecido, pequenos passeios ao povoado com Jack, ou um dia em que seus primos, os Doyle, vieram fazer uma visita. Aquilo a deixava em silêncio e lhe deu a sensação de estar alheia da sensação de descontração, conforto e alegria que reinava no carro, quando viraram à esquerda e seguiram pela estreita alameda de areia rumo a Cush.

Depois que estacionaram, George e Nancy foram caminhando na frente, na direção do penhasco, enquanto Eilis e Jim seguiam atrás. Jim levava sua roupa de banho e sua toalha, além da bolsa de Eilis, onde estavam seu traje de banho e sua toalha. Na metade da alameda, pararam por um momento na casa dos Cullen, diante da qual estava sentado o velho professor de Jim, o sr. Redmond, com um chapéu de palha. Estava claramente de férias.

"Talvez este seja o nosso único verão, senhor", disse Jim.

"Então é melhor aproveitar ao máximo", respondeu o sr. Richmond. Eilis notou que ele tinha a voz meio mole.

Quando continuaram a andar, Jim disse em voz baixa que o sr. Richmond era o único professor de que ele havia gostado e que era uma pena ter sofrido um derrame.

"Onde está o filho dele?", perguntou Eilis.

"Eamon? Está estudando, acho. É o que ele costuma fazer."

Quando chegaram ao fim da alameda e olharam pela beirada do penhasco, viram que o mar lá embaixo estava calmo, quase liso. A areia próxima à beira da água tinha uma coloração amarelo-escura. Havia uma fila de aves marinhas que voavam muito baixo, perto das ondas que mal pareciam subir antes de quebrar-se serenamente, quase sem barulho. Uma vaga neblina encobria a linha entre o horizonte e o céu, mas afora aquilo o céu estava azul e limpo.

George teve de descer a última faixa de areia, no fundo do penhasco; esperou Nancy segui-lo e a segurou nos braços. Jim fez o mesmo, e Eilis achou que,

quando ele a segurou, abraçou-a forte demais e o fez como se fosse algo a que estivessem acostumados. Eilis estremeceu por um segundo ao pensar em Tony e imaginar o que aconteceria se ele os visse naquela hora.

Estenderam duas esteiras na areia, enquanto Jim tirava os sapatos e as meias e ia experimentar a água, de onde voltou dizendo que estava quase quente, muito melhor do que da vez anterior, e que ia trocar de roupa para nadar. George disse que iria junto com ele. O último a entrar na água, os dois combinaram, pagaria o jantar. Nancy e Eilis vestiram seus trajes de banho, mas ficaram sentadas nas esteiras.

"Às vezes eles parecem duas crianças", disse Nancy, enquanto as duas olhavam para George e Jim brincando dentro da água. "Se tivessem uma bola, iam ficar uma hora jogando."

"O que foi que aconteceu com a Annette?", perguntou Eilis.

"Eu sabia que você não iria com a gente na quinta-feira, se eu contasse que o Jim também iria, e sabia também que você não iria só comigo e com o George, por isso falei que Annette iria junto; foi uma mentirinha", disse Nancy.

"E o que aconteceu com os maus modos de Jim?"

"Ele só é mal-educado quando está nervoso", disse Nancy. "Não é assim de verdade. Tem o coração mole. E, além do mais, gosta de você."

"Quando foi que isso começou?"

"Quando viu você com sua mãe na missa das onze do domingo passado."

"Você pode me fazer um favor, Nancy?"

"O que é?"

"Você pode ir correndo até o mar dizer ao Jim que largue do meu pé? Ou, melhor ainda, vá até lá e diga a ele que você conhece uma pessoa que mora do outro lado de um lago de areia movediça, e pergunte a ele por que não dá um pulo lá de vez em quando."

As duas soltaram uma gargalhada, sentadas nas esteiras.

"Já está com tudo pronto para o casamento?", perguntou Eilis. Não queria ouvir mais nada sobre Jim Farrell.

"Tudo acertado, menos minha futura sogra, que todo dia inventa alguma novidade, sobre coisas que ela quer ou não quer. Minha mãe acha que ela é uma tremenda esnobe."

"Bem, e é mesmo, não é?"

"Não vou mais deixar que seja", disse Nancy. "Mas vou esperar até depois do casamento."

Quando George e Jim voltaram, os quatro saíram caminhando pela beira do mar. No início os dois homens correram para secar o corpo. Eilis achou graça ao ver como suas sungas eram apertadas e deselegantes. Nenhum americano seria visto na praia com uma roupa assim, pensou. E dois homens jamais andariam em Coney Island tão despreocupadamente como eles faziam, parecendo não prestar a menor atenção às duas mulheres que os observavam correr na frente, meio desajeitados, mantendo-se na areia firme, na beira do mar.

Não havia mais ninguém naquela faixa da praia. Eilis então entendeu por que George escolhera aquele local isolado. Ele e Jim, e talvez Nancy também, tinham planejado um dia perfeito em que Eilis e Jim formariam um casal, como George e Nancy. Quando deram meia-volta e Jim começou a falar com ela de novo, deixando os outros dois seguirem na frente, Eilis se deu conta de que gostava da sua presença corpulenta, desembaraçada, e também do tom de sua voz, que provinha de forma tão natural das ruas da cidade. Jim tinha olhos azuis e claros, pensou ela, que não viam maldade em nada. E Eilis tinha plena consciência de que aqueles olhos azuis agora se demoravam sobre ela com um interesse inequívoco.

Eilis sorriu ao pensar que continuaria aceitando aquilo. Estava de férias e era inofensivo, mas não ia entrar no mar com ele como se fosse sua namorada. Refletiu que gostaria de poder encarar Tony sabendo que não havia feito aquilo. Ela e Jim ficaram parados olhando George e Nancy brincar na água rasa e se movimentar juntos em direção às ondas. Quando Jim sugeriu que eles fossem para a água também, Eilis balançou a cabeça e começou a andar na frente dele. Por um segundo, se perguntou, quando Jim a alcançou, como se sentiria se soubesse que Tony tinha ido a Coney Island num dia como aquele, com um amigo e duas jovens, uma das quais passou um tempo andando sozinha com ele na beira do mar. Era impossível, pensou Eilis, era algo que ele jamais faria. E Tony iria sofrer diante da mais ínfima alusão ao que ela fazia agora. Quando os dois voltaram para onde haviam deixado suas coisas, Jim alisou a esteira para

Eilis e, ainda só de sunga, sorriu e se acomodou a seu lado debaixo do sol quente.

"Meu pai diz que esta parte da costa tem sofrido muito com a erosão", disse Jim, como se estivessem no meio de uma conversa.

"Anos atrás, ficávamos aqui uma ou duas semanas, no chalé que Michael Webster e Nora compraram. Não lembro quem era o dono quando o alugávamos. A gente percebia a mudança a cada verão que vinha para cá", disse Eilis.

"Meu pai diz que se lembra do seu pai aqui, anos atrás."

"Todos vinham de bicicleta da cidade até aqui."

"Tem praias perto do Brooklyn?"

"Ah, tem", disse ela, "e no verão ficam sempre lotadas nos fins de semana."

"Acho que por lá existe todo tipo de pessoa", disse ele, como se aprovasse a ideia.

"Todo tipo", disse ela.

Ficaram em silêncio por um tempo, enquanto Eilis se sentou, observando Nancy, que boiava na água enquanto George nadava perto dela. Jim sentou-se e observou-os também.

Em tom calmo, falou: "Que tal se a gente fosse experimentar a água?".

Eilis estava esperando aquilo e já tinha planejado dizer não. Se ele insistisse demais, planejara dizer que havia uma pessoa especial para ela no Brooklyn, um homem para o qual voltaria em breve. Mas quando ele disse aquilo, seu tom tinha uma humildade inesperada. Jim falou como uma pessoa que poderia facilmente se magoar. Eilis se perguntou se não seria uma encenação, mas ele olhava para ela com uma expressão tão vulnerável que Eilis, por um segundo, não soube o que fazer. Entendeu que, se recusasse, ele poderia ir sozinho para a água, como alguém derrotado; por qualquer razão, ela não queria presenciar aquilo.

"Está certo", disse.

Por um segundo, enquanto entraram andando no mar, ele segurou sua mão. Mas quando uma onda se aproximou ela se afastou de Jim e, sem hesitar mais, nadou para longe em linha reta. Não se virou para ver se ele a seguia, mas continuou nadando, atenta ao local onde George e Nancy estavam se beijando

e se abraçando forte, tentando evitar os dois, tanto quanto tentava evitar Jim Farrell.

Ficou contente em ver que Jim, embora fosse um bom nadador, não tentou ir atrás dela no início; em vez disso, nadou de costas numa linha paralela à praia e deixou-a sozinha. Ela estava apreciando a água, tinha esquecido como era limpa e calma. E quando se virou para cima e olhou o céu, enquanto batia os pés a fim de se manter boiando, Jim se aproximou, tomando cuidado, porém, para não tocá-la nem chegar muito perto. Quando seus olhares se cruzaram, ele sorriu. Agora tudo o que ele fazia, cada palavra que dizia e cada movimento seu parecia cuidadoso, contido e bem pensado, de modo a não irritá-la ou a não dar a impressão de estar se movendo depressa demais. E, quase como um aspecto de seu cuidado, ele deixou totalmente claro seu interesse por ela.

Eilis entendeu que não devia ter permitido que as coisas caminhassem tão rápido, que devia ter contado a Nancy, depois do primeiro passeio, que sua obrigação era ficar em casa com sua mãe, ou fazer companhia a ela quando saísse de casa, e que não poderia sair de novo com Nancy, George e Jim Farrell. Por um segundo, pensou em confiar em Nancy e lhe fazer uma confidência, não contar a verdade inteira, mas contar que, em breve, quando voltasse para o Brooklyn, ficaria noiva. Porém se deu conta de que era melhor não fazer nada. De qualquer forma, voltaria logo aos Estados Unidos.

Quando saiu da água com Jim, George tinha uma câmera fotográfica na mão. Enquanto Nancy olhava, Jim se pôs atrás de Eilis com os braços em volta de seu corpo; ela sentiu o calor que vinha dele, seu tronco pressionando o corpo dela, enquanto George tirava muitas fotos dos dois, antes que Jim tirasse fotos de George e Nancy na mesma pose. Dali a pouco, quando viram um pessoa solitária vindo caminhando do norte, de Keating's, ficaram esperando, e George, depois de mostrar ao desconhecido como se operava a câmera, pediu-lhe que tirasse umas fotos dos quatro. Jim se movimentava com uma aparente espontaneidade, mas nada do que ele fazia era por acaso, pensou Eilis, quando sentiu o peso de seu corpo de novo atrás dela. Porém ele tomava cuidado para não ficar tão perto de Eilis como George ficava de Nancy. Nenhuma vez ela sentiu a pressão de sua virilha contra seu quadril. Aquilo seria excessivo, e ela achou que Jim resolvera não arriscar. Depois que as fotos foram tiradas, Eilis

voltou à esteira, trocou de roupa e ficou deitada ao sol até que os outros estivessem prontos para ir embora.

No caminho de volta para Enniscorthy, ficou acertado que tomariam chá no restaurante do Hotel Courtown, que George achava que ficava aberto até as nove da noite, e depois iriam a um baile. George brincou com Nancy comentando quanto tempo ela ia demorar para se arrumar e Nancy insistia em que ela e Eilis precisavam lavar o cabelo depois de terem entrado no mar.

"Então, lavem depressa", disse George.

"Não pode ser depressa", retrucou Nancy.

Jim olhou para Eilis e sorriu.

"Puxa, eles ainda nem estão casados e já estão brigando."

"É por uma boa causa", disse Nancy.

"Ela tem razão", concordou Eilis.

Jim estendeu a mão com carinho e apertou a de Eilis. "Tenho certeza de que as duas têm razão", disse com sarcasmo e ironia suficientes para evitar a impressão de que estava dizendo aquilo para ganhar a simpatia dela.

Combinaram que estariam prontas às sete e meia. A mãe de Eilis examinou todos os seus vestidos e sapatos, enquanto a garota lavava o cabelo. Ela estava com o ferro e a tábua de passar já prontos, caso as roupas que escolhessem estivessem amassadas. Quando Eilis apareceu com uma toalha enrolada na cabeça, viu que sua mãe havia escolhido um vestido azul com flores estampadas, que era o predileto de Tony, e um sapato azul. Eilis estava à beira de dizer à mãe que não podia vestir aquilo, mas como se deu conta de que qualquer explicação que inventasse provocaria uma tensão desnecessária, foi em frente e vestiu-o. Sua mãe, que parecia não se importar de ficar sozinha em casa o resto da noite e que, em vez disso, se mostrava entusiasmada com os preparativos de Eilis para sair outra vez, tratou de passar o vestido, enquanto ela punha rolinhos no cabelo e ligava o secador elétrico que pertencera a Rose.

George e Jim conheciam o dono do Hotel Courtown das partidas de rúgbi e tinham conseguido com ele uma mesa especial, com velas, vinho e também um cardápio especial, com champanhe no final. Ela observava como os outros lançavam olhares para eles, como se fossem as pessoas mais importantes no restaurante. George e Jim estavam de paletó esporte, gravata e calças de flanela.

Enquanto observava Nancy examinando o cardápio e fazendo o pedido de seu prato, Eilis percebeu algo novo nela: estava mais refinada do que antes, levava a sério as maneiras solenes do garçom, ao passo que anos antes teria erguido os olhos para o céu diante da pompa do homem ou teria dito a ele algo informal e amistoso. Em breve, pensou Eilis, ela seria a sra. George Sheridan, e isso teria certa importância na cidade. Nancy começava a representar seu papel com prazer.

Mais tarde, no bar do hotel, George, Jim e o dono do hotel tinham um aspecto atraente e educado enquanto conversavam sobre a temporada das partidas de rúgbi que havia terminado pouco antes. Era estranho, pensou Eilis, que George e Jim não estivessem em Courtown com as irmãs de seus amigos. Todos na cidade, ela sabia, ficaram surpresos quando George começou a sair com Nancy, cujos irmãos nunca jogaram rúgbi na vida, e Eilis supunha que isso acontecia porque Nancy era muito bonita e tinha maneiras elegantes. Dois anos antes, lembrou, quando Jim Farrel se mostrara francamente rude com ela, Eilis achou que o motivo era ela vir de uma família que não possuía nada na cidade. Agora que voltara dos Estados Unidos, acreditava Eilis, consigo algo de novo, algo próximo de um glamour, o que tornava tudo diferente para ela, enquanto estava sentada ao lado de Nancy, observando os homens entretidos na conversa.

Eilis não esperava ver tanta gente de Enniscorthy no salão de baile. Muitos dançarinos pareciam saber que Nancy e George iam se casar em breve e os dois recebiam cumprimentos enquanto se moviam pelo salão. Jim, Eilis percebeu, tinha um jeito de cumprimentar as pessoas com um aceno de cabeça que indicava apenas que as conhecia. Não chegava a ser inamistoso, mas também não era um convite para que se aproximassem. Pareceu a Eilis mais austero do que George, que era só sorrisos, e Eilis se perguntou se aquilo não seria porque ele administrava um pub e por isso sabia quem eram muitas daquelas pessoas e tentava manter certa distância delas.

Eilis dançou com Jim a noite inteira, menos quando George e Jim trocavam de par, e isso só aconteceu por um breve intervalo. Eilis sabia que estava sendo observada e que as pessoas da cidade comentavam, sobretudo quando o ritmo da música acelerava e ficava claro que Jim e ela eram bons dançarinos, mas

também mais tarde, quando as luzes ficaram mais fracas, a música ganhou um ritmo mais lento e os dois dançaram juntos um do outro.

Do lado de fora, quando o baile terminou, a noite ainda estava quente. Jim e Eilis deixaram George e Nancy caminharem na frente, rumo ao carro, e disseram que iriam encontrá-los dali a pouco. Jim havia se comportado de forma impecável o dia inteiro: não tinha chateado nem irritado Eilis, nem a havia pressionado demais; parecia imensamente atencioso, às vezes divertido, não se importava de ficar em silêncio, além de ser educado. Ele se destacava no salão de baile, onde alguns ficaram embriagados, outros eram velhos demais, ou pareciam ter vindo a Courtown em tratores. Jim era bonito, educado, elegante e, à medida que a noite passava, Eilis sentia orgulho de estar com ele. Agora encontraram um espaço entre uma hospedaria e um chalé novo e começaram a se beijar. Jim se movia devagar; a intervalos, segurava a cabeça dela nas mãos para poder fitar seus olhos na penumbra e beijá-la com ardor. A sensação da língua de Jim em sua boca fez Eilis corresponder ao beijo com naturalidade no início e depois com algo próximo à verdadeira excitação.

No carro, no caminho de volta para Enniscorthy, sentados juntos no banco de trás, tentavam disfarçar o que estavam fazendo, mas no final acabaram desistindo, causando muitos risos de Nancy e de George.

Na segunda-feira de manhã, quando chegou uma mensagem para Eilis comparecer ao escritório, ela achou que era porque queriam lhe pagar pelo seu trabalho. Quando chegou lá, encontrou Maria Gethings de novo à sua espera.

"O senhor Brown quer falar com você", disse Maria. "Vou verificar se ele está com alguém agora."

O sr. Brown tinha sido o chefe de Rose e era um dos proprietários da fábrica. Eilis sabia que ele era da Escócia e várias vezes o vira passar dirigindo um carro muito grande e lustroso. Havia notado a reverência na voz de Maria quando falou seu nome. Após um breve intervalo, ela voltou e disse que ele ia receber Eilis imediatamente. Conduziu a garota por um corredor até uma sala que ficava no final dele. O sr. Brown estava sentado numa poltrona de couro alta, atrás de uma escrivaninha comprida.

"Senhorita Lacey", disse, levantando-se e estendendo o braço por cima da escrivaninha para apertar a mão de Eilis. "Escrevi à sua mãe quando a pobre

Rose morreu, ficamos muito abalados e cheguei a pensar se não convinha fazer uma visita. Soube também que a senhorita voltou dos Estados Unidos e Maria me disse que tem um diploma de contabilidade. É contabilidade americana?"

Eilis explicou que achava que não havia grande diferença entre os dois sistemas.

"Não creio que haja mesmo", disse o sr. Brown. "De qualquer forma, Maria ficou muito satisfeita com a maneira como a senhorita resolveu a questão dos salários na semana passada, mas não ficamos surpresos, é claro, pois a senhorita é irmã de Rose. Ela era um primor de eficiência, e sentimos muito sua falta."

"Rose foi um grande exemplo para mim", disse Eilis.

"Até a época de maior movimento acabar", prosseguiu o sr. Brown, "vai ser difícil para nós saber como iremos nos organizar aqui no escritório, mas certamente vamos precisar de um contador e de uma pessoa familiarizada com o método de pagamento dos salários no futuro. Mesmo assim gostaríamos que a senhorita continuasse a cuidar do pagamento dos salários em regime de meio expediente e voltaríamos a falar depois, daqui a algum tempo."

"Vou voltar para os Estados Unidos", disse Eilis.

"Bem, sim, é claro", disse o sr. Brown. "Mas eu e a senhorita voltaremos a conversar antes que tome qualquer decisão definitiva."

Eilis estava prestes a dizer que já havia tomado uma decisão definitiva, mas como o tom de voz do sr. Brown sugeria que por ora ele não precisava conversar mais sobre o assunto, entendeu que não se esperava dela nenhuma réplica. Em vez disso, levantou-se, o sr. Brown também, e ele a acompanhou até a porta e mandou seus cumprimentos a sua mãe antes de entregá-la aos cuidados de Maria Gethings, que já trazia na mão, para Eilis, um envelope com dinheiro.

Naquela noite, Eilis prometera ir à casa de Nancy a fim de ver a lista de pessoas convidadas para o café da manhã do dia do casamento e planejar com ela onde ficariam sentadas. Eilis, perplexa, contou-lhe a entrevista que tivera com o sr. Brown.

"Dois anos atrás", disse ela, "ele nem quis me ver. Sei que Rose perguntou a ele se havia alguma possibilidade de uma vaga para mim e ele respondeu apenas que não. E mais nada."

"Bem, as coisas mudaram."

"E dois anos atrás Jim Farrell parecia achar que era seu dever me ignorar no Athenaeum, embora George tivesse praticamente pedido a ele que dançasse comigo."

"Você mudou", disse Nancy. "Parece diferente. Tudo em você está diferente, não para aqueles que a conhecem, mas para as pessoas da cidade que só a conheciam de vista."

"O que foi que mudou?"

"Você parece mais adulta e mais séria. E, com suas roupas americanas, você está diferente. Há certo ar em você. Jim não para de querer que a gente arrume mais pretextos para sairmos juntos."

Mais tarde, quando a mãe e Eilis tomavam uma xícara de chá antes de irem dormir, ela recordou à filha que conhecia os Farrel, embora fizesse anos que não ia à casa deles, que ficava em cima do pub.

"De fora não se vê muito bem", disse, "mas é uma das casas mais bonitas da cidade. Os dois quartos do primeiro andar têm portas duplas entre eles, e lembro que, mesmo anos atrás, as pessoas comentavam como eram espaçosos. E ouvi dizer que os pais vão se mudar para Glenbrien, de onde a mãe é, para uma casa que a tia lhe deixou de herança. O pai adora cavalos, é um apreciador de corridas de cavalos e vai criar cavalos lá, pelo menos foi o que ouvi dizer. E Jim vai ficar com a casa inteira só para si."

"Ele vai sentir muita falta dos pais", disse Eilis. "Porque eles cuidam do pub quando ele quer sair."

"Ah, vai ser uma coisa bem gradual, eu acho", respondeu a mãe.

No primeiro andar, na cama, Eilis achou duas cartas de Tony e se deu conta, quase com um choque, de que não havia escrito para ele como pretendia. Olhou bem os dois envelopes, a letra de Tony, e ficou parada no quarto com a porta fechada pensando em como era estranho que tudo a respeito dele parecesse tão distante. E não só aquilo, mas tudo o que havia acontecido no Brooklyn parecia ter quase se dissolvido e não era mais algo presente e vivo para ela — seu quarto na pensão da sra. Kehoe, por exemplo, suas provas, o bonde do Brooklyn College para casa, o salão de baile, o apartamento onde Tony morava com os pais e os três irmãos ou a Bartocci's. Eilis repassava mentalmente tudo aquilo como se tentasse recuperar algo que apenas algumas

semanas antes parecia tão cheio de detalhes, tão sólido.

Eilis colocou as cartas sobre o gaveteiro e resolveu que iria responder quando voltasse de Dublin na noite seguinte. Contaria a Tony todos os preparativos para o casamento de Nancy, as roupas que ela e a mãe tinham comprado para a festa de casamento. Poderia até lhe falar da entrevista que tivera com o sr. Brown e como tinha dito a ele que ia voltar para o Brooklyn. Escreveria como se ainda não tivesse recebido aquelas duas cartas e não as abriria agora, pensou, esperaria até haver terminado de escrever a sua.

A ideia de que ia deixar tudo aquilo — os cômodos da casa, de novo familiar, quente, confortável —, voltar para o Brooklyn e por muito tempo não retornar outra vez para a Irlanda a deixava apavorada agora. Sentou na beira da cama, tirou os sapatos, deitou-se de costas com os braços atrás da cabeça, sabendo que havia passado todos esses dias mantendo longe qualquer pensamento sobre sua partida e o que encontraria lá quando chegasse.

Às vezes, vinha uma lembrança pungente, mas na maior parte do tempo não vinha lembrança nenhuma. Eilis agora precisava fazer um esforço para se lembrar que estava casada com Tony, que ia ter de encarar o calor escaldante do Brooklyn, a rotina maçante na Bartocci's e seu quarto na pensão da sra. Kehoe. Teria de encarar uma vida que agora lhe parecia uma provação, com gente estranha, sotaques estranhos, ruas estranhas. Tentava pensar em Tony como uma presença amorosa e consoladora, mas em vez disso via alguém a quem ela estava unida, gostasse disso ou não, alguém que, pensava Eilis, dificilmente a deixaria esquecer a natureza da aliança que havia entre os dois e a necessidade que ele mesmo sentia do regresso de Eilis.

Dias antes do casamento, quando Eilis já estava trabalhando em regime de meio expediente no escritório da Davis Mill's, Jim Farrel fora buscá-la na saída do trabalho. Os dois tinham ido almoçar em Wexford, depois foram ao cinema e agora, a caminho de casa, ele lhe perguntou quando ela pretendia voltar para o Brooklyn. Eilis tinha recebido uma carta da companhia de navegação sugerindo que entrasse em contato com eles por telefone quando quisesse marcar a passagem de volta, mas ela não havia telefonado para a empresa.

"Ainda preciso telefonar para a companhia de navegação, mas provavelmente será daqui a duas semanas."

"Você fará falta aqui", disse ele.

"É muito difícil deixar minha mãe sozinha agora", retrucou ela.

Jim não falou nada por um tempo, até passarem por Oylegate.

"Meus pais vão se mudar para a zona rural em breve. A família da minha mãe é de Glenbrien, e a tia dela lhe deixou uma casa lá, que eles estão reformando."

Eilis não disse que a mãe já havia lhe contado aquilo. Ela não queria que Jim soubesse que elas andaram conversando sobre a vida dele.

"E isso significa que vou ficar morando sozinho na casa em cima do pub."

Eilis ia lhe perguntar em tom de gozação se ele sabia cozinhar, mas se deu conta de que podia parecer uma pergunta destinada a induzir um assunto.

"Você podia ir tomar um chá conosco num fim de tarde", sugeriu ele. "Meus pais iriam adorar ver você."

"Muito obrigada", disse ela.

"Vamos combinar isso depois do casamento."

Ficou resolvido que Jim viria de carro para levar Eilis e sua mãe, e também Annette O'Brien e sua irmã mais nova, Carmel, à recepção do casamento em Wexford, depois da missa na catedral de Enniscorthy. Naquela manhã, acordaram cedo na rua Friary, a mãe entrou no quarto de Eilis com uma xícara de chá, contou que o dia estava nublado e que agora torcia para que a chuva não viesse atrapalhar. Na noite anterior, as duas tinham deixado suas roupas já cuidadosamente prontas para a manhã. A de Eilis, que ela comprara na loja Arnotts, em Dublin, tivera de ser reformada, pois a saia e as mangas estavam compridas demais. A saia era vermelho-claro, e com ela Eilis ia usar uma blusa branca de algodão com acessórios que havia comprado nos Estados Unidos — meias com um toque de vermelho, sapatos vermelhos, um chapéu vermelho e uma bolsa branca. A mãe ia vestir um conjunto de tweed cinzento que havia comprado na loja Switzers. Estava triste por ter de usar sapatos de salto baixo, pois seus pés agora doíam e inchavam quando fazia calor ou quando precisava andar muito. Ia vestir uma blusa de seda cinzenta que tinha sido de Rose, não só porque gostava da blusa, disse ela, mas porque a filha teria adorado aquilo, e seria agradável vestir no casamento de Nancy algo que ela teria adorado.

Ficou combinado que, se chovesse, Jim as pegaria de carro e as levaria até a

catedral, mas se o tempo ficasse bom as encontraria lá. Eilis escrevera várias cartas a Tony e tinha aberto uma das cartas dele, que contava uma viagem a Long Island com Maurice e Laurence para ver o terreno que haviam comprado e pretendiam dividir em cinco lotes. Agora corriam muitos boatos, disse ele, de que os serviços públicos como água e eletricidade logo viriam na direção do terreno deles, a preço bem baixo. Eilis dobrou aquela carta e colocou-a na gaveta junto com as outras cartas de Tony e as fotos do dia na praia em Cush, que Nancy tinha lhe dado. Eilis agora ficou olhando para a foto em que ela estava com Jim, como os dois pareciam felizes: ele com os braços em volta do pescoço dela, sorrindo para a câmera, e ela com a cabeça inclinada para trás, sorrindo como se não tivesse nenhuma preocupação no mundo. Eilis não sabia o que fazer com aquelas fotografias.

Quando a mãe olhava o tempo, Eilis sabia que ela torcia para que chovesse, sabia que nada no mundo a deixaria mais contente do que a vinda de Jim Farrel de carro para apanhar as duas e levá-las à catedral, que ficava a pouca distância dali. Era um desses dias em que os vizinhos, por causa do casamento, sentiam-se à vontade para vir até a porta de sua casa ver como Eilis e sua mãe estavam arrumadas e lhes desejar um bom dia. E também haveria alguns vizinhos, pensou Eilis, que já sabiam que ela andava saindo com Jim Farrel e o encaravam da mesma forma que sua mãe, como um ótimo partido, um jovem da cidade que tinha seu próprio negócio. O fato de Jim Farrel vir apanhá-las de carro era para sua mãe, pensava Eilis, o maior acontecimento que havia ocorrido desde o dia em que ela voltara.

Quando os primeiros pingos de chuva bateram no vidro da janela, um olhar de satisfação sem disfarce surgiu no rosto da mãe.

"Não vamos arriscar", disse ela. "Tenho medo de a gente chegar na Market Square e aí cair uma chuvarada. Tenho medo de que o vermelho manche essa sua blusa branca."

Em seguida a mãe passou a meia hora seguinte de plantão na frente da janela, para ver se a chuva ia diminuir ou se Jim Farrel chegava mais cedo. Eilis ficou na cozinha, mas deixou tudo preparado, caso ele viesse buscá-las. A certa altura, a mãe foi à cozinha dizer que deviam convidar Jim para ir até a sala, mas Eilis insistiu que as duas tinham de estar prontas para sair assim que ele

chegasse de carro. Por fim, ela foi até a janela, olhar junto com a mãe.

Quando Jim chegou, ele abriu a porta do motorista e saiu rapidamente com um guarda-chuva. Eilis e a mãe moveram-se alvoroçadas para a entrada. A mãe abriu a porta.

"Não se preocupem com o horário", disse Jim. "Vou deixar vocês na porta da catedral, depois vou estacionar o carro. Acho que temos tempo de sobra."

"Eu ia lhe oferecer uma xícara de chá", disse a mãe.

"Não temos tempo para isso, na verdade", respondeu Jim e sorriu. Estava com um terno claro, camisa azul, gravata azul com listras e sapatos bege.

"Sabe, acho que é só uma chuvinha à toa", disse a mãe enquanto caminhava na direção do carro. Eilis notou que Mags Lawton, da casa vizinha, tinha aparecido e estava acenando para ela. Ficou parada na porta esperando que Jim voltasse com o guarda-chuva, mas não respondeu ao aceno de Mag nem a encorajou a fazer nenhum comentário. Na hora em que fechou a porta de casa e seguiu na direção do carro, Eilis notou que duas outras portas se abriram e entendeu que, para o imenso contentamento da mãe, logo iria se espalhar a notícia de que Jim Farrel tinha vindo apanhar mãe e filha em seu carro, as duas no auge da elegância.

"Jim é um perfeito cavalheiro", disse a mãe enquanto caminhava para a catedral. Eilis notou que ela andava devagar, com um ar de orgulho e dignidade, sem olhar nem à esquerda nem à direita, plenamente consciente de estar sendo observada e desfrutando ao máximo o espetáculo que ela e a filha, que dali a pouco estaria na companhia de Jim Farrell, estavam oferecendo na igreja.

Mas aquilo não era nada comparado ao espetáculo que Nancy oferecia, coberta por um véu e com um vestido longo e branco, caminhando lentamente pelo corredor central da igreja, acompanhada pelo pai, enquanto George a esperava no altar. Quando a missa começou e as pessoas na igreja se sentaram, Eilis, com Jim a seu lado, se viu às voltas com um pensamento que lhe acudia às vezes de manhã cedinho, quando estava deitada na cama. Ela se perguntava o que faria se Jim a pedisse em casamento. Na maior parte do tempo, a ideia era um absurdo; os dois não se conheciam o bastante e, portanto, só podia ser algo improvável. Além do mais, achava que cabia a ela não encorajar Jim a fazer tal

pedido, pois não poderia dar nenhuma outra resposta que não fosse uma recusa.

No entanto, Eilis não conseguia se obrigar a parar de pensar no que aconteceria se tivesse de escrever a Tony para dizer que o casamento deles fora um erro. Seria muito difícil se divorciar? Seria ela capaz de contar a Jim o que tinha feito no Brooklyn tão pouco tempo antes? A única pessoa divorciada que os moradores da cidade conheciam era Elizabeth Taylor e talvez mais algumas estrelas do cinema. Talvez fosse possível explicar a Jim como ela acabara se casando, mas ele era uma pessoa que nunca tinha vivido fora da cidade. Sua inocência e sua cordialidade, duas coisas que faziam dele uma boa companhia, representariam na verdade limitações, pensou Eilis, sobretudo quando se levantasse o assunto do divórcio, algo desconhecido e impraticável ali. A melhor coisa a fazer, pensou, era tirar tudo aquilo da cabeça, mas agora, enquanto a cerimônia prosseguia, era difícil não sonhar consigo mesma no altar, seus irmãos voltando para assistir ao casamento e a mãe sabendo que Eilis ia viver numa casa bonita, situada a poucas ruas de sua própria casa.

Quando voltou da comunhão para seu lugar, Eilis tentou rezar e se viu de fato respondendo à pergunta que estava prestes a fazer em suas orações. A resposta era que não havia nenhuma resposta, que nada que ela fizesse seria direito. Imaginou Tony e Jim frente a frente, ou encontrando-se um com o outro, os dois sorrindo, cordiais, amistosos, descontraídos, Jim menos ansioso que Tony, menos divertido, menos curioso, porém mais contido e mais seguro de seu próprio lugar no mundo. E pensou na mãe, agora ao lado dela na igreja, o choque devastador da morte de Rose atenuado de certo modo pelo regresso de Eilis. E viu os três — Tony, Jim, a mãe — como figuras a quem ela só podia fazer mal, como pessoas inocentes rodeadas por luz e claridade, e girando em volta delas estava ela mesma, Eilis, escura, incerta.

Enquanto George e Nancy saíam da igreja caminhando devagar pelo corredor central, Eilis pensou que faria qualquer coisa para ficar ao lado da doçura, da certeza e da inocência, sabendo que poderia começar sua vida sem sentir que tinha feito algo tolo e pernicioso. A despeito do que decidisse, pensou, não existia um modo de evitar as consequências do que já havia feito ou do que pudesse vir a fazer. Enquanto saía pelo corredor central da igreja com Jim e a mãe, e se juntava à fila de cumprimentos do lado de fora da igreja,

onde o tempo havia melhorado, ocorreu a Eilis que agora tinha certeza de que não amava Tony. Ele parecia parte de um sonho do qual ela despertara com uma força muito grande algum tempo antes, e durante o tempo em que se mantivera desperta a presença dele, antes tão palpável, perdera toda forma e substância; não passava de uma sombra que pairava à margem de cada momento do dia e da noite.

Quando posaram para as fotos do lado de fora da catedral, o sol saiu, e muitos curiosos vieram ver a noiva e o noivo se preparando para viajar para Wexford num grande carro alugado, decorado com fitas.

No café da manhã do casamento, Eilis conversava com Jim Farrel de um lado e, do outro, com um irmão de George que tinha vindo da Inglaterra para o casamento. Ela era observada com carinho e atenção pela mãe. Para Eilis era quase cômico, toda hora que a mãe punha um bocado de comida na boca, ela se voltar para ver se Eilis continuava ali, com Jim Farrel bem firme à sua direita, e se eles pareciam estar se divertindo. A mãe de George Sheridan, ela viu, parecia uma duquesa antiga, a quem não restara nada senão um chapéu grande, algumas joias velhas e sua imensa dignidade.

Mais tarde, depois dos discursos, quando tiraram as fotos da noiva e do noivo, e depois as da noiva com sua família e as do noivo com a dele, a mãe de Eilis aproximou-se dela e disse, num sussurro, que tinha arranjado uma carona até Enniscorthy, para ela e as duas garotas O'Brien. O tom de voz da mãe era alegre e conspiratório demais. Eilis se deu conta de que Jim Farrel acreditaria que sua mãe maquinara aquilo e se deu conta também de que não havia nada que ela pudesse fazer para que Jim soubesse que ela mesma não tinha nada a ver com aquilo. Enquanto ela e ele olhavam o carro dos noivos ir embora e aplaudiam com alegria os recém-casados, foram abordados pela mãe de Nancy, que se encontrava num estado de grande felicidade, reforçado, pensou Eilis, por muitas taças de xerez, além de vinho e champanhe.

"E então, Jim", disse ela, "não sou a única que anda dizendo que a próxima festança que vamos ter por aqui será o seu grande dia. Nancy vai ter muitos conselhos para dar a você, Eilis, quando voltar."

Começou a rir de um modo cacarejante, que a garota achou inconveniente ao extremo. Olhou em redor para ter certeza de que ninguém estava prestando

atenção a eles. Jim Farrell, ela viu, olhava friamente para a sra. Byrne.

"Quando é que íamos imaginar", prosseguiu a sra. Byrne, "que teríamos a nossa Nancy na família dos Sheridan? E ouvi dizer que os Farrell estão de mudança para Glenbrien, Eilis."

A expressão no rosto da sra. Byrne era de uma amável insinuação; Eilis se perguntou se poderia inventar uma desculpa e simplesmente fugir para o banheiro e assim não ter de ouvir mais aquela mulher. Mas então, pensou, iria deixar Jim sozinho com ela.

"Jim e eu prometemos à minha mãe mostrar a ela onde está o carro", falou Eilis depressa, puxando o rapaz pela manga do paletó em sua direção.

"Ah, Jim e eu!", exclamou a sra. Byrne, que parecia uma mulher da periferia numa noite de sábado, voltando para casa. "Vocês ouviram só o que ela disse? Jim e eu! Ah, não demora muito e vamos ter mais um grande dia para comemorar por aqui, e sua mãe vai ficar encantada, Eilis. Quando foi levar o presente de casamento outro dia, ela nos contou que ia achar maravilhoso, e também por que não haveria de achar?"

"Precisamos ir, senhora Byrne", disse Eilis. "A senhora nos desculpe."

Enquanto se afastavam, Eilis virou-se para Jim, estreitou os olhos e balançou a cabeça.

"Imagine só ter essa mulher como sogra!", disse ela.

Era apenas um pequeno gesto de deslealdade, pensou Eilis, mas evitaria que Jim pensasse que ela mesma tinha qualquer coisa a ver com o estado em que a sra. Byrne se encontrava.

Jim conseguiu dar um sorriso gelado. "Podemos ir?", perguntou.

"Sim", disse ela, "minha mãe sabe exatamente onde pegar sua carona para Enniscorthy. Não há mais nenhuma necessidade de ficarmos aqui." Tentou dar à voz um tom controlado e altivo.

No carro, saíram do estacionamento do Hotel Talbot, passaram pelo cais e atravessaram a ponte. Eilis resolveu que não ficaria mais pensando no que a mãe podia ter falado para a sra. Byrne nem, de fato, naquilo que a própria sra. Byrne tinha falado. E se Jim quisesse, e se isso servisse para ajudar a explicar seu silêncio e sua mandíbula fortemente contraída, ele podia ficar assim o tempo que quisesse. Eilis estava resolvida a não falar nada até que ele falasse e a não

fazer nada para distraí-lo nem para alegrá-lo.

Quando tomaram o caminho de Curracloe, por fim ele falou. "Minha mãe me pediu para avisar você que o clube de golfe vai criar um prêmio em homenagem a Rose. Ele vai ser entregue pela chefe da equipe, como um troféu especial do Dia da Chefe da Equipe, para a novata no clube que conseguir fazer o maior número de pontos. Ela diz que Rose sempre foi muito simpática com as pessoas novas na cidade."

"Sim", disse Eilis, "ela sempre era atenciosa com gente nova, é verdade."

"Pois é, vão promover uma recepção para anunciar o prêmio na semana que vem e minha mãe achou que você podia ir tomar chá conosco e depois iríamos juntos para a recepção no clube de golfe."

"Seria muito agradável", respondeu Eilis. Estava prestes a dizer que sua mãe ia ficar encantada quando soubesse, mas então achou que já tinham ouvido falar demais de sua mãe por aquele dia.

Jim estacionou o carro e os dois desceram até a beira da praia. Embora ainda estivesse calor, havia uma forte bruma, quase uma neblina, acima do mar. Começaram a caminhar para o norte, rumo a Ballyconnigar. Eilis sentia-se relaxada com Jim, agora que estavam longe do casamento, e contente por ele não ter se referido ao que a sra. Byrne falara nem parecer que estava pensando no assunto.

Depois que passaram por Ballyvaloo, encontraram um lugar nas dunas onde puderam se sentar confortavelmente. Jim sentou-se primeiro e depois abriu espaço para ela, de modo que Eilis ficou encostada nele, de costas. Jim passou os braços em volta dela.

Não havia mais ninguém na praia. Eles olhavam para as ondas, que quebravam suavemente na areia fofa, e ficaram algum tempo em silêncio.

"Gostou do casamento?", perguntou ele afinal.

"Sim, gostei", respondeu ela.

"Eu também", disse ele. "Para mim é sempre divertido ver os irmãos e as irmãs de todo mundo, porque sou filho único. Acho que deve ter sido muito triste para você perder sua irmã. Hoje, ao ver o George com seus irmãos e a Nancy com suas irmãs, tive uma sensação estranha."

"Foi difícil ser filho único?"

“Acho que parece mais importante agora”, disse Jim, “quando meus pais estão ficando velhos e só existo eu. Mas talvez tenha sido importante também antes, de outras maneiras. Na verdade, nunca fui muito bom em lidar com as pessoas. Conversava com os fregueses no pub e tudo o mais, isso eu sabia fazer. Mas estou falando de fazer amigos. Nunca fui bom para fazer amigos. Sempre tive a sensação de que as pessoas não gostavam de mim ou que não sabiam o que pensar de mim.”

“Mas é claro que você tem muitos amigos.”

“Na verdade, não”, disse ele, “e quando eles começaram a ter namoradas, ficou ainda mais difícil. Sempre tive problemas para conversar com as garotas. Lembra daquela noite em que eu conheci você?”

“Você está falando lá no Athenaeum?”

“Sim”, disse ele. “No caminho para o salão naquela noite, Alison Prendergast, com quem eu estava mais ou menos namorando, rompeu comigo. Eu já sabia que ia acontecer, mas ela resolveu me dizer na entrada do baile. E o George, eu sabia, gostava muito da Nancy, e ela estava lá. Assim ele poderia ficar com ela. E aí ele trouxe você, eu tinha visto você na cidade, gostei de você, estava sozinha e foi simpática e amistosa. Pensei, lá vamos nós outra vez. Se eu pedir que ela dance comigo, não vou saber o que falar, mesmo assim achei que tinha de pedir. Eu estava achando péssimo ficar ali sozinho, mas não consegui ter coragem de pedir que dançasse comigo.”

“Pois devia ter pedido”, disse ela.

“E depois, quando eu soube que você tinha partido, achei que era sorte minha.”

“Eu me lembro de você naquela noite”, disse ela. “Tive a impressão de que não gostou da gente, nem de mim nem de Nancy.”

“E depois, quando eu soube que você tinha voltado para casa”, disse ele, como se não tivesse ouvido, “e vi você, e você estava incrível, e eu andava tão deprimido depois de todo aquele episódio com a irmã da Nancy, achei que eu tinha de fazer qualquer coisa para encontrar você de novo.”

Puxou-a mais para perto e pôs as mãos nos seus seios. Eilis podia ouvi-lo respirando ofegante.

“Podemos conversar sobre o que vamos fazer?”, perguntou ele.

"Claro", respondeu ela.

"Quer dizer, se você tiver de voltar, então talvez pudéssemos ficar noivos antes de você ir."

"Talvez pudéssemos falar sobre isso mais adiante", disse ela.

"Quero dizer, se eu perder você desta vez, bem, não sei como dizer isto, mas..."

Ela se virou para ele, os dois começaram a se beijar e ficaram ali até que a neblina se tornou mais densa e os primeiros vestígios da noite desceram. Então caminharam de volta até o carro e foram para Enniscorthy.

Alguns dias depois, chegou um bilhete da mãe de Jim convidando Eilis formalmente para tomar chá na quinta-feira seguinte e comunicando a recepção no clube de golfe em homenagem a Rose, aonde iriam logo depois do chá. Eilis mostrou a carta para a mãe e perguntou se ela gostaria de ir também à recepção, mas a mãe disse que não, seria muito triste para ela, porém estava feliz por Eilis ir com os Farrell e assim representar a família.

Choveu todo o fim de semana seguinte. Jim pegou-a em casa no sábado, os dois foram a Riosslare e no início da noite jantaram no Hotel Strand. Enquanto comiam lentamente a sobremesa, Eilis sentiu-se tentada a contar tudo a Jim, pedir sua ajuda, até seu conselho. Ele era bom, pensava Eilis, além de ser sensato e inteligente em certos aspectos, mas era conservador. Gostava de sua posição na cidade e para ele era importante ser dono de um pub respeitável e vir de uma família também respeitável. Nunca havia feito nada fora do comum na vida e, pensava Eilis, nunca faria. A visão que tinha do mundo e de si mesmo não incluía a possibilidade de ficar um tempo com uma mulher casada e, pior ainda, uma mulher que não tinha contado para ele nem para ninguém que era casada.

Olhou para o rosto dele na luz suave do restaurante do hotel e resolveu não contar nada por enquanto. Voltaram a Enniscorthy. Em casa, em seu quarto, quando olhou as cartas de Tony guardadas na gaveta, algumas delas ainda fechadas, se deu conta de que nunca chegaria a hora de contar a Jim. Não podia ser contado; a reação dele à sua farsa era algo que ela nem conseguia imaginar. Eilis precisava voltar.

Já fazia algum tempo que vinha adiando o momento de escrever ao padre

Flood, à srta. Fortini ou à sra. Kehoe, explicando sua ausência prolongada. Resolveu escrever nos próximos dias. Tentaria não adiar mais o que tinha de fazer. Mas a ideia de que teria de dizer à mãe a data de sua partida e de que teria de se despedir de Jim Farrell ainda a enchiam de temor, o bastante para que, mais uma vez, afastasse as duas coisas da cabeça. Pensaria naquilo em breve, mas não naquele momento.

Um dia antes do evento no clube de golfe, Eilis tinha ido sozinha no início da tarde ao cemitério para visitar o túmulo de Rose mais uma vez. Tinha garoado e ela levara um guarda-chuva. Quando chegou ao cemitério, notou que o vento estava quase gelado, embora ainda fosse início de julho. Naquela luz cinzenta e nublada, o cemitério onde a irmã jazia parecia um lugar ermo e abandonado, sem árvores, nada brotava ali, havia apenas fileiras de lajes tumulares, trilhas e por baixo de tudo o silêncio dos mortos. Eilis viu nas lajes nomes que reconheceu, pais ou avós de seus amigos de escola, homens e mulheres de que se lembrava bem, todos agora desaparecidos, deixados ali na periferia da cidade. Por enquanto, a maioria era lembrada pelos vivos, mas era uma recordação que se apagava aos poucos a cada estação do ano que passava.

Ela ficou parada diante do túmulo de Rose e tentou rezar ou sussurrar algo. Sentia-se triste, pensou, e talvez aquilo já fosse o bastante — ir até lá e deixar o espírito de Rose saber quanta falta sentia dela. Mas não conseguiu chorar nem dizer nada. Ficou parada diante do túmulo durante o maior tempo que foi capaz e depois foi embora, sentindo uma dor muito aguda na hora em que deixava o cemitério e caminhava rumo a Summerhill e ao Convento da Apresentação de Maria.

Quando chegou à esquina da rua Principal, decidiu ir pela cidade em vez de voltar pela Back Road. Ver rostos, pessoas em atividade, lojas fazendo seus negócios, pensou Eilis, talvez a curasse da torturante tristeza, da quase culpa que ela sentia por causa de Rose, por não ser capaz de dizer algo a ela de maneira adequada, nem de rezar por ela.

Passou pela catedral, do outro lado da rua, e estava seguindo rumo à Market Square, quando ouviu alguém chamar seu nome. Quando olhou, viu que Mary, que trabalhava para a srta. Kelly, estava gritando para ela e acenando, pedindo que atravessasse a rua.

“Houve algum problema?”, perguntou Eilis.

“A senhorita Kelly quer falar com você”, disse Mary. Estava quase sem fôlego e parecia assustada. “Ela falou que eu tinha que levar você comigo de qualquer jeito e agora.”

“Agora?”, disse Eilis, rindo.

“Agora”, repetiu Mary.

A srta. Kelly estava na porta, à espera.

“Mary”, disse ela, “nós duas vamos para o primeiro andar por um minuto e se alguém procurar por mim diga que vou descer quando eu bem entender.”

“Sim, senhorita.”

A srta. Kelly abriu a entrada da parte do prédio onde ela morava e conduziu Eilis para dentro. Quando garota fechou a porta depois de entrar, a srta. Kelly levou-a por uma escada escura que subia até a sala que dava para a rua, mas que parecia quase tão escura quanto a escada, pensou Eilis, de tanta mobília que havia ali dentro. A mulher apontou para uma cadeira coberta de jornais.

“Ponha os jornais no chão e sente-se”, disse.

A srta. Kelly sentou-se na sua frente, numa poltrona de couro de aspecto desbotado.

“Então, você tem passado bem?”, perguntou.

“Muito bem, obrigada, senhorita Kelly.”

“É o que eu soube. E eu estava justamente pensando em você ontem e me perguntando se não devia falar com você por causa de uma coisa que eu soube, de Madge Kehoe nos Estados Unidos, ontem mesmo.”

“Madge Kehoe?”, perguntou Eilis.

“Para você ela deve ser a senhora Kehoe, mas acontece que é minha prima. Antes de casar, seu sobrenome era Considine, e minha mãe, que Deus a tenha na santa paz, também era Considine, portanto as duas eram primas em primeiro grau.”

“Ela nunca me contou isso”, disse Eilis.

“Ah, os Considine sempre foram muito fechados”, disse a srta. Kelly. “Minha mãe também era assim.”

O tom de voz da mulher era quase travesso; parecia que ela estava fazendo uma imitação de si mesma, pensou Eilis. E se perguntou se seria mesmo

verdade que era prima da sra. Kehoe.

"Isso é verdade?", perguntou Eilis em tom frio.

"E é claro que ela me contou tudo sobre você, quando você chegou lá. Mas depois não havia mais nenhuma novidade daqui para contar a ela, e Madge tem por norma só fazer contato com a gente se a gente fizer contato com ela. Então o que eu faço é telefonar para ela duas vezes por ano. Nunca fico muito tempo no telefone, porque é caro. Mas isso a deixa feliz, sobretudo quando há alguma novidade. E aí você chegou em casa, bem, isso era uma novidade, e ouvi dizer que você vivia o tempo todo lá em Curracloe ou em Courtown com toda a sua elegância, e depois um passarinho, que por acaso é meu cliente na loja, me contou que tirou uma fotografia de todos vocês em Cush Gap. Ele disse que vocês formavam um grupo encantador."

A srta. Kelly parecia estar se divertindo muito; Eilis não conseguia pensar num jeito de interrompê-la.

"E aí telefonei para Madge com todas essas novidades, e também sobre o seu trabalho no pagamento dos salários no escritório da Davis Mill's."

"Fez isso mesmo, senhorita Kelly?"

Estava bem claro para Eilis que a srta. Kelly havia preparado cada palavra que dizia. A ideia de que o homem que tirara a fotografia em Cush, uma pessoa de quem Eilis mal se lembrava e que nunca tinha visto antes, estivera na loja e falara a respeito dela, e de que aquela notícia havia chegado à sra. Kehoe, no Brooklyn, de repente a atemorizou.

"E quando ela também teve alguma notícia nova para me dar, telefonou de volta", disse a srta. Kelly. "É isso."

"E o que foi que ela contou, senhorita Kelly?"

"Ah, acho que você sabe o que ela disse."

"Foi interessante?"

Eilis tentou imitar o tom de desprezo da srta. Kelly.

"Ah, não fique aí tentando me enganar!", disse a mulher. "Você pode enganar todo mundo, mas não a mim."

"Tenho certeza de que eu não gostaria de enganar ninguém", disse Eilis.

"É mesmo verdade, senhorita Lacey? Se é que este é mesmo o seu nome agora."

"O que a senhorita está querendo dizer?"

"Ela me contou toda a história. Como dizem, este mundo é muito pequeno."

Pela expressão triunfante no rosto da mulher, Eilis compreendeu que não havia conseguido disfarçar seu susto. Um tremor a percorreu, enquanto se perguntava se Tony não teria procurado a sra. Kehoe e lhe contado sobre o casamento. No mesmo instante, achou improvável. Mais provável, raciocinou, era que alguém na fila do cartório tivesse reconhecido Tony ou ela mesma, ou tivesse visto seus nomes, e transmitira a notícia à sua senhoria ou a alguma de suas amigas.

Eilis levantou-se. "É tudo o que tem a dizer, senhorita Kelly?"

"É, sim, mas vou telefonar para Madge outra vez e contar que me encontrei com você. Como está sua mãe?"

"Está muito bem, senhorita Kelly."

Eilis tremia.

"Vi você entrando no carro com Jim Farrel depois do casamento da tal Byrne. Sua mãe parecia estar muito bem. Fazia tempo que eu não a via, mas achei que ela estava bem."

"Ela vai ficar contente de saber disso", comentou Eilis.

"Ah, sim, claro", respondeu a srta. Kelly.

"Então isso é tudo, senhorita Kelly?"

"É sim", disse a mulher, e sorriu para ela com um ar sinistro, parada na sua frente. "Mas não esqueça seu guarda-chuva."

* * *

Na rua, Eilis procurou na bolsa e achou a carta da companhia de navegação com o número de telefone para ela ligar e reservar uma passagem no navio. Na Market Square, parou no Godfrey's e comprou papel de carta e envelopes. Caminhou pela rua Castle e desceu o morro Castle até a agência do correio. No balcão, deu a eles o número para o qual queria ligar e lhe disseram que esperasse na cabine no canto da agência. Quando o telefone tocou, ela ergueu o fone, deu seu nome e dados pessoais ao funcionário da companhia de navegação, que localizou seu cadastro e disse que o primeiro navio possível de Cobh para Nova York partiria na sexta-feira, dali a dois dias, e que ele poderia, se Eilis quisesse, reservar uma passagem para ela na terceira classe sem nenhum

custo adicional. Eilis concordou e ele lhe forneceu o horário do embarque e a data prevista para a chegada, e ela desligou o telefone.

Depois de pagar pela ligação, Eilis pediu envelope de correio aéreo. Quando o funcionário achou alguns, ela pediu quatro, dirigiu-se a uma pequena bancada situada perto da janela e ali escreveu quatro cartas. Ao padre Flood, à sra. Kehoe e à srta. Fortini ela simplesmente pedia desculpas por sua demora e comunicou quando chegaria. Para Tony, disse que o amava, que tinha sentido sua falta e que estaria ao seu lado, assim esperava, no fim da semana seguinte. Forneceu a ele o nome do navio e os detalhes de que dispunha sobre o provável horário da chegada. Assinou seu nome. E, depois de fechar os outros três envelopes, releu o que havia escrito a ele e pensou em rasgar e pedir mais um, no entanto em vez disso decidiu selar o envelope assim mesmo e entregá-lo no guichê do correio junto com os outros.

A caminho do monte Friary, descobriu que havia deixado o guarda-chuva na agência de correio, mas não voltou para pegá-lo.

* * *

A mãe estava na cozinha, lavando louça. Virou-se quando Eilis entrou.

"Depois que você saiu, achei que eu devia ter ido com você. Lá é um lugar muito solitário e velho."

"O cemitério?", perguntou Eilis, ao sentar-se à mesa da cozinha.

"Não foi lá que você foi?"

"Foi, sim, mãe."

Eilis achou que agora seria capaz de falar, mas descobriu que não conseguiria; as palavras não viriam, só viriam os sons de sua respiração ofegante. A mãe virou-se de novo e olhou para ela.

"Você está bem? Está preocupada com alguma coisa?"

"Mãe, tem uma coisa que eu devia ter contado à senhora logo que cheguei, mas tenho de contar agora. Eu me casei no Brooklyn antes de vir para cá. Sou casada. Devia ter contado à senhora assim que cheguei."

A mãe estendeu a mão para pegar uma toalha e começou a esfregar as mãos. Em seguida dobrou a toalha com cuidado, lentamente, e foi na direção da mesa.

"Ele é americano?"

"É, sim, mãe. Ele é do Brooklyn."

A mãe deu um suspiro e estendeu a mão para a frente, segurando-se na mesa, como se precisasse de um apoio. Fez que sim com a cabeça, bem devagar.

"Eily, se você está casada, deveria estar com seu marido."

"Eu sei."

Eilis começou a chorar e baixou a cabeça, apoiada nos braços. Quando ergueu os olhos um pouco depois, ainda soluçante, viu que a mãe não havia se movido.

"Ele é bom, Eily?"

Ela fez que sim com a cabeça. "É, sim", disse.

"Se você se casou com ele, é porque só pode ser uma boa pessoa, isso é o que eu penso", disse a mãe.

A voz da mãe era suave, baixa e tranquilizadora, mas Eilis podia ver, pela expressão de seus olhos, o esforço que ela fazia para exprimir o mínimo possível do que sentia.

"Preciso voltar", disse Eilis. "Preciso ir embora de manhã."

"E manteve isso em segredo de mim o tempo todo?", perguntou a mãe.

"Desculpe, mamãe."

Ela começou a chorar de novo.

"Você não foi obrigada a se casar com ele? Não houve algum problema?", perguntou a mãe.

"Não."

"E me diga uma coisa: se não tivesse se casado com ele, voltaria assim mesmo?"

"Não sei", disse Eilis.

"Mas vai pegar o trem de manhã?", perguntou a mãe.

"Sim, vou pegar o trem para Rosslare e depois para Cork."

"Vou pedir ao Joe Dempsey que venha pegar você de carro de manhã. Vou pedir que passe aqui às oito horas, assim você terá tempo de sobra para pegar o trem." Parou um momento e Eilis notou uma expressão de enorme abatimento cair sobre a mãe. "Vou para cama agora, estou muito cansada, e não vou ver você de manhã. Portanto vou me despedir agora."

"Ainda é cedo", disse Eilis.

"Prefiro me despedir agora e só uma vez." Sua voz ganhara um tom determinado.

A mãe se aproximou e, quando Eilis se levantou, lhe deu um abraço.

"Eily, você não deve chorar. Se você tomou a decisão de se casar com alguém, então ele deve ser uma pessoa muito boa, gentil e muito especial. Eu acho que ele é tudo isso, não é?"

"É, sim, mamãe."

"Bem, então vocês dois combinam, porque você é tudo isso também. E vou sentir sua falta. Mas ele também deve estar sentindo."

Eilis esperava que a mãe dissesse mais alguma coisa quando se encaminhou para a porta da cozinha. A mãe, no entanto, limitou-se a olhá-la sem dizer nada.

"E você vai me escrever contando sobre ele quando voltar, não vai?", perguntou a mãe, afinal. "Vai me dar todas as notícias?"

"Vou escrever para a senhora falando sobre ele assim que eu chegar lá", disse Eilis.

"Se eu disser mais alguma coisa, só vou chorar. Por isso vou procurar o Dempsey e combinar de ele vir aqui com o carro buscar você", disse a mãe enquanto saía da cozinha de maneira lenta, grave e controlada.

Eilis permaneceu sentada e em silêncio na cozinha. Imaginava se a mãe já não saberia o tempo todo que a filha tinha um namorado no Brooklyn. As cartas que Eilis escrevera a Rose nunca foram mencionadas e todavia deviam estar em algum lugar. A mãe havia examinado com muito cuidado as coisas de Rose. Eilis se perguntava se não teria preparado, desde muito tempo, o que iria dizer se a filha contasse que ia precisar voltar porque tinha um namorado no Brooklyn. Quase preferia que a mãe tivesse ficado furiosa com ela ou que tivesse expressado sua decepção. A reação dela fez Eilis sentir que a última coisa que queria na vida, agora, era passar a noite sozinha fazendo as malas em silêncio, enquanto a mãe escutava os barulhos no seu quarto.

De início, pensou que devia ir falar com Jim Farrell naquele momento, mas então se deu conta de que ele estaria trabalhando no balcão do pub. Tentou imaginar-se indo ao pub, encontrando Jim lá e tentando falar com ele, ou esperando que Jim achasse o pai ou a mãe para cuidar do balcão enquanto eles saíam e ela lhe dizia que estava indo embora. Conseguia imaginar como ele

ficaria magoado, mas não tinha certeza do que realmente faria, se lhe diria que ia esperar ela conseguir o divórcio e tentar convencê-la a ficar, ou se exigiria uma explicação de por que ela o havia seduzido daquele modo. Falar com Jim, pensou Eilis, não levaria a nada.

Pensou em escrever um bilhete dizendo que precisava voltar, e deixá-lo na porta da casa dele para que o encontrasse, tarde da noite ou de manhã. Mas se ele achasse o bilhete naquela noite, na mesma hora iria procurá-la. Em vez disso, ela resolveu, iria deixá-lo na porta dele na manhã seguinte, a caminho da estação de trem. Simplesmente lhe diria que precisava voltar, que lamentava muito e que escreveria quando chegasse ao Brooklyn, e então explicaria seus motivos.

Ouviu a mãe voltar da rua e subir a escada devagar, rumo ao seu quarto, e pensou em segui-la, em pedir que ficasse com ela enquanto fazia as malas e conversasse com ela. Mas, pensou Eilis, havia algo tão ferrenho e implacável na insistência da mãe em querer se despedir só uma vez que Eilis entendeu que seria inútil pedir sua bênção ou o que quer que ela quisesse da mãe antes de deixar aquela casa.

No quarto, redigiu o bilhete para Jim Farrell, depois deixou-o de lado; puxou sua mala de debaixo da cama, colocou-a na cama e começou a enchê-la com suas roupas. Imaginou a mãe escutando-a abrir a porta do armário e retirou do varão do armário os cabides com as roupas penduradas. Pensou nela acompanhando os movimentos da filha com tensão, enquanto o som de seus passos atravessavam o quarto. A mala já estava quase cheia quando abriu a gaveta onde havia deixado as cartas de Tony. Olhou para elas e enfiou-as no canto da mala. Durante a viagem pelo oceano Atlântico, leria as cartas que ainda não tinha aberto. Por um momento, ao segurar as fotografias tiradas naquele dia em Cush, a foto com ela, Jim, George e Nancy, e a foto em que ela aparecia sozinha com Jim e os dois sorriam de modo tão inocente para a câmera, pensou em rasgá-las e jogar na lixeira no térreo. Mas então pensou melhor e, lentamente, retirou todas as roupas da mala e colocou as duas fotografias em segurança, viradas para baixo, no fundo da mala e depois as cobriu de novo. Em algum momento no futuro, pensou Eilis, olharia para aquelas fotos e recordaria o que em breve, ela sabia, iria lhe parecer um sonho

estranho e nebuloso.

Fechou a mala, levou-a para o térreo e deixou-a junto à porta. Ainda estava claro lá fora e, quando sentou na cozinha para comer alguma coisa, os últimos raios do sol atravessaram a janela.

Durante as horas que seguiram, ela sentiu algumas vezes a tentação de levar uma bandeja com chá e biscoitos para a mãe, no primeiro andar; a porta do quarto dela continuava fechada e não vinha o menor ruído lá de dentro. Eilis sabia que, se batesse na porta ou a abrisse, a mãe lhe diria com firmeza que não queria ser incomodada. Mais tarde, quando resolveu ir para a cama, Eilis passou pela porta do quarto de Rose e pensou em entrar e olhar pela última vez o lugar onde a irmã tinha morrido, mas, apesar de parar um segundo diante do quarto e baixar os olhos numa espécie de reverência, não abriu a porta.

Como não fechara as cortinas, foi acordada pela luz da manhã. Era cedo e não havia nenhum barulho, exceto o canto dos passarinhos. Sabia que a mãe também tinha acordado e que estava escutando todos os ruídos. Eilis moveu-se sem fazer barulho, com cuidado, vestiu as roupas limpas que havia deixado separadas para si e desceu até o térreo a fim de guardar na mala as roupas usadas e os artigos de toalete. Conferiu se estava com tudo — dinheiro, passaporte, a carta da companhia de navegação e o bilhete para Jim Farrell. Em seguida sentou-se na sala da frente para esperar o carro de Joe Dempsey.

Quando ele chegou, Eilis tratou de aparecer na porta antes que tocasse a campainha. Pôs os dedos nos lábios para indicar que não deviam falar. Ele guardou a mala no porta-malas do carro, enquanto Eilis deixava a chave da casa num gancho do cabideiro. Quando o carro se pôs em movimento, ela pediu que ele parasse um momento na casa dos Farrell, na rua Rafter, e, quando ele parou o carro ali, jogou o bilhete na caixa de correio da porta de entrada.

Enquanto o trem seguia rumo ao sul, acompanhando o traçado do rio Slaney, Eilis imaginou a mãe de Jim Farrell subindo a escada com a correspondência da manhã. Jim encontraria seu bilhete entre contas e cartas de negócio. Imaginou Jim abrindo o bilhete e pensando no que devia fazer. Em algum momento daquela manhã, pensou Eilis, ele iria à casa da rua Friary, sua mãe atenderia a porta e ficaria parada olhando para Jim Farrell, os ombros erguidos com coragem, a mandíbula tensa e uma expressão nos olhos que

sugeria ao mesmo tempo uma dor inexprimível e todo o orgulho que conseguisse reunir dentro de si.

"Ela voltou para o Brooklyn", diria a mãe. E, enquanto o trem passava pela ponte Macmine a caminho de Wexford, Eilis imaginou os anos que a aguardavam, quando aquelas palavras passariam a ter um significado cada vez maior para ela. Ela quase sorriu ao pensar naquilo, depois fechou os olhos e tentou não imaginar mais nada.

Copyright © 2008 by Colm Tóibín
Proibida a venda em Portugal
A editora agradece o apoio financeiro para a tradução da Ireland Literature Exchange, Dublin, Irlanda.
www.irelandliterature.com
info@irelandliterature.com
*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*
*Título original*
Brooklyn
*Capa*
Rita da Costa Aguiar
*Fotos de capa*
Vista de Nova York © Bettmann/ Corbis (DC)/ LatinStock, agosto de 1958
Mulher segurando bolsa © PBNJ Productions/ Corbis (DC)/ LatinStock
*Preparação*
Ciça Caropreso
*Revisão*
Ana Maria Barbosa
Márcia Moura
ISBN 978-85-8086-395-6
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ LTDA.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone (11) 3707-3500
Fax (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br



O premiado escritor, jornalista e crítico literário Colm Tóibín nasceu em Enniscorthy, Irlanda, em 1955. A família, católica, participou ativamente dos movimentos pela independência irlandesa. Formou-se em inglês e história na University College em Dublin, onde mora atualmente. Traduzido em trinta idiomas, tem mais três livros publicados pela Companhia das Letras: *A luz do farol*, *Mães e filhos* e *O Mestre*. Brooklyn rendeu a Tóibín o prêmio Costa de melhor romance britânico de 2010.